

DEL

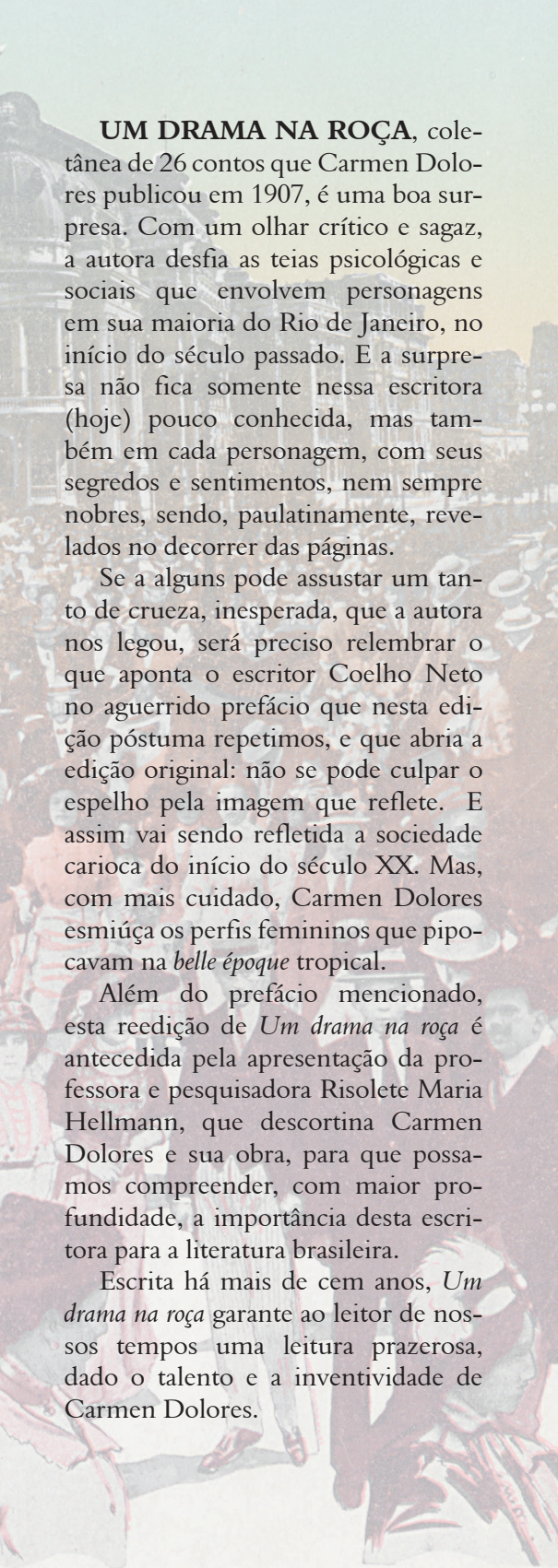
*Escritoras
do Brasil*

UM DRAMA
NA ROÇA

de
CARMEN DOLORES

SENADO FEDERAL





UM DRAMA NA ROÇA, coletânea de 26 contos que Carmen Dolores publicou em 1907, é uma boa surpresa. Com um olhar crítico e sagaz, a autora desfia as teias psicológicas e sociais que envolvem personagens em sua maioria do Rio de Janeiro, no início do século passado. E a surpresa não fica somente nessa escritora (hoje) pouco conhecida, mas também em cada personagem, com seus segredos e sentimentos, nem sempre nobres, sendo, paulatinamente, revelados no decorrer das páginas.

Se a alguns pode assustar um tanto de crueza, inesperada, que a autora nos legou, será preciso lembrar o que aponta o escritor Coelho Neto no aguerrido prefácio que nesta edição póstuma repetimos, e que abria a edição original: não se pode culpar o espelho pela imagem que reflete. E assim vai sendo refletida a sociedade carioca do início do século XX. Mas, com mais cuidado, Carmen Dolores esmiúça os perfis femininos que pipocavam na *belle époque* tropical.

Além do prefácio mencionado, esta reedição de *Um drama na roça* é antecedida pela apresentação da professora e pesquisadora Risolete Maria Hellmann, que descortina Carmen Dolores e sua obra, para que possamos compreender, com maior profundidade, a importância desta escritora para a literatura brasileira.

Escrita há mais de cem anos, *Um drama na roça* garante ao leitor de nossos tempos uma leitura prazerosa, dado o talento e a inventividade de Carmen Dolores.



Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910), foi escritora, jornalista, dramaturga, conferencista e crítica literária de grande prestígio na virada do século XIX para o XX. A autora de *Um drama na roça* utilizou vários pseudônimos literários além de Carmen Dolores, mas foi com esse que obteve popularidade, principalmente pelas crônicas publicadas no jornal *O Paiz*, em que manteve a coluna *A semana* por cinco anos, e no *Correio da Manhã*, no qual veiculava contos e textos diversos.

Sua estreia deu-se com o livro de contos *Gradações: páginas soltas*, editado em 1897. Daí em diante, nos seguintes treze anos, a autora estabeleceu-se como uma escritora e jornalista de grande êxito, publicando três livros, uma peça teatral e, em periódicos variados, mais de trezentos textos entre contos, crônicas e cartas. Dois livros ainda seriam lançados pouco depois de sua morte.

Carmen Dolores vinha da alta burguesia carioca. Casou-se bastante jovem e teve seis filhos. Após enviuvar aos 34 anos, perder um dos filhos e sofrer alguns prejuízos financeiros, sua atividade de escrita passou de diletantismo a forma de sustento. Sua pena enérgica, vibrante e perspicaz garantiu-lhe os leitores e o trabalho, fazendo-a tornar-se a colunista mais bem paga do jornal *O Paiz*. Polêmica, independente e corajosa, defendeu fortemente o direito da mulher à educação, ao trabalho remunerado e ao divórcio. Sua última crônica, escrita na cama do hospital, foi publicada dois dias antes de seu falecimento.

UM DRAMA NA ROÇA

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2021/2022

Senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG)	SUPLENTES DE SECRETÁRIO
PRESIDENTE	Senador Jorginho Mello (PL-SC)
Senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB)	1º SUPLENTE
1º VICE-PRESIDENTE	Senador Luiz do Carmo (MDB-GO)
Senador Romário (PL-RJ)	2º SUPLENTE
2º VICE-PRESIDENTE	Senadora Eliziane Gama (CIDADANIA-MA)
Senador Irajá (PSD-TO)	3º SUPLENTE
1º SECRETÁRIO	Senador Zequinha Marinho (PSC-PA)
Senador Elmano Férrer (PP-PI)	4º SUPLENTE
2º SECRETÁRIO	Ilana Trombka
Senador Rogério Carvalho (PT-SE)	DIRETORA-GERAL
3º SECRETÁRIO	Gustavo A. Sabóia Vieira
Senador Weverton Rocha (PDT-MA)	SECRETÁRIO-GERAL DA MESA
4º SECRETÁRIO	

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Rafael André Chervenski da Silva
DIRETOR

Secretaria de Gestão de Informação e Documentação
Daliane Aparecida Silvério de Sousa
DIRETORA

Coleção Escritoras do Brasil, Volume VII

CARMEN DOLORES

UM DRAMA NA ROÇA

Apresentação e bibliografias

Risolete Maria Hellmann

Prefácio

Coelho Neto

Notas

Maria Helena de Almeida Freitas

Mariana Sanmartin de Mello

Mônica Almeida Rizzo Soares

Brasília
Senado Federal
2021

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

Comissão editorial: Cleide de Oliveira Lemos, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão e atualização ortográfica: Mariana Sanmartin de Mello (Secretaria de Edição e Publicações – SEGRAF)

Volume 7 – *Um drama na roça* / Carmen Dolores

Supervisão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas e Mônica Almeida Rizzo Soares

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação/SEGRAF

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Imagem de capa: Montagem fotográfica da Avenida Central do Rio de Janeiro, sem autoria, retirada da capa da revista *FonFon!*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 35, 2 set. 1911.

Digitalização: Biblioteca Digital do Senado Federal – BDSF.

A obra *Um drama na roça* está em domínio público, conforme a Lei nº 9.610/1998. O original deste livro foi publicado em 1907 por Laemmert & C. – Editores e faz parte do acervo da Biblioteca do Senado Federal.

Dolores, Carmen, 1852-1910.

Um drama na roça / por Carmen Dolores ; apresentação Risolete Maria Hellmann ; prefácio Coelho Neto ; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mariana Sanmartin de Mello, Mônica Almeida Rizzo Soares. -- Brasília : Senado Federal, 2021.

235 p. -- (Coleção escritoras do Brasil ; v. 7)

ISBN: 978-65-5676-124-4

1. Literatura, Brasil. 2. Conto, Brasil, séc. XX. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

Ficha catalográfica elaborada por Claudia Coimbra Diniz CRB-1 1179

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>

SUMÁRIO

Notas sobre esta edição.....	7
Apresentação.....	9
Prefácio.....	33
Um drama na roça.....	41
As três dores.....	55
Nos bastidores.....	63
Calvário.....	69
Histórias de cada dia.....	75
Vicissitudes de um artista.....	81
Sua majestade o dinheiro.....	87
Em vinte e quatro horas.....	95
O guarda-roupa.....	103
Abdicação.....	109
Só a natureza.....	117
Se a paixão existe?... ..	125
Coisas modernas.....	131
O derivativo.....	139
O “Carnet” de um avô.....	147
O caso do Louzada.....	155
A mentira.....	163
Sob as cinzas.....	169
<i>Nihil Sumus</i>	175
Razão e instinto.....	183

Crepúsculo	191
Último clarão	197
Duelo	205
Mãe	209
Hotel para famílias	215
Nem tudo que luz é ouro.....	221
Bibliografia de Carmen Dolores	229
Bibliografia sobre Carmen Dolores	233

NOTAS SOBRE ESTA EDIÇÃO

A presente edição de *Um drama na roça* mantém o conteúdo da edição original, incluindo o prefácio do escritor Coelho Neto, precedido pelo estudo recente da professora Risolete Maria Hellmann.

Este é o primeiro volume da *Coleção Escritoras do Brasil* que utiliza a obra original e a ilustração da capa de exemplares pertencentes ao acervo da Biblioteca do Senado Federal. A edição original apresenta duas datas de publicação: na capa, consta o ano de 1908, mas, na página de rosto, lê-se 1907. Vale notar que todas as fontes consultadas revelam 1907 como a data de publicação da obra.

A grafia dos nomes próprios em língua portuguesa foi atualizada. Já os nomes próprios em outro idioma permaneceram conforme o original.

Os termos em língua estrangeira foram mantidos, seguidos por tradução em nota de rodapé (inclusive aqueles que possuem correspondentes em português).

O uso de letras maiúsculas e minúsculas seguiu a forma utilizada pela autora, até mesmo quanto ao emprego de minúsculas em começo de frases, o que geralmente denota a intenção de uma pausa menor após a pontuação.

A pontuação, especialmente dos diálogos, foi adaptada visando à fluidez do texto e à compreensão do leitor moderno. O texto original, assim como grande parte das obras do século XIX e do início do século XX, foi produzido quando não existia ainda a devida normalização e padronização editorial. Conforme destaca Othon M. Garcia em *Comunicação em prosa moderna*,³² no passado era mais comum cercar-se

³² GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 149.

a oração do verbo dicendi – isto é, a fala do narrador intercalada nos diálogos – por meio de vírgulas. Atualmente isso é feito mediante o uso de travessões, “para evitar, como acontece com frequência, que se confundam as palavras do autor com as da personagem”.

Como é datada do início do século XX, a obra pode conter palavras e expressões que não são comumente usadas no português atual. Algumas delas tiveram sua definição explicitada em notas de rodapé, com o objetivo de facilitar a leitura.

Maria Helena de Almeida Freitas

Mariana Sanmartin de Mello

Mônica Almeida Rizzo Soares

APRESENTAÇÃO

CARMEN DOLORES, UMA ESCRITORA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Risolete Maria Hellmann¹

“Dentre todas as mulheres do final do século XIX, salienta-se Carmen Dolores por seu espírito, por suas opiniões e, sobretudo, por sua coragem em dizê-las, o que a tornou muito diferente das suas contemporâneas. Foram contingências da vida que a levaram a certas atitudes ousadas, mas ela bravamente se tornou uma intelectual resistente.”

Zahidé Lupinacci Muzart

Em 2013, quando Zahidé Muzart, na época minha orientadora da pesquisa do doutoramento, perguntou-me por que estudar Carmen Dolores, respondi sem pestanejar: “Essa mulher do século XIX

¹ Doutora em Literatura (UFSC), professora do Instituto Federal de Santa Catarina, organizadora da 2ª edição do livro *Almas complexas: contos*, de Carmen Dolores (Ed. Mulheres, 2014), e autora de *Ousadia e irreverência na ponta da pena: crônicas de Carmen Dolores em O Paiz – 1905 a 1910* (no prelo).

disse, na década de 1900, quase tudo o que ainda está engasgado na minha garganta de feminista do século XXI!”

Foram as ideias veiculadas em suas obras literárias e jornalísticas que me moveram na busca de informações em fontes primárias, empreendendo uma pesquisa arqueológica, para trazer à luz o que as atitudes políticas de silenciamento dos historiadores e críticos sobre a produção literária de autoria feminina promoveram ao longo do século XX.

Carmen Dolores, autora deste livro, encontrou coragem suficiente para, sozinha, em uma época nada favorável para o desenvolvimento feminino, enfrentar as dificuldades que a vida lhe impunha e assumir a profissão de *literatta* – como consta em seu atestado de óbito² – e também de jornalista, predominantemente exercida por homens no contexto da virada do século XIX para o século XX.

Talvez tenha sido essa a intencionalidade de Coelho Neto, no prefácio deste livro, já que somente os últimos parágrafos são dedicados ao livro em si e à própria autora. A ênfase do intelectual e amigo de Carmen Dolores sobre as difíceis condições vividas pelas mulheres que ousavam adentrar em campos de estudo e trabalho, até então masculinos, pode ser lida como um elogio à coragem e ousadia da autora deste livro.

Carmen Dolores é um dos vários pseudônimos de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, como explicarei mais à frente. Filha de Emília Dulce Moncorvo de Figueiredo e Carlos Honório de Figueiredo, um comendador que foi secretário do Instituto Histórico e Geográfico e membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa,³ ela nasceu em 11 de março de 1852, no Rio de Janeiro, conforme os registros paroquiais de seu batismo, encontrados na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, Igreja de Santana, Livro 6: 1849-1855 AP642, folha 162.

² Cf. cópia em HELLMANN, Risolete Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. 851 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

³ Ele figura na *Gazeta de Notícias*, nos anos de 1877 até 1881, como 2º secretário do Instituto Histórico e Geográfico e como membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Pertencente a uma classe social privilegiada durante o período do império, a escritora descreve sua “educação” não convencional para meninas do seu tempo, de forma autobiográfica, nas crônicas publicadas no periódico *O Paiz*:

Que culpa tenho, afinal, se me não educaram pela cartilha dos conventos ou das instituições religiosas, aprendendo a preparar doces e biscoitos, nos primeiros e nas outras a fazer bem a reverência nos *parloirs* amáveis, a recitar fábulas em francês e a conhecer o exato valor da hipocrisia social e da reza nas capelas floridas, como governa da vida?⁴

Enquanto cronista em vários periódicos da capital federal, Carmen Dolores usou reiteradamente essa estratégia de se referir, em primeira pessoa, a fatos vividos pela autora que remetem à identidade civil da escritora. Como afirma Leonor Arfuch, “a narração de uma vida, longe de vir ‘representar’ algo já existente, *impõe sua forma (e seu sentido) à vida mesma*”.⁵ Verdade e invenção se fundem nessa fabulação da própria vida, subvertendo um modelo autobiográfico. Contudo, é nesse jogo de “outridade de si mesma” que emergem as pistas de quem é Carmen Dolores. Também por meio dessa voz ficcional, deduzi que ela teve, na infância, um “mestre”, pelo menos no aprendizado do latim:

Quando eu aprendi em pequena um bocadinho de latim – por sinal que muito contra a vontade e com imenso vexame – sucedia-me às vezes não encontrar absolutamente o significado desejado para a tradução de alguma terrível página de Cornelius Nepotis, Tito Lívio ou o quer que seja, que recordo mais, e cujas orações invertidas pareciam rir-se à minha custa.

Dizia-me então o mestre:

– Feche os olhos, concentre-se e espere...

E eu obedecia docilmente, mesmo porque tinha um sono invencível, e concentrava-me, e esperava... Ao reabrir,

⁴ DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8711, p. 1, 9 ago. 1908.

⁵ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p.33.

porém, as pálpebras, o espírito não me visitara e eu continuava a não descobrir o maldito significado, perdido, emboscado lá nas brenhas do *Magnum Lexicon*. O mistério da página latina permanecia inviolável para mim, embora eu me enervasse em fitá-la, primeiro com curiosidade, depois com ansiosa imploração, e finalmente com uma raiva tão profunda, que ela conserva até hoje o vestígio da furiosa crispação dos meus dedos de criança...⁶

Além do mencionado “mestre”, vários intelectuais que praticavam a crítica impressionista no período da *Belle Époque* mencionam a biblioteca recheada de obras clássicas em sua casa; além disso, os autores e obras reiteradamente citados em suas crônicas demonstram que ela primava pelo cultivo do conhecimento. Cabe lembrar que ela foi uma mulher privilegiada, se comparada às suas patrícias, pois pertenceu a uma família economicamente bem estabelecida durante o império, no século XIX, viajou várias vezes para a Europa e teve acesso à educação intelectual.

Contudo, Emília Dulce Moncorvo de Figueiredo casou jovem, aos 15 anos, no dia 23 de dezembro de 1867, na igreja matriz de Santo Antônio, Rio de Janeiro, com Jeronymo Bandeira de Mello, conforme os registros paroquiais encontrados na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Assim como o pai dela, o marido advogado também ocupou cargos elevados na Repartição de Estatística do Ministério do Império, além de ter acumulado outros cargos, como membro da Sociedade de Higiene de Paris e secretário do Conselho Superior de Saúde Pública.⁷ Ele, 14 anos mais velho, deixou-a viúva com seis filhos, em 1886, com apenas 34 anos, e não se sabe se nessa época já havia falecido um dos filhos, conforme ela mesma conta na voz de Carmen Dolores nas crônicas de *O Paiz*:

Eu tinha um filho, novo, forte, distinto, inteligente, já brilhando na carreira que abraçara... mas ele me escrevia sempre: “Que calor, onde estou! Este sol mata-me...”

⁶ DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8004, p. 1, 2 set. 1906.

⁷ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. Repartição de Estatística do Ministério do Império. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1873, p. 3.

Esgotou-o, de fato, o atroz clima, e ainda hoje, a terra maldita que lhe cobre os restos, longe de mim, arde e queima como as minhas lágrimas. As estrídulas cigarras que lhe rodeiam o túmulo, embriagadas de luz, cantam a morte e não a vida. E eu, durante o verão, nesse canto vibrante, no ar rarefeito, no sol que escalda, no azul que resplandece – eu só leio duas únicas palavras, flamejantes como feitas de viva brasa: desgraça e dor.⁸

Nessa crônica de 1906, já se sabia que Carmen Dolores era um pseudônimo, porém a identidade civil da autoria ainda era uma incógnita. Outros cronistas, vez por outra, cogitavam possíveis nomes conhecidos para aqueles textos vibrantes que conquistavam um público leitor cada vez maior. Ela deixava pistas revelando fatos da vida privada, como quem quer atizar a curiosidade dos leitores.

Antes de ficar viúva, o nome de Carmen Dolores não aparece em periódicos cariocas, mas Emília figurava nas colunas sociais em raras ocasiões, principalmente nas viagens à Europa e nas ações sociais. Depois que seus primeiros textos vêm a público, com seus pseudônimos diversos, parece que se instaura um silêncio, na mídia impressa carioca, sobre o nome de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, inclusive nas colunas sociais.

Sua primeira obra literária, o livro de contos *Gradações: páginas soltas*, foi publicada em 1897, assinado com o pseudônimo de Carmen Dolores, sem que a crítica fizesse qualquer comentário.

Em 1907, quando já tinha fama, durante uma discussão com o cronista Carlos de Laet, ela mesma conta como foi difícil seu início de carreira:

Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.

⁸ DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7941, 1 jul. 1906.

Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como diletante muito oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.

Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho, permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.

E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo.

Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.

Fora talvez preferível, não é assim, Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...⁹

De 1897 até agosto de 1910, a escritora construiu uma trajetória bem produtiva, usando vários pseudônimos: como Júlio de Castro, Mário Villar e Leonel Sampaio, escreveu contos e algumas crônicas em periódicos diversos do país; também como Leonel Sampaio, escreveu crítica literária no periódico *A Tribuna* do Rio de Janeiro. Como Célia Marcia, inaugura a forma epistolar, publicando 29 cartas redigidas em francês, endereçadas a uma amiga na França, na coluna *Lettres d'une Brésilienne*, do periódico *L'Etoile du Sud* (RJ), entre 1904 e 1905.

Contudo, foi como Carmen Dolores que ela se fez conhecer, enquanto ensaiava sua escritura literária e jornalística e buscava um “reconhecimento” da crítica no anonimato da identidade civil. Da vida de Emília é que nasceram seus “eus desdobráveis”, construções autorais com marcas estéticas semelhantes. Com esse pseudônimo, atuou nos principais jornais da capital federal com crônicas e contos ao longo de uma década. Somente n’*O Paiz* publicou, na primeira

⁹ DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8305, 30 jun. 1907.

página, 292 crônicas na coluna A Semana, entre janeiro de 1905 e agosto de 1910.

Mesmo tendo começado sua produção literária e jornalística relativamente tarde, a autora trabalhou intensamente, principalmente na década de 1900. E Carmen Dolores se destacou entre os outros pseudônimos, não só pela quantidade de textos literários e jornalísticos publicados como também pela sua exposição pública assumidamente feminista, para os moldes do século XIX e início do século XX, quando ainda se buscava um feminismo da igualdade. Além de toda essa produção na grande imprensa brasileira, todos os seus livros são assinados por Carmen Dolores.

No início de 1907, vem a público a 1ª edição do livro de contos *Um drama na roça*, pela editora Laemmert & Cia, que ora é reeditado pela *Coleção Escritoras do Brasil*, do Senado Federal. Em 13 de julho do mesmo ano, já tendo sua identidade civil revelada, a autora fez a conferência literária *A sociedade* no Rio de Janeiro.

No ano de 1908, a escritora tornou-se mais conhecida ainda no cenário intelectual, literário e social brasileiro da *Belle Époque* com a conferência literária *Que é melhor?*. Esse evento encheu o Teatro João Caetano em 10 de outubro de 1908, principalmente com um público feminino, ávido pelo seu discurso feminista, conforme as notas publicadas nos principais periódicos da semana. No mesmo ano, sua peça teatral *Desencontro* foi encenada em teatros diferentes: Carlos Gomes (1908), Teatro da Exposição (1908) e em Petrópolis (1909). Ainda em 1908, Carmen Dolores publica a 1ª edição de *Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças*, pela editora Gomes Pereira.

Em 1909, ela publica o romance *A luta* em folhetim no *Jornal do Comércio* (RJ). Pouco antes de seu falecimento, em 1910, recebe a notícia que a 1ª edição do seu único romance, *A luta*, está sendo finalizada, mas a editora Garnier (RJ) só o entrega ao público em 1911, como um livro póstumo. Esse romance foi reeditado pela editora Mulheres em 2001, com fixação do texto e introdução de Maria Angélica Guimarães Lopes.

Ainda em 1910, a livraria Chadron (Porto, Portugal) lhe envia a 1ª edição do livro *Ao esvoaçar da ideia*, uma coletânea de suas crônicas,

organizada por ela, algumas inéditas e outras selecionadas entre as muitas já publicadas em jornais. Entre os muitos temas abordados, o direito da mulher ao divórcio, uma de suas lutas feministas, foi contemplado em várias crônicas desse livro.

Outro livro de contos póstumos é *Almas complexas*, que chegou ao público em 1933, pelas mãos de sua filha Chrysanthème,¹⁰ que o encaminhou para a editora Calvino (RJ). Ela encontrou os manuscritos já organizados em forma de livro em cima de um velho armário muitos anos após a morte de Carmen Dolores, fato que ela explica no prefácio da edição. Em 2014, organizei o texto e escrevi um capítulo introdutório para a 2ª edição dessa obra, publicada também pela editora Mulheres.

Nos seus livros de contos e romances segue uma linha muito próxima do naturalismo tardio, que ainda encontrava manifestações no início do século XX. Já enquanto cronista, Carmen Dolores ficou conhecida como uma mulher que escrevia o que pensava sem subterfúgios, de forma irônica e, às vezes, até sarcástica. Com essa consciência ela justifica, pelo viés da educação diferenciada recebida, a expressão de suas ideias e atitudes que não constituem a norma, o comportamento usual das mulheres que lhe são contemporâneas. Em suas linhas de crônica, publicadas em 1908, quando ela já havia alcançado o reconhecimento da crítica de sua época, afirma:

Criada em uma escola prática, recebendo ensino forte dos conscienciosos homens do passado, quando Deus era ainda adorado sem os fanatismos piegas, excessivos, convencionais e ambiciosos do presente, é natural que me pareça perfeitamente justo usar da pena como uso.¹¹

Contudo, esse reconhecimento dos intelectuais da *Belle Époque* brasileira, bem como de seu público leitor, foi alcançado gradativamente durante o período de anonimato, quando sequer sabiam o gênero da autoria. A fabulação de uma vida autoral criada por Car-

¹⁰ Chrysanthème é pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello, a filha mais velha de Emília Moncorvo Bandeira de Mello.

¹¹ DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8711, p. 1, 9 ago. 1908.

men Dolores permitiu-lhe expressar seus sentimentos e ideias, opinar sobre a “pequenez burguesa”, os “preconceitos”, a “falsidade” e todo o lado deteriorado da vida em sociedade, sem revelar sua face de “senhora da sociedade” que Emília sempre foi. Por outro lado, ela conseguiu definir “...o valor artístico do texto criado a partir da relação eu-outro que atesta a ficcionalidade das expressões do eu”, como normalmente acontece nas histórias de vida construídas por um “sujeito-autor mergulhado na linguagem” e “em constante diálogo”, como nos explica Maria Luiza Remédios, em 2004.¹²

Na medida em que o pseudônimo mais usado por ela, Carmen Dolores, torna-se conhecido, a curiosidade despertada por aqueles textos vibrantes, “ másculos” – como costumavam considerá-los os intelectuais críticos da época – aumenta. Até que, em 1907, pouco antes do presente livro ter sua 1ª edição publicada, o nome de Emília Moncorvo Bandeira de Mello volta aos destaques das mídias como a identidade civil da escritora que usava o pseudônimo de Carmen Dolores. Pelos meses seguintes, não faltou espaço nas colunas de jornais para comentar o fato. Obviamente, os discursos estavam repletos de espanto, incredulidade e, por que não dizer, decepção, por serem aquelas crônicas escritas por uma mulher.

Jie, cronista do *Correio da Manhã*, conta, em início de 1908, detalhadamente os antecedentes do episódio da revelação da identidade civil da escritora, inserindo no seu texto, pela primeira vez em periódicos nacionais, a sua foto da autora daquelas crônicas:

Carmen Dolores! Este nome atraente e sugestivo, como uma linda evocação à pátria do Cid, trouxe por muito tempo o Rio de Janeiro intrigado. Numa terra em que tudo se sabe, não saber alguma coisa é um desaforo considerável. Não diremos que o Rio de Janeiro deixasse de comer e de dormir por esse motivo – mesmo porque as questões de espírito não lhe tiram nem o sono, nem o apetite – contudo, nas rodas literárias, comentava-se o fato com pasmo e azedume.

¹² REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et. al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 280.

Carmen Dolores? Quem será? É nome? É pseudônimo?

E o falatório, insaciável e insaciado, esmiuçava o caso extraordinário com interrogações formidáveis e reticências que se prolongavam em pontos numerosos como as contas numerosas de um rosário beneditino.

Também era demais! Manter assim o mistério, era uma provocação.

Falava-se, pois, perdidamente. Bem e mal.

O que ninguém lhe negava – o que ninguém podia negar-lhe – era o talento. Carmen Dolores, fosse ela quem fosse, tinha talento, um talento original e vibrante, uma observação aguda e pachorrenha, um estilo claro, incisivo, e – muito especialmente – uma *coragem* desmedida, para dizer à face dos contemporâneos boquiabertos as verdades mais duras e menos discutíveis.

Essa circunstância, se lhe não aumentou sensivelmente o número de admiradores, centuplicou o número de curiosos, que lhe queriam desvendar o incógnito do nome de guerra. E nunca, notem bem, “nome de guerra” foi mais adequado, denominação mais bem aplicada do que no caso dessa valente escritora que assim se revelava, desde o princípio da sua vida de letras, uma lutadora tão franca e tão audaz, adversária tão temível e persistente da pequenez burguesa, da rotina, dos preconceitos, da falsidade, das baixezas, da intriga, do mexerico, da bisbilhotice maldosa, das mentiras convencionais, da falsa piedade, da falsa fé, e, em suma, de toda a infinita e multiforme covardia humana. (...)

A curiosidade tornou-se cada vez mais intensa em torno do seu nome e atingiu aos paroxismos da fúria.

Nestas condições era difícil manter um segredo. Um belo dia, por encanto (como nos contos de fadas), soube-se que Carmen Dolores era a Sra. D. Emília Bandeira de Mello.¹³

Outros cronistas também comentaram as controvérsias, as discussões nas rodas literárias que o mistério provocou por vários anos.

¹³ JIE. Carmen Dolores. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, p. 1, 18 jan. 1908.

No prefácio de *Um drama na roça*, Coelho Neto já havia antecipado o que Jie explicou com detalhes no *Correio da Manhã*:

(...) começaram as conjecturas: citavam-se nomes atribuindo-se a este, àquele escritor o trecho admirável.

Veio depois um conto de igual requinte, em seguida, outra crônica do mesmo capricho e, durante um ano, discreto e de ardente curiosidade, o apelido da escritora, impondo-se dia a dia, foi afixado em várias personalidades de nosso mundo literário até que, improvisamente, desfez-se o mistério como desabrocha uma flor e soube-se o verdadeiro nome da artista (...)

Foi grande a surpresa (por que não direi despontamento?) – gumes afiados de ironias embotaram-se, línguas bífidas encolheram-se... Os elogios anteriores haviam firmado tão indestrutivelmente a glória da narradora e da cronista que não era possível desfazê-la.¹⁴

Considerando que, entre o início da sua produção literária e jornalística e a data da revelação, passaram-se quase nove anos, imagino o quanto a autora se divertia furtivamente com a querela instaurada em torno da fabulação do seu nome. Porém, a sua exposição pública tanto em eventos como nas conferências ficou bem mais evidente depois que todos conheceram a persona Carmen Dolores, nome que ela assumiu de tal forma que já não soava como pseudônimo, pois até os eventos que ela mesma promovia em sua casa eram atribuídos ao pseudônimo mais usado por ela.

Somente com seu falecimento, em 16 de agosto de 1910, o nome de Emília Moncorvo Bandeira de Mello reaparece, concorrendo em importância social, literalmente, com o seu outro eu, Carmen Dolores. Na maioria das notas de falecimento, publicadas em todos os periódicos, consta o nome que representa a senhora da sociedade e mãe de autoridades civis, ao lado do nome da cronista, romancista, contista, dramaturga e conferencista no meio intelectual carioca do início do século XX.

¹⁴ COELHO NETO. Prefácio. In: DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1907. p. iv.

No seu velório, Coelho Neto e Collatino Barroso, representando jornalistas, intelectuais, homens e mulheres de letras e um grande número de admiradores e amigos da falecida, direcionaram seus discursos para Carmen Dolores, ressaltando o valor da sua personalidade literária. Mas, também, a presença do representante do presidente da República, Dr. Magalhães Castro, de autoridades da Guarda Civil do Rio de Janeiro, de outras autoridades políticas, além de vários nomes da elite carioca, lembrava a memória de Emília e a tradição do nome familiar Moncorvo Bandeira de Mello, a que efetivamente pertencia.

Toda a imprensa carioca prestou-lhe homenagens por semanas, reconhecendo a excelência de sua atuação profissional, ato nada comum para as mulheres de seu tempo, como bem lembrou sua amiga Júlia Lopes de Almeida, na crônica que lhe dedicou dias depois de seu passamento:

As homenagens prestadas a Carmen Dolores no seu enterro, em que se fez representar o presidente da república, se à pobre morta nenhuma espécie de consolação ofereceram, deram-nas a nós outros a impressão de que ao menos o tempo das ingratidões e da indiferença pelas letras passou... (...) E é do que se deve tratar agora, que tudo o mais são palavras que o vento leva para o destino ignorado a que leva todas as coisas atrás das quais ninguém pode correr... E a figura desta escritora original, ardente e vigorosa, merece ficar em destaque permanente na galeria dos nossos escritores, de todos os tempos.¹⁵

Infelizmente, esse desejo explícito de sua amiga e escritora contemporânea, que vivia as mesmas condições a que o gênero estava confinado, não se realizou durante quase todo o século XX, e o nome de Carmen Dolores caiu no esquecimento político estabelecido pela crítica e história da literatura canônicas.¹⁶ Mas ainda há tempo para reconhecer seu talento, desconstruir os preconceitos enraizados no

¹⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9453, p. 1, 23 ago. 1910.

¹⁶ Cf. HELLMANN, Risolette Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. 851 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

cenário cultural, literário, político e social. Ainda há tempo para proporcionar aos leitores do século XXI conhecer as obras literárias escritas há mais de um século por uma mulher que tinha independência de opinião e as expressava corajosa e ousadamente, que lutou pelo direito à educação das mulheres e sua colocação no mercado de trabalho, que defendia crianças e velhos, além da preservação do meio ambiente e tantos outros temas ainda atuais.

Por isso, a publicação de uma 2ª edição de *Um drama na roça* significa tanto nos nossos dias. Essa escritora carregou bandeira, mesmo que no início da carreira ainda estivesse envergonhada, casou, achava o Rio de Janeiro uma beleza, principalmente no inverno, e cumpriu a sua sina: como mulher escritora desdobrou-se em diversos eus, masculinos e femininos, escrevendo o que sentia e o que via, denunciando causas de tristezas e elogiando causas de alegrias ao longo de toda a sua produção literária.

Um drama na roça é uma coletânea de 26 contos, dos quais *Sua majestade o dinheiro* e *Abdicação* já haviam sido publicados no jornal *O Paiz*, em 1898, assinados por Júlio de Castro; assim como *Calvário* e *Duelo* foram retirados do seu primeiro livro, *Gradações*. Essas retomadas parecem rastros para que leitores futuros pudessem conectar sua obra publicada de forma fragmentada em periódicos e em livros com pseudônimos diversos.

No entanto, na época da 1ª edição, nas várias notas e crônicas críticas publicadas por seus colegas de profissão, o que predomina é o desapontamento com a edição malfeita de *Um drama na roça*. Em 15 de janeiro de 1908, na coluna Figuras & Figurinos, do *Correio da Manhã*, há uma nota que dá essa ênfase:

Carmen Dolores mandou-nos o seu *Drama na Roça*, um lindo livro estragado pelo mau gosto dos editores.

São duzentas e tantas páginas impressas num papel ralo e antipático, metidas numa capa que lembra a dos relatórios das companhias de seguros.

Mas, assim mesmo, o livro há de se impor; Carmen Dolores é um nome de sobejo querido e admirado para que o leitor compre a sua brochura menos pelo que ela re-

presenta na sua feição material pelo que ela realmente contém.¹⁷

O contraste apontado entre a má qualidade da edição do material e a boa qualidade que o redator atribui ao conteúdo do livro, presumida pelo nome intelectual da autora, ainda renderia comentários nas rodas dos cafés boêmios e seria assunto de crônicas por vários meses.

No mesmo dia, a *Gazeta de Notícias* preferiu dar destaque ao sucesso de venda desse livro de contos:

A livraria Laemmert expôs à venda *Um drama na roça*, o delicioso livro de Carmen Dolores, são vinte e seis contos, qual mais bem escrito, qual mais empolgante. *Um drama na roça* está destinado a um grande sucesso. Já ontem mesmo foi extraordinária a venda. Vimos inúmeras senhoras entrando na Laemmert, para adquirir o formoso volume de Carmen Dolores.¹⁸

Seu grande sucesso entre as leitoras, provavelmente, se deve ao nome da autora – já famoso pelas crônicas publicadas n’*O Paiz*, há mais de dois anos nessa época.

Depois das rápidas notas de divulgação para venda, aparecem as primeiras críticas, como a do cronista do *Correio da Manhã*, que usa o pseudônimo Jie, intitulada “Carmen Dolores”, na qual, depois de comentar o modo como se desvendou o mistério da identificação de Emília como criadora da persona Carmen Dolores, também contempla a edição de *Um drama na roça*:

Um Drama a Roça acaba de ser editado... ignominiosamente, pela livraria Laemmert & C. Carmen Dolores reunindo, para dar à publicidade, vinte e seis dos seus admiráveis contos e crônicas, pôs-lhes um título de *Um Drama a Roça*, tirado do primeiro trabalho, e mandou o seu precioso manuscrito aos srs. Laemmert & C. Estes fizeram disso tudo um livreco horripilante, de 906 [sic] páginas atochadas, em tipo miúdo e econômico, e, ainda por cúmulo, poupando margens e brancuras de folhas!...

¹⁷ *CORREIO DA MANHÃ*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1908. Figuras & Figurinos, p. 2.

¹⁸ *GAZETA DE NOTÍCIAS*. Rio de Janeiro, p. 2, 15 jan. 1908.

E o que poderia ter dado – inteligentemente – para um magnífico livro de 400 páginas, impressas a primor, ficou reduzido a um folheto exprimido, seco e de mau aspecto de pendengas de Foro!

Daí, quem sabe se este livreiro é algum perigoso psicólogo da última hora?

– *Um Drama na Roça?* Já percebi, terá ele filosofado. E fez então uma edição, profundamente, fatalmente, impenitentemente roceira!

Mas não se mortifique Carmen Dolores com essa pequenina miséria *du métier*. O seu livro valerá, não pelo aspecto material, e sim pela beleza, pela arte e pelo primor do texto.¹⁹

A falta de qualidade da edição, marcada até ironicamente com um trocadilho, também toma todo o espaço da crítica ao livro, pois a qualidade do texto é apenas caracterizada por três vocábulos vazios de sentido: beleza, arte e primor; vazios em função da ausência de análise, ou mesmo do comentário sobre as impressões captadas pela sua sensibilidade.

Em contrapartida, Joe, na coluna Cinematógrafo da *Gazeta de Notícias*, consegue, finalmente, deslocar seu olhar para a produção literária nessa obra, mas não sem antes também comentar a feia edição:

O livro foi economicamente editado por uma casa outrora amável para com os escritores. O papel é mau, o efeito é desagradável. O conjunto dá a impressão de uma dessas brochuras de 1854 em que alguns poetas cabeludos reuniam as elucubrações. Mas nessa edição feia irradiam o talento vigoroso, a ardência passional, o modernismo alanhante da notável escritora.

Percorreram os anais da nossa literatura tão abundante em versos e salvo a publicação de três ou quatro volumes de Coelho Neto, não se encontra livro de ficção tão forte, tão agudo, tão atraente.²⁰

¹⁹ JIE. Carmen Dolores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 jan. 1908.

²⁰ JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

Comparada apenas à ficção de Coelho Neto, pois até os clássicos de Machado de Assis são esquecidos, os contos da “notável escritora” ocupam a preferência do cronista crítico. O “talento vigoroso”, a “ardência passional” e o “modernismo alanhante”, de fato, podem ser lidos nas narrativas, como comentarei mais adiante. O crítico ainda ressalta que Carmen Dolores tem “a plena posse dos recursos de um escritor” e sabe usá-los:

No *Drama na roça* não há um conto que não revele a ‘maitrise’, a plena posse dos recursos de um escritor. A observação escorcha as almas, a descrição é rápida e é incisiva, o enredo sangra e palpita. Há qualquer coisa de Maupassant e da ironia do Hirsch em Carmen Dolores, e há principalmente Carmen Dolores fazendo um livro forte, másculo, onde rojam e se convulsionam as paixões, as misérias e o horror das misérias desta vida agitada.²¹

Apesar de sentir a influência da escritura de Maupassant²² e de Hirsch,²³ assegura a competência da contista na observação minuciosa da psicologia humana e das misérias sociais, assim como sua habilidade de transformar esse real em ficção naturalista. Tornou-se, assim, como afirmou Coelho Neto, “(...) um dos escritores de mais brilho, exímia analista d’almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que ela, com a arte sutil de Ariadne, transforma em teia rútila, tão fina, tão delicada, tão graciosa (...)”.²⁴

²¹ JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

²² Guy de Maupassant (1850-1893), contemporâneo de Zola, Flaubert, escritores realistas e naturalistas da época, conquistou o público leitor como contista e cronista, publicando, aproximadamente, 300 histórias curtas com personagens em dramas essenciais da condição humana: a paixão, o prazer, a solidão, o tédio, a morte. Abordando uma variedade temática que poucos escritores conseguiram alcançar, tornou-se um escritor de dimensão universal no final do Oitocentos.

²³ Acredito que, aqui, Joe se refira a Samson Raphael Hirsch, que foi uma das principais figuras a escrever sobre o judaísmo ortodoxo do século XIX. Nascido em Hamburgo em 1808, ele foi um escritor particularmente incisivo e comprometido, que fundou a Neo-Ortodoxia, “um sistema teológico que ajudou a tornar o Judaísmo Ortodoxo viável na Alemanha”. (Samson Raphael Hirsch. In: *Encyclopædia Britannica*. S.l.: Britannica, 27 dec. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Samson-Raphael-Hirsch>. Acesso em: 25 abr. 2021.)

²⁴ COELHO NETO. Prefácio. In: DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro:

E é como “analista de almas”, principalmente as femininas, que a contista constrói as protagonistas de diversos contos. Para mim, são mulheres de sua época, cidadinas ou da roça, jovens ou maduras, burguesas, atrizes, mulatas, solteiras, casadas e viúvas, dependentes ou independentes, todo um painel de perfis femininos da *Belle Époque* tropical, expondo a sua subjetividade e vivendo as experiências positivas e negativas possíveis dentro de um contexto ainda patriarcal.

Os perfis de almas femininas são construídos nos moldes do realismo/naturalismo de sua época, descrevendo rápida e incisivamente sua aparência física, sua índole, seu caráter e seus aspectos psicológicos. Os preconceitos e as diferenças raciais e sociais também são trabalhados nessas narrativas curtas. Os ambientes onde enredos “sangram e palpitam” estão descritos detalhadamente. As forças da natureza parecem exercer sua influência sobre o estado de espírito das personagens ou vice-versa, pois as protagonistas narradoras só conseguem ver esse ambiente, ora deslumbrante, ora tenebroso, conforme seu estado de alma.

A crítica à instituição do casamento por conveniência aparece nos contos em que as esposas deixam-se enredar por estratégias de jovens sedutores e se transformam em suas amantes nos encontros furtivos, ao mesmo tempo em que continuam atuando como donas de casa esmeradas e submissas ao marido, os quais só têm olhos para o seu enriquecimento e trabalho.

Por um lado, alguns personagens masculinos são caracterizados ora como perversos, capazes de abandonar mães e sogras viúvas e idosas, irmãs órfãs e solteiras, ora como infiéis ou amantes sedutores de mulheres casadas; por outro lado, a sensualidade feminina, o poder de sedução são características negativas de algumas personagens. Parece que a autora quer evidenciar as influências maléficas da vida cidadina no comportamento feminino, na deturpação da moralidade da mulher. Aparece, por exemplo, uma face feminina, bem bovariana, da hipócrita sociedade carioca: Leonor em “Histórias de cada dia”.

Ao mesmo tempo, aparecem personagens femininas que experimentam a dor marcada pela perda de figuras masculinas, ou pela morte, ou pelo abandono: um irmão, um filho, o marido ou o homem amado. A dor do abandono, a mágoa, o desamparo e o ciúme movem essas mulheres em direções diversas: ao crime passionnal (*Nos bastidores*); ao ímpeto de vingança e à falta de coragem de praticá-la (*O guarda-roupa*); ou o desamparo a leva à busca da independência e/ou sobrevivência por meio do trabalho como *instituída*. Mas, se essa profissão era “permitida” para a mulher naquele contexto, a autora faz questão de ressaltar a posição subalterna que essa personagem passa a ocupar no enredo. Ela é torturada e aniquilada, em “uma posição subalterna, sem direitos ao respeito, à estima, ao apreço, apenas paga, e muitas vezes mal paga...”²⁵ A contista trabalha com precisão as dificuldades de uma mulher sem o amparo masculino naquela realidade: deprimida, ferida e insultada nas suas tentativas de atuação profissional, a protagonista encontra, como alternativa, o refúgio e a solidão.

Assim como aparecem as mulheres destituídas de recursos, há as ricas viúvas – rica, independente e sedutora, como Gasparina, de *Coisas modernas*. No entanto, a narradora a descreve a um romancista convidado como “vampiro da felicidade alheia”,²⁶ tal qual a heroína *Bijou*, de Gyp. Na voz narrativa está implícita a condenação da mulher que exerce sua independência financeira e usa seu corpo para realizar seus desejos.

Vários outros contos têm como protagonista uma viúva, rica, ainda jovem ou de meia-idade, mas ainda com seus atrativos de beleza e sabendo usar suas estratégias de sedução. Assim se vê em *O caso do Louzada*, contado por um narrador masculino, no qual ser viúva é sinônimo de liberdade para a mulher, pois ela tem autonomia nas suas decisões e independência financeira, quando o marido não lhe deixou dívidas e não tem filhas. A condição de viúva, naquele con-

²⁵ DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1907. p. 88-89.

²⁶ DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1907. p. 100.

texto, era uma das raras formas de independência da mulher, quando essa conseguia manter sua fortuna, ou um espaço no mercado de trabalho – como era o caso da própria autora.

A ingenuidade feminina quanto aos perigos da sedução, o poder das mães sobre as filhas (em *A mentira*), o (não) lugar dos velhos no círculo familiar (tia Filomena, de *Sob as cinzas*) são outros temas vivenciados pelas personagens desses contos. Já Arabela, de *Vinte e quatro horas*, representa a face da mulher que, tendo vivido um “passado demasiado tenebroso”, procura sua purificação e regeneração, mas se defronta com a impossibilidade da inversão da situação moral e social, pela falta de alicerces, de apoio e dos preconceitos. É preciso considerar que essa é a conclusão de uma voz narrativa masculina, alguém que conheceu Arabela, quando jovem, na intimidade de sua vida mundana e suas relações com outros homens e a reencontra no papel de senhora ao lado do filho doutor, sendo desrespeitada publicamente.

Mulheres de espírito, cultas e que conquistam seu direito à voz em meio a grupos de intelectuais predominantemente masculinos também aparecem em outros contos, mas não são nominadas como eles. Por outro lado, em alguns contos, a ênfase já não recai somente sobre a alma feminina, mas sobre a masculina, que a autora parece querer compreender, fazendo deles os protagonistas de suas narrativas.

Neste livro, cujo título cria uma expectativa de narrativas que se desenrolem na vida rural, talvez com personagens simples, pobres, ou seja, que revelem a face humana da classe menos favorecida, suas misérias, seus hábitos e costumes, poucos são os contos em que essa realidade é representada. Dos 26 contos, somente 4 estão ambientados na vida rural. O conto *Mãe* talvez seja o único que represente uma mulher protagonista realmente pobre, religiosa e submissa ao marido. Como o título já aponta, a ênfase recai sobre o tema da maternidade e da submissão da mulher ao marido – mesmo quando tem que entregar um dos seus filhos gêmeos, recém-nascidos, para adoção por imposição masculina. Nesse conto, o instinto de maternidade se confirma, mesmo quando a protagonista opta por entregar

o filho sadio para a avó materna e ficar com o filho deficiente fisicamente.

O espaço é uma casa modesta no conto *Razão e instinto*, “em que roseiras cresciam entre couves e alfaces”, mas os protagonistas, Eliana e seu velho amigo Lourenço Taylor, são intelectuais em diálogo sobre a realidade contextual em que ambos estão inseridos, apontando detalhadamente todas as misérias humanas e sociais. Na voz e nas histórias de vida dessas duas personagens de muito espírito, conhecedores da literatura, analistas sociais em diálogo, a autora parece resumir todos os temas abordados isoladamente nos outros contos.

No conjunto dos contos de *Um drama na roça*, muitas das protagonistas femininas são construídas como caricaturas pelos seus traços físicos e psicológicos acentuados. A maioria envolvida em laços familiares e sociais burgueses e urbanos configura “tipos” modelados conforme a prática da ficção realista/naturalista, que age como significantes morais naquele contexto social: representação da realidade, que a autora parece conhecer bem e, com sua pena afiada, acentua a função subversiva da literatura, rompendo com a ordem estabelecida e esclarecendo os leitores sobre saberes e práticas humanas e sociais.

Talvez, o público leitor, fidelizado pelos seus textos, enredado pelas suas tramas, não buscasse apenas esclarecimento, mas sim pedaços de sua própria face nos cenários que (re)conhecia. Nesse sentido, Joe, crítico contemporâneo de Carmen Dolores, não economizou elogios ao comentar o dom de atrair, de seduzir, de enrodilhar, de conquistar, enfim, o público leitor, uma vez que, segundo ele, não basta a opinião crítica para alcançar o sucesso:

Para ser o escritor querido do público, não basta escrever lindamente, não basta ter assuntos excelentes, não são suficientes os elogios de uma roda inteira com o propósito de fazer a venda. É preciso ter antes de tudo o dom de agradar e de atrair, a arte de seduzir, de enrodilhar o leitor na curiosidade do fim. A característica do escritor está toda nesse dom sutil. Carmen Dolores possui a virtude rara, imediata, febril, rápida, incisiva, atacando o assunto com a certeza intuitiva do seu gênio, ora dura, ora impessoal, às

vezes arriscando a ânsia da verdade até ao excesso do escândalo, de outras tecendo os períodos da olência das rosas.²⁷

Se na arte de conquistar o leitor ela usa a sutileza, na expressão do “eu” criador é direta, deixa a marca do seu gênio no discurso claro e conciso. O tempo e o espaço de suas narrativas são a representação viva do momento presente, agitado e vibrante, como também afirma Joe em sua análise:

Não há um trecho de prosa sua que não vos diga:

– Aqui estou eu, que sou de tua época, do teu momento, dos teus nervos, que quero discutir as tuas ideias e vibrar contigo.

O interesse palpita em cada frase sua e não há no seu claro estilo, claro e conciso, uma palavra, um termo, uma expressão que não vos dê a impressão da vida de agora, da vida de amanhã, afiados e estranhamente modernos.²⁸

O público leitor, que, no seu cotidiano, vivencia todas as inovações e o movimento da modernidade, a vida mundana, a transformação da cidade, quer se ver no espelho da ficção. E é esse o dom da contista:

Esse dom, esse interesse, modernismo agudo da pena que vê e trata e se apaixona por todas as questões palpitantes – é que a faz tão lida, tão amada, e que a faz trabalhar tanto. Carmen Dolores escreve em três jornais e ainda tem tempo de compor conferências, romances, contos e novelas. (...)

O escritor, depois de certo tempo de início e de êxito, não é mais uma vontade, é a máquina da opinião movida por uma vontade superior. As pessoas incapazes de escrever três linhas indagam: – Quando temos novos volumes? Você só escreveu esta semana quatro artigos... E o fato é que na França a produção de um Abel Hermant, de um Gip, de um Marcel Prévost chegam a assustar; conservando, porém, todas as qualidades de estilo, de ideias e de graça dos primeiros trabalhos.

²⁷ JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

²⁸ JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

Assim acontece a Carmen Dolores. Ela é sempre a escritora cujos períodos encerram o imprevisto, a graça e a curiosidade...²⁹

Joe, depois de ressaltar as múltiplas habilidades da intelectual e sua intensa produção em 1908, compara-a aos escritores estrangeiros e famosos do seu tempo. Entre eles o cronista de *Le Temps* e de *Le Figaro*, Abel Hertman, o qual alcançou o sucesso com suas análises irônicas da *Belle Époque*; Gip, pseudônimo de Francisco João da Costa, autor do romance *Jacó e Dulce: cenas da vida indiana*, no qual fez duras críticas à sociedade burguesa indo-portuguesa do final do século XIX, apontando nela o que havia de ridículo; e ainda o romancista e dramaturgo francês Marcel Prévost, que escreveu narrativas a partir dos seus estudos sobre a educação e a independência das mulheres nos primeiros anos de 1900. Apesar da comparação, reafirma a peculiaridade da escritora brasileira, o seu estilo que surpreende e prende o leitor, pela graça e curiosidade, com o final “imprevisto”.

Em 1908, quando Joe dedica essa crônica a Carmen Dolores, ela já era essa “máquina da opinião movida por uma vontade superior”, que a fazia trabalhar intensamente, que a fazia “tão lida”, uma escritora querida pelo público leitor. Foi seu modo autêntico de opinar sobre questões sociais, foram suas análises irônicas da sociedade brasileira que lhe proporcionaram o sucesso como cronista e escritora, não os elogios “de uma roda inteira com o propósito a venda”, apesar de vários intelectuais da época, “numa roda de homens de Letras”, terem se ocupado do seu nome, tanto nas crônicas críticas quanto nas rodas dos cafés, como consta nesta nota publicada na coluna Figuras & Figurinos do *Correio da Manhã*:

Discutia-se ontem, na Castelões, numa roda de homens de Letras, certos editores nossos, isso a propósito de um incidente ocorrido há dias na casa Laemmert com a escritora Carmen Dolores.

E chegou-se a esta conclusão: que além da sua proverbial ganância, esses senhores fazem da grosseria a sua nova arma de combate.

²⁹ JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

É por isso, talvez, que a maior parte dos livros brasileiros, hoje, estão sendo editados no estrangeiro, em Portugal principalmente, onde os editores de consciência, sobre saberem pagar as obras que daqui lhes enviamos, sabem ter para com os autores cortesia e cordura.³⁰

Na referida roda, eles se referiam ainda à edição de *Um drama na roça*, da Livraria Laemmert, isto é, três meses depois, o lançamento do livro ainda merecia a atenção desses senhores, mesmo sendo produção de uma mulher. Mas ela era uma escritora que já tinha conquistado seu espaço de opinião pública nas colunas dos jornais, e seu público leitor não era pequeno, o que favorecia também os donos do jornal e despertava a inveja de outros cronistas menos lidos – razões para que falassem dela em “rodas de homens”.

Apesar de todo o sucesso de crítica naquela época, da venda intensa dos volumes quando o livro foi lançado, os anos que se seguiram depois de seu falecimento, em 1910, foi de silenciamento político sobre a autora e sua obra, pois Carmen Dolores, quando mencionada, aparecia em curtos parágrafos ou frases, ou mesmo em notas de rodapé, pequenos trechos em que foram reproduzidos equívocos sobre sua biografia e obra. Raros foram os críticos e historiadores que lhe deram maior importância, reproduzindo algum conto ou trecho de sua obra em seus capítulos de livros.

Somente nas últimas décadas, com a atuação de pesquisadoras acadêmicas na crítica literária feminista, é que ressurge, de fato, o nome de Carmen Dolores. Entre elas, Darlene Sadlier, em 1992, escreve um capítulo sobre Carmen Dolores e, além de dados biográficos e das obras da autora, inclui o conto *Um drama na roça* no seu livro *Brazilian women's fiction in the 20th century*, deixando a interpretação crítica para seu leitor.

Também Angélica Lopes, pesquisadora de Carmen Dolores, ao escrever sobre o livro *Um drama na roça*, em 2001, comenta que ela “maneja multidões e estuda ‘temperamentos ao tentar recriar seu

³⁰ *CORREIO DA MANHÃ*. Rio de Janeiro, 27 mar. 1908. Figuras & Figurinos, p. 2.

meio e sua época”³¹. Nesse sentido, poder ler *Um drama na roça* – cuja primeira edição é cada vez mais rara –, nos dias de hoje, é ter o privilégio de viajar no tempo e (re)conhecer a própria face na personalidade dos personagens, é perceber o quão atuais são os temas trabalhados por ela, além de uma oportunidade para escrever a história da literatura brasileira de autoria feminina.

Boa viagem, caro leitor!

³¹ LOPES, Maria Angélica Guimarães. *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 91.

PREFÁCIO

Deixando, em tumulto, o anfiteatro, precipitamo-nos para a sala de dissecação, nesse tempo mais sórdida do que um pátio de salsicharia.

Éramos quase duzentos rapazes e, em tamanha turba, destacava-se o perfil delicado e tímido de uma mocinha morena, d'olhos grandes, pestanudos e úmidos, boca pequena, severa, sempre abotoada em silêncio.

Todos ardíamos em maldosa curiosidade, imaginando o vexame da donzela pudica quando se encontrasse diante do cadáver nu, estirado na mesa, à discrição dos alunos.

Entramos de roldão, sorrindo, cochichando; formamos círculo e, d'olhos na porta, ficamos à espera da colega: “Vem! Não vem!”, dizia-se. Ela apareceu.

Trazia à mão um lençinho de rendas. Sentia-se-lhe o receio; as rosas das suas faces encardiam-se a mais e mais; tornaram-se, por fim, como coágulos de sangue, quando os olhos deram com os descompostos exemplares humanos, um casal esquelético, em toda a evidência da matéria, sobre as tábuas das mesas anatômicas.

O professor adiantou-se – que nos importava a lição? nós queríamos gozar o escândalo e não desviávamos da colega – e o escalpelo afundou na carne morta.

A mocinha empalidecia e corava, esponjando os lábios com o lençinho, sufocando uma tosse seca, sem levantar os olhos para os condiscípulos que murmuravam, acotovelavam-se, sorrindo maliciosamente.

Súbito, tornou-se lívida, de cera; vacilou encostando-se ao umbral da porta; antes, porém, que acudissem, já a voluntariosa criatura sorria dominando a fraqueza e, como para mostrar energia, avançou

colocando-se diante da mesa, ao lado do professor, a seguir, atenta, todas as evoluções incisivas do ferro.

Os rapazes – todos, todos sem exceção – ficaram verdadeiramente desapontados compreendendo que a delicada moça tinha ânimo bastante para os estudos que lhes pareciam obscuros. E venceu.

Mais tarde, em palestra com a médica, lembrando-lhe o episódio daquele dia memorável, perguntei-lhe – se não sentira repugnância?

Mais vergonha dos rapazes do que repugnância do cadáver, disse. Todos aqueles moços divertiam-se cruelmente com o meu vexame, mas eu compreendi que se fraqueasse naquele momento nunca mais conseguiria impor-me. A mulher precisa ter dupla coragem para as lutas da vida – a coragem de arrostar com o assunto e a de impor-se ao homem. Como poderia eu fazer o curso de medicina sem anatomia? Sofri rudemente: fui injuriada em boquejos, fizeram-se grosseiras pilhérias em torno de mim, mas eu prossegui indiferente, com ânimo pertinaz, até conquistar o respeito de todos os meus colegas. E formei-me.

O fino perfil dessa moça desenha-se sempre em linhas perfeitas na minha memória quando se me depara uma mulher lutando, com audácia, contra os preconceitos banais de uma moral ridícula que impugna a verdade e aplaude, com frenesi, as exhibições da Mentira.

Vejo-a serena, impassível, inclinada sobre o cadáver, talhando-o com mão firme e destra para estudar os mistérios do movimento no organismo inerte, pesquisar os segredos da vida no meio da morte.

À mulher, ainda que todos lhe prestem culto, não se consente que desça do altar para não poluir os coturnos na poeira vil do pronau do templo. É prisioneira da sua própria divindade.

Deusa, é a dominadora olímpica do mundo, soberana augusta pela Beleza e pela Graça, mas cativa: só pode sair, como as deusas: nas teorias ou procissões.

Querem-na no sólio sacro ou, como Héstia,¹ mantendo, com zelo fiel, a chama na asa doméstica.

¹ Na mitologia grega, Héstia era a deusa virgem do lar, arquitetura, vida doméstica, família e estado. Costuma ser associada com o fogo de uma lareira, que representa a proteção dos lares.

Não há negar que os homens adoram-na, mas não a aceitam como concorrente.

Ainda que a tenham por fraca, temem-na os homens e procuram arredá-la de todos os trâmites que levam ao trabalho, achando que só lhe fica bem o serviço.

Assim, se uma mulher se insurge contra esse autoritarismo piegas, disfarçado em homenagem, e, rompendo com os preceitos, altivamente, nobremente apresenta-se em campo disputando o seu pão, a Sátira remorde-a, a Calúnia babuja-lhe o rastro, os doestos amatiham-se acirrados contra ela; lares de virtude imácua aferrolham-se à sua passagem e a rebelde, só porque rebentou as algemas dos pulsos, procurando um posto na atividade humana, é repudiada pela inércia, é repelida pela apatia morna, é injuriada pela submissão carola, que estes são os títulos de melhor talhe para a fraqueza subserviente preconizada como – virtude feminina.

Nas ciências, nas artes e nas letras – e as musas eram femininas –, a mulher pode chegar até o vestíbulo dos curiosos, até a antessala dos amadores – para o ádito² vedam-lhe a passagem, e, se ela força-a, com audácia, saem-lhe os misóginos com o ridículo procurando intimidá-la, se a não expulsam com violência.

Pode uma senhora conquistar um diploma, mas que não exerça o ministério que ele lhe confere – contente-se com o título e com exhibir o anel.

Pode distrair-se debuxando uma paisagem, aperfeiçoando-se em uma sonata com o seu professor, plasmando uma figurinha de barro, como as de Tânagra,³ para o seu salão, escrevendo num álbum; não vá, porém, além de tais primícias, não passe de Rute para que os ceifeiros não a persigam,⁴ e a Crítica... ah! a Crítica não tem a magnanimidade do generoso patriarca bíblico.

² Santuário secreto a que só tinham acesso os sacerdotes, nos templos antigos da Grécia.

³ Cidade na Beócia onde foi encontrado grande número de esculturas de terracota.

⁴ Rute é uma personagem bíblica. O trecho faz referência à passagem em que ela colhe os restos de trigo deixados para trás pelos ceifeiros.

Cuide a mulher do que lhe cabe – dos misteres domésticos, da boa ordem caseira, borde, faça o seu *tricot*,⁵ lavre o seu labirinto, distribua os gêneros com economia, atenda às despesas diárias e tenha sempre os olhos no relógio para que tudo saia a tempo... Consentem-lhe que se mire, que se enfeite ao espelho, mas não se meta a pensar, a analisar, a emitir juízo, a ter ideias, enfim, denunciando a teratologia de possuir um cérebro, para que a não apontem como ser anormal e perigoso na sociedade.

Na literatura rara é a mulher que vence. Chegam, as de mais coragem, à arena, olham e logo recuam, temendo afrontar as vozes da multidão.

Se têm estro poético, limitam-se a ferir a corda frouxa do sentimentalismo dolente; se têm ardor para a prosa, atrevem-se, quando muito, até... às reticências.

O que sabem d'alma, o que podem dizer do coração, calam; escondem, com tímido recato, todas as observações feitas no hemisfério mais rico da Humanidade, que é a alma feminina, refogem aos que as procuram com indagações, tudo porque receiam o “mundo” com o seu riso escarninho, com a sua dicacidade⁶ lorpa.⁷

A autora deste livro é uma das mais robustas organizações artísticas do nosso meio e continuaria ainda desconhecida ou circulando nas letras sob um rebuço masculino se a não animassem a sair com o seu talento a público.

O nome de Carmen Dolores apareceu um dia, n' *O Paiz*,⁸ firmando uma crônica magistral. Era uma página forte, de soberbo estilo, tersa e vibrante, na qual os conceitos vinham aboiando sobre as ondas sonoras dos períodos, como floridos camalotes descendo ao som das águas de uma ribeira límpida.

Logo começaram as conjecturas: citavam-se nomes atribuindo-se a este, àquele escritor o trecho admirável.

⁵ Em francês no original: tricô.

⁶ Mordacidade, causticidade.

⁷ Grosseira.

⁸ Jornal carioca diário fundado em 1º de outubro de 1884 por João José dos Reis Júnior. Encerrou definitivamente suas atividades em 18 de novembro de 1934.

Veio depois um conto de igual requinte, em seguida outra crônica do mesmo capricho e, durante um ano, discreto e de ardente curiosidade, o apelido da escritora, impondo-se dia a dia, foi afixado em várias personalidades do nosso mundo literário, até que, improvisamente, desfez-se o mistério como desabrocha uma flor e soube-se o verdadeiro nome da artista: D. Emília Bandeira de Mello.

Foi grande a surpresa (por que não direi desapontamento?) – gumes afiados de ironias embotaram-se, línguas bífidas encolheram-se... Os elogios anteriores haviam firmado tão indestrutivelmente a glória da narradora e da cronista que não era possível desfazê-la.

E hoje é, sem contestação, um dos escritores de mais brilho, exímia analista d'almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que ela, com a arte sutil de Ariadne,⁹ transforma em teia rútila, tão fina, tão delicada, tão graciosa que o espírito nela se prende e fica, como em um halo de luz, gozando, embevecido, o encanto.

Artista, tem a preocupação da forma. Com o assunto procede como a verdade: faz da observação espelho e, reproduzindo episódios reais, não se preocupa com o que se possa dizer da sua audácia. Há cruzes na página? que culpa tem o espelho da imagem que reflete? não responsabilizem a escritora, responsabilizem a vida.

Abril – 1907

Coelho Neto¹⁰

⁹ Ariadne, na mitologia grega, é filha do rei Minos e princesa de Creta. Para ajudar Teseu a vencer o Minotauro, deu a ele um fio de lã e segurou uma das pontas enquanto ele entrava no labirinto do monstro.

¹⁰ Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), escritor, cronista e professor. Foi fundador da Cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras.

UM DRAMA NA ROÇA



UM DRAMA NA ROÇA

Naquele domingo, a vila de ***¹ amanhecera em festa, e o estalar dos foguetes misturava-se ao repique forte dos sinos da igrejinha branca do alto do morro. Pudera, não! Encerrava-se o mês de Maria,² ia haver missa cantada, leilão de prendas, fogo de artifício, baile no salão da Câmara Municipal, e a gente do lugar andava toda em alvoroço. Também, às 10 1/2 horas da manhã, o comendador José Domingues, festeiro importante, subia já a íngreme ladeira pedregosa banhada de sol, e esfalfado, apoplético, parava a espaços para resfolegar e dizer à mulher, em frase entrecortada: “Olhe aquelas meninas, Leopoldina... Grite que andem mais devagar...”

E D. Leopoldina, alongando a vista para o cimo, onde se moviam duas sombrinhas abrigadas sob um só chapéu de sol, punha-se a gritar com um esforço de voz esganiçada: “Guilhermina! Laura!... esperem lá... Para que tanta pressa?...”

O cansaço e o calor ruborizavam-lhe a papada desdobrada sobre um largo colarinho de rendas, em que brilhava o broche de ouro com o retrato do comendador, e o corpo do vestido de gorgorão azul ferrete parecia estourar, desenhando um busto enorme de matrona mais habituada aos casacos largos de andar em casa do que ao espartilho de cerimônia.

Guilhermina e Laura, entretanto, após um leve aceno que respondia ao chamado materno, continuavam a caminhar juntas, tão

¹ Conforme o original.

² Na Igreja Católica, tradição, iniciada no século XVII, de consagrar o mês de maio à Virgem Maria, Mãe de Deus. A tradição surgiu na antiga Grécia: maio era dedicado a Artemisa, deusa da fecundidade; na Roma antiga, a Flora, deusa da vegetação.

entretidas a conversar, que nem davam fé dos outros grupos que passavam às vezes na mesma direção, com um afetuoso *bom-dia!* para o lado delas.

Guilhermina, mais velha, espigada, um olhar pensativo no rosto macilento, parecia escutar, como absorvida, e Laura, mais baixa, loira, sardenta e petulante, ia falando com veemência:

– Juro que faço isto, faço... Eles que continuem e o escândalo rebenta lá em casa...

– Que lucra você?... Então é que tudo mesmo se desmancha.

– Pois seja! Mas, se eu tiver de ficar desgraçada como você, hei de antes me vingar... Oh! ela verá para o que eu sirvo...

Um bando de moças veio interromper o diálogo com abraços e beijos, exclamações, novidades referentes à festa; subiam também, juntaram-se às duas irmãs, e agora aparecia já perto o adro da igreja, negro de povo que desde manhã cedo esperava ali para tomar lugar. Uma grande tenda coberta de sapé abria-se ao lado para o leilão de prendas, com as suas bancadas ainda vazias e uma vasta mesa tosca ao centro, coberta de perus assados, peixes recheados, caixas de pó de arroz, bolsas de guardar dinheiro, pregadeiras de veludo, garrafas de *cognac*,³ centenas de objetos variados e de todos os aspectos, que iam ser apregoados depois da missa; e inúmeras barraquinhas espalhavam-se pelo largo tapetado de folhas de mangueira, abrigando jogos de azar, quitandas de doce, mil indústrias especiais do dia. Liam-se aqui e ali, no frontispício das barracas, títulos impagáveis, como: “*Ao grande jaburu!*” ou “*Quem não arrisca não petisca!*”, e gargalhadas acompanhavam o ruído surdo das roletas, entre pragas de jogadores, berros de moleques, toda uma algazarra, enquanto foguetes iam sempre subindo aos ares, a perder-se como um leve traço esfumado no azul radioso do céu, e bandeiras tremulavam à brisa no meio de palmeiras e folhagens decorativas.

Guilhermina e Laura, entretanto, ao se aproximarem da igreja, tinham demorado o passo, trocando rapidamente um olhar, supli-

³ Em francês no original: *conhaque*.

cante na primeira e furioso na segunda. Ao mesmo tempo, uma das outras moças dizia:

– Gentes, Laura! não é que seu noivo já está ali com sua irmã Hortense?! Veja...

E o dedo estendido apontava para um moço alto e moreno, vestido de preto, que permanecia de pé à porta da igreja, do lado de fora, junto de um vulto feminino, cuja linha elegante e *chic*⁴ sobressaía entre as *toilettes*⁵ sem arte das senhoras da localidade, todas de azul e cor-de-rosa, pretensiosas, vulgares. Era uma mulher alta, fina, de quadris provocantes, e o vestido bem moderno, de uma fazenda alva-dia com largas bandas de veludo negro, colava-se como uma luva ao peito redondo e saliente, deixando toda a liberdade de movimentos ao busto ágil, gracioso. Um colarinho a Médicis,⁶ alto, forrado de rendas antigas de um tom encardido, realçava a carnação leitosa do rosto, em que dois grandes olhos escuros punham um encanto profundo; e todos os outros detalhes do seu vestuário – longo cordão de ouro e pérolas prendendo minúsculo relógio, sapatinhos de verniz descobrindo a meia de seda preta bordada de estrelinhas escarlates, perfume discreto exalando-se dela inteira –, tudo denotava uma ciência tão completa na arte de agradar, que era pasmo o que se sentia ao vê-la ali, naquele centro provinciano e antiestético.

Que fazia naquele canto de terra semelhante criatura? eis a pergunta que acudia a todos.

Laura, porém, dirigia-se agora com passo febril para ela e, cravando um olhar incisivo e duro no rapaz que lhe ficava junto, inquiriu, ríspida:

– Que significa isto, Novaes? Você disse que ia esperar-nos no Chico Macedo e foi, entretanto, buscar Hortense na D. Fifina para trazê-la mais cedo?...

⁴ Em francês no original: chique.

⁵ Em francês no original: toilette. Neste caso, significa a roupa e os acessórios agrupados de forma a combinar para serem usados em certas ocasiões.

⁶ Tipo de gola conhecido por ser usado por Catarina de Médicis, rainha consorte da França de 1547 até 1559, como a esposa do rei Henrique II.

O moço, enfiado, começou a balbuciar algumas desculpas, mas Hortense interrompeu-o e tomou a palavra, secamente... Que era ela a culpada... Tinha-o visto ao passar pela loja do Chico Macedo e pedira-lhe que a acompanhasse até a igreja.

Que mal havia nisso?...

– Mas eu? eu?... – murmurava Laura, com os olhos sempre rutilantes de cólera, enquanto Guilhermina a puxava pela manga, mostrando-lhe o pai e a mãe que surgiam no adro, vermelhos, ofegantes, botando a alma pela boca.

Calaram-se todos, mas a entrada na igreja se fez sob um constrangimento visível, que se ia comunicando como um rastilho de pólvora a cada pessoa nova que chegava.

E, quando a orquestra rompeu no coro em desafinados acordes e as vozes estridentes da professora pública e da sobrinha, misturadas às de alguns cantores vindos da cidade vizinha, entoaram os primeiros compassos da missa festiva, Laura não conseguiu sufocar a sua emoção e as lágrimas começaram a saltar-lhe dos olhos, enquanto uma notícia sensacional se alastrava pela igreja inteira:

“A filha do comendador José Domingues, noiva do Dr. Novaes, está chorando com ciúmes da irmã!...”

Que escândalo na aldeia!

.....

Hortense, filha segunda do comendador – a mais bonita das três irmãs – tinha casado havia cinco anos com o Dr. Miguel Marques, engenheiro distinto, que viera fiscalizar umas linhas próximas do caminho de ferro e dela se namorara numa festa como a de agora.

Ultimamente, o casal regalara-se de passar mais de um ano em Paris, gozando todos os requintes da civilização europeia; e, ao regressarem de lá, encarregado o Marques de importante comissão no Pará, que não lhe consentia levar consigo a mulher, já inquieto com certas leviandades que nela se acentuavam e receoso, portanto, de a deixar no Rio de Janeiro, sozinha, trouxera-a para passar os meses de sua ausência em casa dos pais.

A chegada de Hortense foi um acontecimento na acanhada vila roceira. A sua desenvoltura, o seu sotaque afetado, carregado nos *rr*, o hábito que tinha de rir de tudo para mostrar os dentes brancos, o *lorgnon*⁷ que aplicava impertinentemente aos olhos para mirar de alto coisas e pessoas – sobretudo o *chic* parisiense das variadas *toilettes* –, tudo escandalizou violentamente aquela gente simples, que entrou a chamá-la baixinho de *cocotte*.⁸

A própria D. Leopoldina olhava-a com ar trombudo; não se sentia a gosto ao seu lado e preferia coser sozinha com as outras duas filhas na sala de jantar, enterrada pachorrentamente na larga cadeira baixa que havia mais de trinta anos lhe aguentava o peso.

Hortense tinha encontrado noivas as duas irmãs.

Guilhermina, já nos seus 26 anos, ia casar com o professor público do lugar, um rapaz alto, amarelo, de óculos e barba em ponta, de nome Jacinto Gomes, que tomava chá todas as noites em casa do futuro sogro; e Laura, um pouco mais tarde, devia partilhar os destinos de um médico ainda novo, o Dr. Alonso Novaes, por esse tempo no Rio, acompanhando o velho pai, um fazendeiro rico e amigo do comendador José Domingues, que fora operar-se de uma catarata.

Ambas as irmãs sentiram-se contrariadas com a presença dessa terceira que as eclipsava inteiramente; adivinharam nela mil coisas novas que a tornavam estranha na casa, importuna aos seus hábitos mais queridos; e, se Guilhermina, mais doce e mais tímida, conseguia recalcar no íntimo a hostilidade surda dos seus sentimentos, Laura, mais petulante, em toda a seiva dos seus 19 anos, ia acumulando no peito uma antipatia que às vezes não podia vencer e sufocar.

Que vinha fazer ali aquela intrusa? E como haviam elas agora de ir às festas com os seus vestidinhos simples de cassa,⁹ cosidos com as próprias mãos, se Hortense pareceria sempre mais bonita com aquelas *toilettes* de Paris, cheias de rendas e veludos?!... E aquele ar!... E aquele modo de olhar para os homens!... Era até uma vergonha.

⁷ Em francês no original: lornhão. Óculos antigos de uma só haste, lateral na vertical, para segurar com a mão.

⁸ Em francês no original: cocote. Meretriz elegante, cortesã.

⁹ Tecido fino, transparente, de linho ou de algodão.

Uma nova circunstância veio avivar a raiva silenciosa que em ambas crescia. Hortense havia descoberto na Europa que possuía uma bela voz de contralto e tratara logo de cultivá-la com excelentes professores, aprendendo depressa, como refinada *coquette*,¹⁰ a tirar partido de umas certas notas do peito, graves, quentes, perturbadoras, que faziam coar arrepios pela espinha de quem as ouvia. Seria difícil descrever o espanto da família de Hortense, quando ela se pôs a cantar pela primeira vez em casa, com aquela voz poderosa e educada, cujos clamores foram atraindo gente sob as janelas do comendador; e o noivo de Guilhermina mostrou-se o mais pronto de todos em receber o choque elétrico das tais notas sugestivas.

Ele agora, apenas Hortense se sentava ao piano, ia se aproximando, como arrastado, encostava-se ao velho instrumento e não arredava mais dali, os olhos presos nela, com umas rápidas contrações nervosas na face lívida e chupada.

Pouco a pouco, a sua primitiva timidez entrou a desaparecer e já passava horas inteiras conversando com a futura cunhada, que lhe referia histórias de Paris, anedotas um pouco livres, casos sucedidos com ela e o marido, fazendo-o rir, torcendo o corpo sinuoso sobre o mocho desconjuntado do piano, os dedos cintilantes de anéis esquecidos em cima do teclado encardido ou correndo distraidamente uma escala, atacando um acorde, logo interrompido no calor do diálogo. E os óculos do professor luziam diabolicamente à claridade das duas velas que iluminavam a música aberta na estante, cujas palavras ardentes em francês ou italiano ele às vezes ia traduzindo com a cabeça unida à dela, a respirar meio tonto o perfume embriagante que se exalava daqueles cabelos castanhos e crespos roçando-lhe a barba em bico.

Guilhermina agora passava as noites solitária e muda no vão da janela em que ela e o seu noivo, antes da chegada de Hortense, tinham gozado horas tão doces, construindo projetos, trocando esperanças, a olharem juntos para o largo escuro e deserto que se estendia em frente à casa e onde alvejava, do outro lado, um pequeno prédio

¹⁰ Em francês no original: *coquette*. Mulher que procura despertar admiração apenas pelo prazer de seduzir.

caiado de branco, que ia ser o ninho de ambos. Como tudo estava mudado! E uma sombria tristeza descia sobre a sua alma retraída, enquanto D. Leopoldina cabeceava de sono a um canto do sofá e Laura seguia com agudo olhar de ódio toda a cena que ali se desenrolava. O próprio comendador, uma noite, ao sair um pouco mais tarde do que lhe era costume para a palestra na farmácia ao lado, estranhou o isolamento da filha mais velha, enquanto o noivo estava a tagarelar com a outra, que já tinha marido; e, pigarreando grosso, falando zangado, dirigiu-se ao professor público:

– Que é lá isso, *seu Jacinto*? Então sua noiva está atirada ali para um canto, sozinha, e o senhor aqui a dar de língua com a Hortense?... Isto é o mundo às avessas...

E saiu, batendo com a porta.

Por aqueles dias, algumas famílias da vila organizaram um grande almoço nas matas da fazenda do coronel Juvêncio, distante apenas meia légua; e, como a estrada para lá começasse perto da casa do comendador José Domingues, foi combinado que à porta deste se formaria a comitiva. Algumas senhoras iam de trolley,¹¹ outras a cavalo, com os pais ou maridos; e tudo andava numa dobadoira¹² com os preparativos da festa.

Guilhermina amanheceu no dia do almoço mais contente, uns rápidos frêmitos de esperança a lampejarem-lhe n'alma, porque Hortense tinha declarado que preferia o trolley e ela contava aparecer ao noivo realçada pela superioridade sobre a irmã de saber montar perfeitamente a cavalo. O vestuário de amazona assentava-lhe bem, desenhava-lhe a cinta fina e airosa.

Sentia-se leve, esbelta, mais animada. Toda essa alegria, porém, desvaneceu-se repentinamente à hora da partida: Jacinto Gomes acabava de subir, muito calmo, para a boleia do trolley em que estava Hortense, e de lá respondia a quantos o questionaram sobre essa ideia que lhe tinham faltado com o animal prometido e demais acordara com uma forte dor de cabeça e preferia este meio de locomoção ao trote de um mau cavalo. Nada havia que dizer a isto, e os chicotes estala-

¹¹ Em inglês no original: trole. Espécie de coche rústico, usado na zona rural.

¹² Situação de grande pressa, correria.

ram, a comitiva se abalou, partiu, aos gritos de: “Hé, Pretinho!... Hé, Tordilho!... Hé, Mulata!...”, dos cocheiros que guiavam os trollys, e, no meio de relinchos dos animais de sela, de risadas que se trocavam de grupo em grupo, de exclamações e pilhérias dos excursionistas, excitados pela beleza dessa manhã luminosa de março. A entrada na mata foi deliciosa.

Os carros começaram a rodar sem ruído sobre um leito de folhas, que amortecia os solavancos, e uma frescura penetrante sucedeu bruscamente ao calor já intenso do sol das nove horas. Um aroma balsâmico evolava-se dos troncos rugosos de árvores gigantes, cujos cimos se confundiam nos ares, deixando apenas coar uma tênue claridade verde; choravam fios d’água corrente entre as folhagens, ouviam-se mil rumores misteriosos, sussurros, pios de ave, estalidos de galhos secos, passos furtivos de pacas e tatus, amedrontados com a invasão dos seus domínios, fugindo, invisíveis – todas as vozes enfim da floresta violada em seus segredos: e a *verve* da comitiva extinguiu-se pouco a pouco sob um silêncio quase religioso. A umidade, porém, começou a tornar-se excessiva, insuportável; romperam aqui e ali alguns espirros prosaicos, que sacudiram a impressão romântica, e as risadas casquinaram de novo até chegarem à clareira capinada de fresco, que era o ponto da excursão.

Os moleques, mandados adiante, já esperavam aí com cestas de comida, que foram abertas logo, no meio do maior entusiasmo, espalhado o abundante conteúdo sobre enorme toalha estendida no chão; e o almoço principiou alegre e ruidoso. Tinham posto o *champagne*¹³ a refrescar no riacho próximo. O coronel Juvêncio, com uma coxa de galinha na mão, contava casos tão engraçados, que fazia estourar de riso o comendador José Domingues e mais dois velhos, cujas calvas se tornavam escarlates; e D. Leopoldina, obesa, ia se abarrotando de peru com farofa, até que ficou de repente afrontada, teve de levantar-se e desapertar o colete. Quanto a Hortense, vestida com uma blusa vermelha de pontinhos brancos, quebrara um ramo de arbusto e o prendera à roda da cabeça, em forma de grinalda; abusava um pouco

¹³ Em francês no original: champanhe. Vinho espumante, geralmente branco, produzido em Champagne, na França.

do *champagne*, tinha duas rosetas de febre nas faces, e aquela coroa de folhagem lhe dava o aspecto de uma linda bacante.

O professor público fora colocado entre Guilhermina, Laura e outras moças solteiras; mas o seu olhar buscava incessantemente Hortense, e a noiva o surpreendeu muitas vezes absorto nessa contemplação, calado, pensativo.

O almoço, porém, chegava ao seu termo. Grupos erguiam-se agora, pesados da digestão, e dispersavam-se entre o arvoredo, uns para fazerem exercício, outros para ruminarem em paz e liberdade. As matronas repartiam comida entre os moleques. Foi então que Laura, ao voltar das bordas do riacho, em que lavara as mãos, deu pela falta de Guilhermina, de Hortense e de Jacinto Gomes. Volveu um olhar em torno, um pouco admirada, caminhou pelo mato, pôs-se a farejar curiosamente entre as árvores, e de repente estacou... Guilhermina estava ali adiante, apoiada num tronco, o corpo para a frente, o olhar espiando qualquer coisa que se sumia ao longe e que devia ser terrível, porque toda ela tremia e o rosto parecia contraído, lívido... Laura gritou:

– Guilhermina!

Ela voltou-se, viu a irmã; e, de repente, correndo ao seu encontro, com um grande grito, bradou:

– Ah! Laura!... a safada roubou meu noivo!... roubou, roubou... Eu vi!... Ele beijou ela na boca, ali, debaixo da mangueira, e depois seguiram juntos, abraçados... Eu vi... Meu Deus!...

Atirou-se na terra úmida, enterrou a cara nas raízes da árvore vizinha e pôs-se a soluçar, enquanto Laura, atônita, muito pálida, ajoelhava junto dela e ia perguntando-lhe:

– Mas quem é que fez isso? Quem?... Que foi?

– Foi a safada! – gritou outra vez Guilhermina, erguendo o rosto alterado. – Foi Hortense! Pois quem havia de ser?...

– Que perversa!... que mulher ruim, sem vergonha! Mas fala baixo... Olha se papai vem por aí...

Guilhermina voltou-se, assustada, compondo o vestido; e de pé, num pulo, um ar de indomável energia na face angustiada, mostrando o punho cerrado a um ponto do horizonte, exclamou:

– Pode guardar o seu Jacinto Gomes, traidora!... Eu é que não me caso mais com ele, não caso, não caso. Está acabado.

– Mas... e papai? e mamãe?... Você vai contar o que houve?...

Guilhermina não respondeu logo, indecisa, com duas rugas fundas na testa e o olhar ausente, parado; depois foi dizendo, lentamente:

– Não! não direi. Tenho pena dos velhos, coitados. E, demais, que escândalo sobre o nosso nome! O Dr. Novaes era até capaz de não querer mais você... Mas casar com o Jacinto, isto nunca!...

E com efeito declarou ao pai que lhe sobreviera gradualmente uma invencível aversão pelo noivo e assim resolvera, como maior que era, não realizar mais semelhante casamento. E não houve rogos, argumentos, admoestações que vencessem a resistência em que se fechou, muito calma, muito fria, sem dar mais nenhuma explicação, forçando deste modo o comendador Domingues a curvar-se à sua vontade de ferro. Jacinto Gomes foi, pois, despedido, pediu logo remoção de escola, e quinze dias mais tarde o seu vulto esguio tinha desaparecido da vila.

Hortense agora, como opressa pela atmosfera hostil da casa paterna, passava grande parte do seu tempo com a D. Fifina, mulher do coletor, que já tinha morado no Rio e de cá recebia sempre jornais de modas e romances franceses. Eram amigas.

Quanto a Laura, que em meados de maio se pôs a esperar o noivo, que vinha para a festa, uma apreensão esquisita pairava sobre o seu espírito. E, quando o Dr. Novaes enfim chegou, todo alegre, aos abraços, vindo hospedar-se em casa do futuro sogro, a fim de não ficar isolado na fazenda, ela entrou a espreitar todos os gestos e olhares de Hortense, macambúzia, pouco comunicativa.

Novaes era um rapaz bonito, viajado, sabendo conversar com desembaraço. Conhecera Hortense em solteira, vinha agora achá-la mudada, mais *chic*, mais formosa, e fez-lhe cumprimentos com a naturalidade de quem não pensa no mal. Laura, porém, tornou-se

lívida. E não o deixava a sós na sala, presa de uma obsessão doentia, emagrecendo, com as sardas mais salientes no rosto, que perdia a sua frescura de loura. O noivo estranhava-a, solícito, mas o silêncio da sua atitude ia aborrecendo-o e começou a achar mais graça nas palestras animadas com Hortense, em que discutiam Bourget, Maupassant, Marcel Prévost.¹⁴ Entrou a ligá-los pouco a pouco certa comunhão de gostos, de ideias, de reminiscências da vida europeia, e Laura assistia, calada, a esses vivos diálogos em que não podia tomar parte a sua ignorância de todos aqueles assuntos.

Para os fins de maio, Hortense parecia já tão familiar com o futuro cunhado, que até lhe mostrava cartas do marido, cheias de passagens íntimas, de alusões amorosas; e ria-se maliciosamente do enleio do moço, que corava, perturbado. Ele agora, quando sozinho à noite no quarto, ia pensando: “*Que mulher terrível!...*”, e trincava o charuto, muito nervoso, com vontade de afastar-se daquela casa onde a noiva escolhida só lhe despertava tédio. Que ideia infeliz, ter gostado de semelhante matutinha! A lembrança da outra enchia-lhe a memória de mil detalhes, que a evocavam inteira, provocante como uma serpente que se lhe enroscasse no corpo. Um dia, à hora da sesta, ela viera bater à porta do seu quarto, enfiando pela fresta um braço nu, completamente nu, branco, redondo, que lhe oferecia uma tangerina. Ele tinha tomado a fruta, mas ao mesmo tempo segurara o braço e cobrira-o de beijos ardentes, rápidos, sentindo vibrar toda aquela carne tépida ao contato dos seus lábios. Ah! como tudo isso era canalha, ali, sob o mesmo teto da sua noiva! A honestidade banal do seu espírito reagia, mas os seus nervos, os seus sentidos obedeciam a uma ação lenta, misteriosa, dissolvente, que lhe destruíra inteiramente a energia e as resistências.

Foi aí que surgiu a festa do encerramento do mês de Maria, e Alonso Novaes, amolecido pelas lágrimas de Laura na igreja, indignado contra o próprio procedimento, jurou não prestar mais atenção às *coquettries*¹⁵ de Hortense e consagrar-se todo à inocente noiva.

¹⁴ Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935), Henri René Albert Guy de Maupassant (1850-1893) e Eugène Marcel Prévost (1862-1941), escritores franceses.

¹⁵ Em francês no original: coquetérias ou coquetismos. Qualidades ou comportamentos de

Efetivamente, durante o leilão de prendas, conservou-se sempre ao seu lado, todo sorrisos, arrematando objetos graciosos que lhe oferecia em voz alta, numa ostentação de direitos; mas, à hora do fogo de artifício, quando os clarões azulados das peças pirotécnicas e dos repuxos multicores começaram a romper violentamente a escuridão do morro, onde negrejava o povo imobilizado pela expectativa, entre o vai e vem dos moleques acompanhando as evoluções do fogueteiro com assobios ou aplausos, Novaes foi se sentindo cansado, aborrecido, e procurou com a vista o perfil de Hortense, erguido para o céu estrelado, muito branco sob um capuz de rendas, idealizado por toda aquela irradiação de luz, que a transfigurava. E, sem saber como, achou-se junto dela, unido a ela, aproveitando os fugitivos momentos de treva para lhe apertar sob a capa os dedos frios e trêmulos. Que lhe importava agora a noiva?... Os sentidos revolucionados punham-lhe no sangue uma chama indomável. Amava aquela mulher... Queria os seus beijos, queria o contato do seu corpo sinuoso, ardente, moço, vibrante...

E, duas horas mais tarde, a cabeça em fogo no vasto salão da Câmara Municipal, onde tinha principiado o baile, ao ver chegar a família Domingues, atirou-se como um louco ao encontro de Hortense, adorável num vestido de seda cor-de-rosa pálida, o colo meio nu, os cabelos presos no alto da cabeça por um pente de brilhantes. Nem deu um olhar à noiva, que vinha atrás, toda de branco, cheia de rancor, o rosto contraído, falando baixo com Guilhermina; murmurou apenas um convite ao ouvido de Hortense, enlaçou-lhe a cintura e partiram juntos numa valsa americana, ritmada de passinhos rápidos e curtos, que ninguém ali conhecia.

E foi uma surpresa aquilo!

Foi um escândalo! D. Leopoldina, muito vermelha, atravessou pesadamente a sala, procurou o marido no vão de uma porta e pareceu fazer uma confidência, que acendeu na calva do velho um rubor intenso.

coquete; preocupação em agradar ou seduzir através da aparência; elegância em excesso; afetações; faccírices.

Quanto a Novaes, finda a valsa, retirou-se para o bufete, pôs-se a beber copinhos de *cognac*, muito nervoso. E a volta para casa ao frio das duas horas da madrugada, sob um nevoeiro cerrado que enregelava e num silêncio de morte entre todos os membros daquela família, agitada por um temporal íntimo – a volta foi lúgubre.

Uma vez em seus quartos, Laura, que já não duvidava mais da sua desgraça, deixou-se ficar sentada a um canto, vestida, hirta, imóvel.

– Deite-se, minha irmã!... – murmurou Guilhermina, cheia de compaixão, mas ao mesmo tempo receosa de provocar alguma cena de lágrimas e desespero àquela hora adiantada.

Um *não!* muito seco foi a única resposta de Laura.

A outra tentou ainda uma observação, um protesto; mas, diante do gesto decisivo da irmã, que lhe cortou a frase, não insistiu mais, deitou-se. E depressa adormeceu, vencida pelo cansaço. Laura, então, descalçou-se com todas as cautelas, para não fazer ruído, e de meias, contendo a respiração, foi mansamente entreabrir a porta do quarto e ficou espreitando fora o corredor escuro. Apagara a vela. Uma calma profunda enchia a casa toda, mergulhada no sono, em que só o *tic-tac* do grande relógio da sala de jantar punha uma nota de vida, cadenciada e monótona. E os minutos corriam, o tempo começava já a parecer interminável à impaciência de Laura, quando, repentinamente, as pancadas surdas do seu coração precipitaram-se e um suor frio inundou-lhe a testa. Do fundo do corredor surgia agora uma forma esbranquiçada, cosida com a parede, deslizando em silêncio, enquanto se abria do outro lado uma nesga de porta iluminada, deixando passar a cabeça de Alonso Novaes, sorrateira e medrosa.

A sombra caminhou para ele, entrando pouco a pouco na estreita zona de luz projetada do quarto; e Laura, arquejante de ódio, pôde ver bem o rosto de sua irmã Hortense – essa malvada sempre triunfante no pedestal do vício, incestuosa e adúltera, eterna esfaimada de amor, que ia roubar os beijos do seu noivo, gozar com ele toda uma noite de febre...

O sangue revoltado borbulhou quente em suas artérias... Sentiu-se louca de ciúme... E a outra foi passando, toda branca num longo penteador; e o braço de Novaes já se estendia, sôfrego, para agarrá-la...

Um terceiro vulto, porém, irrompeu violentamente entre ambos, saltou sobre Hortense petrificada de terror, derrubou-a no assoalho e pôs-se a calcá-la aos pés, a moê-la de pancada, esbofeteando-lhe as faces, arrancando-lhe os cabelos aos punhados, enterrando-lhe no seio unhas agudas que rasgavam as carnes palpitantes, como tenazes de ferro.

Aos clamores que retumbaram pavorosamente na casa adormecida, portas bateram, luzes brilharam, e o comendador José Domingues apareceu correndo, em trajes menores, uma grossa bengala na mão, seguido de D. Leopoldina e das negras que gritavam por socorro, num enorme pânico, embrulhadas apenas em lençóis apanhados às pressas.

E foi um pasmo, uma consternação, quando encontraram Hortense estendida sem sentidos no corredor, toda ensanguentada, as vestes em trapos, e Laura a lutar com Guilhermina, que a tinha arrancado de cima da outra, e a prendia agora pelos pulsos, ainda convulsionada de furor, uma espuma nos lábios, olhos esgazeados, bradando, já rouca, que a deixassem matar de uma vez aquela víbora.

Novaes, ao ver a noiva pular de repente sobre a irmã, não tinha tido a coragem de defender sua cúmplice. Apavorado pela gravidade da situação, pela consciência do flagrante delito, fechara-se por dentro, enfiara precipitadamente a roupa e, saltando a janela baixa que dava para a rua, fora refugiar-se em casa de um amigo, onde chegou pálido, ofegante, maldizendo a sorte.

E, agora, a vivenda do comendador José Domingues está fechada, muda, deserta...

O velho mudou-se com a família para Barbacena. Hortense, depois de longo tratamento, foi esperar a volta do marido no Rio; mas está desfigurada, com fundas cicatrizes no rosto, o lábio costurado e repuxado para a orelha, o que lhe dá um ríctus sardônico, muito desagradável. Vive triste e retraída, explicando os estragos de sua beleza por meio de uma fábula. Que um dia, na roça, indo apanhar ameixas, rolara por uma ribanceira abaixo, dilacerando-se toda na queda...

E assim terminaram aquele ano as festas do encerramento do mês de Maria na vila de ***.



AS TRÊS DORES

Naquele sereno e luminoso dia de maio, a palestra semanal de Sílvia Magalhães com as suas duas íntimas Diana e Evelina tinha pouco a pouco resvalado para o terreno dos assuntos graves, singularmente dissonantes no ambiente garrido do *boudoir*¹ forrado de uma alegre seda de flores escarlates sobre fundo castanho, onde os biom-bos de pelúcia e as jardineiras de Boule² cheias de rosas formavam deliciosos ninhos de intimidade e frescura, por entre a desordem artística dos móveis Luís XV.³

Mas as três amigas, como inacessíveis à sugestão local e sem um olhar sequer para as maravilhas de arte – bronzes, *bibelots*⁴ de Saxe,⁵ tremós antigos, ídolos chineses de marfim e ouro – que atulhavam mesas e peanhas numa adorável e disparatada confusão de estilos; as três amigas discutiam seriamente qual a dor mais profunda que pode sentir uma alma de mulher, e cada uma delas invocava a própria experiência na matéria, reclamando a prioridade para o seu caso particular, apresentado como indiscutível.

¹ Em francês no original: budoar. Sala de estar ou salão de beleza privado para mulheres num alojamento mobilado, geralmente entre a sala de jantar e o quarto.

² Um móvel de Boule é reconhecido por sua marchetaria de incrustações de carapaça de tartaruga, latão, cobre, madrepérola, etc. Esse tipo de mobiliário, muito em voga no século XVII, foi inventado e fabricado pelo marceneiro francês André-Charles Boule (1642-1732).

³ O estilo Luís XV é um dos mais estimados na decoração de interiores e de mobiliários, influenciado pelas linhas fluidas e graciosas do rococó. Foi desenvolvido durante o reinado de Luís XV, entre os anos de 1730 e 1760, na França.

⁴ Em francês no original: bibelôts.

⁵ Espécie de porcelana fabricada na Europa.

– Não!... a dor que um dia eu sofri é a mais cruel que jamais possa ferir um coração feminino...

Assim falava Evelina, a mais nova do *trio*; e levantou-se, galante, frágil, verdadeira estatueta de *biscuit*⁶ apertada numa blusa russa. Seus dedos finos batiam nervosamente com o leque nas pregas da saia tu-fada.

– Conta-nos isso, Evelina... – disseram as outras duas a um tempo, já curiosas; e foram se ajeitando felinamente sobre os coxins fofos do canapé, a perna encruzada, o bico envernizado dos pequenos sapatos reluzindo no ar entre folhos de renda.

Então, no meio do silêncio que se fez, a voz de Evelina soou novamente com o seu timbre de cristal muito puro:

– Pois eu lhes conto. Foi há quatro anos. Voltava sucumbida da casa de meus pais, onde assistira, durante alguns dias, ao pavoroso espetáculo da agonia e morte de um irmão de 16 anos, vítima da febre tifoide e acabando louco, estrábico, horrendo...

“Trazia ainda nos ouvidos os gritos delirantes do infeliz, os prantos de minha mãe, todo o rumor sinistro de uma casa onde a morte penetra, e minha única esperança era refugiar-me nos bracinhos quentes do meu filho Jorge, que, para evitar o contágio, ficara confiado aos cuidados da sua ama e de uma tia nossa.

“Com que saudades eu vinha!

“Meu filhinho era tão lindo!...

“Dois anos e meio apenas, uma cabecita loura de anjo, as mãozinhas cor de leite – todo ele um mimo, um encanto que meus lábios cobriam sem cessar de beijos. Meu marido chegava a ter ciúmes. Eis, contudo, que, ao entrar em casa naquele dia de luto, sôfrega por ver o Jorge correr ao meu encontro com as suas perninhas curtas, gritando: ‘mamãe!’... sou apenas recebida por minha tia, cuja fisionomia singular logo me assustou.

“– Jorge?!...

⁶ Obra de porcelana cozida e não vidrada, que imita, na cor e no aspecto, o mármore branco.

“– Doentinho, minha filha... Oh! nada de cuidado... Uma bronquite que se agravou esta madrugada...”

“Eu nem mais a ouvia. Apanhando as saias, galgava os degraus da escada quatro a quatro, o coração aos pulos, até chegar à porta do quarto, de onde espiei medrosamente para dentro. E ali mesmo desatei num choro convulso.

“A ama, sentada numa cadeira baixa, tinha ao colo o meu filhinho derreado para trás nos seus braços, com a boca aberta, o rosto lívido, já cianótico, perdido; e uma respiração arquejante levantava e abaixava o pequenino ventre sob a camisola branca. Chamei por ele, a chorar sempre como doida; beijei-o mil vezes, pedindo-lhe que olhasse ao menos para mim... Foi inútil! Não me reconheceu mais, e posso acrescentar: *nunca mais!* Pois na manhã seguinte a pneumonia dupla concluía a sua obra, e eu vi o meu filho agonizar sem lhe poder valer; vi-o morder as roupinhas com os seus dentes ainda tenros, nas ânsias da asfixia, sem conseguir insuflar-lhe o ar dos meus pulmões; e vi-o enfim morrer, ficar gelado, inerte, ele, o turbulento da casa!... agora estendido no sofá, como um santinho, as mãos rechonchudas encruzadas sobre o peito, sem que todo o meu amor imenso tivesse a força de reanimá-lo e aquecê-lo... E então, nesse momento horrível, compreendi que a dor mais atroz é a que se sente ao perder um filho.”

Calou-se Evelina, levando o lenço aos olhos rasos d’água, mas já Diana erguia a voz – um contralto soberbo – desencostando o busto das almofadas em que se reclinara, e muito direita agora num vestido preto reluzente de vidrilhos, que a envolvia numa espécie de couraça molhada, faiscante.

– Ora, uma criança! – balbuciou com certo desdém amargo. – Não pode a mágoa pela perda de um filho pequenino ser a mais aguda que acabrunha uma mulher. Outra conheço eu...

– Pois conta... – respondeu simplesmente Evelina; e Diana tomou a palavra, parando às vezes, como a evocar os acontecimentos que ia referindo.

– Vocês sabem que sou do Rio Grande do Sul, onde deixei meu pobre pai, que era viúvo, inconsolável pela minha partida, quando

vim casada com o Maurício para a capital. E já havia mais de sete anos que eu não via o velho, quando recebi um telegrama avisando-me que ele estava muito doente e queria abraçar-me antes de morrer.

“Fiquei fulminada. Meu pai tão bom, tão meu amigo!... Cumpriria que eu partisse imediatamente, mas nem de propósito se dava então uma circunstância que tolhia um tanto os meus impulsos de filha.

“Maurício não me podia acompanhar, porque tinha entrado em concurso para obter uma cadeira de lente⁷ na Escola Politécnica.⁸ Precisava eu, demais, ficar ao lado dos nossos dois filhinhos, Elvira e Raul, que eram ainda muito pequenos para se exporem às canseiras que me esperavam. Ora, eu adorava Maurício, e foi uma luta, um horror, para que me resolvesse a empreender sozinha essa viagem que ia afastar-me de casa um ou dois meses. Que remédio, porém, senão partir? E parti, mas chorosa, desesperada, fechando-me no camarote até o dia em que chegamos ao Rio Grande, por sinal que fazia bem frio e soprava rijo o minuano.

“Vinte e quatro horas mais tarde eu entrava pela vivenda de meu pai adentro e caía-lhe nos braços. Ah! que alegria teve o velho! A minha não ficou atrás, sobretudo quando verifiquei ser o seu estado muito menos grave do que eu temia; mas, por isso mesmo que não havia risco iminente, sobrava-me tempo para pensar em Maurício e as saudades começaram a torturar-me deveras. Foram enfim dois meses de suplício, ainda por cima agravados, na última quinzena, pela interrupção de cartas de casa; de modo que, no dia em que meu pai, condoído de mim, triste, mas resignado, aconselhou-me que voltasse para junto dos meus, nesse dia eu pulei de prazer, fui para o piano, toquei valsas, cantei – um delírio!

“Nem sei como fiz a viagem de regresso. Quando dei acordo de mim estava aqui na barra, fremente da cabeça aos pés, afivelando

⁷ Professor de ensino superior.

⁸ A Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fundada em 1792, é a sétima escola de engenharia mais antiga do mundo e a mais antiga das Américas, sendo, assim, a primeira instituição de ensino superior do Brasil.

malas, preparando tudo para o desembarque, já de chapéu e luvas, quando o vapor ainda nem fundeara.

“E, mal começaram a chegar os botes e as lanchas, atirei-me para a amurada do vapor, de binóculo em punho, examinando tão ansiosamente cada embarcação que se aproximava, que até alguns passageiros se puseram a rir da minha impaciência.

“Eis que enfim descubro uns lenços brancos acenando-me de dentro de uma pesada lancha que agora apontava entre as catraias...

“Oh! meu Deus, que felicidade! Assestei depressa o binóculo, fui reconhecendo a minha família, uma irmã de Maurício, o pai dele, os tios, e finalmente meus filhinhos, sim, a Elvira, o Raul, agarrados à saia da titia...

“Mas onde estava o Maurício? Abaixei-me, enfiei a vista pelo interior da lancha, procurei atrás do grupo, e nada!... O quê?!... pois seria possível que Maurício tivesse deixado de vir buscar-me a bordo? Uma nuvem obscureceu-me os olhos... E de repente desatei a rir...

“Aquele Maurício! Com certeza ele se tinha escondido no meio dos outros para me pregar um susto.

“A lancha, entretanto, manobrava agora mais perto, acelerando as rotações da máquina, para encostar ao vapor: eu via de cima os rostos familiares dos meus e continuava, todavia, a não descobrir meu marido.

“Mas, senhor!... o que significava isso? E por que mais a singularidade de estarem todos trajando de preto, até as crianças?

“Curvei-me outra vez, já nervosa, inquieta; e subitamente, com um grande grito, corri ao encontro de minha cunhada, que vinha subindo a escada de bordo envolta em crepes, a face banhada de lágrimas e trazendo pela mão a minha Elvirinha também vestida de negro.

“– Maurício!...

“Em torno de mim se formara um grupo, que me olhava compassivamente. E cada vez subia mais um membro da minha família, enlutado, grave, os olhos marejados de pranto. O comandante chegou-se, respeitoso, quis amparar-me, porque eu cambaleava de

terror... E de repente compreendi tudo! Meu marido morrerá! Nunca mais eu havia de vê-lo... Caí redondamente no chão.”

Diana fez aqui uma pausa, respirando com força, como se lhe faltasse o ar, e concluiu assim:

– Creiam vocês: a dor que me fulminou ali, sobre o convés daquele vapor, é a mais violenta que pode traspasar um coração feminino.

Uma exclamação irônica partiu dos lábios de Sílvia, a dona da casa, sempre atirada para um canto do canapé, a perna ainda encruzada, as pregas amplas do *peignoir*⁹ escarlate envolvendo-a toda numa nuvem de púrpura, de que emergia apenas a sua cabeça pálida e enérgica. Ao olhar de estranheza que lhe desferiram Diana e Evelina, respondeu:

– Então para vocês duas só da morte pode provir a suprema dor? Que erro!... Mas que é a morte – solução natural imposta por um arbítrio superior à nossa intervenção – comparada ao afastamento voluntário do ente que amamos? Isto, sim, é que se chama horror...

– Que queres dizer?...

– Ora... é bem simples. Imaginemos uma hipótese. Eu, por exemplo, adoro um homem que é tudo para mim – o ar que respiro, a carne da minha carne, o sangue das minhas veias, o universo dos meus olhos e o único objetivo da minha alma. Pois bem, ele, por sua livre e espontânea vontade, ou porque se aborreceu de mim, ou porque prefere outra, ele, um belo dia, volta-me as costas, desaparece do meu horizonte, morto para mim, vivo para as outras... Eis aí...

E Sílvia tentou sorrir-se com desenvoltura, mas os lábios tremaram-lhe e de repente as outras ouviram-na com surpresa romper em soluços, enterrando o rosto nas almofadas.

– Sílvia!... Minha querida!... Que tens? Fala... Pois não somos tuas amigas?...

Ela fez sinal com a mão que esperassem, foi serenando sob as carícias doces que a consolavam e por fim ergueu a face descorada, suspirou, foi dizendo lentamente:

⁹ Em francês no original: *peignoir*. Tipo de robe leve para usar em casa.

– Sim, para que segredos?... Quero de resto provar que a dor pela morte do ente querido não é a mais crucial da vida de uma mulher.

“Lembram-se vocês daquele belo simbolista Humberto¹⁰ Roque, de olhos negros, cuja voz grave as fascinou muitas vezes aqui nos meus salões? Pois era meu amante. E não há palavras que lhes pintem a paixão terrível que ele soube inspirar-me com os seus ares românticos de 1830. No fundo, uma alma árida, que encobria o seu monstruoso egoísmo sob os arrebiques da poesia – essa eterna mentirosa que leva a cantar com entusiasmos artificiais todos os sentimentos nobres e cálidos que o poeta nem conhece. Mas eu era cega, fiz dele um Deus; e durante três anos vivi, sem metáfora, aos seus pés, fazendo da minha dedicação um tapete em que deslizassem seus passos. Ah! minha Evelina, que podia ser o teu amor pelo filhinho que perdeste, comparado à loucura que me inspirava aquele homem? A tua afeição conjugal, Diana, tornar-se-ia incolor ao lado do meu sentimento ilegítimo, feito de lutas, de incertezas, de insaciabilidades, de lágrimas, de alegrias ardentes – toda uma escala passional delirante. E ele bebia todos os meus arroubos. Ele aceitava todos os meus sacrifícios. Pois bem, um dia em que me sentia morrer de angústia por não o ver desde duas semanas, Humberto entrou muito calmo pelo meu quarto adentro, um lampejo perverso nos olhos largos, e comunicou-me simplesmente, naturalmente, que se ia casar no fim desse mês. Tudo isto abanando-se com o lenço, a passear de um lado para outro, e entremeando até a participação com uns cumprimentos banais a certo quadro novo que descobrira pendurado à minha parede.

“– Um Corot,¹¹ não é? – perguntou-me, risonho.

“E eu não o esbofetei ali mesmo!... Não lhe escarrei no rosto! Chorei, pelo contrário, chorei... Dei-lhe a honra de mostrar-lhe a minha agonia. Ah! quando me lembro!... Verdade é que o enxotei mais tarde, quando me propôs continuarmos amantes depois do seu casamento; mas já ele tinha gozado o espetáculo do meu desespero.

¹⁰ No original está *Huberto*; há, porém, uma ocorrência de *Humberto*, razão pela qual se decidiu pela grafia mais usual.

¹¹ Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875), pintor realista francês.

Enfim... Humberto casou, e eu estou aqui a fingir de consolada e prazenteira. Mas no fundo do meu íntimo reside sempre uma dor tão aguda, ao pensar que ele anda por aí, feliz talvez, esquecido do meu amor, dedicando-se à *outra*, vivo para todos, morto só para mim – que, eu lhes juro!, preferiria sabê-lo realmente aniquilado pela morte, gelado, inerte, como o teu filho, Evelina, como o teu marido, Diana, a sofrer este atroz martírio da separação, em plena vida, das nossas duas existências. Ao menos seus lábios não beijariam mais outras mulheres...”

E Sílvia cobriu o rosto com as mãos, arquejante; em seguida, levantando-se, feroz, violenta, o *peignoir* vermelho fazendo-lhe como um pedestal de sangue, perguntou às duas amigas:

– Não acham que a minha dor é a mais terrível de todas?...

– Sim, minha filha, sim. Tens razão. Mas não achas também que já é tempo de acabarmos com todos esses assuntos lúgubres?

E Diana e Evelina puseram-se de pé, espreguiçando-se languidamente com um sorriso cansado. A tarde vinha descendo serena, perfumada, e sentia-se penetrar pelas frestas das venezianas uma aragem branda, que franzia de leve as cortinas rendilhadas. Sílvia então, mudando de tom, já correta e elegante, a longa *traîne*¹² do roupão serpenteando por entre os móveis Luís XV, foi colher três belas rosas na jardineira de Boule e ofereceu duas às suas amigas, guardando a terceira para si.

– Como lembrança do nosso concurso de dores – disse graciosamente. As outras desataram a rir.

¹² Em francês no original: cauda de uma vestimenta.



NOS BASTIDORES

O pano subiu e apareceram em cena dois artistas: uma rapariga de tez cobreada, olhos de brasa e o cabelo muito negro, mas desenraçada, visivelmente tímida, e um rapaz muito pintado de branco, mas de feições amulatadas, mais que desenvolto, quase capoeira nos ademanes, chapéu para trás, fisionomia insolente.

Cantavam em português o célebre *duo dos paraguas*,¹ e a atriz parecia horrivelmente embaraçada com o manejo do guarda-chuva tradicional, que as mais das vezes ela conservava fechado e atravessado em sua frente, seguro pelas duas extremidades, comprimindo as saias e pondo em relevo o ventre saliente de mulher reforçada.

O rapaz, ao contrário, andava e mexia-se livremente, sem cerimônia, gesticulando sempre com uma bengalinha fina que trazia à mão e olhando frequentes vezes para um ponto das cadeiras de segunda classe, na plateia.

Como ele soltasse uma nota desafinada, gritaram do povo: “*fora!...*”; mas as palmas de outro lado sufocaram essa manifestação de desagrado, e o *duo* continuou sem mais novidade, acabando com a corrida do estilo sob o guarda-chuva para irem cear camarões e salada de lagosta no gabinete particular, que na realidade era o fundo obscuro e apertado desse teatrinho provinciano. Daí ouviram os artistas o brado:

– À cena o Gabriel!... o Gabriel!... À cena...

– Olhe que estão *lhe* chamando, *seu* Gabriel! – acudiram os comparsas. Mas a atriz prendeu-o pela manga do paletó, malgrado o gesto

¹ *Mazurka de los paraguas*, canção do espetáculo espanhol *El año pasado por agua*, cuja estreia se deu em Madri, em 1889.

violento que ele fez para se livrar dela; a música do Orfeão² estrepitou lá fora e passaram correndo para a cena os outros artistas que iam desempenhar a comediuzinha *Por causa de um alfinete*.³ Então, sozinho agora num recanto lúgubre e mal alumado dos bastidores, os dois intérpretes do *duo dos paraguas* romperam numa discussão azeda, cortada de injúrias baixas, sibiladas com rancor.

A mulher, de tez cobreada, sem mais constrangimentos de atitude, antes pitoresca na mímica livre, com que exprimia o excesso do seu furor, avançava o punho cerrado até à face do Gabriel e dizia entre dentes:

– Cão! pensas então que eu não te vi olhando todo o tempo para a tal mulatinha sem vergonha, que se senta cada noite no mesmo lugar, para te ver?

– Cala a boca! Tenho eu lá culpa de ser gostado do público? Tu, como és uma sem graça, levas a ralar-te por causa dos triunfos dos outros...

– E o *fora!* que te deram?

– Ora, aquilo foi um desforço... – e o Gabriel engoliu o resto da frase, mas já a rapariga saltara:

– Um desforço, hein! Ainda confessas!... Um desforço! E por quê? Quem te deu o *fora*? Não foi o moço da mulatinha, aquele de barba loura que estava ao pé dela? Ah! canalha...

– Canalha és tu, que não respeitas um artista da minha ordem... Cala a boca, hein? – E o rapaz espalmou a mão para uma bofetada.

Ao ruído da discussão, alguns artistas e comparsas acudiram, ameaçando avisar o diretor, se o barulho continuasse. Que era até um escândalo semelhante briga ali, podendo o público ouvir as vozes por entre a representação da comédia. Que diabo! também D. Arlinda não tomava juízo, sempre com ciúmes do moço, gritando, ameaçando...

² Coro sem acompanhamento musical.

³ Não foi possível identificar se a menção está relacionada ao livro *Pour une épingle* (1887), romance de J. T. de Saint-Germain, pseudônimo do escritor francês Jules-Romain Tardieu (1805-1868).

O Gabriel aprovava, com um gesto resignado, satisfeito, mas a Arlinda rompeu, exasperada com a intervenção:

– Vão pra⁴ o inferno, todos vocês, que se entendem. Queria ver... Oh! Chiquinha!... Chiquinha!... Vem cá!

Uma rapariguinha magra e triste, que passava na direção de um quartinho denominado *camarim dos artistas*, aproximou-se lentamente.

– Escuta – gritou-lhe Arlinda, sacudindo-a pelo braço fino –, se o teu Antônio te enganasse e tu tivesses achado no bolso da calça dele uma carta já escrita para a tua rival, que é que fazias?...

– Mas eu não escrevi... É mentira! – interrompeu o Gabriel, como assustado.

– Não escreveste, hein, patife?...

E todos os dentes brancos da rapariga brilharam na sua face bronzeada, descobertos por um riso silencioso de ironia, enquanto seus dedos mostravam o corpete do vestido.

– Tu roubaste a carta... Ah! gatuna!...

– Então confessas, não é? Mas responde, Chiquinha, que farias neste caso ao teu Antônio?...

A outra teve um sorriso lívido, examinou o Gabriel com um olhar vagaroso e disse laconicamente, sem uma hesitação:

– Eu matava-o!

Partiu do grupo um sussurro de protestos furiosos... Essas mulheres! Então um homem não pode mais gostar de alguma pequena que logo não rebente o tiro ou fuzile a faca? Essa era muito boa! E gargalhadas, exclamações, interrompidas de repente por um grande *psiu!* vindo dentre os panos do fundo, em cujo interstício assomou uma cabeça de homem barbado e pálido de cólera, cujos olhos ameaçaram indignadamente o grupo. O silêncio se fez como por encanto, todos se dispersaram cautelosamente; mas Arlinda, antes de penetrar no camarim, voltou-se para o amante, que saía, e, acenando-lhe com o dedo, avisou simplesmente:

⁴ No original, *p'ra*.

– Toma sentido!

Palmas estouraram lá fora no meio de risadas grossas e os intérpretes da comédia foram reaparecendo entre os bastidores, suados, aborrecidos, um caboclo gordo deixando-se cair como esfalfado sobre um banco sujo, a *ingênua* apanhando as saias de cassa branca, para prender com alfinetes um grande rasgão feito pelo *galan*⁵ na cena da sedução, quando caiu aos seus joelhos; e a velha, que fizera de mãe, dirigindo-se a todos com gestos de protesto, verberando o cachorro do *ponto* por falar tão baixo, que ela não ouvia nada, ficava atrapalhada nas réplicas... Um patife! Era de propósito...

Os outros riam-se... A velha é que era surda...

A música, porém, atacava agora os primeiros compassos de uma cançoneta da moda, e Arlinda atravessou, correndo, os grupos e entrou em cena. Tinha mudado de roupa e trazia uma *toilette*⁶ de fantasia, esquisita, de paninho vermelho com galões de ouro falso, decotada, com uma espécie de manto a tiracolo, mas que assentava bem no seu tipo robusto e bronzeado de *gitana*.⁷ Os braços nus eram bem modelados, de um contorno firme; o pescoço aparecia bem plantado num busto cheio, forte; e ela movia-se mais à vontade dentro desses ouropéis de largas pregas do que no vestuário moderno, esguio e apertado, que lhe comprimia as formas exuberantes.

Seu primeiro olhar foi para as cadeiras de segunda classe; e, como não visse mais a mulatinha em seu lugar, teve um estremecimento visível. Uma chama de ódio lampejou nas suas pupilas selvagens. Entrou a cantar com voz rouca, entrecortada, pouco a pouco tão alheia ao que fazia ali naquele tablado, que se pôs a saltar compassos inteiros, sem atender aos sinais desesperados que lhe fazia o velho chefe de orquestra, suando em bicas, atarantado, perdido... Umas gargalhadas esfuziaram no fim da sala, verberadas logo pelos *psius!* de alguns espectadores pasmados para as linhas soberbas da Arlinda decotada, que se revelava outra mulher.

⁵ O mesmo que galã.

⁶ Em francês no original: toilette. No caso, traje, vestuário.

⁷ Em espanhol no original: cigana.

E ela teve um lampejo de razão, quis dominar-se, apanhar o ritmo da cançoneta; mas compasso, palavras, música, tudo lhe fugia da memória perturbada, restando-lhe apenas a vaga percepção de um desastre, de envolta com a obsessão de uma imagem atroz, que a fazia sofrer cruelmente. Era a ideia do Gabriel aproveitando a sua prisão naquele tablado para correr à mulatinha bonita e dirigir-lhe mil propostas tentadoras... Conhecia-o bem... Àquela hora ele estava no botequim ao lado, oferecendo cerveja, dizendo graças, zombando do ciúme dela, marcando até um *rendez-vous*⁸ à pequena...

– Ah! malvado! cachorro!... – E Arlinda entrou a soltar notas tão desafinadas e fora do tempo, que a plateia rompeu numa pateada, batendo com os pés, berrando “*fora!... fora!...*”, e o velhinho, regente da orquestra, teve de suspender a música. Ao som dessa vaia infernal, todo o sangue nas faces cobreadas, o olhar de brasa desferindo raios, Arlinda virou as costas ao público e saiu de cena, encontrando pelos bastidores os camaradas consternados, pasmados, que inquiriam a causa de tudo isso.

O diretor empresário, barbudo e colérico, foi apresentar desculpas aos espectadores, alegando incômodo repentino da artista; mas, uma vez terminado o incidente e aplacada a plateia, ele voltou-se contra Arlinda e ameaçou expulsá-la da companhia. “Uma vadia! uma maluca!...”, foi balbuciando para dentro.

Ela, encostada numa porta, dentes cerrados, não respondera uma palavra; e deixou-se ficar ali, sem mudar de roupas, o olhar cravado no corredor da saída, o seio ofegante.

O espetáculo agora seguia o seu curso, e o Gabriel devia tomar parte no final – uma modinha acompanhada ao violão, que ele cantava com mil requebros e suspiros, entusiasmando sempre a plateia, que pedia *bis* freneticamente. Era o seu triunfo, essa modinha, chorada e repinicada com toda sorte de trejeitos piegas e babosos.

Não tardou que o Gabriel aparecesse. Vinha um pouco embriagado, chapéu derrubado para a nuca, o olhar insolente.

⁸ Em francês no original: encontro combinado com antecedência.

No recinto dos bastidores, agora vazio, por estar em cena quase todo o pessoal, só o caboclo gordo cochilava a um canto, à luz morrinhenta do querosene.

Grandes sombras morriam entre as traves, os panos decorativos, e Arlinda deixou que o Gabriel caminhasse até um desses recantos obscuros, para o agarrar violentamente pelo braço.

– Foste atrás da mulata, não é, traste?...

E pôs-se a sacudi-lo com raiva. Ele desenvencilhou-se rápido e, desafiando-a, rindo alvarmente, respondeu:

– Pois fui mesmo, fui... E agora? A dona está arrufada?... Ora essa...!

– Gabriel! Gabriel!... – e Arlinda parou, como ansiada, levando as mãos ao peito.

– Gentes! Então o Gabriel é só para uma?... – perguntou ironicamente o rapaz. – Não faltava mais nada! E uma mulatinha tão *chic*, que era mesmo um pecado não botar meus olhos nela...

Arlinda encostou-lhe quase a boca ardente à face, para perguntar, arquejando:

– Tu és amante dela, Gabriel? Fala...

– Não, mas vou sê-lo...

– Quando?

– E hoje mesmo... Logo...

– Ah! não serás, não! – balbuciou surdamente a rapariga, sacando do corpete encarnado uma faca... Um lampear de lâmina, um grito abafado, um baque no chão, e o espetáculo foi interrompido pela entrada em cena de Arlinda aos gritos, coberta de sangue, a bradar:

– Matei o Gabriel! o Gabriel morreu!... Quem me acode! Ai, meu Deus! meu Deus!...



CALVÁRIO

Onze horas da noite.

Olga debruça-se à varanda e segue com longo olhar ansioso o vulto que lhe sai de casa e funde-se na escuridão da rua deserta, onde ecoa o ruído cadenciado dos passos, diminuindo gradualmente até morrer ao longe. O latido distante de um cão responde a esse rumor que esmorece, enquanto os sapos continuam o seu tristonho concerto nas ervas úmidas e dos jardins vizinhos se evola um perfume doce de jasmims e magnólias, trazido pela brisa noturna que encrespa de leve a folhagem das árvores.

Olga aspira largamente essa aragem refrescante, sonda ainda uma vez as trevas da calçada e recolhe-se enfim à sala, contemplando pensativa a desordem que ali reina, iluminada cruamente pela claridade de uma lâmpada Carcel,¹ cujo *abat-jour*² foi soerguido.

O ar é quente, abafado, rescendendo a cigarro, a *Skine*³ e flores; e sobre a mesa, entre livros e fotografias, na confusão mais pitoresca, destacam-se duas xícaras vazias com um resto de açúcar no fundo, guardanapos, um prato de biscoitos, um cinzeiro de bronze cheio de fósforos já gastos e de pontas de charuto, flanqueado por minúsculo revólver e dois frascos de extrato rebrilhando à luz.

Perto da mesa, uma cadeira de balanço – de cujo encosto resvalou o pano de *crochet*⁴ – parece conversar baixinho com outra mais pequena que a escuta; e, pela porta aberta do aposento próximo, entrevê-se o interior de um quarto de dormir, com roupas atiradas ao

¹ Dispositivo de iluminação utilizado no século XIX para fins domésticos.

² Em francês no original: abajur.

³ Perfume desenvolvido em 1885 pela marca francesa Guerlain.

⁴ Em francês no original: crochê.

acaso sobre os móveis e onde cintila a face luminosa de um espelho de toucador. Vem lá de dentro um aroma suave e penetrante.

Olga considera tudo isto com fisionomia sombria, carregada, e atira-se depois no sofá, enterrando o rosto nas almofadas que o guardam. Feio traste, esse velho sofá, pesado, antigo; mas foi ali que trocou o primeiro beijo com seu amante, e um mundo de ideias lhe acorda na mente ao contato dessa fresca palhinha, apresentando-lhe nitidamente a causa da surda e confusa angústia que trabalha dentro da sua alma indecisa.

É aquele homem, daquele ente estremecido, que agora mesmo se afastou dos seus braços, impregnado do recente sabor das suas carícias – é dele que provém tão viva tortura íntima. Por mais que ela faça e o envolva numa rede cetinosa de infinita e meiga ternura, não tem a convicção de possuí-lo.

“És meu?”, pergunta-lhe no alvoroço da chegada a um *rendez-vous*⁵ ardentemente esperado, ao despertar de um longo enlace ou na doçura de lenta despedida...

E ele jamais responde, ou graceja, ou ilude a interrogação direta. É contraditório, frio, egoísta. Nunca tem uma espontaneidade, uma lembrança carinhosa, um desejo dela e dos seus afagos, da sua afeição *primesautière*,⁶ sempre nova, fértil em manifestações variadas, engenhosa na arte de agradar, cheia de vida e calor. Deixa-se amar. É uma natureza de ferro.

Quantas vezes o vê traçando sossegadamente a capa espanhola no ato de partir, abotoando as luvas, compondo o chapéu, indiferente, sem um olhar para a sua ansiedade, que ali palpita fortemente ao lado, na incerteza da data em que ele tornará a vir!...

Uma palavra bastaria para acabar com o seu tormento. Marcasse ele um prazo, fixasse um dia... Mas não! apartava-se em silêncio, como ainda nessa noite, julgando tê-la indenizado da sua reserva com as banalidades amáveis de um adeus polido; e lá seguia pela escuridão, pisando firme, calmo, bem equilibrado, a pensar na sua vida,

⁵ Em francês no original: encontro combinado com antecedência.

⁶ Em francês no original: espontânea.

enquanto ela voltava para dentro desse cenário de amor ainda quente da sua presença, respirando as emanções do seu hálito e do seu cigarro, cujas pontas úmidas mordicava às vezes numa fúria de paixão fremente, dolorosa, insaciada sempre.

Oh! aquele homem! Que maldição havê-lo amado! Tinha-lhe raiva, agora que o conhecia bem. Quisera sacudi-lo, estrangulá-lo, senti-lo a gemer de aflição aos seus pés. Por que, afinal, todo esse desencontro? Não era ela, porventura, bonita, desejável, inteligente, sabendo empregar os múltiplos recursos de um espírito atilado para o distrair e entreter?

Quantas admirações acompanhavam entretanto o ritmo dos seus passos femininos! Escreviam-lhe cartas incendiárias, incensavam-na com a homenagem de corações verdadeiramente rendidos, e só ele, o ingrato!, mostrava não perceber que ela era digna de muito mais do que esse afeto morno e sem entusiasmo, que lhe ia dispensando assim com ares de condescendência... Oh! deveras isto começava a ser inaturável! Nasciam-lhe até dúvidas cruéis a respeito do seu valor, do seu prestígio de mulher. E Olga ergueu-se com uma espécie de rugido, agarrou na lâmpada e foi pousá-la no mármore da *toilette*.⁷ Rasgando então o *peignoir*,⁸ abrindo a camisa de *baptiste*⁹ cor-de-rosa, atenta, curvada, examinou-se vagarosamente ao espelho, com uns olhos dilatados de cólera e ansiedade.

Que mais podia exigir aquele homem, Deus bom, Deus tolerante?!...

Não, decididamente ela merecia mais do que essa ligação injuriosa, feita de tanta paixão do seu lado e só de complacência humilhante da parte dele. O seu orgulho sangrava e reagia. Queria ser amada. E uma resolução violenta impôs-se à sua alma, friamente, implacavelmente. Ia deixá-lo e havia de gostar de outro e ostentar a adoração desse outro e aparecer-lhe radiosa, feliz, esquecida das

⁷ Em francês no original: toilette. No caso, significa o toucador ou a penteadeira onde alguém se arruma.

⁸ Em francês no original: peignoir. Tipo de robe leve para usar em casa.

⁹ Em francês no original: batista. Tecido de cambraia de linho ou algodão, fino e transparente, com ligamento tela.

misérias presentes. Uma sensação de imenso alívio desafogou-lhe o peito. Correu para a mesa, sentou-se e escreveu:

“Meu amigo.

“Não me contentando com a sua maneira de amar-me, nem tendo também o direito de reclamar de você mais do que me dá, suponho conveniente fecharmos aqui o último capítulo do nosso romance.

“É, pois, um adeus para sempre que lhe venho dizer...”

Aqui Olga suspendeu a pena e ficou-se, meditativa, embebedando a vista na fotografia que lhe fazia frente em sua moldura de cristal facetado – uma cabeça de homem de feições um tanto duras, mas bela pela expressão máscula e inspirada do olhar.

– Minha Nossa Senhora!... – balbuciou, ofegante... E, machucando repentinamente a página escrita, começou uma segunda carta:

“Roberto. Estou bastante descoroçada. Há tamanha discordância no nosso modo de entendermos o amor, que nunca poderás simpatizar com as minhas aspirações. Sofro, todavia, e talvez fosse conveniente que eu tivesse a coragem da minha situação. Quero, enfim, ser amada quanto amo.

“Pensa nisto e responde-me.”

Desta vez Olga pareceu satisfeita. Fechou a epístola e foi sacudir a velha preta que dormia regaladamente na alcova do fundo e cujo acordar estremunhado foi uma série de protestos inarticulados contra a invasão do seu cubículo em hora tão extraordinária.

– Ouça, Isabel! – repetia, entretanto, Olga com voz irritada. – Você levanta-se bem cedo e vai levar este bilhete ao sr. Roberto, entende? E pede a resposta, não se esqueça...

Veio então deitar-se, prostrada pela fadiga, mas contente com a sua energia. Enfim!... Eis, porém, que, ao se ajeitar no leito, sentiu Olga exalar-se dos travesseiros um perfume sutil que a fez estremecer, inquieta, como à aproximação de um perigo. Afastou o rosto, mas a misteriosa fragrância continuava a desprender-se das alvas fronhas como o sopro divino de um paraíso tentador, cujos eflúvios lhe penetrassem no sangue adormecendo-lhe a força, exaurindo-lhe a

coragem. Teve medo, quis fugir e, pelo contrário, colou a face nas fo-fas almofadas e entrou a sorver delirantemente esse veneno, que lhe dissolvia a vontade e as resistências – afogada a última rebeldia numa crise de lágrimas e soluços.

“Como abrir mão desse pouco que ele me concede”, pensava ela agora, “mas que ainda assim representa a minha única felicidade?... Que me importa a paixão dos outros?...”

E a sua memória evocava uma a uma todas as raras alegrias do seu triste amor, reconstruindo episódios, revivendo ilusões, forçando por esquecer todas as dolorosas expectativas e deprimentes humilhações, para se agarrar à ideia de que era injusta e exagerada na sua ânsia por mais do que tinha. Entrou a imaginar o que poderia fazer para lhe causar uma agradável surpresa, para o cativar e enternecer. Oh! como o amava! Mas também que olhos, os desse Roberto! Olga os via ali, na obscuridade do quarto, brilhando, entontecendo-a, fascinando-a, grandes, largos, cor de brasa e cor da noite, a nadarem num fluido voluptuoso quando amortecidos por uma expressão de ternura, ou fulgurantes e metálicos nos momentos de cólera.

Havia poucos dias ainda que ele a olhara de certo modo, na rua, com a pupila umedecida como um cetim negro reluzente, e ela tremera toda, com um desejo agudo de o apertar contra o seio.

Saltou da cama exasperada, nervosa, vencida; e, apesar da hora tardia, acendeu ainda a lâmpada e foi escrever estas linhas, tão febril que nem sentia o frio lhe morder os ombros nus:

“Meu amor, meu tudo!

“Preciso falar-te com a máxima urgência. Esqueci-me hoje de dizer-te uma coisa importante e suplico-te que me procures terça-feira sem falta. Vem! Estarei à tua espera, sofregamente, ansiosamente. Adoro-te. Morro por ti, sabes? Até breve.”

Penetrou novamente no cubículo da negra e substituiu a primeira carta, que tirou debaixo do travesseiro dela, pela que acabava de trazer; e ia enfim retirar-se, quando parou, irresoluta, com o semblante a exprimir perplexidade... “Ora adeus!”, murmurou... E subtraiu também a segunda missiva, que levou consigo. Estava decidida a ir ela própria, em pessoa, esperá-lo no dia seguinte, como a

passar casualmente, no caminho que ele tomava sempre ao sair de casa. E a certeza de vê-lo, embora de relance, inundou-a de tamanha alegria, que os seus nervos serenaram, sob uma súbita impressão de apaziguamento moral, muito doce, muito grato... Já deitada, porém, olhos cerrados, a deslizar no sono, Olga ia repetindo mentalmente esta adorável poesia do *Intermezzo*, de Heine:¹⁰

“Ó belo esfinge, amor! Por que misturas dores tão mortais a todas as venturas!”

¹⁰ Heinrich Heine (1797-1856), poeta e jornalista alemão. O livro referido é intitulado *Tragédias com um intermezzo lírico* e foi publicado em 1823.



HISTÓRIAS DE CADA DIA

A mulher do conselheiro Sanches entrou precipitadamente de chapéu e luvas, correu à janela e leu com avidez, voltada para fora, um bilhete que sacou do seio.

“Minha boa Leonor. Espero-te amanhã sem falta em nosso ninho, à 1 hora da tarde. Tenho coisas graves para te dizer. Teu C.”

Rasgou o papelito em mil pedaços, que atirou ao vento, e foi despir-se. Tinha chegado da rua do Ouvidor,¹ onde o Celso Gondim, seu amante desde oito meses, lhe havia passado esse bilhete num aperto de mão à porta do Garnier,² e uma curiosidade ardente a devorava, pondo-lhe uma chama no rosto.

Quando desceu mais tarde com a sua *matinée*³ de *surah*⁴ e rendas, na opulência frescalhona de uns 36 anos bem conservados, encontrou o marido, as filhas e o genro já na sala de jantar, reunidos, conversando com o ar aborrecido de quem tem fome.

Sentaram-se à mesa, o criado serviu a sopa e, logo às primeiras colheradas, o genro, advogado sem causas, magrito e nervoso, que vivia à custa dos sogros, soltou uma novidade.

– Então, já sabiam?... Um fato inaudito! O Celso, celibatário incorrigível! o Celso, conquistador de fama! o Celso, boêmio inveterado... – E fez uma pausa, para gozar o efeito das suas palavras, sem

¹ Logradouro localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Liga o largo de São Francisco à orla Conde.

² Garnier foi uma livraria e editora localizada no Rio de Janeiro. Esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934. Em 1878, estabeleceu-se à rua do Ouvidor.

³ Em francês no original: penhoar. Espécie de roupão usado em casa.

⁴ Tipo de tecido de seda leve, cujo nome se refere à cidade de Surate, na Índia, conhecida pela produção têxtil.

notar que a sogra parara de comer e o traspassava com um longo olhar, fixo e inquisitorial.

– Pois, senhores – continuou o advogado –, o Celso vai casar...
– Mas estremeceu, sentindo que a mulher lhe pisava o pé com força debaixo da mesa, e susteve-se, atrapalhado, a gaguejar tolamente, dizendo que, de resto, talvez fosse uma invenção.

Aquela corja da rua do Ouvidor levava a mentir, a mentir... Assim, essa outra história da filha do Raposo... Que petta! E desatou numa risada sem eco, enquanto D. Leonor, agora muito pálida, tomava nervosamente as suas últimas colheres de sopa, tão trêmula, que fios de macarrão escorriam sobre a toalha imaculada.

O conselheiro Sanches não prestara atenção ao incidente, entretido a esmagar pimentas no molho do peixe, absorto, o beijo pendente; mas as filhas resvalavam a cada instante para a mãe olhadelas curiosas, logo desviadas.

Enfim terminou o jantar e pôde D. Leonor ir respirar à janela da sala de visitas, fitando maquinalmente o lampião de gás fronteiro, que iluminava uma rótula, onde tomava fresco alentada mulata. E esse vulto corpulento esborrachado naquele peitoril evocava-lhe justamente a lembrança de certas saídas palpitantes, em que seu rosto se embelezava aos reflexos de uma viva alegria íntima, traída em qualquer coisa de aparente que fazia a criatura rosnar lá do seu canto, invejosa e sarcástica:

– Hoje é dia... Lá vai ela no trinque... Uma mãe de filhos!...

Que lhe importava isso e mais que fosse?!... Lá ia mesmo, feliz, radiosa e triunfante. Os braços robustos e carinhosos do seu querido Celso a esperavam no misterioso refúgio que só ela conhecia, e tudo o mais lhe era indiferente.

Entretanto, desde algum tempo, ele a chamava menos vezes; achava-o em certos dias um pouco distraído, mais frio nas suas carícias, como enleado e tímido; e finalmente aquele bilhete da rua do Ouvidor, coincidindo com a novidade trazida pelo Egas, marido da filha, causava-lhe uma ansiedade horrível. Que haveria, Senhor Deus?! Seria mesmo possível que o Celso pensasse em casar e deixá-la?!...

Chegavam, porém, visitas – o maçante comendador Louzada com a mulher, muito asmática, sempre a tossir e escarrar, e toda a noite D. Leonor teve de remoer em silêncio a sua angústia, conversando, mandando a filha solteira tocar piano, rindo das graças estafadas do marido, que ela ouvia desde vinte anos.

No dia seguinte, enfim, pôde evadir-se da sua prisão doméstica à 1 hora da tarde.

Que belo sol! Como o céu parecia largo e azul! Bem apertada numa *toilette*⁵ azul-marinho, mil *berloques*⁶ suspensas da corrente do relógio reluzindo à luz, um véu branco amaciando-lhe a tez do rosto, e sacudida a alma pela esperança dos beijos próximos, D. Leonor tomou o *bond*,⁷ apeou-se, desceu à rua, entrou no sobradinho dos *rendez-vous*,⁸ como num sonho. Mal, porém, viu o Celso no limiar do quarto, sentiu um grande frio gelar-lhe a medula e estacou... É que o acolhimento fora tão diverso do das outras vezes! De ordinário era logo agarrada por aqueles braços sedentos do seu corpo e via-se puxada por eles para dentro da alcova, enquanto uns lábios ardentes colavam-lhe à sua boca, mesmo por cima do véu... E vinham exclamações, perguntas, protestos, queixas, toda a música habitual do amor. A essa hora, não, o Celso não lhe dirigia um gesto, não lhe dizia uma palavra. Limitara-se a abrir a porta e, pálido, triste, assistia silenciosamente à sua entrada.

– Oh! Celso... – gritou ela por fim – que quer dizer isto!...

E atirou-se com violência sobre o seu peito. Mas ele a repeliu brandamente e sentou-a no divã ao seu lado, rogando-lhe que o es-

⁵ Em francês no original: toilette. No caso, significa vestimenta.

⁶ Na língua francesa, é grafado *breloque* ou *berloque* e é substantivo feminino. Em português, também existem as duas grafias, mas é substantivo masculino. Significa um enfeite de pouco valor, geralmente pendurado na correia da pulseira ou do relógio.

⁷ Em inglês no original: bonde. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferrocarris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad, após assumir a concessão, confeccionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferrocarril. A população deu ao veículo o nome de bonde, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica.

⁸ Em francês no original: rencontres marcados com antecedência.

cutasse. E logo, sem transições, pôs-se a falar. Que acontecera uma coisa horrível...

Era uma confissão penosíssima que tinha a fazer-lhe, um segredo que lhe ia confiar; e ela própria, que tanto o tinha amado, havia de apiedar-se dele. Um dia da última semana, sozinho em casa dos tios com a prima, uma menina de 16 anos, turbulenta e endiabrada, que levava a provocá-lo e a dar-lhe beijos como se fossem crianças, perdera a cabeça e...

Deteve-se, suspirando; mas D. Leonor, ofegante, o rosto em fogo, insistiu ansiosamente:

– Mas o que, Celso?!... Conta... Eu não compreendo...

Ele teve um gesto largo; depois, num tom desanimado, balbuciou:

– Pois, minha amiga, é bem fácil compreender. Eu desonrei uma moça solteira, que ainda por cima é filha do irmão de meu pai, que respeito e venero. Sou obrigado a reparar quanto antes meu crime. E caso-me daqui a oito dias.

– Celso! – bradou D. Leonor. – Dize-me que isso é mentira! Dize-me, Celso, dize-me...

Ele fez apenas um movimento de impaciência e ficou calado, uma ruga entre as sobrancelhas, o olhar fito numa flor do tapete. D. Leonor então vergou os joelhos, caiu-lhe aos pés e abraçou-se com ele, sacudida por um grande choro. “Celso!”... repetia de quando em quando... E gritos suplicantes fugiam-lhe dos lábios para que ele não a deixasse, não a deixasse, não a deixasse. Que horrível história era essa?!... Deveras, então, por causa de uma prima, de uma doida que se entregava assim a um rapaz sem dizer *água vai!*,⁹ tudo ia acabar para ela, que lhe tinha dado um amor tão completo e tão profundo? Não; era impossível... Ela morreria de dor... E lágrimas a fio inundavam-lhe a face convulsionada, erguida para o amante. De repente gritou: “De resto, quem sabe? tudo isso é talvez uma mentira, um pretexto para tu romperes...”. E levantou-se de um salto, os olhos chamejan-

⁹ Sem dar aviso. Expressão originada da interjeição “água vai!”, usada para avisar os transeuntes de que águas e dejetos iam ser lançados à rua.

tes, seca, enregelada, e foi compor os cabelos e o chapéu ao espelho. Aquele homem sentado ali no divã, impassível, frio, sem uma palavra que respondesse à sua agonia, começava a inspirar-lhe uma sensação atroz de constrangimento e de humilhação. Uma cólera violenta subia-lhe agora ao cérebro. Tinha vontade de bater-lhe e de injuriá-lo.

E, sem um adeus, sem se voltar para trás, correu em direção à porta. Ele, porém, se interpôs, prendendo-a pela manga, e meigamente, com a fisionomia banhada de ternura, pediu-lhe num tom de amigo que não se fosse zangada, que lhe perdoasse e nunca esquecesse os momentos felizes que tinham gozado juntos.

Argumentos razoáveis, serenos, saíam-lhe da boca vermelha e fresca; e ela, que o contemplava, abalada, notou-lhe ainda uma vez a beleza máscula do bigode negro e bem tratado, e sentiu o seu perfume habitual, que a inebriava... A sua angústia redobrou. Tudo aquilo ia ser para a outra, com quem ele já a enganara, para a outra, bem nova, bem verde, bem excitante... Para ela, só o abandono, o declínio, as rabugices e o cheiro a rapé do conselheiro Sanches. E que se consolasse... E que não esquecesse... Patife!... Veio-lhe um furor imenso, deu um repelão aos dedos que a seguravam e saiu como louca pelas ruas.

E agora o jantar do conselheiro Sanches segue o seu curso monótono e invariável, presidido à cabeceira da mesa por D. Leonor, de *matinée* de *surah* e rendas, um pouco pálida essa tarde, mas com os modos de sempre. O conselheiro, porém, suspende bruscamente uma garfada de camarões que ia levar à boca, pousa o olhar baço sobre a mulher e anuncia lentamente: “É verdade, esquecia-me dizer-lhe... O barão de Monteverde foi hoje ao Tesouro participar-me o casamento da filha mais moça com o Celso Gondim. Parece que foi namoro de primos... Gostavam-se desde pequenos...”. E teve um sorriso bonacheirão, rouquenho e vagaroso.

– Você já sabia? – perguntou, dirigindo-se outra vez à mulher.

– Não! – respondeu ela secamente.

Então o genro, lá do seu lugar, esticando o magro pescoço de parasita entre os colarinhos duros, voltou para D. Leonor um olhar triunfante e exclamou, aparvalhado e risonho:

– Pois eu ontem não lhe comuniquei essa novidade?

As filhas relancearam para a mãe os olhos curiosos, mas ela conservou-se impassível.

E o jantar continuou sereno e calmo, como todos os dias.



VICISSITUDES DE UM ARTISTA

O *Cambado* é tenor, foi aplaudido, *bisado*, coroado, mereceu até um alfinete de gravata oferecido pelo rei de Itália.

Isto ele conta pelas ruas, pois não passa de um pobre diabo medido numa sobrecasaca de grande roda, toda ensebada e ruça, sem colarinho nem punhos, os grossos pés arrastando uns sapatos tão velhos e cambados, que deles lhe proveio a alcunha pela qual é conhecido.

“Olha! olha o *Cambado*!... Lá vai o *Cambado*!”, gritam os moleques, quando ele passa. E o desventurado tenor para, volta-se a meio, cruzando os braços numa atitude a Napoleão I,¹ e do fundo da sua imunda sobrecasaca fulmina a garotada com interminável discurso numa algaravia italiana e portuguesa, quase incompreensível.

Ele não é o *Cambado*: é o grande tenor Girolamo Marini, que em Milão² obteve tantos sucessos nos *Huguenotes*,³ no *Ricardo Coração de Leão*,⁴ em tantas outras óperas que lhe deram celebridade. É uma glória nacional do seu país!...

A molecagem ri, e ele acaba por continuar seu caminho desde-nhosamente, soberbo, arrogante, mastigando a palavra *Canaglia*!⁵ sob o seu espesso bigode negro, o largo carão vermelho e todo cortado

¹ Napoleão (1769-1821) foi um estadista e líder militar francês que ganhou destaque durante a Revolução Francesa e liderou campanhas militares durante as Guerras Revolucionárias Francesas. Foi imperador dos franceses como Napoleão I de 1804 a 1814 e brevemente em 1815.

² Comuna italiana, capital da região da Lombardia, província de Milão.

³ *Les Huguenots* é uma ópera do compositor alemão Giacomo Meyerbeer. Estreou em Paris em 1836.

⁴ *Richard Cœur-de-lion* é uma ópera do compositor belga André Grétry. Foi apresentada pela primeira vez em Paris, em 1784.

⁵ Em italiano no original: canalha, malandro.

de rugas finas reluzindo de álcool à sombra de um chapéu que já foi preto, hoje rasgado nas bordas, cor de terra, muito sujo, mas trazido meio de lado sobre a áspera cabeleira crescida, com o desprazo de um mosqueteiro.

O *Cambado* viu-se um dia abordado na rua por um moço alto e louro, que o cumprimentou e pediu para lhe falar. Grande surpresa para o pobre tenor liquidado, a quem ninguém mais falava senão para o escarnecer. Um pouco desconfiado, mas enfim sempre majestoso, uniu os dois calcanhares rotos, curvou-se todo numa pomposa saudação teatral e convidou o moço para entrar no próximo botequim, pois não dispunha de outra sala para o receber...

O gesto largo da sua mão suja, espalmada, e o sorriso amável, que descobriu seus dentes amarelos, pareciam pedir desculpas dessa liberdade. Mas o outro acedeu prontamente. E meia hora depois viram todos com espanto o *Cambado* sair a correr e a gesticular do botequim, brandindo o guarda-sol esfarrapado, chapéu para a nuca, todo o enorme corpo sacudido dentro da sebossa sobrecasaca de muita roda, cujos panos dançavam, voavam, torciam-se como as roupas de uma serpentina.

“Pega o *Cambado*! Pega o maluco!...”, rompeu a garotada a berrear, e dispararam todos atrás do tenor, num alarido, enquanto ele parecia ter asas e corria sempre na frente.

Que importava ao *Signore*⁶ *Girolamo Marini*, ilustre cantor do teatro *Scala*,⁷ de Milão, toda a troça da molecagem? Ia radioso, transportado de alegria triunfante... O caso é que o moço louro tinha vindo organizar um concerto naquela cidade, e a repentina moléstia de dois artistas o colocara imprevistamente na maior dificuldade.

Informado então da existência desse tenor vagabundo, obtivera que lho mostrassem e, depois de um certo exame do que ele talvez pudesse cantar, arriscara-se a contratá-lo para a noite seguinte, à razão de cinquenta mil réis.

⁶ Em italiano no original: senhor.

⁷ Uma das mais famosas casas de ópera do mundo.

E o pobre diabo ia pulando de contente pela rua... Aquilo representava um par de sapatos, para que o não chamassem mais de *Cambado*; e aquilo era sobretudo o triunfo, que o levantaria enfim à sua antiga posição de artista consagrado.

E, enfunando o grosso peito, o tenor entrou pelo desconjuntado sobradinho onde morava, berrando já os primeiros compassos da ária *Celeste Aida*,⁸ em que se exibiria no tal concerto.

Uma mulher descarnada e trigueira veio ao seu encontro, coberta de andrajos, precipitada e furiosa, um dedo nos lábios. Que se passou mais?

À hora do ensaio, porém, o moço louro, que era um pianista distinto, viu chegar o tenor, cabisbaixo, abatido, braços pendentes... Já assustado, perguntou-lhe o que havia...

– *Signore mio*⁹ – respondeu o *Cambado* –, minha mulher não quer que *io*¹⁰ cante, porque não *tengo*¹¹ roupa... Muito sujo, *signore!* muito pobre!

O pianista disfarçou um sorriso, meteu a mão no bolso... Mas o outro, ainda encolhido, tornou a protestar tristemente. Havia outra coisa mais, outra coisa... Ah! os artistas célebres nunca se deveriam casar... “*Uno*¹² trambolho, uma *sposa!*...¹³”, acabou Girolamo Marini por gritar, de olhos injetados e dando murros no peito.

De repente agarrou no dinheiro oferecido pelo moço louro e disparou pela escada.

“E o ensaio?!... quem sabe lá o que aquele idiota vai cantar?!...”, romperam todos a dizer em torno do pianista, inquietos, aflitos pelo êxito do concerto. Ele sacudiu os ombros. Estava cansado e com a paciência exaurida... Não lhe falassem mais em nada, em nada... O concerto por força tinha de realizar-se, nem que ele houvesse de en-

⁸ Romança da ópera *Aida*, do compositor italiano Giuseppe Verdi (1813-1901).

⁹ Em italiano no original: meu senhor.

¹⁰ Em italiano no original: eu.

¹¹ Em italiano no original: tenho.

¹² Em italiano no original: um.

¹³ Em italiano no original: esposa.

cher todos os números do programa com o seu piano. E o ensaio teve lugar só com os artistas presentes.

Na noite do concerto, a sala da Filarmônica¹⁴ da localidade resplandecia de luzes, entre sanefas vermelhas e bandeirolas nacionais.

Os espectadores, em círculo, tinham na sua frente um alto estrado com duas escadinhas para trás, conduzindo à saleta dos artistas; e um longo piano de cauda ocupava todo um flanco do estrado, tampo solenemente escancarado, enquanto duas estantes para violino e violoncelo guarneciam o lado oposto, diante de duas cadeiras. Os leques arfavam na vasta sala quente; sentia-se um cheiro morno de perfumes e de suor; e os primeiros acordes da peça concertante, piano, rabeça e violoncelo, foram recebidos com inexprimível satisfação. Enfim! aquilo começava.

Nos bastidores, entretanto, reinava a incerteza. O tenor arranjado às pressas não aparecia; e, mesmo se aparecesse, como podia ele cantar sem ter ensaiado? Repentinamente – *tableau!*...¹⁵ Girolamo Marini acabava de surgir na saleta dos artistas, transformado, esplêndido, de casaca e gravata branca, barba feita, sapatos finos e até luvas na mão.

Parecia outro homem; estava imponente, cheio de majestade... E houve um assombro! O *Cambado* naquele traje!... Todos os olhos o devoravam... E ele se deixava contemplar, sereno, cômico da sua grandeza.

Notava-se apenas que perdera a cor avermelhada do rosto avinhado: estava pálido, mas pálido como cera... Até ficara distinto o diabo do homem! E, já mais confiantes, empurraram-no para o tablado, quando chegou a vez da *Celeste Aida* para tenor.

O pianista ajeitou-se no seu banco, principiou, e o *Cambado*, avançando para a frente, o rolo de música entre os dedos grossos, peito enfunado, olhos em alvo, abriu a boca para atacar *pianissimo*¹⁶

¹⁴ Agremiação ou sociedade musical.

¹⁵ Cena escandalosa (que lembra uma apresentação teatral), confusão, rolo.

¹⁶ Com muito pouca sonoridade; suavemente.

as primeiras notas. Nesse instante, uma risada esfuziou no fundo da sala, seguida de outra, de outra, de outra...

A palavra *Cambado* vibrou no ar e a hilaridade rompeu, propagando-se de cadeira em cadeira, irreprimível, comunicativa. Todos agora torciam-se; senhoras debalde tentavam abafar as gargalhadas com o lenço. Foi quando no meio de todo esse riso doido – imóvel e furioso o pianista junto ao seu instrumento, imobilizado também o cantor na soberba atitude de um Napoleão revoltado – ouviu-se fora uma gritaria e apareceu no estrado, surgindo dos bastidores, uma mulher magra e desgrenhada, toda andrajosa, que parecia fora de si e trazia nos braços uma criança. Apostrofando tragicamente o cantor, que, ao vê-la, enterrara o rosto nas mãos, ela berrava:

“*Canaglia, mici signori!...*”¹⁷ Roubou *tutti miei*¹⁸ economias para comprar essas roupas, essas luvas e esses sapatos. *Il bambinu malato di miseria é morto oggi*;¹⁹ e *il bandito*²⁰ fugiu para *venir*²¹ cantar sem tratar do enterro de *su figlio*.²² *Canaglia!...*”. E, descobrindo brutalmente o pequeno cadáver lívido que tinha contra o seio, atirou com ele sobre o pobre *Cambado*, que fez um gesto teatral de horror, braços para o céu, e desapareceu, correndo, pelos fundos do tablado.

Era impossível continuar o concerto em tais condições, com um cadáver em cena.

O público de resto já evacuava a sala, transido de emoção nervosa, mulheres chorando, impressionados todos com o fato imprevisto.

E desde essa noite o tenor não só vive sendo objeto da antiga troça, metido na velha sobrecasaca sebosa, de muita roda, como passou até a provocar as iras do povo, que o chama de *parricida*, *ladrão*, e quer muitas vezes dar-lhe pancada.

¹⁷ Em italiano no original: Canalha, meus senhores!

¹⁸ Em italiano no original: todas as minhas.

¹⁹ Em italiano no original: A criança doente com a miséria morreu hoje.

²⁰ Em italiano no original: o bandido.

²¹ Em italiano no original: vir.

²² Em italiano no original: seu filho.

Assim vai acabando o célebre tenor Girolamo Marini, do teatro Scala, de Milão, outrora aplaudido, *bisado*, coroado e que até mereceu um alfinete de gravata oferecido pelo rei de Itália!...

*Sic transit gloria mundi.*²³

²³ Expressão latina que significa “assim transita a glória do mundo”, “toda glória do mundo é transitória”.



SUA MAJESTADE O DINHEIRO

A noite estava quente, com um céu escuro e triste de trovoadas, e caíam alguns pingos grossos de chuva, quando a baronesa de Rialvo se apeou de um *bond*¹ à esquina da rua Larga de S. Joaquim,² dobrou para a rua do Costa³ e meteu-se pelo corredor estreito de um sobradinho de duas janelas de peitoril, cuja escada carcomida esbarrava numa cancela de pau trancada à chave.

A baronesa puxou o cordão gorduroso de uma campainha que pendia para fora e ficou esperando no último degrau, encostada ao corrimão, a respirar com dificuldade, como se lhe faltasse o fôlego. Um morticho lampião de querosene pregado à parede alumiaava fracamente o patamar, e a casa lá dentro parecia morta, imersa em trevas.

Ao segundo taque⁴ da campainha, mais nervoso, uma voz grossa resmungou no interior do prédio, outra mais baixa respondeu, soaram passos lentos e trêmulos e surgiu o vulto de uma velha gorda e trôpega, com uma vela de sebo na mão, que se pôs a espreitar por entre as grades da cancela.

– O Sr. Mendes está?... – perguntou a baronesa num tom sumido, como assustado...

¹ Em inglês no original: bonde. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferrocarris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad, após assumir a concessão, confeccionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferrocarril. A população deu ao veículo o nome de bonde, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica.

² Atualmente avenida Marechal Floriano, também conhecida como rua Larga; é um logradouro situado entre o morro da Conceição e a avenida Presidente Vargas, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

³ Atualmente rua Alexandre Mackenzie, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

⁴ Conforme o original.

– Está, sim – respondeu a velha, fechando o carão entumescido por uma banha mole, que tremia. – Está, mas não lhe fala, que isto não são horas de se vir incomodar um cristão, que está quieto na sua casa.

Falava com um forte sotaque português, abanando com a cabeça, e já dando volta ao enorme corpo, como para se ir embora.

– Eu lhe peço, vá dizer ao Sr. Mendes que preciso muito lhe falar... É só um instante...

E a baronesa ergueu para a velha uns olhos suplicantes, em que brilhavam lágrimas sob o véu de salpicos pretos.

– Olha que espiga!⁵ Pois já não me ouviu declarar-lhe que isto não é mais hora para tratar de negócios? Volte a senhora de dia, que então falará com meu genro... Quem sabe se ele é seu criado?...

– Eu sei que a ocasião é imprópria – insistiu a baronesa com voz dolorosa –, mas preciso tanto entender-me já com ele!... Oh! D. Vicência, não seja má... Em nome de sua filha que morreu, rogo-lhe que me deixe entrar e vá chamá-lo, sim?...

– Cruzes!... T’arrenego!⁶ Eu abro, criatura... Mas a senhora tem coisas!... Vir incomodar a esta hora um pobre homem que leva os dias a ganhar o pão com o seu suor!...

– Com o suor dos outros!... – murmurou a baronesa, levantando o véu para enxugar o rosto úmido de angústia; e foi acompanhando a velha, que abrira enfim a cancela e a conduzia para a sala de visitas – um aposento lóbrego, cheirando mal, onde só existiam duas ou três cadeiras, um velho sofá e uma pesada secretária, coberta de papéis e de grandes livros com aspecto comercial. Depois de fincar a vela em uma garrafa colocada sobre a secretária, D. Vicência verificou se as gavetas estavam bem fechadas e caminhou para a porta, com um olhar desconfiado para a baronesa, sumindo-se, vagarosa e disforme, na escuridão do corredor.

E os minutos foram correndo, a visitante como hipnotizada pelo clarão fosforescente das pupilas de um gato que cochilava numa cadeira próxima à sua, fitando-a de revés, até que ressoaram passa-

⁵ Algo enfadonho; maçada.

⁶ Interjeição: “Deus me livre!”, “Isola!”

das que se aproximavam e apareceu um indivíduo baixo, de olhos esbugalhados, arrastando chinelas de tapete, a face balofa e severa enquadrada numa barba já grisalha – que lhe estendeu com familiaridade carrancuda uma mão papuda de unhas sujas e começou logo a repreendê-la por ter vindo procurá-lo àquela hora.

– A Sra. baronesa sabe que eu não faço negócios à noite... Que ideia foi esta?

Tinha também o sotaque português carregado. A roupa, cheia de nódoas, exalava um cheiro nauseabundo. Mas a baronesa desculpava-se:

– Oh! Sr. Mendes, o senhor nem imagina!... Uma coisa grave... Só o senhor...

– Faça observar à Sra. baronesa que nada tenho a ver com os seus negócios. Aqui, só o meu interesse...

– Eu sei, eu sei... Mas se o senhor quiser... Olhe, é isto...

Sentou-se diante do português, junto à secretária, e, num tom ansioso, embora a fingir desembaraço, foi lhe explicando...

Precisava de certa quantia imediatamente... Oh! pouca coisa: trezentos mil réis... Tinha uma pessoa da família doente, a casa por pagar, e o proprietário ameaçava expulsá-la se, até o dia seguinte, à 1 hora da tarde, não lhe fosse entregue o aluguel devido. Correria a cidade toda, fora aos parentes e conhecidos, sem achar nada, e vinha ao Sr. Mendes, ao bom Sr. Mendes, que sem dúvida a serviria, não é verdade?

E os seus olhos se alargavam numa ansiedade muda, interrogando a fisionomia do usurário, que disse apenas:

– Vamos a ver. Depende. Quais as garantias?

Ela continuou com volubilidade nervosa, como impaciente por se libertar da expectativa torturante... Tinha um prédio que rendia 100\$ mensais e pedia ao Sr. Mendes que lhe adiantasse a importância de três meses, recebendo uma procuração para cobrar os aluguéis correspondentes. Trouxera já pronta a procuração... E sacou do bolso um papel, que o homem, depois de ajeitar no nariz um grosso *pince-*

-*nez*,⁷ pôs-se a ler devagar, uma, duas vezes; em seguida, com um riso insultante, jogando o papel sobre a secretária:

– Então, só isto?...

– Mas...

– E se a senhora morrer, que Deus tal não permita? Ainda é moça e bonita, lá isso é, mas a morte não escolhe, e o filho de meu pai é que não está para perder o seu rico dinheirinho...

– Mas... que falta, Sr. Mendes?...

– Ora adeus! então a senhora não sabe nada? De que lhe serviu aprender nos livros? Falta um título de dívida...

– Mas eu posso fazê-lo... Quer?... escrevo já, aqui mesmo...

– Não, senhora, que isto não é mais hora de um cristão fazer negócios. Eu já devia estar na cama. É voltar amanhã cedo.

– Oh! Sr. Mendes...

– Nada mais hoje. Já lhe disse.

– E os juros?...

– Cem mil réis. Não faço absolutamente transações com lucro menor...

– Oh! meu Deus!...

E a baronesa levantou-se, muito pálida.

– Mas só recebo então duzentos mil réis?

– Decerto que sim... E olhe que lhe faço ainda favor, pois negócios desta ordem nem me servem. Dinheiro não me falta...

E desatou a rir grosseiramente, escancarando uma gaveta repleta de maços de notas do banco até à boca.

A baronesa desceu a escada do sobradinho cambaleando, numa febre de indignação, quase desvairada. Na carteira só tinha alguns níqueis – único dinheiro que possuía para o mês inteiro; e como fazer? Como arranjar qualquer coisa, pois a vida material é implacável e não espera?... Subiu a rua Larga num passo precipitado, e dois indivíduos, que a cruzaram assim apressada e com as faces em fogo, dirigiram-

⁷ Em francês no original: *pincenê*. Modelo de óculos cuja estrutura é desprovida de hastes. A fixação é feita apenas sobre o nariz.

-lhe uma graça de mau gosto, que a pungiu como uma bofetada. Enganou-se de *bond*, metendo-se no do Rio Comprido,⁸ em vez de tomar o de S. Cristóvão,⁹ que levava à sua casa, e teve de apelar-se no meio da viagem, tonta, perturbada, revolvendo mentalmente o terrível problema – *que fazer?* –, para o qual não encontrava solução possível.

A caminhar assim, como em delírio, achou-se de repente numa zona toda iluminada, detida por um ajuntamento de povo em frente a um grande jardim cintilante de lanternas chinesas, que pontuavam de luzes multicores os tabuleiros de grama e as espessuras do arvoredos.

Carros chegavam e partiam com estalos de portinholas, despejando gente no limiar do alto portão de ferro, e ao fundo aparecia, como em deslumbrante apoteose, um palacete todo aberto para a noite, jorrando luz e sons festivos de orquestra por suas janelas e portas. “Que era aquilo?...” Um baile em casa do comendador Freitas Moraes, que chegou do sul. “Ah!”, fez ela com um súbito aperto de coração, lembrando-se... E tentou mais vigorosamente romper a onda dos curiosos que lhe impediam a passagem, aglomerados em torno de cada carruagem nova que estacava junto à calçada, nomeando pessoas, indagando o título dos personagens fardados, detalhando *toilettes*¹⁰ femininas com uma avidez lorpa. Mas um movimento se produziu, sentiu-se empurrada para a primeira fila, quase atropelada pelos animais de um belo *coupé*¹¹ que se abria; e um figurão que saltara de dentro afastou-a com o braço, dizendo rudemente:

– Espere, deixe passar a senhora... – enquanto um turbilhão de gaze envolvido em alva peliça pulou do estribo, roçando as suas finas rendas no vestido enlameado da baronesa, e seguiu com o marido,

⁸ Bairro que fica na zona central da cidade do Rio de Janeiro.

⁹ O Bairro Imperial de São Cristóvão é um tradicional bairro da zona central da cidade do Rio de Janeiro, onde está localizado o Palácio Imperial, posteriormente transformado em Museu Nacional.

¹⁰ Em francês no original: toilette. Neste caso, significa a roupa e os acessórios agrupados de forma a combinar para serem usados em certas ocasiões.

¹¹ Em francês no original: coupé. Carruagem fechada de tração animal de duas portas e geralmente de dois lugares, com um cocheiro num banco à frente.

deixando atrás de si um sulco de perfumes. “Muito *chic!*...”¹², gritou uma voz dentre o povo.

E a baronesa conseguiu enfim vencer o círculo apertado, distanciou-se do movimento, das luzes, da música, foi entrando pouco a pouco num trecho de rua sombria e silenciosa, onde só o coaxar das rãs no capim úmido das chácaras se misturava aos últimos sons abafados que ainda vinham da festa; e subitamente parou, agarrando-se ao gradil de ferro de um jardim adormecido e solitário. Tremia toda.

As forças lhe faltavam, sob a pressão atroz de um desalento, que a desarmava para qualquer luta, para mais um passo que fosse. Ah! não podia mais... Levantando o véu, enterrou o rosto nas mãos, desatou a chorar aos arrancos, com soluços roucos, sacudida toda pela pungente sensação da sua miséria, da sua fragilidade de mulher, do seu desamparo e da inutilidade de todo o esforço para reagir contra a corrente da adversidade.

E aí nessa calçada deserta, sentindo contra a face molhada a frialdade do gradil de ferro, tão impassível como um coração de homem quando presente a desgraça na criatura que o implora, aí, sozinha, abandonada, a dois passos de pessoas que riam e folgavam, ela, tão fina, tão delicada, outrora bafejada por todos os carinhos e por todas as elegâncias – ela abrangeu numa rápida e sinistra visão toda a hediondez do mundo e compreendeu-lhe o monstruoso egoísmo, a feroz falsidade, o corrompido e tenaz convencionalismo.

Tudo mentira! Tudo abjeção! Acabara de ver o palacete do comendador Freitas Moraes invadido por uma turba de aduladores. Respeitáveis matronas, velhos venerandos curvavam a espinha naquele instante em seus salões rutilantes.

Quem era ele, entretanto?

Um devasso e um ladrão, que roubara o Estado, que tivera de fugir para a Europa, que vivia amasiado havia longos anos com uma mulher casada, que tirara do marido e enchera de dinheiro. O retrato dele, a óleo, figurava nas paredes ao lado do dela, como se fossem casados; e viscondes e barões rendiam preito e homenagem à longa

¹² Em francês no original: *chique*.

mancebia, gratos ao bom *champagne*¹³ e às deliciosas iguarias que apareciam nas régias ceias de festas como a daquela noite. Tudo, pois, se resumia em ter dinheiro, em saber gastá-lo com proveito para os outros, ostentando-o sob todas as formas, fazendo-o tilintar à luz do sol ou ao clarão dos grandes lustres acesos. Moral, virtude, sofrimento, sinceridade, inteligência – um zero, uma palhinha no ar, um grão de areia, um átomo poeirento, uma vez que falta a base e o relevo do ouro... Então, para que lutar, uma vez que o resultado de cada esforço é sempre o desengano, é sempre a humilhação inútil?

E a baronesa recordou com uma súbita constrição no peito o retraimento dos parentes e amigos, apenas a viram arruinada, sobretudo a deserção gradual, tão dolorosa, do ente que mais a amara... Sim, a pobreza afasta, dissolve tudo...

Ficou imóvel, pensando, lembrando... Mas o tempo corria, precisava chegar à casa, arranjar dinheiro para comer, fazer qualquer coisa. O quê? nem sabia. Entrou a caminhar depressa, viu de fora luz na sua sala, subiu... E uma menina, que estudava escalas ao piano, atirou-se ao seu encontro, gritando: “Arranjou dinheiro, mamãe?...”. Ela não pôde responder, com um nó desagradável na garganta, e seguiu para o quarto, exausta de andar pelas ruas o dia inteiro, numa prostração completa de corpo e alma. Então, como num sonho, ouviu o ciciar das vozes de suas filhas na sala de jantar. Comentavam a inutilidade das tentativas maternas, lamentando a situação atroz que as oprimia, desenvolvendo planos, reformas de vida; mas pouco a pouco a confidência foi se elevando a um tom de disputa muito azeda, e a baronesa compreendeu que suas filhas e mais a sobrinha que morava em sua companhia discutiam o direito de ganhar vestidos novos, mal aparecesse algum dinheiro, achando que era em suma intolerável tanta penúria. E a inconsciência, a frivolidade das palavras pronunciadas em semelhante momento por aquelas bocas amadas feriram-na em plena alma como uma traição. Como?!... pois lutava e sofria tanto, para garantir a essas levianas um ninho cálido onde ainda encontrassem o conchego e a independência do lar, e elas, contudo, só pensavam no interesse pessoal, o mais mesquinho, que discute a *toilette*, sem uma

¹³ Em francês no original: champanhe.

expressão de simpatia pelas suas penas nem pelos seus sacrifícios?!... Não. Era demais. Teve vontade de expulsá-las, que fossem também lutar por aí como ela, esbarradas na inclemência da vida. Mas... depois?... Ficar abandonada na casa fria e deserta, sem mais um riso juvenil em torno do seu desalento, sem um laço de sangue, nem mais uma razão de existir?... E, afinal, que representavam essas pobres meninas senão a própria humanidade com todos os seus fatais instintos de crueldade e egoísmo?... O mundo era mesmo isto: eterna solidão para os que ainda se apegam a alguém; eterno engano e eterno desengano. Como único elo aparente das criaturas – só o ouro que deslumbra e fascina, que alimenta ilusões e satisfaz apetites. Para que serve um pai de família de paletó coçado, enxovalhado, sempre com os bolsos vazios e as contas por pagar? É um pobre diabo. Prestígio, autoridade, tudo se lhe esvai, muito embora seja ele o mais honrado dentre os pais que não têm cobre. Se ao contrário o chefe da casa é S. Exa. o banqueiro, que roubou e tem os seus cofres de ferro transbordantes de contos de réis, rodando pelas ruas numa vitória de preço, impudente e altaneiro, mulher e filhos o cercam de respeito e ternura. O próprio talento, chama sagrada, rutilante e bela, não ascende aos ares da fama sem o sopro fagueiro do deus ouro, que permite ao artista, ao poeta, ao literato aparecer bem encadernado numa roupa à moda aos olhos dos que lhe desejam contemplar o glorioso vulto.

E a baronesa de Rialvo curvou-se, vencida por tantas e tão dolorosas reflexões, baseadas na verdade.

Então, no silêncio da noite, seus olhos pesados de sono e cansaço viram levantar-se dentre as sombras do quarto uma figura enorme, colossal, de mãos dominadoras, espalmadas sobre o mundo, cujo riso sarcástico descobria moedas de ouro em lugar de dentes. Luminosos sequins, faiscantes dobrões, libras esterlinas, brilhantes, safiras, rubis constelavam o manto roçagante¹⁴ de púrpura, que lhe descia dos ombros, e na frente, prendendo a rútila¹⁵ cabeleira esparsa, assentava uma coroa de flamejantes florões salpicados de esmeraldas – emblema da realeza.

Era Sua Majestade o dinheiro, senhor do mundo!

¹⁴ Que roça no chão.

¹⁵ Brilhante.



EM VINTE E QUATRO HORAS

De passagem numa localidade próxima do Rio e só podendo partir pelo expresso do dia seguinte à tarde, achei-me ocioso, aborrecido, e fui perambular pelas ruas, depois do péssimo jantar servido em meu hotel. Os lampiões de querosene acendiam-se e pude ver logo à primeira esquina um grande cartaz pregado na parede, anunciando para essa noite uma representação extraordinária no novo *Circo Equestre Maggi, companhia italiana sem rival no mundo*, cujos artistas Peppo e Nunzio tinham deliciado a Europa inteira com os seus exercícios sobre cavalos em pelo, etc. Imediatamente decidi empregar a minha noite em admirar esses prodígios, que traziam da Europa tanta celebridade e ao mesmo tempo tão pouco dinheiro, pois vinham tentar fortuna naquele lugar distante e obscuro...

E fui comprar o meu bilhete, penetrei no casarão coberto de lona, onde já se agitava bastante gente, achei-me sentado na primeira cadeira de uma fila. Logo depois uma senhora pediu-me passagem com voz breve, um tanto estridente; e, como eu me erguesse polidamente, vi-a bem de frente, roçando-me com as saias de seda que farfalhavam forte e desprendiam um perfume ativo de jasmim. Tive um leve sobressalto ao encará-la.

Eu conhecia essa mulher... Mas conhecia perfeitamente... De onde? De quando? Impossível foi lembrar-me. Duas ou três vezes volvi para ela o meu olhar rápido e inquiridor, mas não consegui sacudir a inércia da minha memória. Ela, no entanto, agitava-se na cadeira, procurando boa posição, e dispunha o leque, o binóculo, tirando do bolso um lenço extraordinariamente cheiroso, que passava pelos beijos. Podia ter 41 a 42 anos. Era muito alta, esbelta e sinuosa;

o rosto moreno e já alterado nas suas linhas devia haver sido outrora de grande beleza.

Os olhos, muito pretos, ainda eram bonitos; a boca, de lábios grossos e sensuais, apresentava um buço bem pronunciado.

Num dos momentos em que eu assim a examinava disfarçadamente, apareceu um moço a pedir-me passagem, e a senhora fez-lhe logo lugar ao seu lado. Entraram a conversar, e verifiquei serem mãe e filho. Ela, contudo, não me parecera à primeira vista pessoa de sociedade, um pouco exibitiva e *tapageuse*,¹ demasiado perfumada para mulher de família. E todavia ali estava um filho a classificá-la. E eu a conhecia, mas muito, muito... Aqueles olhos... aquela boca... aquele ar do corpo... Diabo de memória!

O espetáculo agora ia começar; o recinto enchia-se, e vários homens, ao seguirem junto da fila da minha cadeira, voltavam-se para o filho da tal senhora com um afetuoso “*Boa noite, doutor!*”. Ele era, pois, doutor; gente de família, bem se via...

As sortes haviam principiado e seguiam seu curso: mulheres de roupa de meia cor de carne e calções, fazendo trabalhar enormes cavalos adestrados, ao som de uma música de pancadaria; meninas formando pirâmides de corpos e desabando lá de cima às cambalhotas pelo sujo tapete; palhaços com a clássica cartolinha inventada pelo Tony,² a dizerem graças asnáticas ao público, que se torcia de riso. E palmas, gritos infantis de alegria, aplausos – toda uma animação popular crescente.

Os dois artistas célebres Peppo e Nunzio só deviam ser exibidos na segunda parte, rezava o programa.

Então, na confusão do intervalo, tive a surpresa de descobrir a dois passos de mim uma cabeça conhecida – o Terêncio, meu antigo companheiro de escola.

Vivia, pois, naquela localidade?... Atirei-me a ele, chamei-o, sô-frego, e logo após o primeiro abraço vi-o levar a mão ao chapéu, di-

¹ Em francês no original: espalhafatoso, barulhento.

² Tony, tônia ou toni: palhaço de circo que faz papel de ingênuo; palhaço especializado em improvisações.

zendo, como os outros, ao filho da senhora que me ficava ao lado: “Boa noite, doutor!...”.

Sem mais querer saber como se achava o meu Terêncio por semelhantes bandas, perguntei-lhe rapidamente ao ouvido, ardendo em curiosidade:

– Quem é?...

– O Dr. Hermeto Cardoso, chegado fresco do Rio, formado em direito...

E acrescentou baixinho, piscando maliciosamente o olho na direção da minha vizinha:

– É filho da Arabela... Lembras-te?

Eu fitei-o, engasgado, aturdido, assombrado. Pois a Arabela?!...

Ah! bem me parecera que a reconhecia... Mas já o Terêncio me puxava dali para me contar tudo lá fora, na praça apinhada de grupos que tomavam ar, fumavam e palestravam, no descanso do intervalo. Moleques apregoavam balas e bolos de milho. Quitandeiras sentadas em banquinhos na rua tinham grandes lanternas acesas junto aos tabuleiros, alumando os doces e as cocadas. E eu ouvia o Terêncio num pasmo crescente, a evocar um passado de vinte e tantos anos atrás, quando o bigode ainda não me cobria de todo o lábio superior e a Arabela era a horizontal³ mais em vista, mais procurada e conhecida do Rio de Janeiro em peso. Quantas vezes eu estacara à beira de uma calçada, estático, absorto, olhando-a passar na sua vitória descoberta, atirada para um lado, desdenhosa, com umas *toilettes*⁴ fulgurantes de seda clara, azul e cor-de-rosa, que abriam sempre em quadrado sobre o peito!... Quantas! Ela era de um moreno de jambo, um tanto amulatado, e tinha um corpo fino de cobra; mas o colo parecia de mulher gorda, cheio de carne, sem uma reentrância nas clavículas.

Dáí os seus triunfos nos bailes carnavalescos, onde ostentava o soberbo contraste de uns ombros nus admiráveis de forma, emergindo de um corpete cuja cinta cabia entre os dedos formando co-

³ Prostituta.

⁴ Em francês no original: toailete. No caso, significa vestimentas.

lar. E que bacante! Bebia o *champagne*⁵ como um homem, dançava o *cancan*,⁶ fazia todas as loucuras com uma *verve* sensual endiabrada. Era a rainha de todos os cortejos dos *Fenianos*⁷ e outras sociedades do carnaval, aparecendo quase nua, encarapitada lá no alto dos tronos de papelão dourado, coroada de rosas, um cetro da Folia na mão... E o povo gritava, entusiasmado: “Viva a Arabela!...”. E batia palmas.

Pois, contava o Terêncio, um dia desaparecera, levada pelo vendaval de uma paixão por um *quidam*⁸ que ninguém conhecia e diziam estrangeiro. Esse sujeito comera-lhe o dinheiro, as joias, dera-lhe pancada e finalmente a abandonara em Campinas, desesperada e sem recursos. Foi aí que a encontrou o Cardoso, português rico, fornecedor de madeiras e dormentes ao governo, para estradas de ferro. Ele apaixonou-se por ela, tirou-a da vida e, quando a viu grávida desse Hermeto, que hoje é doutor, propôs-lhe casamento.

E desde então vivem muito bem nesta localidade, onde o Cardoso tem os seus armazéns de madeira, ela sempre com alguma coisa da antiga *cocotte*,⁹ um tanto estabanada e gostando demais de exibir sedas e brilhantes, mas em suma séria e bem-comportada.

– E o filho?... sabe quem foi a mãe?

– Penso que não... Decerto não sabe... É um excelente moço e tem tido educação esmerada. Vem agora advogar por cá...

Voltamos para o circo, cuja sineta chamava os espectadores; mas eu levava agora no espírito uma preocupação de psicólogo. Aquela mãe que fora *cocotte*... Aquele filho que era um homem sério!... Que laço moral podia existir entre esses dois entes?

Eles conversavam, entretanto, bem intimamente, quando retomei o meu lugar; e observei até que o moço era respeitoso e cheio de

⁵ Em francês no original: champanhe.

⁶ Em francês no original: canã. Dança esfuziante acrobática e ruidosa, na qual as dançarinas lançam as pernas para o alto.

⁷ Congresso dos Fenianos foi uma sociedade carnavalesca brasileira, fundada em 1869, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

⁸ Pessoa de pouca importância, de pouca consideração; pessoa indeterminada.

⁹ Em francês no original: cocote. Meretriz elegante, cortesã.

carinho, brincando com as *berloques*¹⁰ pendendo da cadeia de ouro do relógio da mãe, rindo todo para ela.

A segunda parte do programa agora começava ao estrondear da música, entre os alegres clamores do povo das bancadas, entusiasmado por um outro palhaço que aparecia rebolando os quadris dentro de largas calças de paninho verde bordado de lentejoulas, a cara toda caiada, com manchas de vermelhão, a se atirar no chão como feito de borracha.

As gargalhadas soavam fortes, grossas, cortadas de pigarros. E de repente senti um movimento de atenção mais suspensa. Meus olhos, mais interessados pelo drama social de Arabela regenerada do que pelas sortes desse circo de cavalinhos provinciano, descobriram que ela própria adiantara vivamente o busto e cravara um longo olhar fixo no picadeiro.

Virei-me, então, olhei eu também... E vi que os dois artistas Peppo e Nunzio, anunciados como célebres no cartaz, haviam acabado de entrar sobre dois belos cavalos em pelo e faziam a volta do circo num furioso galope, de pé, ajoelhados, fingindo resvalar das ancas lustrosas dos animais e tornando a erguer-se num salto audacioso, com um brado de triunfo.

Eram realmente bonitos assim, esses dois homens, ambos de uma musculatura formidável, destemidos, ágeis – um mais novo e loiro, outro mais corpulento, mais velho, o cabelo preto repartido em pastinhas sobre a testa.

O público aplaudiu delirantemente o fim do exercício, que consistiu em pularem ambos através de um arco de papel, de costas, recaindo numa cambalhota sobre o dorso escorregadio do cavalo, sempre a todo galope; e os artistas agora descansavam, dando a volta devagar ao passo dos animais, enquanto o palhaço prodigalizava requiebras e pachuchadas¹¹ para encher o intervalo de repouso.

¹⁰ Na língua francesa é grafado *breloque* ou *berloque* e é substantivo feminino. Em português, também há as duas grafias, mas é substantivo masculino. Significa um enfeite de pouco valor, geralmente pendurado na correia da pulseira ou relógio.

¹¹ Disparates, tolices, obscenidades.

Pareceu-me então que o homem mais idoso relanceava olhares muito frequentes para o nosso lado. Vi-o demorar ainda mais a andadura do cavalo cada vez que passava pela nossa frente. E tinha na mão um dos raminhos de flores que alguns *habitués*¹² das bancadas lhe haviam jogado e o palhaço apanhara e lhe oferecera com trejeitos babosos.

De repente assisti à cena mais imprevista e extraordinária que possa desenrolar-se num círculo equestre.

Esse artista, mais idoso, que insistia demasiado em olhar para as cadeiras ocupadas por mim, pela Arabela e o filho, logo na segunda fila, fez parar de todo o seu cavalo; virado para nós, pôs-se de pé no dorso do animal e, antes que se pudesse prever o seu gesto, arremessou o ramo de flores que tinha entre os dedos sobre a mãe do Hermeto Cardoso, gritando forte, em italiano:

– Arabela!... *rimembranza!*...¹³

Houve um segundo de estupor geral... Depois, foi visto o Hermeto a precipitar-se como desvairado por cima de mim, que lhe interceptava a saída, querendo galgar a barreira para ir espatifar no picadeiro o canalha que lhe insultara a mãe; e pudemos agarrá-lo pela roupa, eu e mais o Terêncio, enquanto o povo das bancadas rompia a bater com os pés e a berrar entre vaias e assobios: “Não pode!.. não pode perturbar o espetáculo!... Saia!... Ponha-se na rua!... Fora! fora!...”.

Soaram alguns trilos de apitos, gente foi se aglomerando em torno de nós. O Hermeto, contudo, persistia em se debater, furioso, bradando com voz arquejante: “Deixem... deixem-me passar, por favor... Soltem-me... Eu não faço nada... Quero só perguntar àquele miserável como sabe o nome de minha mãe e como ousou...”.

– Não! não pergunte nada, doutor!... – contestávamos nós, assustados com a possibilidade de alguma revelação sobre o passado de Arabela, caso o homem se visse apertado com perguntas e injúrias.

¹² Em francês no original: frequentadores assíduos.

¹³ Em italiano no original: lembrança, recordação.

E tratávamos, ao contrário, de segurar melhor o moço, aconselhando-lhe que lançasse o incidente ao desprezo e se retirasse dali. Não valia a pena castigar um desgraçado daqueles, que, aliás, já se evadira pelo fundo... Os dois artistas, de fato, quando rompera o sarilho, tinham saltado dos cavalos e corrido para dentro.

O picadeiro agora estava ocupado por criados de calça listrada de galão dourado, que tinham vindo pegar os animais abandonados e pasmavam para todo aquele alarido.

Nesse momento senti que alguém me tocava no ombro; voltei-me: era Arabela a pedir-me com gesto suplicante, muito pálida, que os fizesse sair do circo. E compreendi bem o seu terror, quando o Terêncio, que se afastara, voltou a dizer-me ao ouvido: “É o indivíduo que a depenou em Campinas... já fugiu...”.

O filho de Arabela agora já lutava menos, cansado, embora ainda rubro de cólera; e pudemos conseguir dele que se retirasse com a mãe. Vimo-lo oferecer-lhe o braço, que ela aceitou de olhos baixos; e os dois foram atravessando lentamente o recinto, por meio do povo, entre comentários e apreciações, a rapaziada pasmando grosseiramente para aquela senhora, já não criança e mãe de um filho homem, que provocava semelhante distúrbio. O diacho do artista atirar-lhe com as flores bem em cima do peito!... Ora essa!... Se ainda fosse sobre tanta mocinha bonita que havia no circo, ainda vá lá; mas logo escolher a mãe de um doutor!...

E as risadas partiam...

No dia seguinte eu saí dessa localidade e nunca mais lá tornei nem revi o Dr. Hermeto Cardoso e sua mãe.

Jamais, porém, pude esquecer o drama presenciado ali entre dois trens, em vinte e quatro horas, e muitas vezes me surpreendi a evocar essa noite do circo, agitando considerações de ordem filosófica e bem profundas. É que, depois de um certo passado demasiado tenebroso, quando a mulher tem mergulhado deveras no lodo completo, mesmo que ela mude de existência e se levante, purificada e regenerada, torna-se quase impossível assentar a nova vida em bases firmes e duráveis. Faltam os alicerces. Há sempre grãos de areia pelo caminho, a provocarem quedas, surpresas, descobertas, perigos, terrores... Não

se consegue enfim inverter nunca – por mais que se tente, por mais que se escreva e se finja e se invente e se alardeie –, não se consegue inverter a ordem das coisas morais e sociais.



O GUARDA-ROUPA

Havia já mais de ano e meio que Helena Fragoso, viúva de certo antigo estadista tornado célebre pela sua parvoíce nos anais políticos do extinto Império, tinha rompido suas relações amorosas com um homem que adorara longo tempo.

E, apesar das cinzas do irremediável irem gradualmente sepultando sob camadas cada dia mais espessas a mágoa violenta que lhe ficara desse drama da sua vida; embora ela própria buscasse à força de distrações varrer do espírito as últimas visões do passado, transformando-as em vagas sombras esbatidas, acontecia às vezes, quando ela justamente analisava essa boa sensação de olvido, que qualquer coisa de pungitivo ainda vibrava no fundo do seu entorpecimento moral, contrariando a ação dissolvente do tempo.

Assim, por exemplo, uns determinados perfumes conservavam o poder de exasperar de repente seu antigo sofrimento. Não conseguia também, por mais que se esforçasse, dominar uma sensação de atroz saudade sempre que contemplava a noite. O silêncio misterioso dessa hora, a brisa noturna impregnada de um aroma de flores, a luz palpitante das estrelas – tudo a mergulhava na tortura das reminiscências avivadas. E, se chovia, era ainda pior. O ar saturado de umidade que lhe batia no rosto, esse cheiro especial da terra molhada, o som plangente das gotas d'água caindo sobre as folhas das árvores alagadas enchiam seu peito da mais áspera tristeza. Sem querer, lembrava-se, lembrava-se de tudo quanto procurava esquecer. Era sorvendo a plenos pulmões esse ar noturno que ela esperava outrora, fremente e ansiosa, aquele que estremecia dos seios d'alma. Ria-se então dos chuviscos gelados que lhe umedeciam as faces e os cabelos, ou interrogava, extática, a doce claridade das constelações, o silêncio trevo

dos campos, a sombra dos arvoredos, feliz, radiosa, encontrando em tudo uma resposta que lhe falava *dele*, dos próximos beijos e da suprema ventura de o ter ao lado, todo e absolutamente seu.

Oh! mentirosa voz da noite!... Que lhe dizia ela agora? Repetia-lhe só que tudo acabara e para sempre! Nas trevas inexpressivas e inúteis, Helena lia apenas o vazio enorme e tedioso da sua vida atual sem rumo nem objetivo. E fugia, pois, de contemplá-las, fechava covardemente janelas e portas quando o dia expirava, concentrando-se no presente para evitar as evocações do passado.

Uma coisa a encontrara sempre sem coragem nem vigor; era a necessidade de abrir e arejar o seu antigo quarto, que fora cerrado com tudo quanto continha desde a data do seu rompimento amoroso. E havia disso ano e meio!

Helena sentia-se até ridícula, mas não podia vencer o sentimento de quase terror que a dominava, mal se dispunha a mandar invadir o tal recinto sagrado.

Quanta lembrança terrível dormia lá dentro, entre todos aqueles móveis, sob as roupas, nas dobras dos vestidos e dos *peignoirs* leves de amor que lá tinham ficado pendurados no grande armário esquecido!

Rever tudo aquilo, apalpar esses tecidos em que a mão *dele* pousara, contemplar o largo leito deserto, cujos travesseiros deviam guardar ainda a depressão deixada pela cabeça que aí repousara junto à sua – ah! não, impossível.

Um dia, porém, Helena o encontrou repentinamente na rua, esse que ela adorara e cujo culto conservava sempre.

Ia com outra mulher, e prazenteiro, feliz, descuidoso.

Olhou-a friamente e desviou o rosto, seguiu... Ela permaneceu um segundo imóvel à beira da calçada, acompanhando-o com a vista, todo o sangue nas faces, uma tumultuosa cólera na alma.

E, quando o vulto dele desapareceu ao longe, Helena tinha tomado a mais feroz resolução. Ia dar-lhe um sucessor, e isto naquela mesma noite, no próprio quarto que tinha conservado inviolável como uma capela mística, tudo bem cinicamente, bem desbragadamente.

Havia por felicidade um amigo dele que lhe fazia insistente corte; e esse mesmo é que servia, para ele vir a saber. Correu para casa, febricitante, exaltada, escreveu duas linhas, que mandou logo entregar, e deu ordem às criadas que lhe varejassem e espanassem o quarto que vivia fechado lá no fundo do corredor. Isso depressa, depressa... Para alimentar a sua febre, pôs-se a passear agitado pela casa, arrancando de cima de si a *jaquette*¹ de passeio, o chapéu, as luvas, o cinto, o colarinho, como se a devorasse uma ânsia de se ver despida, com toda a carne livre para a sua vingança.

– Devemos mudar a roupa da cama, minha senhora? – vieram perguntar as criadas.

– Não, absolutamente! Deixem ficar essa que encontraram...

– Mas, minha senhora, tudo está encardido e cheio de pó... As fronhas estão amarelas que parecem roupa de defunto...

– Deixem ficar, já disse!... não mexam em nada...

Meia hora mais tarde, Helena se dispunha a transpor aquela porta cerrada por sua própria mão havia 18 meses. Mas um espasmo nervoso a reteve um instante na soleira, cambaleante e trêmula. A noite caíra, tudo era sombra, e na extremidade do quarto se destacava vagamente a brancura de um cortinado de renda envolvendo um grande leito.

Em frente corria um largo armário, e cintilações de espelhos, porcelanas e quadros luziam na penumbra. Um cheiro a mofo se misturava ao ambiente morno e abafado do aposento, que Helena ficou alguns minutos a contemplar da porta, como medrosa. Entrou, finalmente, foi acender o bico de gás, cuja chama forte dissipou num relance todo o misterioso aspecto das coisas, e o leito apareceu já sob uma forma humana e prosaica; o toucador retomou a sua fisionomia normal de simples traste destinado a satisfazer *coquetteries*² femininas;

¹ Em francês no original: jaqueta. Veste curta de mulher, ajustada no talho.

² Em francês no original: coqueterias ou coquetismos. Qualidades ou comportamentos de coquete; preocupação em agradar ou seduzir através da aparência; elegância em excesso; afetações; faceirices.

a própria *psiché*³ inclinou-se, como fazendo reverência, pronta a refletir cenas iguais às que outrora já refletira.

E Helena sorriu, antegozando o acre prazer da vingança, com um olhar oblíquo e mau para o divã de cetim azul, onde o *outr* dan-tes se sentava ao seu lado para lhe jurar eterno amor.

Ah! como ia entregar-se às apaixonadas carícias do amigo dele!... Como ia profanar todas, todas aquelas lembranças e relíquias!... E com dedos sôfregos foi desatando as roupas, que lhe caíram aos pés como um pedestal, de onde emergiu seu belo corpo sinuoso e quente, apenas velado por levíssima camisa de *surah*⁴ cor-de-rosa. Cumprida, porém, enfiar por cima um *peignoir*⁵ qualquer. Helena foi então abrir largamente o armário e, com nervoso estremecimento, avistou toda uma fila de roupas finíssimas penduradas, cetinosas, diáfanas, rendadas, de cujas pregas se desprendia um perfume muito vago, muito doce – espécie de sutil respiro de uma outra vida a exalar-se ali, como um saudoso adeus.

Ela levou as mãos à cabeça, recuou toda pálida e foi cair defronte sobre uma cadeira, de onde ficou a olhar desesperadamente para esses fantasmas do passado que apareciam enfileirados, cada um com a sua história, com o seu romance, falando-lhe na suave linguagem das suas cores melancolicamente esvaídas de tudo quanto sua alma tentara em vão esquecer.

Aquele vestido de cetim preto, brilhante ainda, servira para um jantar diplomático em que ela o tivera junto de si, perna contra perna; e devia conservar do lado esquerdo uma mancha de gordura que o desazo de um criado ali pusera, entornando uma gota de molho no momento mesmo em que seu amante lhe marcava um *rendez-vous*⁶ para o dia seguinte. Oh! bem-aventurada nódoa!

Lá se escondia no cantinho do guarda-roupa o célebre roupão das noites mais ardentes – esse que ela só vestia com duas rosetas de

³ Tipo de espelho reclinável apoiado em traves e base de madeira.

⁴ Tipo de tecido de seda leve, cujo nome se refere à cidade de Surate, na Índia, conhecida pela produção têxtil.

⁵ Em francês no original: penhoar. Tipo de roupão leve para se usar em casa.

⁶ Em francês no original: encontro combinado com antecedência.

vergonha nas faces, tão transparente era, todo de rendas finas, tão cheiroso!...

Ao pé deste aparecia o lindo *déshabillé*⁷ azul dos alegres almoços junto à janela, quando o sol matutino enchia de luz e calor todo o quarto e ainda mais o coração de ambos. E quantos outros, quantos!, macios, cetinosos, cor de creme e rosa, de um verde-mar tão doce ou levemente azulados, ainda como impregnados de volúpia e guardando nas suas dobras lânguidas o perfume dos antigos beijos!... Ah! lá estavam todas essas finas roupas de amor, todas! mas agora a sua imobilidade espectral só acordava ideias de morte. Que é na realidade uma ruptura de verdadeira paixão senão uma espécie de morte?...

Neste ponto, Helena ouvia fora um rumor leve de passos, um ciciar de vozes. Devia ser ele, o vingador! Tão cedo!...

E arrojou-se ao guarda-roupa, arrancou dos cabides o primeiro roupão, que foi enfiando às pressas, correu à porta e ficou encostada à fechadura, suspensa e palpitante.

– Helena! – sussurrou do outro lado voz masculina.

Ela abriu. O homem entrou, com um sorriso estúpido de alvar triunfo, e quis logo beijar-lhe as mãos: mas viu-a com pasmo recuar, cosida à parede, muito pálida, a tremer toda.

– Então, que é isto? – murmurou ele aparvalhadamente. – Mandou chamar-me e aqui estou. Não tenha medo... Eu amo-a, Helena... Amo-a loucamente...

– Oh! senhor! – interrompeu a moça, cada vez mais lívida.

– Mas por que foge assim? Escute... Venha cá...

E caminhou para ela, de braços abertos.

– Largue-me! – gritou Helena exasperada. – Pois deveras o senhor não vê, não compreende que me está metendo horror?

– Oh! – balbuciou o homem, já noutra tom... – Que significa isto? Pois não foi mesmo a senhora que...

– Perdoe-me, senhor, perdoe-me... – atalhou Helena, desatando em pranto... – Eu lhe explico... Não me queira mal... Seja generoso...

⁷ Em francês no original: robe transparente.

Olhe, sente-se nesta cadeira e deixe-me explicar-lhe tudo, sim? Eu...
– Mas as lágrimas embargaram-lhe a voz. Continuou por fim:

– O senhor sabe: eu amava apaixonadamente o seu amigo Armando. Hoje, pela primeira vez desde a nossa ruptura, o vi na rua, e ele ia com uma mulher. Perdi a cabeça de cólera e ciúmes e quis vingar-me, entregando-me ao senhor. Mas não pude, porque aquele guarda-roupa...

O homem, enfiado, pôs-se a olhar atônito para ela e para o armário, parecendo-lhe que a mulher enlouquecera.

– Aquele guarda-roupa?... – acabou por perguntar. – Mas que relação tem esse traste com o que a senhora me diz?...

– Ah! sim, não pode compreender... Olhe, eu fui abrir esse armário, fechado desde que me separei do Armando, e sabe o que encontrei dentro dele, escondido nas dobras de todos aqueles vestidos pendurados ali? Encontrei o meu amor inteiro, inalterável, absoluto, avassalador e exclusivo, que me empolgou toda, novamente, e me impossibilita de pertencer a nenhum outro homem...

– Ah! minha cara Helena, que sentimentalismo!... – retorquiui o visitante, abanando a cabeça. – Pois faz mal... Eu a amo tanto, creia, que a faria esquecer o passado e a tornaria ainda feliz...

– Impossível – concluiu Helena, levantando-se e abrindo a porta. – Impossível. A felicidade não está no amor que se inspira: *consiste no amor que se sente*. Adeus!

– Maldito guarda-roupa! – resmungou o homem, saindo.



ABDICAÇÃO

Às 9 horas da noite, Arsênio Vidal vestia-se para o baile dos Tavares no grande quarto de *toilette*¹ comum, onde a mulher também se preparava, ajudada pela mucama Faustina.

E à claridade de três fortes jatos de gás que assobiavam dentro dos globos, de pé, em mangas de camisa e de gravata branca, Arsênio afiava as pontas do bigode em frente ao alto *espelho psyché*² e ia pensando, com um longo olhar analítico e satisfeito, que estava decididamente muito bem conservado para os seus 42 anos. Nem uma ruga! As linhas ainda firmes, a pele lisa, os olhos sempre bonitos, apenas com um leve franzido ao canto das pálpebras, mas que até servia para lhe dar à fisionomia um cunho de ironia mais fina e espirituosa, à Voltaire.³ Recuou um passo: mirou-se de alto a baixo. A calça caía bem; o busto ainda era esbelto... E os dentes? Arregaçou o lábio e eles apareceram perfeitos, de um esmalte claro, magnífico. Somente – era o diabo! – os cabelos começavam agora a embranquecer-lhe nas fontes, pondo um leve tom de cinza nos fios negros que davam tanto realce ao seu tipo de homem trigueiro e nervoso.

Passou-lhe uma nuvem pelo rosto: ficou esquecido, torcendo distraidamente o bigode, o olhar fixo... E à memória foram-lhe acudindo recordações truncadas do passado, outros bailes, cenas iguais, ali, nesse mesmo quarto, cujos espelhos reproduziam, havia já dez anos, todas as modificações graduais do seu físico.

¹ Em francês no original: *toilette*. No caso, *toicador*: antecâmara de dormitório ou gabinete usado como local de alguém se pentear ou vestir.

² Tipo de espelho reclinável apoiado em traves e base de madeira.

³ François Marie Arouet (1694-1778), escritor francês mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire, foi um dos mais importantes filósofos do Iluminismo.

Abrangeu com a vista no fundo luminoso da *psyché* o aposento todo, que lhe pareceu teatral com o seu papel azul-claro estrelado de ouro e as suas sanefas ricas, e os quadros de preço, cuja moldura faiscava à luz intensa do gás... A mulher, de colete e saia de folhos rendados, debruçada sobre o mármore do toucador, manobrando jeitosamente os braços finos e angulosos por entre os frascos de cristal, cobria de pó de arroz o rosto e as espáduas nuas, com uma atenção concentrada.

E ele teve uma rápida visão de tempos idos, evocou uma vez em que a vira por esse mesmo espelho naquela atitude e corraera a abraçá-la pela cinta, impetuoso e sôfrego, colando a boca no alvo dorso que lhe deixara nos lábios um gosto esquisito de carne cheirosa e de creme Simon...⁴ Sufocou um leve suspiro, voltou-se e caminhou para a mulher, que sorriu logo para ele, a face toda branca de *veloutine*,⁵ duas rugas partindo das narinas, mais visíveis sob a caiação.

Estava já penteada, e os cabelos alourados, crespos, puxados artisticamente para o alto da cabeça, desnudavam uma nuca magra de anêmica, que se cavava junto às orelhas.

Mas a Faustina aproximava-se agora com uma espécie de solenidade, suspendendo nos braços o amplo vestido de baile, cor de pérola, cuja seda grossa farfalhava e que ela, atenta, respirando forte, foi enfiando pela cabeça da senhora, de repente grave.

Fez-se um silêncio, cortado só pelo *ruge-ruge*⁶ da seda e pelo assobiar do gás, e a mulher do Arsênio virou-se para ele com um tímido olhar que implorava palavras de aprovação. Tinha o corpete já abotoado sobre o busto esguio sem quase saliências nos quadris, e das rendas do decote emergia um peito magro com reentrâncias sob as clavículas descobertas, um pescoço longo e amolecido, cujas linhas acusavam a flacidez de uma carne de loura linfática, toda a anatomia pobre, enfim, de um corpo feminino em plena miséria fisiológica da idade crítica. E os olhos azuis e como desbotados fizeram-se mais tristes, quando Arsênio, após um exame lento que a constrangeu, acabou por lhe dizer com certo embaraço no tom:

⁴ Marca francesa de produtos para cuidado da pele, fundada em 1860.

⁵ Em francês no original: velutina. Antigo tecido de seda, semelhante ao veludo.

⁶ Ruído produzido pela saia que vai roçando pelo chão.

– Olha, Matilde... Sabes o que ficava mesmo a calhar nessa *toilette*?...⁷ Era uma larga fita de veludo preto em volta do teu pescoço...

– Mas – protestou ela – não me disseste tantas vezes que a arte exigia o colo todo nu, sem o mínimo adorno?...

– Sim, porém... Oh! faze de resto o que quiseres... – e Arsênio sacudiu os ombros, desviando o olhar, que se tornara duro. Foi enfiar a casaca, entrou a calçar uma luva, gritando para dentro: “Luizita!...”, enquanto Matilde se deixava passivamente embrulhar numa cetinosa saída de baile, calada, com uma contração nervosa na face. Não tardou que uma voz juvenil exclamasse do corredor: “Já vou! já vou!...”, e apareceu a correr num fresco *frou-frou*⁸ de saias de gaze, vaporosa e contente, a Luizita, sobraçando uma capa de arminho, que arrojou sobre o divã, para se ir mirar desembaraçadamente no alto *espelho psyché*. E, ao passar por Matilde, por Arsênio, com a vivacidade gentil de um passarinho, atirando-lhes olhares rápidos, ia dizendo com entonações cômicas: “Meu Deus! que *chic*!...⁹ Estão ambos a fazer-me feia... Sabe meu pai que dançaremos hoje uma valsa?...” Já estava defronte do espelho, e toda ela sorriu no enlevo de achar-se linda, com uma corzinha nas faces, os olhos vivos, no pleno fulgor dos seus deliciosos 18 anos.

Arsênio, agora muito interessado, viera examinar-lhe de perto a *toilette*, e retocava aqui, ali, dando conselhos, roçando com a ponta do dedo a carne branca e rija dos ombros redondos. Exigiu por fim que ela tirasse uma fitinha que trazia ao pescoço em forma de colar. Mas Luizita resistia... Travou-se uma discussão, em que Arsênio ergueu a voz, todo animado; e Matilde, que do meio do quarto assistia à cena, ouviu-o dizer: “Você é uma tolinha, uma inexperiente... Como não compreende que é um crime contra as regras da arte esconder sob qualquer enfeite um pescoço como o seu? A beleza está na linha... A beleza é isto... isto...”. E foi passando a mão com o carinho de um escultor sobre os contornos perfeitos do queixo e do pescoço de Luizita.

⁷ Em francês no original: toilette. No caso, significa vestimenta.

⁸ Em francês no original: frufriu. Ruído produzido pelo roçar de tecidos.

⁹ Em francês no original: chique.

Matilde teve então um gesto brusco, voltou as costas ao grupo e saiu do aposento, sem atender aos chamados de ambos.

Daí a pouco rodavam pelo Botafogo em direção à Glória,¹⁰ onde residiam as Tavares.

E, durante o trajeto pelas ruas, no estreito espaço daquela berlinda escura que as *toilettes* de baile impregnavam de um doce aroma festivo, Matilde foi ruminando as mágoas que de dia em dia entenebreciam mais a sua vida. Fora em Friburgo¹¹ que aquele Arsênio Vidal lhe aparecera como um tipo de beleza máscula e irresistível... Ela também era ainda tão galante, com os seus cabelos louros herdados de uma antepassada inglesa!... Viúva, rica, 33 anos, uma filha pequenina, a Luizita, e Arsênio a denominá-la a Margarida de Goethe,¹² a fazer-lhe versos, a persegui-la por toda parte... Casaram enfim. E seguiram-se anos de uma felicidade completa: ele sempre cativo dela, quebrando a monotonia conjugal com cenas de uma paixão de amante, exacerbada sempre por ocasião dos bailes em que brilhava com mais realce o seu delicado e poético perfil de madona. Que voltas para casa no conchego dos *coupés*¹³ sombrios! Que noites inolvidáveis! Ele tinha um temperamento de artista, adorava a linha, a cor, os estofos ricos, certos perfumes penetrantes, que entontecem. E soltava-lhe os cabelos, rolava-se nas suas ondas de ouro, beijava-os, mordida-os... Depois, havia já uns três anos, fora arrefecendo, e coincidiu isso com uma grave moléstia que ela teve e a deixou toda mudada, envelhecida, com o sangue pobre de glóbulos vermelhos. Desde então, que suplício! Sentia-se emagrecer, declinar, e ele cada vez mais retraído! A vinda de Luizita do colégio trouxe-lhe certo consolo; agradava-lhe ver o marido tão afetuoso para a enteada, cuja alegria comunicativa espalhara pela casa um tom de vida ativa, ruidosa. Bem depressa, contudo, esse prazer se transformou no fundo da sua alma em vergo-

¹⁰ Botafogo e Glória são bairros localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

¹¹ O nome completo é Nova Friburgo, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro.

¹² Margarida (Margarete ou Gretchen), amor do personagem Fausto, o qual dá nome à tragédia do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) publicada em 1808.

¹³ Em francês no original: *cupês*. Carruagem fechada de tração animal de duas portas e geralmente de dois lugares, com um cocheiro num banco à frente.

nhoso espinho. Tinha ciúmes de sua filha! Invejava-lhe a mocidade radiosa, invejava-lhe a admiração do padraço. Que horror!

O carro, porém, parara diante do grande portão das Tavares – solteironas ricas que festejavam cada ano a data da independência do Brasil, numa afetação de patriotismo extremado. E em cima, no vestiário, ao despir a capa, antes de penetrar nos salões, Matilde desviou a vista dos espelhos que a refletiam desbotada e murcha ao lado da filha, adorável de frescura e saltitante como um beija-flor.

No recinto do baile o calor era sufocante, a música atordoava e pares torvelinhavam ao som da orquestra estrepitosa, numa atmosfera rescendendo a flores, a sedas, a corpos humanos excitados pela febre do prazer. Tudo isso causava a Matilde uma áspera sensação de inveja e sofrimento. Procurou com os olhos ao fim de algum tempo o marido e viu-o valsando, como um rapaz de 20 anos, com uma moça vestida de azul. E Luizita? Dançava também. Só ela atirada ali para um canto como uma luva servida! E lágrimas umedeceram suas pupilas tristes, numa revolta dolorosa contra a cruel abdicação que tudo e todos pareciam impor-lhe sem compaixão das resistências instintivas da sua vaidade e do seu coração de mulher.

Se ao menos tivesse uma carne opulenta que exibisse na vitrine dos decotes mundanos, como uma esplêndida fruta madura, succulenta e apetecível, poderia acordar o desejo dos homens, e por este meio o do marido, seu bem-amado. Mas qual! a magreza deixava-a desarmada para a luta, quase insexual, angulosa, com duas pregas de velhice nas faces cavas. Sentiu-se abafar, aceitou o braço de um velho amigo para percorrer os salões; e de repente estacou, muito branca... Arsênio valsava agora com Luizita, e era inegável que o padraço e a enteada formavam um par de rara elegância – ele cheio de força, ela flexível, abandonando-se com uma graça de flor.

O velho amigo fez notar a harmonia dos dois corpos unidos, gabou a conservação de Arsênio, a formosura de Luizita... E Matilde não pôde mais refrear a explosão do seu ciúme: com os lábios frementes, avançou por entre os pares, empurrada por uns, sacudida por outros, conseguiu agarrar a filha pelo vestido e puxou-a violen-

tamente para fora do círculo dançante. Como Luizita e Arsênio a interrogassem, estupefatos, declarou apenas:

– Quero ir-me embora!... E já...

– Mas...

– Quero... E agora mesmo...

Arsênio encarou-a colérico, mergulhando o olhar nos olhos dela; mas não conseguiu dominá-la e teve de obedecer, para evitar um escândalo iminente.

Retiraram-se os três: Luizita choramingando por não dançar o *cotillon*¹⁴ e Arsênio torcendo furiosamente o bigode.

Uma vez em casa, só com a mulher, caminhou raivosamente para ela, que fingia placidez, desfazendo a *toilette* devagar com umas mãos que tremiam, e perguntou-lhe desabrido o que significava a cena que se acabara de passar. Aquilo fora... fora... uma inconveniência inqualificável...

– Inconveniência – atalhou ela com veemência, já próxima de uma crise de lágrimas – é o seu modo de ser com minha filha...

– Com sua filha?! – repetiu lentamente Arsênio num tom de pasmo.

Mas ela tornou a interrompê-lo, ofegante de emoção.

Cuidava ele que ela era cega e surda? Não, via tudo, compreendia tudo. Ele já não a amava, já não era o mesmo. Agora, só Luizita é que valia, que era bonita, que merecia agrados...

E desatou num pranto convulso.

Arsênio disse apenas: “Estás louca...”, e pôs-se a passear nervosamente pelo quarto, preparando um cigarro, com olhares de lado para a mulher, que continuava chorando. Parou por fim diante dela com um gesto decidido, sentou-se e começou a falar-lhe com uma gravidade mais doce, repreendendo-a por aquelas violências de mau gosto. O melhor era explicarem-se, para que nunca mais aquilo se renovasse. Que tinha ele com Luizita? Achava-a uma criança linda, mais nada.

¹⁴ Em francês no original: cotilhão. Antiga contradança de salão.

Seria uma infâmia olhar para ela com outros olhos, que não os de um pai extremoso. A verdade era outra, bem diversa...

Hesitou... Mas já Matilde gritava:

– Fala, fala... Pois não vês que eu agonizo?...

– Sim... Há uma coisa... que tu adivinhaste... O sentimento que me inspiras não é mais o mesmo: degenerou numa boa amizade de irmão, que exige calma e sossego. Acho, Matilde, que as nossas relações de marido e mulher devem ser alteradas.

“Meu Deus! olha que já estamos ficando velhos para essas histórias de amor e ciúme...”

Calou-se, consultando furtivamente o rosto de Matilde, e viu-o tão transtornado por uma expressão de dor violenta, que continuou, afagando-lhe a mão gelada:

“Sim, decerto essa interrupção dos hábitos de dez anos havia de custar a princípio; mas, depois, como seriam felizes, libertos do jugo da matéria, unidos só pelo laço espiritual, que não conhece lutas nem teme a velhice!” E, como ela persistisse calada, os olhos no chão, branca de cera, Arsênio foi-se levantando com um riso contrafeito, fez-lhe um carinho na face, como a uma criança, e aconselhou-a que se deitasse, refletisse e no dia seguinte lhe respondesse.

E caminhou para a porta.

Mas, de um salto, Matilde embargou-lhe o passo, como alucinada; e, num arranco de paixão, prendendo-se a ele com desespero, apertando-o contra o peito, entrou a suplicá-lo entre beijos e lágrimas, tentando arrastá-lo para a alcova comum... Que não quebrasse a intimidade de esposos... Oh! isso não! Ela não faria mais cenas, nem teria ciúmes de Luizita... Mas ficasse ali, ao seu lado... Amava-o tanto, tanto, tanto!...

E molhava-o com o seu pranto copioso, tornando-se mais eloquente à proporção que o sentia como irresoluto e amolecido. Ficaram assim um momento, abraçados – ele silencioso, interrogando-se; ela insistindo numa imploração ardente. O olhar do Arsênio agora a detalhava com uma expressão de piedade infinita! Como tinha envelhecido! A dor aumentara os estragos da moléstia no seu frágil tipo de loura, e toda ela era uma ruína.

Para que reconciliações?...

Conhecia-se: era um esteta e era um impulsivo, que não poderia disfarçar a sua repugnância física nas horas de intimidade. Mas, também, como não tinha ela tato para compreender isto e dignidade bastante para evitar lutas semelhantes?

Veio-lhe um cansaço enorme – desejo de acabar com aquilo, refugiar-se em liberdade no seu escritório, onde dormiria tranquilo sobre um bom sofá.

Desprendeu-se então dos braços dela com certa impaciência e repeliu-a, quando ela o quis de novo agarrar.

– Basta, Matilde! isto é ridículo na tua idade. Deixa-me em paz e vamos dormir, que já é tarde. O que te disse está dito... – E recuou energicamente, saiu, deixando-a em pé no meio do quarto, como desvairada.

Só de manhã, aos raios de um sol quente que penetrava alegremente pelas janelas abertas, foi que Matilde voltou a si de uma espécie de desmaio e viu-se com assombro ainda em trajes de baile, atirada no divã.

O gás sibilava, muito aceso, dentro dos globos, como se fora noite, e objetos de *toilette*, um leque, luvas, joias jaziam esparsos pelo tapete como destroços de uma luta.

Cambaleante, Matilde ergueu-se, deu alguns passos, reunindo as ideias perturbadas, e achou-se por acaso diante do alto *espelho psyché* que refletia uma figura espectral, sinistra, de vestido decotado e flores no cabelo. Santo Deus! pois aquele vulto macabro era ela?!...

Um soluço fugiu-lhe dos lábios.

Que horrível coisa – a decadência no corpo e a paixão na alma!...

Quando Arsênio veio mais tarde, cheio de ansiedade, saber a sua resposta, encontrou-a toda de preto, muito séria e muito digna. Lentamente, de olhos baixos, ela pronunciou esta única frase:

– Aceito a abdicação que me impôs...

– Minha amiga!... – balbuciou Arsênio com os olhos rasos d'água, beijando-lhe a mão num ímpeto de egoísmo satisfeito...



SÓ A NATUREZA

Luciana chegou à porta, encostou-se ao tosco umbral e volveu lentamente o olhar por toda a planície que o sol nascente dourava. A neblina rasgava-se lá ao longe sobre o cimo dos arvoredos, varada pela grande luz matinal, e largos espaços de céu azul brilhavam, limpos de nuvens, cortados apenas pelo voo rápido dos pássaros que fugiam dos ninhos, alvoroçados, piando alegres ao se entrecruzarem no ar. Vinha dos campos uma frescura orvalhada, cheia de aroma de plantas. Um estreito córrego acendia o seu fio d'água entre os capins, aos raios de ouro tremendo na sua superfície espelhada.

Mas Luciana sacudiu-se, num vagaroso espreguiçamento; e voltou para o interior da casa, desprendendo o cabelo para de novo o alisar e apanhar num simples rolo sobre a nuca. Fê-lo sem olhar sequer para o pequeno espelho suspenso da parede mal rebocada, onde avultavam buracos e depressões até o teto de telha vã, atravessado por vigas enegrecidas.

E, depois de pôr em ordem alguns objetos de uso doméstico, acendeu o fogo sobre três tijolos, preparou o café e veio bebê-lo em larga tigela de louça grosseira, sentada no degrau baixo da porta. De quando em quando, parava de beber, pensativa, imóvel; e, enquanto da tigela suspensa entre os seus dedos fugia uma leve espiral de fumaça, fundindo-se na atmosfera transparente, seus olhos percorriam de novo a paisagem, analisando um ponto, outro, mais outro, como se ainda não conhecesse bastante aqueles horizontes verdes banhados de azul, esplendidamente coloridos pelo sol que os dourava.

E foi assim que viu surgirem muito ao longe na longa tira do caminho dois vultos dirigindo-se à sua casa. Ergueu a mão em pala sobre a vista, admirada, não conhecendo ali ninguém; e, pouco a pou-

co, na grande luz, os vultos cresceram e desenharam-se nitidamente. Eram um homem e uma mulher. Agora, já perto, eram um caboclo e uma mulata, que pararam diante da sua porta e lhe disseram:

– Bom dia, dona!

A mulher, cheia de corpo, vestia apenas uma saia e uma camisa; e do amplo decote emergia um enorme colo trigueiro que tremia, ao choque dos passos pesados e decididos; o caboclo era alto, desempenado, trazia um grande chapéu velho posto de banda e falava arrastado, com o cigarro sempre no canto da boca, cuspidando para o lado.

– Bom dia! – murmurou Luciana com surpresa; e levantou-se, convidando-os com o gesto a entrarem. Mas a mulata recusou, com um grosso riso que lhe descobriu os dentes de uma alvura magnífica; e, também cuspinhando, explicou-se.

Eram vizinhos da *dona*, acolá naquela casinha da encosta do morro, atrás da mangueira.

E a *dona* vivia tão sozinha que fazia mesmo pena... Então ela e mais o Mané tinham imaginado vir convidá-la para o *baile* que davam essa noite, a fim de festejar o batizado do pequeno.

– Viemos *assuntar*, *dona*, para *vossuncê*¹ ir logo à nossa festa.

– É casa de pobre – ajustou alvarmente o caboclo –, mas a gente também se *adiverte*.² Não há de faltar cerveja e *doçaria*, que cá a Mafalda é boa para engrossar açúcar...

E disparou a rir, torcendo o velho chapéu entre os dedos.

Pois sim! que iria! respondeu Luciana, após um momento de perplexidade silenciosa. E ofereceu café, que eles tomaram sentados sobre os calcanhares; deixou em seguida que ambos picassem um pouco de fumo e se pusessem a mascá-lo, numa serenidade de beatitude.

Quando enfim partiram, Luciana permaneceu sentada à soleira, imóvel, enterrada nos seus pensamentos. Tudo aquilo parecia-lhe

¹ *Vóssuncê, vosmincê, vosmicê, vosmecê* (e várias outras formas como *vomecê, vossancê, voncê, vossecê*) são derivativos de *vossemecê*, que, por sua vez, é a contração da locução substantiva *Vossa Mercê*, forma de tratamento cerimonioso que se modificou para familiar e/ou informal. Tais variações resultaram no atual *voçê*.

² Informal: *diverte*.

um mau sonho, e, contudo, experimentava como uma sensação de voluptuoso alívio em não querer acordar, em mergulhar mais e mais no torpor dessa vida animal, repousante e estúpida, sem ideias, sem desejos, sem projetos. E o passado começou a surgir de novo dentro do seu cérebro, cena por cena, avivando-lhe esta nova sensação de apatia feliz, por meio de contrastes que ainda a terrificavam.

Lembrava-se do abandono dolorosíssimo em que se achara aos 23 anos, quando o pai lhe morrera, varado pelo desgosto dos seus desastres comerciais. Repentinamente pobre, esperara um momento encontrar amparo e consolo na companhia de uma irmã casada, que sempre vivera às sopas do velho pai com seu marido e uma filha. Mas o cunhado imediatamente organizara a vida de modo a pô-la de lado.

Que humilhante golpe fora essa ingratidão para a sua alma afetuosa e boa! E todos os amigos da casa, parentes, conhecidos, todos começaram a mostrar-lhe frieza, diante do seu infortúnio. Então, sem recursos, sozinha no mundo, fora comer o pão alheio, fizera-se *institutrice*...³ E um estremecimento de angústia ainda a agitava, à recordação das mil pungitivas torturas que a tinham aniquilado nessa posição subalterna de mestra, sem direitos ao respeito, à estima, ao apreço, apenas paga, e muitas vezes mal paga...

Correra três casas. Na primeira, uma família rica – a dona da casa procurava deprimi-la por todos os meios, chegando a fulminar o marido com olhares de cólera, quando este à mesa servia a ela algum bocado menos mau dos pratos oferecidos. Lá estivera assim mesmo um ano!

Na segunda casa, uma discípula histérica arremessou-lhe um dicionário à cara, ferindo-a na testa.

Encalhou, enfim, à terceira vez, numa fazenda daqueles sítios, onde começara a sentir-se relativamente satisfeita. Boa fazendeira, discípulos corretos, fartura à mesa.

Eis, porém, que o marido e um filho, rapaz de 20 anos, entram a namorá-la, a insinuar cartas amorosas por baixo da porta do seu quarto, a brigarem até por sua causa, numa rivalidade torpe.

³ Em francês no original: educadora, professora.

E rompe uma cena atroz, em que a fazendeira a cobre de insultos, sem querer atender à sua absoluta inocência, ao seu sincero nojo daquele pai e daquele filho embrutecidos, que a poluíam com o mesmo desejo.

Teve enfim de retirar-se, infeliz, desesperada, com umas magras economias; e, como conhecia aquela casinha, abandonada por uns colonos de outra fazenda, bem perdida entre os matos, ali se refugiara, sem outro vestígio de civilização que não fosse a sua grande mala de couro com pregos de aço, rebrilhando na penumbra das paredes mal rebocadas.

Tinha 28 anos. Nesse recanto do mundo ficaria, longe da perversidade dos homens, até que recobrasse coragem para outra vez trabalhar e afrontar o mundo brutal. E, se, nas primeiras semanas, uma infinita tristeza a oprimira naquela solidão, sobretudo à noite, ouvindo só o coaxar dos sapos à beira do córrego, enquanto relia livros já velhos à frouxa luz do seu lampião de querosene, pousado sobre a mala, pouco a pouco, gradualmente, ela fora sentindo brotar no fundo do seu ser uma saudável sensação de calma e de força, consciência da sua libertação de todos esses pungentes atritos sociais, que haviam esmagado a sua frágil individualidade de mulher pobre, obrigada a lutar pela vida, sem amparo e sem amor, tão inútil entre a multidão como ali naqueles campos vazios. Que lhe importavam os requintes do conforto alheio, pois que ela só os possuía de empréstimo, numa posição de assalariada?

Nesse refúgio, ao menos, ninguém a humilhava. E mesmo o formoso espetáculo dessa natureza serena, desses nobres arvoredos vigorosos, dos campos estendendo-se largos, sempre verdes e iguais, sob um céu tão limpidamente azul – tudo lhe ia pacificando os nervos, os rancores, os ódios, transformando-a, ao contato de tão grandiosa tranquilidade, num ser mais vegetativo que pensante, quase indiferente hoje aos convencionalismos sociais, às lutas e aos tormentos desse meio que deixara.

Assim, se o convite da mulata Mafalda ainda revoltara nela uns restos de preconceito de classe, esquecidos em algum recesso da sua

alma de civilizada, não tardou que os abafasse a transigência pacífica, feita de apatia, bebida nesse largo silêncio da roça.

E à noitinha, com um simples vestido de cassa, Luciana atravessou a distância que a separava da casinha do *Mané Caboclo*.

Fazia um luar esplêndido.

Toda a planície aparecia afogada num leve vapor azulado, e a estreita trilha que seguia Luciana entre relvas luminosas brilhava como uma fita de prata.

A casa, toda acesa, abria a sua única porta e a sua única janela para a magnífica paisagem banhada pela lua. E de longe já se ouvia o som de uma gaita alternando com uma flauta, e vozes, risadas, o arrastar de muitos passos em cadência.

Dentro da pequena sala quente, onde flutuava uma nuvem de pó e de fumaça, as danças ferviam e Luciana entrou sem quase ser percebida, misturando-se à onda de todos esses colonos, sitiantes, trabalhadores, camaradas – brancos, pardos, caboclos – que giravam, sapateavam, acotovelavam-se, espriavam-se pelo terreno, quando o calor se tornava lá dentro insuportável.

Havia italianas e caboclinhas realmente bonitas, requestadas por latagões robustos e desempenados, que punham nos seus gestos pitorescos uma ponta de desdém viril. Mas as mulatas sobressaíam a todos pela graça e desenvoltura com que saíam a sapatear, meneando os quadris, todas airoas.

A própria Mafalda, gorda e baixa, punha em donaire especial no modo de requebrar o corpo, repuxando as saias.

Só a linguagem dessa gente é que se mantinha incompreensível para Luciana.

– Ai! que lá se vai meu *pisante!* – gritava um, sacudindo o largo pé. Os *uê! xentes! comigo é nove! vamos à boia!* cruzavam-se no ar espesso, entre copados de cerveja bebidos de um trago, com um estalo de língua.

E as vozes masculinas eram guturais, arrastadas.

Mas dos membros rudes de todos esses homens, da energia dos seus gestos, da brancura dos seus dentes sólidos; da graça livre dessas

mulheres de peitos nus dentro da grosseira camisa, saracoteando os largos quadris sensuais; de toda essa alegria tumultuosa, do próprio ritmo exótico da música, do cheiro esquisito errando na atmosfera sufocante, do contraste dessa maravilhosa paisagem branca de luar que aparecia entre os batentes toscos da porta como esplêndida tela – de todo esse conjunto estranho se desprendia um eflúvio de vida tão intensa, tão humana, tão impregnada de força, de instinto e de animalidade, que Luciana estremeceu, perturbada, levando a mão trêmula à cabeça, onde todas as antigas ideias, preconceitos e repulsões soçobravam num mar chamejante de seiva desordenada.

Ela queria ter nesse instante a alma primitiva de uma daquelas mulatinhas requebradas, e atirar-se às danças, esmagada sobre o vasto peito de um desses soberbos caipiras de olho de brasa e cigarro atrás da orelha. Queria... nem ela sabia o quê... E as faces ardiam-lhe. Nem de propósito, um deles, que a olhava desde algum tempo, acercou-se, bamboleando o corpo, e perguntou-lhe, meio desazado, meio imperioso:

– A *dona* quer dançar?

E, sem saber como, Luciana achou-se com a sua mão fina apertada entre os ásperos dedos desse rapaz bronzeado, envolvida na roda, tonta, empurrada e balançada numa cadência extravagante, marcada pelo bater dos fortes tacões dos homens.

Gritou alguém:

– Galope do bom, rapaziada!

E tudo disparou em furiosa galopada, a princípio pela sala, esbarrando nas janelas, nas paredes, depois porta fora, à larga, através dos campos, sob uma deliciosa aragem, contrastando com a temperatura abrasada da casinha.

Então, numa espécie de vertigem, Luciana experimentou como um gozo imenso nessa corrida fremente ao luar, entre os braços nus e musculosos do belo caipira que a estreitava tão vigorosamente contra o robusto peito arquejante.

Quase desfalecida, deixou pender a cabeça, cerrou os olhos, abandonou-se toda àquele rude ombro de homem. E ele parou, com

um riso ingênuo, baixando para ela um rosto selvagem, em que brilhavam duas pupilas ardentes. “Está doente, *dona?*”

Luciana não respondeu. Ofegava. Ele, então, no mais soberbo tom de convencida fatuidade, concluiu: “Eu sei o que a *dona* tem... Está enrabichada por mim, como eu por ela...”. E, sem a mínima percepção das distâncias sociais, todo instinto, impetuoso, viril, o caipira curvou-se e pousou na boca de Luciana um beijo violento.

Ela nem fingiu resistir... Estava consumada a sua fusão com aquela natureza simples, animal e imperiosa, que só obedece às leis humanas do instinto. Desaparecera ali a civilizada...

Como templo do estranho himeneu,⁴ uma planície iluminada pelo clarão da lua. Como cúpula nupcial, o céu estrelado de estrelas.

Que mais podia ambicionar uma solitária na terra?

⁴ Casamento.



SE A PAIXÃO EXISTE?...

Discutia-se este tema em casa do jornalista Márcio Félix, que todas as terças-feiras reunia à noite um grupo de íntimos – literatos, senhoras de espírito, artistas, poetas, colegas de imprensa – no seu lindo salão da praia do Russel,¹ janelas abertas para o mar palhetado de luz, que se quebrava, ora manso, ora bravio, na praia alvacenta para além do cais.

– Que a paixão existia, sim!... – declamava o Aurélio, poeta lírico, arrojado, passando os dedos aduncos pela cabeleira revolta, enquanto o Garcia dedilhava em surdina um romance sem palavras no teclado do grande piano Bechstein,² um pálido sorriso nos lábios sob o bigode fino e grisalho. E as senhoras suspendiam as conversações sobre as banalidades correntes, já atentas, presas ao assunto agitado, que lhes fazia correr pela medula o pequeno frêmito de emoção, provocada sempre pelas coisas de amor.

Mas o dono da casa tinha se erguido, protestava... Qual paixão!... Eram histórias! Em solteira a mulher apetece o homem em geral, porque ele representa o *desconhecido*, e demais lhe acaricia certas fibras da vaidade até então malsatisfeita no colégio ou na casa paterna. Sonha com os olhares admirativos que recebe na rua, sorri ao seu espelho, rememorando elogios que lhe foram feitos, e tem em suma ânsia de novos cumprimentos, de novas afirmações do seu poder nascente.

Se o sangue lhe corre petulante, arde também em curiosidade de saber coisas que lhe ocultam e adivinha – mistérios cuja intuição a faz estremecer e palpitar na alcova virginal.

¹ A praia do Russel, antes praia D. Pedro I, era uma continuação da praia do Flamengo, no Rio de Janeiro. Desapareceu, na década de 1960, com a criação do aterro do Flamengo.

² Marca de pianos fundada em Berlim, na Alemanha, em 1853.

Mas paixão?... Nem isto!

E Márcio Félix fez estalar a unha nos dentes claros. Um clamor se elevou na sala, uns aprovando, outros desaprovando a peroração.

O próprio Garcia cessou de modular o seu romance, voltou-se no banco do piano, entreabriu os lábios, como se quisesse falar. Mas o vozeirão possante do poeta Aurélio abafou-lhe a intenção... Que ideia do Márcio ir procurar a paixão no peito das colegiais ingênuas! Essas decerto que não amam: só têm o instinto. Mas a mulher feita? Mas o homem vigoroso, na plenitude das suas faculdades? E, com um murro na mesa, arrebatado pelo calor da discussão, o poeta deu a entender que, se a paixão existia, era dentro do coração dele, todo chama, todo ímpeto, todo arrojo...

Um riso discreto correu pela sala, interrompido por uma voz grave de mulher, que vibrou lentamente:

– A verdadeira paixão existe, sim, mas só quando há sofrimento, quando há obstáculo... No gozo fácil e seguido, o amor degenera em hábito, em banalidade, consentindo outras absorções, alheias a ele. Já não é amor...

– Ora! então só a dor é que faz a paixão?...

E uma graciosa figura feminina ergueu-se, avançou para o grupo que discutia, numa linda atitude de provocação. Falava com os olhos brilhantes, um rubor nas faces morenas.

– E o sentimento que nasce e se alimenta nas esferas felizes e risonhas, no baile, nos teatros, sob as múltiplas excitações da música, das luzes, dos triunfos mundanos, que duplicam as sensações? Isso então que é?... Não existe porventura a paixão, quando dois seres se enlaçam e vibram loucamente ao calor de uma valsa delirante?...

– Não! – respondeu prontamente o pianista Garcia. – Isso é o *desejo*, não é o *amor*.

Atravessou devagar a sala, foi debruçar-se na varanda, fitando pensativamente o mar.

A discussão continuou dentro, como um torneio renhido em que ninguém se deixava vencer – sobressaindo a *verve* mordaz do Márcio, negando sempre a paixão com palavras cortantes que lhe ar-

regaçavam felinamente o lábio superior, descobrindo-lhe uns dentes esplêndidos.

– Qual amor, qual nada! Uma *corvé*³ antes, uma maçada depois! Questão de simples vaidade para ambas as partes.

Entretanto o Aurélio, sem perceber os risos que o perseguiam, teimava em proclamar os arroubos da verdadeira paixão... Às negações do Márcio contrapunha lirismos incandescentes. E todos sabiam, contudo, que ele esbordoava em casa a valer uma infeliz divorciada que seduzira, cuja fortuna tinha devorado e que, agora pobre e agarrada a ele, o poeta maltratava ferozmente.

Era esse o amor que ele tinha cantado em poemas de uma intensidade tropical, e cujas estrofes mais ardentes ainda repetia ali, de olhos em alvo, como um reforço ao seu hino à paixão.

Que farsista! iam todos pensando. E os silenciosos é que mais sofriam diante das heresias contra o mais doce arrastamento do mundo, pronunciadas pela boca desse Márcio Félix, tão feito ao contrário para sentir e vibrar, forte, másculo e formoso como um Deus.

Então, de repente, sentiram que o Garcia voltara a sentar-se diante do magnífico piano Bechstein: e todos emudeceram ao som amplo do acorde vigoroso que repercutiu em toda a sala, seguido de uma estonteante cascata de harmonias, despenhando-se, sonora, em notas vibrantes, rápidas e febris.

Depois, um canto mavioso sucedeu a esse arrebatamento apaixonado: era, sob os dedos do pianista, como se uma voz humana chorasse os enganos das criaturas, desperdiçando a vida em negar, em lutar, em vez de amar...

Uma das senhoras levou o lenço aos olhos; a esperta morena baixou a cabeça, esqueceu por um momento os delírios sensuais da valsa; o próprio Márcio Félix teve uma hesitação no olhar claro e intrépido, que reclamava combate. E um sopro de contagiosa ternura continuou a evoluir-se dessa espécie de melopeia dolorosa que o Garcia ia dedilhando no teclado, todo curvado, absorvido, as narinas palpitando à luz das duas velas do piano.

³ Em francês no original: corveia. Trabalho árduo ou penoso.

Depois, um soluço em *lá menor*, um derradeiro acorde queixoso, morrendo como um suspiro, e, de súbito, no silêncio de toda a sala, a voz da senhora de olhos úmidos que afirmava gravemente, lentamente, ainda trêmula:

– Sim, a paixão existe!... Basta evocá-la: ela se afirma...

– Vamos tomar chá, D. Matilde! Deixemos o amor pelas torradinhas!... – interrompeu alegremente o dono da casa, sacudindo o enleio passageiro, oferecendo-lhe o braço.

Todos se levantaram, foram seguindo-o na direção da sala de jantar, murmurando que aquele Garcia era o diabo, fazia mal à gente com as suas músicas plangentes, do outro mundo.

E a porta se abriu largamente: a mesa apareceu toda iluminada por dois pesados candelabros antigos, porque o Márcio – um requintado! – desdenhava o gás; e flores perfumavam o ar, sentia-se o conforto e bem-estar no arranjo dos pratos, das chávenas cor-de-rosa, dos guardanapos russos, no *samovar*⁴ de prata contendo o precioso chá preto que fazia o regalo de todos aqueles fiéis das terças-feiras.

Uma mulher, porém, adiantou-se, saudando o grupo ruidoso que entrava. Alta, emaciada, os cabelos começando a embranquecer, tinha, todavia, vestígios de beleza – uns grandes olhos tristes que se fixaram timidamente em Márcio Félix. Este, após rápida inspeção de tudo, descobriu logo um descuido no serviço e fê-lo notar a essa senhora, em frase seca e ríspida:

– D. Laura, veja que falta uma xícara...

Ela correu, tomou das mãos do copeiro a chávena reclamada, pôs-se a servir o chá no topo da mesa, pressurosa, amável, relanceando a cada instante olhares inquietos para o dono da casa indiferente.

Então a senhora que se enternecera ouvindo a música do Garcia e que o tinha ao lado murmurou-lhe ao ouvido:

– Se a paixão existe?... Está ali a prova..

E, apontando discretamente para quem servia o chá, continuou baixinho:

⁴ Utensílio russo de uso doméstico, constituído de pequena caldeira provida de um tubo central no qual se colocam brasas para ferver e manter quente a água para o chá.

– Da amante ele fez uma governante, e ela tudo aceita para não o perder... E adora-o, apesar de aviltada...

O Garcia respondeu, mais pálido:

– Eu amei-a e ela não me quis... Foi amar quem a despreza. Ah! sim, a paixão existe, existe desgraçadamente, mas quase sempre desconstruída. Sua companheira inseparável é a dor, *só a dor*.



COISAS MODERNAS

Naquele sábado, pouca gente afluíra ao *five o'clock tea*¹ da viscondessa de Ourival, que fazia a meia dúzia somente de íntimos, com a graça fidalga de sempre, as honras do seu bonito salão *grenat*² com fri-sos de ouro, atulhado de móveis de estilo, de jardineiras floridas, de bronzes clássicos, de lindos biombos japoneses, onde voejam grandes íbis de seda frouxa sobre fundo de cetim negro.

Chovia; luz crepuscular coava pelos transparentes rendados das vidraças; e por uma ou outra nesga das cortinas avistava-se fora, no jardim alagado, o perfil negro e retorcido do arvoredado, batido de vento.

Dentro, porém, ao clamor das pancadas d'água vergastando a casa, o conforto parecia mais doce e mais tépido, no luxuoso conche-go daquele salão moderno, onde errava um convidativo aroma de chá preto, de doces e de sanduíches, servidos sobre pequena mesa de pés finamente esculpidos pelas mimosas mãos da filha da viscondessa – uma graciosa morenita de 18 anos, que ia e vinha entre os grupos, oferecendo as xícaras, manejando com elegante destreza os pratos de guloseimas e os cálices de vinho e de licores.

A viscondessa, por seu lado, coadjuvava amavelmente a filha; e o seu longo vestido de seda *lilas*³ fazia um *frou-frou*⁴ de saias ricas, serpenteando por entre a confusão artística das *causeuses*,⁵ dos fofos divãs, das vastas poltronas de estofos floristados formando recantos mais

¹ Em inglês no original: chá das cinco da tarde.

² Em francês no original: grená. Cor vermelho-castanha da granada.

³ Em francês no original: lilás.

⁴ Em francês no original: frufriu. Ruído produzido pelo roçar de tecidos.

⁵ Em francês no original: pequeno sofá de dois lugares; namoradeira.

íntimos para a palestra inteligente. Terminou por se sentar, cansada, na ponta de um canapé, e o Dr. Silvério de Assis, um velho amigo, romancista conhecido, magro, bronzado, rosto torturado por um *tic*⁶ nervoso, veio colocar-se ao seu lado, com um cálice de *chartreuse*⁷ na mão, bebendo aos goles.

Um instante ficaram calados, olhando a mesa de chá, que resplandecia na outra extremidade da sala, centro de calor e alegria; depois o Dr. Silvério disse lentamente:

– Que bonita que está hoje sua sobrinha Gasparina!

A viscondessa pousou a vista sobre a mulher alta e elegante, de pé, junto ao piano, que trincava gostosamente um *croquette*,⁸ rindo e conversando com o francês Bertin, adido de legação,⁹ e respondeu com certa ironia pausada:

– Pudera!... Quanto mais faz chorar as outras, mais brilha... “É um vampiro de lágrimas.”

– Viscondessa!... – E o romancista arqueou as rudes sobrancelhas em acento circunflexo, erguendo para ela uns olhos espantados, que interrogavam.

– Pois então?! – Inclinando-se um pouco e falando confidencialmente atrás do leque aberto, a viscondessa insistiu. Conhecia ele um romance de Gyp intitulado *Bijou*?¹⁰ Pois a Gasparina era um tipo como essa *Bijou*, gulosa de todos os homens amados por outras mulheres, com a diferença para pior que a heroína de Gyp, sendo solteira, tinha menos liberdade de ação, e ela, viúva, rica, independente, podia prometer tudo e assim melhor seduzir os que apetecia.

Oh! para a Gasparina, não existiam barreiras morais. Quanto mais defendido o homem por uma afeição sincera, mais se lhe agraça-

⁶ Em francês no original: tique.

⁷ Licor produzido no convento de Chartreuse, ao norte da França.

⁸ EEm francês no original: croquete. Bolinho frito à base de algum tipo de carne.

⁹ Missão diplomática de caráter permanente, ora em desuso, com hierarquia inferior à da embaixada.

¹⁰ *Bijou*, publicado em 1896, é um romance escrito pela francesa Sibylle Gabrielle Riquetti de Mirabeau (1849-1932), cujo pseudônimo, na literatura, era Gyp.

va o desejo de roubá-lo. Um verdadeiro vampiro da felicidade alheia – caso mesmo de nevrose moderna...

E batendo com a ponta do leque no braço do Dr. Silvério, aturdido:

– Veja como ela está tentando incendiar o Bertin... Só porque a pobre da jovem Madame Bertin folheia o seu jornal ilustrado com ar profundamente inquieto, resvalando para o marido olhares aflitos que suplicam imediata retirada.

– Mas, minha amiga, se é assim, como a mãe, sua distinta irmã, não busca aconselhá-la, fazer-lhe ver...

– Minha irmã?... Oh!

A viscondessa desatou num riso claro, em que tremia a pontinha de um sarcasmo. E ia falar, mas a esposa do adido conseguira chamar o marido e o casal se aproximava para a despedida, acompanhada do desembargador Fortunato, aposentado, corpo curto, plantado em duas compridas pernas de cegonha, e mais da petulante Hortense Rios, que dava *shake-hands*¹¹ masculinos, muito sacudidos, fazendo tilintar pulseiras.

E trocaram-se abraços, cumprimentos, a viscondessa acompanhando as suas visitas até o limiar do outro salão.

– Até sábado!...

– Não falem... Adeus. Olhe a chuva, ao entrar no carro...

– *Madame!... Au revoir...*¹²

Agora, no salão mais vazio, Sara, filha da viscondessa, arrastara para o piano suas duas primas Gasparina e Ercília, a mais velha viúva e a segunda ainda solteira, um pouco apagada e melancólica.

No vão de uma janela, Mme Salles, irmã da viscondessa, conversava baixo com a Mme Freire – uma íntima da família, que ficava sempre para jantar.

E a viscondessa, depois de relancear um olhar por todo o salão, vendo os grupos entretidos, tornou a vir sentar-se no mesmo canapé,

¹¹ Em inglês no original: apertos de mão. A grafia correta é *handshakes*.

¹² Em francês no original: Senhora!... Até breve...

junto ao escritor Silvério de Assis, que lhe disse a sorrir, ameaçando-a com o dedo:

– Sabe que me deve a continuação do tal caso psicológico, ou talvez... fisiológico, simplesmente, da sua sobrinha? Não sou impune-mente romancista... E quer que lhe confesse? esse tipo da *Bijou* está me interessando...

A viscondessa franziu a face:

– Pois a mim repugna e revolta. Vê como minha irmã é hoje uma mulher triste, ela que era uma alegre?...

– Culpa da filha?

– Doutra pessoa também, porém muito mais dela. Foi um abalo horrível...

E, curvando-se ainda mais para o Dr. Silvério, todo ouvidos, ela contou. Sua irmã tinha feito a asneira que ele sabia, de se tornar a casar com o Reinaldo Salles, mais moço do que ela, pobre, ainda por cima bilontra muito conhecido. Mas a Lucinda fora toda a sua vida isso mesmo – uma sentimental; e, uma vez apaixonada pela beleza do Salles, não houve pedidos, avisos, informações, não houve nada que dissipasse a sua cegueira. Casou.

Já então voltara para casa a Gasparina, que tinha enviuvado; e, em breve, entre as *coquetteries*¹³ da filha com meio mundo e as infidelidades do marido, que a desesperavam, a mísera Lucinda entrou a passar maus quartos de hora.

Certo dia, enfim, no meio da mais injusta cena conjugal, o Salles disparou às patadas pelo quarto e declarou que preferia a liberdade à riqueza. E, batendo brutalmente com as portas, abalou, foi de fato viver sozinho numa casa de verão que eles tinham na Muda da Tijuca, deixando a Lucinda em prantos e delíquios, malgrado os carinhos das filhas, que tudo tentavam para lhe reanimar a coragem. A Gasparina, por fim, mais resoluta, ofereceu-se para ir buscar o padraço. Aquilo não podia continuar... Era uma crueldade bárbara! Queria a mãe?...

¹³ Em francês no original: coqueterias ou coquetismos. Qualidades ou comportamentos de coquete; preocupação em agradar ou seduzir através da aparência; elegância em excesso; afetações; faccires.

E, na sua miséria, esse raio de esperança seduziu tanto a infeliz, que ela aceitou, cobrindo a filha de lágrimas e de beijos reconhecidos.

Era ao cair da tarde...

Mas o Dr. Silvério interrompeu a narradora, perguntando-lhe que música era essa que a Sara estava agora cantando.

– É uma melodia de Fontenailles: *L'heure d'aimer*.¹⁴ Bonita, não é?...

– Oh! adoravelmente suave...

Ficaram um momento escutando; o romancista marcava a cadência com a cabeça; no fim, depois de aplaudir com um grande *bravo!*, tornou a voltar-se para a viscondessa, que se abanava vagarosamente:

– Perdão! Dizia-me então que sua sobrinha fora procurar o padrasto, não é verdade?...

– Sim – respondeu ela, volvendo logo à atitude confidencial. – Mas a Lucinda, apenas a filha saiu, imaginou uma surpresa: correr atrás, esconder-se na casa e, quando o marido pacificado consentisse em voltar, aparecer e cair-lhe nos braços. A Gasparina então retrocedia só, e ela ficava lá toda essa noite nas doçuras da reconciliação... Coisas de mulher embeijada, sabe?

Sim, o romancista sabia, e riu-se muito da ideia... Não era má, sim, senhora, nada má!...

Mas a viscondessa suspirou:

– Pobre Lucinda! Chegou talvez meia hora depois da filha à casa da Tijuca, noite fechada, deu a volta pelo jardim, falou ao jardineiro, impondo-lhe silêncio, e foi colocar-se em pontas de pés na alcova escura, abrindo para a sala iluminada, onde estavam o marido e a filha. Daí, a princípio trêmula de esperança, depois fria de horror, assistiu a esta cena atroz e imprevista: o Reinaldo, muito excitado e torcendo os bonitos bigodes, declarava que só voltaria se a Gasparina lhe desse um beijo; e a Gasparina, não menos excitada, misturando argumentos em favor da mãe com frases de uma provocação requintada, ia-se

¹⁴ Hercule Gilles de Fontenailles (1858-1922), compositor francês. A canção, cujo título significa *a hora de amar* ou *tempo para amar*, é de 1898 e tem letra de Armand Silvestre.

deixando arrastar e enlaçar pela cinta. Acabou resvalando sobre os joelhos do padraço, que já lhe procurava os lábios, com significativo olhar de desejos volvido para o quarto próximo, quando a Lucinda soltou um estridente grito de desespero e caiu redondamente no chão...

O romancista abria uns olhos horrorizados para a viscondessa, que ofegava, abanando-se.

– E... depois?... – disse ele.

– Depois, nada... Perdoou à filha e enxotou o marido. Mas disse adeus à felicidade e à alegria, minha pobre irmã!...

– Efetivamente! – murmurou o Dr. Silvério, pensativo. – É demasiado cinismo!...

– E com a coitadinha da Ercília, o que ela fez!... – exclamou a viscondessa, em novo arranco de indignação. – A pequena estava noiva de um Deodato de Lima, bom rapaz, mas teve de acompanhar a mãe à fazenda. Ao partir, disse gracejando à Gasparina: “Não me namores o noivo, hein, *coquette*?¹⁵” Pois a *coquette* fez mais do que namorá-lo e...

O rumor da porta da sala abrindo-se com força interrompeu a história; e apareceu o visconde de Ourival, grosso, hercúleo, olhos de brasa, suíças grisalhas emoldurando duas faces rubicundas. Entrou vivamente, maldizendo a chuva, estendendo uma grande mão cordial a todas as pessoas presentes. E admirou-se prazenteiro de ainda as encontrar ali... Então o chá nesse sábado se prolongara, não é? E ia tirar o relógio e consultar a hora, quando a Gasparina correu façoamente e prendeu-lhe o braço, protestando muito alegre contra esse modo do pôr fora as visitas com tão mau tempo. Devia andar uma friagem lá pelas ruas alagadas!... E, exagerando com gentileza o seu medo do frio, Gasparina encolheu-se toda, fingiu que tiritava. Parecia deliciosa assim, e o visconde ficou a olhá-la, rindo-se muito.

A viscondessa, porém, aproximou-se nervosamente do grupo, declarando que na verdade a recepção se prolongara nesse sábado e ela estava até ameaçada de enxaqueca. Foi o sinal de retirada.

¹⁵ Em francês no original: *coquette*. Mulher que procura despertar admiração apenas pelo prazer de seduzir.

Então, lá embaixo, ao portão, ajudando as senhoras a subirem para o carro, o Dr. Silvério se achou entre Mme Salles e suas duas filhas: e uma curiosidade mordeu o psicologista de observar se o rosto da mãe traía qualquer rancor surdo e inapagável. Mas não! essa face pálida só exprimia indulgência, resignação e tristeza.

A irmãzinha Ercília, ao contrário, dardejou um instante sobre a Gasparina certo olhar duro, que não permitia dúvidas a respeito do ressentimento implacável, que lhe ficara na alma.

E agora, à tristonha luz crepuscular, depois de arregaçar as calças e acender avidamente um cigarro, o Dr. Silvério de Assis abotoou o sobretudo e abalou a pé pelas calçadas molhadas, em direção à esqui-na, onde passavam *bonds*.¹⁶

La pensando que, decididamente, só uma mãe perdoa certas surpresas dilacerantes – agravos atrozes, pungentes, humilhantes, inolvidáveis, que vão ferir a mulher nas fibras mais frementes e sensíveis, mais dolorosas, mais palpitantes, do seu coração e do seu orgulho.

Mas só mesmo uma mãe perdoa à filha – sepultado o rancor sob a sublime ternura, que tudo apaga, que tudo olvida.

¹⁶ Em inglês no original: bondes. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferrocarris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad, após assumir a concessão, confeccionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferrocarril. A população deu ao veículo o nome de bonde, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica.



O DERIVATIVO

– Então, Laura, decididamente não te vais deitar?...

– Não, papai? não insista, eu lhe peço!... Vá o senhor descansar, que eu fico ainda...

E Laura tornou à janela, com um gesto aborrecido e impaciente, enquanto o dr. Martins enfiava pela casa dentro, arrastando furiosamente os chinelos de tapete, desesperado com todas aquelas crises que agora se amiudavam no *ménage*¹ de sua filha e repercutiam também na existência dele, estragando a sua boa paz de velho com umas noites inteiras de lágrimas, de espera e agitação, com cenas de ciúme e violência.

– Sempre me saiu um pedaço de maroto, o tal meu genro!... – ia ele rosnando; e fechou-se raivosamente no quarto, com surdas imprecações, decidido a não intervir mais naquelas malditas dissensões conjugais, a ser muito egoísta e não querer saber de mais nada, de mais nada...

Na sala de visitas, um pesado silêncio caíra sobre Laura, debruçada à varanda e sacudida por frêmitos nervosos, a sondar com olhares febris a rua solitária que a lua banhava de uma claridade branca e onde as passadas de um cão, farejando o lixo, punham o único e leve rumor daquela hora tardia.

– Meu Deus! uma hora da noite!... – murmurava ela mentalmente, num soluço... Mas uma aragem mais fria arrepiou-a toda. Entrou para a sala, mal alumiada por um só bico de gás em lamparina, e atirou-se para o fundo de uma poltrona, exausta, volvendo os olhos secos e vermelhos para aqueles trastes familiares, que a tinham visto

¹ Em francês no original: vida em comum de um casal.

outrora tão feliz, quando sozinha com o papai, e agora testemunhavam tantas misérias, todas essas angústias que povoavam a sua vida de casada.

Ah! Como aquele homem a torturava, abusando do seu amor, da sua fraqueza! Onde estaria ele agora?!... Todos os teatros já fechados, e o perverso ainda fora de casa, sem a ter prevenido, sem uma palavra de atenção, que ao menos a consolasse um pouco!

Um fogacho de cólera subiu-lhe de novo ao cérebro, perturbando-lhe a razão. O súbito pensamento do seu marido aconchegado àquela hora nos braços de outra, enquanto ela agonizava ali a esperá-lo, e a lembrança viva de certos olhares e de certas expressões que ele tinha nos momentos amorosos e talvez estivesse prodigalizando agora a uma rival feriram-na de chofre como o contato de um ferro em brasa. Ergueu-se de um salto, apertando a cabeça entre as mãos, e pôs-se a andar, a girar pela sala, trôpega, vacilante, com uma chama de loucura na vista.

Mas, lá ao fim da rua, passos ecoaram, aproximando-se; cães ladraram nos quintais vizinhos; e Laura, subitamente reanimada pela esperança, achou-se outra vez à sacada, suspensa e palpitante, interrogando avidamente as calçadas desertas. Um vulto caminhava de fato em direção à sua porta, mas não parou, seguiu... As pisadas adormeceram, extinguiram-se... E o silêncio da noite recaiu, mais triste, sobre a rua vazia, sobre os prédios cerrados, alvejando ao luar. O hálito da madrugada próxima fazia-se agora mais áspero, mais frio. Laura tremia, encolhida, mal agasalhada sob um pequeno xale atirado às pressas sobre o roupão de cassa. Galos cantavam ao longe. E novas passadas soaram lá embaixo...

Ah! desta vez devia ser ele; era impossível maior demora. Como ia, porém, recebê-lo?... Perderia todo o recato e lhe atiraria ali mesmo à entrada duas bofetadas, gritando-lhe, sem se importar com o escândalo? “Cachorro! miserável! volte para as suas orgias, que eu não quero mais vê-lo... Saia! retire-se!...” E inflamava-se já com este plano, que a bafejava com o acre antegosto de uma vingança. Mas a imagem dele aí se lhe apresentou de relance à memória, com toda a sedução da sua beleza máscula; como que viu diante de si aquele sor-

riso bem conhecido, que descobria uns dentes muito brancos sob o bigode negro; sentiu um certo aroma de que ele usava, e tremeu toda, a pobre!, sob o terror de o perder para sempre! Santa Virgem! que fazer?! Como sofria! Oh! não, que voltasse esse marido pérfido, e por muito feliz se daria ela em o ter ainda ao lado, mesmo infiel, mesmo egoísta e mau. Um sopro de abnegação e ternura distendeu-lhe os músculos contraídos da face, e foi já com um bom ar de perdão que examinou a sombra que se adiantava. Era, entretanto, um transeunte qualquer retardado, que olhou um segundo aquele vulto claro de mulher à varanda, em hora tão imprópria, e passou...

Então Laura vergou ao peso de uma desesperada lassidão e, tornando à sala, deixou-se cair sobre o sofá, inerte, com os olhos fechados.

Quanto tempo durou essa espécie de desmaio? Uma voz, chamando pelo seu nome, despertou-a em sobressalto. Correu à janela, com fortes pancadas no coração, respondendo em tom assustado a um homem que se destacava todo negro sobre a claridade pálida, do meio da rua, a falar para cima:

– Desculpe-me, Laura... Cumpri as suas ordens, mas não o achei... Fui ao S. Pedro, ao Apolo, ao Lucinda,² e sempre inutilmente...

– Suba, pelo amor de Deus! só um instante!

E ela mesma, cautelosa, para não acordar o pai, foi de manso abrir-lhe a porta. Subiram juntos para a sala, balbuciando baixo, ela tão aflita, que nem cogitava no desalinho do seu traje; ele, perturbado pela feição misteriosa da entrevista, lançando involuntariamente olhares rápidos para a desordem do *peignoir*³ abotoado à *la diable*⁴ sobre um seio redondo e gracioso.

“Não, não tinha infelizmente encontrado o Sérvulo em parte alguma...”, continuava o recém-chegado, a sentir uma piedade infinita dessa interessante mulher, tão delicada e fina, que se perdia assim

² Teatros localizados no Rio de Janeiro à época.

³ Em francês no original: penhoar. Tipo de roupão leve para usar em casa.

⁴ Expressão idiomática francesa: improvisadamente, precariamente, desordenadamente.

nos furores dantescos do mais abominável ciúme, por causa de um homem como o seu amigo Sérvulo Guimarães. Que união, a dessas duas naturezas tão antagônicas!

Como explicar, sobretudo, essa paixão tão veemente por um marido infiel, bonito, é verdade, mas caprichoso, ingrato, violento, fechado em suma a todas as sutilezas e dedicações de um sentimento largo e generoso?!... Não, ali havia por força mistério, e mistério talvez da carne...

E os seus olhos, malgrado toda a lealdade do seu espírito reto, pousaram com mais interesse e doçura sobre o rosto ávido da triste Laura. Uma enorme compaixão amolecia-o...

Fez, porém, um esforço, desprendeu-se dessas mãos geladas que apertavam as suas, desviou a vista dos lábios descorados que o interrogavam, e seriamente, com meiguice, aconselhou-a que se fosse deitar, que forcejasse por dormir um pouco, pois de manhã acordaria com o Sérvulo ao lado, arrependido e terno.

Aquilo fora sem dúvida algum jantar de homens que o retivera. Depois o jogo – uma partidazinha de *bacará* – e o Sérvulo perdera a noção do tempo, que corria. Não havia ali sombra de mulher; ele, Mendonça, lho jurava.

E sorria *in petto*⁵ da sua caridosa mentira, o bom do Mendonça, sabendo muito bem que o Sérvulo estava numa grossa pandega com a Lola ruiva dos *Quadros Vivos*.⁶ Vira-o, chegara a procurá-lo em casa da tal criatura, e suplicara-o instantemente que viesse acalmar o desespero da mulher. Mas o amigo o repelira, já excitado pelo *champagne*,⁷ gritando que não admitia que o incomodassem.

Laura, no entanto, serenava um pouco, alentada por aquelas palavras firmes e carinhosas, e acabou por lhe prometer que se iria deitar e havia de ser calma e razoável, quando o marido chegasse.

Três horas batiam. Mendonça retirou-se. E Laura fechava as janelas, quando surgiu de dentro o Dr. Martins, furioso, em *robe de*

⁵ Em italiano no original: secretamente, em caráter sigiloso.

⁶ Apresentação teatral na qual os atores ficam imóveis em poses expressivas que podem sugerir uma estátua ou uma pintura.

⁷ Em francês no original: champagne.

chambre,⁸ perguntando à filha se realmente ela pretendia ficar ali acordada até de manhã, à espera daquele patife... E levou-a pelo braço, obrigou-a a recolher-se, estudando-lhe na fisionomia cansada, com gestos de cólera, os vestígios daquela noite de tormentos e vigília...

Entrou Sérvulo Guimarães em casa, quando o dia já começava a romper. Laura o sentiu vir, despir-se devagar e insinuar-se cautelosamente sob as cobertas do leito, com um movimento de curiosidade para o seu lado: mas ela não se moveu nem abriu os olhos. Um surdo trabalho se operava em seu espírito.

Deixou-o adormecer – o que não tardou muito – e só então se voltou, soerguendo-se um pouco sobre o braço, para o contemplar com uma atenção fixa e minuciosa.

Ali estava enfim o seu marido! Aquele ente adorado pelo seu coração, que a enchia de alvoroço e ternura, dormia agora um sono de animal farto na mesma cama em que ela repousava o seu desalento de mulher traída.

Como era belo, na sua calma de forte! Como se dilatava harmoniosamente o seu largo peito vigoroso ao sopro de uma respiração serena e regular. Não tinha remorsos! não tinha sequer a consciência da noite atroz que lhe dera. E acabava, entretanto, de enganá-la, devendo conservar ainda sobre os lábios rubros os vestígios úmidos de todos os beijos com que *outra* o babujara. Justamente, lá se alastravam sob as pálpebras cerradas umas olheiras roxas, quase negras, bem significativas...

E aquele horror havia de repetir-se frequentemente; outras noites se passariam ainda – para ela a sofrer, para ele a gozar, nessa incompreensão das angústias com que a torturava, obcecado o seu espírito por certas noções⁹ falsas da liberdade masculina que o punham fora de todos os deveres, de todas as delicadezas, de todos os constrangimentos.

Ela, contudo, que nenhuma ilusão mais nutria a seu respeito, amava-o ainda, oh! mas amava-o sempre, e tão loucamente, que

⁸ Em francês no original: roupa de quarto. Vestuário comprido usado por cima das roupas de dormir; roupão.

⁹ No original está *nações*, o que entendemos como erro tipográfico.

mesmo àquela hora, sabendo-o infiel e mau, tinha de reprimir o seu arrastamento para não se atirar sobre ele e devorá-lo de apaixonadas carícias. Meu Deus! como se desprezava! Sentia nojo de si!

Que fazer, porém?... Já que não tinha força e dignidade para se afastar desse ente que a ultrajava, e por outro lado não descobria em sua alma bastante resignação para suportar sem revolta os desgostos que ele lhe causava, incapaz também de mergulhar sem repugnância nas degradações do ciúme e da violência a que era arrastada e que deixavam na sua natureza fina e elevada a impressão de uma náusea moral – Laura ficava ignorando como devia proceder para sair desse horrível círculo vicioso, dentro do qual se debatia como em uma gaiola de ferro.

Corrigir o Sérvulo? Oh! fora tentar o impossível. Mas também continuar assim, assim cada dia e cada noite? A sua carne e os seus nervos revoltavam-se contra isto, num instintivo impulso de egoísmo.

Aí, por entre todas essas considerações tão nítidas e pungentes, uma ideia repentina luziu-lhe no espírito, tão absurda, que a fez sorrir. Ah! se o Sérvulo visse aquele sorriso, iluminado por um travesso raio de sol nascente, que os espreitava pela fresta da veneziana!... Mas não viu: ressonou até mais forte, mais alto.

E Laura pôs-se a lembrar uma opinião médica emitida há dias por seu pai, a propósito de certas moléstias incuráveis que apareciam na sua clínica – opinião que agora lhe acudia ali como uma resposta à crise insolúvel da sua vida. Dissera o velho Dr. Martins:

– Quando eu tenho um doente perdido, para o qual todos os remédios são inúteis, não o atormento mais com experiências. É só fazê-lo sofrer menos, distraíndo-lhe a atenção para um lado diferente daquele que lhe dói. Para isto, derivativo... Mais nada!

– Mas o que é derivativo, papai? – perguntara Laura.

– Pois não sabes?... É, por exemplo, um cáustico na perna, se o doente tem um tumor na cabeça: e a vítima, distraída pelo efeito corrosivo do medicamento, esquece um pouco as dores medonhas que a preocupavam exclusivamente.

– Sim!... o derivativo! – pensava agora Laura, com um olhar malicioso para o marido infiel, que dormia regaladamente ao seu lado...

E um vulto de homem levantou-se mais acentuado dentre o vago daquelas ideias dissolventes. Viu o Mendonça, como horas antes, cheio de simpatia por ela, falando-lhe junto ao rosto com um ar tão meigo, tão bom – e um bafejo de mocidade e esperança dilatou-lhe repentinamente o peito. Sim, era necessário um derivativo...

Sérvulo Guimarães continuava a dormir pesadamente, descansadamente.



O “CARNET”¹ DE UM AVÔ

Lembro-me bem: quando nasceu o Paulito, primeiro *bébé*² da minha filha única Luísa, casada havia dois anos, acabava eu de ser despedido pela condessa Flávia, com quem entretinha relações antigas desde a minha viuvez.

E a coincidência dos dois sucessos vibrou o mais fundo golpe na minha vaidade de homem ainda... com pretensões.

Avô... e amante demitido, era realmente muita coisa a um só tempo. Não que a condessa continuasse a inspirar-me aquela ardente paixão de outras épocas, quando eu seguia a sombra dos seus passos; mas, enfim, o hábito me prendia ao seu jugo, e também me doía não ter sido eu quem se houvesse espontaneamente retirado.

Ao que suponho, a minha amiga aborreceu-se de assistir ao progressivo aparecimento de muitos fios brancos entre a espessura do meu bigode marcial, sem perceber, pobre querida!, que a ela também começavam a branquejar algumas madeixas dantes negras, e isso malgrado o auxílio secreto de certos recursos de *toilette*...³

Contribuiu ainda para o seu desdém por mim a nefasta entrada em seus salões de um literato de grandes olheiras roxas e grenha arrepiada, mas que só tinha 25 anos. Eu, desgraçadamente, contava o duplo! E fui expulso do Paraíso, como um Adão já sem préstimo.

Ora, desde muito, invencível melancolia acampava em meu espírito, invadindo um recesso, outro, mais outro, à proporção que certos fatos tinham lugar, e deixando-me aos poucos sem um canti-

¹ Em francês no original: carnê. Livro de memórias; pequeno caderno de apontamentos.

² Em francês no original: bébé. A grafia usada em Portugal é *bebé*, sendo *bebê*, no Brasil.

³ Em francês no original: toilette. Neste caso, ato de se lavar, pentear ou vestir.

nho só do meu íntimo, onde não se houvesse estabelecido um desalento vago, mas bastante amargo. Começara isto muito de leve, como simples sensação de uma alfinetada, na noite em que conduzi minha filha ao seu primeiro baile.

Nessa noite não ousei valsar, eu, o melhor valsista da época. Sentia-me como diminuído, quase ridículo, desde que entrara no salão como acompanhador de uma filha já moça e não representando unicamente o meu prestígio pessoal; e os cumprimentos que me dirigiam sobre a estreante arrancavam-me apenas um sorriso amarelo. Um amigo atirou-me uma forte e gaiata pancada aos ombros:

– Então, Paulo, a pequena já dança, hein? Estás ficando na bagagem, meu velho!...

Eu fitei-o com ódio.

Esta impressão, contudo, se esbateu com o hábito; mas outras surgiram, cada vez mais acentuadas, destruindo a resistente confiança do meu amor próprio.

Notei, por exemplo, que as amiguinhas de minha filha davam para me tratar com excessivo respeito; e, no dia em que, ao chegar tardiamente a certo sarau, uma gentil senhorita ergueu-se com pressurosa deferência e obrigou-me quase à força a ocupar o seu lugar – nesse dia eu me senti atingido por certo golpe.

Meus olhos perturbados volveram-se maquinalmente para o largo espelho em frente, e vi refletida nele a figura já cansada de um homem de meia-idade, cujo desenvolvimento adiposo era posto em evidência pela justa casaca de cerimônia. Tinha ele a face congestionada, a fronte alargada por um princípio de calvície e parecia triste. Deus meu! era eu próprio que meu olhar analisava... E quanto me senti humilhado por essa cruel visão!

Tudo, porém, esquecia ao penetrar no tépido salão da minha boa amiga Flávia, onde ela desde quinze anos fielmente me esperava cada dia. Logo ao transpor a porta, carinhosa atmosfera me envolvia; e dentro da sala tudo me falava do passado, como se o tempo houvesse estacionado ali, desafiando as decadências e alterações dos anos. Livros, quadros, músicas – eram os mesmos de dantes. Tínhamos fo-

lheado juntos os livros, outrora, como Paolo e Francesca de Rímíni,⁴ deixando-os depois escorregar sobre o tapete, hoje desbotado; as músicas, todas para canto, porque ambos *tínhamos tido* uma linda voz, ela de soprano, eu de barítono – nós as cantávamos ainda com as mesmas inflexões, não errando uma nota, de tanta prática de todas elas. Se a minha amiga ofegava prontamente agora, logo aos primeiros compassos, e se eu soltava uns sons roucos que me arranhavam a própria garganta – nenhum de nós deixava perceber ao outro que o tinha notado. E como agradecíamos silenciosamente a recíproca delicadeza que assim poupava nossas ilusões!

Foi ao ouvido da condessa Flávia que eu expandi, em ânsia de desabafo, as minhas tristezas pelo casamento de minha filha Luísa, que vivia ao meu lado com uma governante.

A minha ternura era fraca demais para contrariar a pequena em seu amor; e até, por um lado, essa união me tornaria mais livre, isento das responsabilidades paternas que me diminuía. Mas, por outro lado, adquirir um genro, passar a ser *sogro*, e futuro avô... oh! que tortura!

Devo confessar neste *carnet* tão íntimo que uma terceira fibra dolorosa estremecia em mim, sem que eu quisesse atendê-la, absorvido todo pela minha revolta pessoal de homem dantes dominador, amado, e que rangia os dentes sob as abdições cruéis impostas pela natureza e pela sociedade.

Eu sofria também porque minha filha me preferia um estranho, porque se afastava do meu lar e eu ficaria só, abandonado numa casa sem vida e sem calor. Singular contradição! queria a minha liberdade inteira e ao mesmo tempo eu me atormentava por tê-la!

O fato é que tudo feria o meu egoísmo, até a alegria da Luísa. E muitas noites não dormia, amanhecendo envelhecido, triste, furioso ao verificar os estragos dessas vigílias, mas sem o poder de pacificar o meu coração agitado.

⁴ Paolo Malatesta e Francesca da Rimini ficaram conhecidos por terem sido retratados n' *A Divina Comédia*, do escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321), mas sua história é real. Francesca era casada com Giovanni Malatesta e tinha um caso com Paolo, irmão do marido. Quando Giovanni surpreendeu os dois juntos, matou-os.

Assim, às primeiras palavras consoladoras da minha amiga Flávia, quando lhe referi das minhas penas tudo quanto podia externar sem deprimir as minhas pretensões masculinas – as que justamente mais sofriam! –, a minha emoção transbordou... Mas ela, como tudo adivinhando, disse-me docemente, a beijar-me na testa:

– Que importa tua filha, e o mundo, e tudo, se nos amamos sempre, imutavelmente?...

E foi me levando, comovido e grato, para defronte do seu grande espelho, bastante pontuado pelas moscas, mas pronto a refletir ainda uma vez as nossas duas figuras amorosamente unidas.

E, como a luz era implacavelmente banida desse salão – cortinas sempre descidas, reposteiros baixos, persianas cerradas –, entrevi na misteriosa penumbra a imagem esbatida de uma amiga sempre bela, reclinada sobre o ombro de um cavalheiro ainda elegante e desempenado.

Bendita sejas, lisonjeira e consoladora penumbra!...

Mas como durou pouco a ilusão que me deste!

Quando eu mais precisava do afeto da ingrata Flávia foi que o senti a fugir-me como um pouco d'água que tentasse reter entre os dedos.

Menos de um ano após o casamento de Luísa, essa pérfida chegou a fazer alusões aos meus cabelos brancos. Olhei significativamente para os dela, mas faltou-me o ânimo para completar a insinuação. E baixei as pálpebras, num pudor por a ver envelhecer comigo.

Foi tempos mais tarde, quando a adiantada gravidez de minha filha me trazia corrido pelas ruas, sob o próximo ferrete de avô, que encontrei pela primeira vez nos salões da condessa o tal literato de olheiras e grenha arrepiada, ocupando o meu lugar junto à *chaise longue*⁵ da minha amiga.

Ele estava a ler-lhe não sei que trabalho sobre Ticiano e Veronese,⁶ e, erguendo os olhos para Flávia, que parecia embaraçada,

⁵ Em francês no original: poltrona. Cadeira reclinável onde se pode estender as pernas.

⁶ Ticiano Vecellio (1489-1576) e Paolo Veronese (1528-1588), pintores italianos renascentistas.

notei com assombro que os seus cabelos negros salpicados de indiscretos fios de prata estavam louros, mas todos louros como ardentes fios de ouro. Fiquei embasbacado, a olhá-la; e esse meu pasmo transparente é que sem dúvida motivou a minha pronta expulsão.

O caso foi que nunca mais a achei em casa e ficaram sem resposta todas as cartas que cobardemente lhe escrevi, no terror do meu isolamento. Tive de curvar-me ao golpe, sucumbido e torturado. E tudo por causa de Ticiano e Veronese, que celebraram as cabeleiras de ouro fulvo!

Nem de propósito, no meio dessas minhas penas, sobreveio a notícia de haver minha filha dado à luz um robusto menino.

Era de manhã, eu fazia a barba desanimadamente em frente a um pequeno espelho suspenso ao caixilho da janela; e recordo-me que nunca fisionomia mais esquisita se estampou num vidro do que essa minha naquele momento, em que me foi anunciado o nascimento do primeiro neto.

De navalha em punho, uma face branca de espuma de sabão, a outra lívida do forte abalo,⁷ assim fiquei uns momentos – petrificado, mudo... E uma hora mais tarde caminhava a passos de condenado para a casa de meu genro, certo de que todos quantos me encontravam iam dizendo, a rir:

– Lá vai o *avô!*...

Apenas dentro do corredor, senti que me empolgavam os braços nervosos no novo pai, estreitando-me ao peito dilatado e feliz com exclamações alegres. Era um menino, forte e lindo – o retrato da Luísa!

Esboçando convencional sorriso, tive de segui-lo depressa ao quarto obscuro e rescendente a alfazema, onde minha filha, muito branca sobre o largo leito, conchegava ao seio um montão de roupas alvacentas. Curvei-me para a beijar e descobri que esse montão de roupas finas, longas e cheirosas ocultava um pequenino ser, muito fraco, muito tenro, com uma carinha mole e vermelha, que vagia

⁷ No original está *abolo*, o que entendemos como erro tipográfico.

debilmente e era o meu neto... O meu neto! Tive um sobressalto, bateu-me o coração.

Assim, pois, ali se achava quem, com as suas minúsculas mãozinhas cerradas, estava a puxar-me para fora da mocidade, do prestígio, do primeiro plano e do amor!...

Por causa dele, eu deixaria de ter vida própria, podendo aspirar a tudo quanto me apetecesse, sem recear o ridículo, para me tornar o *avô*, isto é – um pobre homem empurrado para as frias abdições, condenado a esta frase enterrando-o na plena decadência: “*é um velho! já tem netos!...*”

Ah! mas eu é que não me sentia velho! E respirei com força, exasperado. Minha filha, entretanto, talvez interpretasse essa angústia como indício de grata emoção...

Os meses correram. Batizou-se o recém-nascido, que recebeu o meu nome de Paulo, transformado pela mãe em Paulito. Eu, na minha aversão, evitava olhá-lo.

Mas um dia, à minha visita, não achei Luísa e sim o pequenito sozinho com a ama no jardim. Fazia um sol radioso, com belos tons dourados, e notei repentinamente que um raio dessa luz quente faiscava nos cabelinhos louros do Paulito, formando uma auréola em torno da sua cabecita. Como isto me prendesse a vista, ele sorriu para os meus olhos e estendeu-me os braços. Tive de tomá-lo, meio vexado, meio enternecido, sem saber por quê; e inesperadamente, ao contato daquele corpinho cor de leite, tépido e rechonchudo, que me saltava entre as mãos, veio-me um esquisito abalo e pus-me a comer de beijos a facezinha cor-de-rosa que roçava o meu áspero bigode grisalho, o pescocinho entumescido pelo riso grulhado, os adoráveis punhos cerrados que me martelavam a cara rugosa.

Um grito partiu do fundo do jardim, vibrante e alegre:

– Que é isso? está a comer o meu filhinho?...

E eu encolhi-me logo, escarlate, numa vergonha profunda de ter cedido a esse papel deprimente de *avô*. Mas desde esse dia, se ainda me perfilava como sob uma injustiça de sorte, quando alguém me via junto ao Paulito, bem diversa era minha atitude só com ele, cada vez mais lindo, risonho e engraçado.

Paulito tem hoje dois anos e meio e governa-me escandalosamente. Minha bengala é o cavalo em que ele galopa aos pinotes pela casa toda. E eu rio-me às gargalhadas; a mãe ri, o pai ri, todos nós encantados por essas traquinadas que nos parecem prodígios. Com os seus cabelinhos louros, uns olhos azuis brejeiros e certo modo de falar e sorrir que descobre uns dentinhos miúdos e brancos como carocinhos de arroz – Paulito faz de mim o que lhe apraz, tiraniza-me, cavalga a minha vontade como cavalga a minha bengala. E se eu ainda tenho horas de melancolia e saudade, rememorando o passado esvaído; se não deixo – para ser sincero – de sentir sempre um certo vexame da minha transformação, que representa uma decadência, basta o riso cantado e fresco do meu Paulito para varrer as nuvens do meu espírito. Resignei-me enfim a ser avô e adoro o meu neto.



O CASO DO LOUZADA

“Não, mas deveras o Louzada recebeu uma lição de mestre... Oh! quando ainda me lembro...”

E o Ferreira levou as mãos às ilhargas e disparou numa gargalhada tão estrepitosa e sacudida que o colete quase lhe estalou, enquanto a palestra foi ganhando calor, entre baforadas de fumo que se evoluavam no ar, em transparentes espirais.

O terraço deitava para o rio, e, àquela hora, o sol já quase posto, sentia-se vir uma frescura deliciosa dessa água, borbulhando lá embaixo sobre seixos claros e fugindo murmurosa para os campos verdes, avistados ao longe.

O Damásio tinha-se erguido e viera debruçar-se no parapeito, sorvendo ruidosamente o aroma de resedás que embalsamava a atmosfera.

– Ora, vejam vocês se isto não é mesmo um paraíso!...

E voltou-se, apontando para as direções que ia indicando:

– Aqui embaixo, água corrente, cantando estrofes amorosas com a sua voz de cristal; ali em frente, enorme montanha verde-negra, misteriosa e imponente como legítima obra divina.

“Deste lado, jardins suspensos, aéreos, estrelados de rubras flores sugestivas, que têm o nome de Vênus; do outro, aquele *chalet*¹ de persianas brancas, onde já descobri uma linda figura de mulher... E um céu de pálido azul com tons rosados! e a estrada que serpenteia por aí fora entre laranjeiras cheirosas! e esta palestra depois do bom jantar do amigo Adolfo! E o café da velha Eusébia que não tarda! e

¹ Em francês no original: chalé. Pequena casa de campo de traços rústicos, à moda suíça.

estes charutos!... Oh! senhores! mas não é tudo isto a realização da felicidade mais perfeita?...”

E caminhou para os outros, de braços alargados, postando-se em atitude de cômica interrogação.

– O Damásio está eloquente! – disse Adolfo. – Será o vinho italiano que começa a fazer das suas?...

– Qual eloquente! – protestou Renato Lopes, dando um puxão aos punhos. – O que ele está é maçador! Interrompeu o nosso Ferreira, que já nos ia contar a liçãozinha recebida pelo implicante Louzada.

– Eu cá opto pela história do Louzada... Nada de lirismos! A história!

E pôs-se a bater com a mão na mesa, até que o Ferreira acudiu, todo ufano por se ver assim reclamado.

Não era preciso mais. Lá ia o caso.

Entrou em matéria, parando a espaços para soprar o fumo do charuto. Conheciam bem o Mário Louzada, não é? Um bilontra romântico, de ares fatais, olhos enormes e barba em bico, que parece expirar de cansaço cada vez que se senta ao piano para tocar as tais composições de sua lavra – umas melodias lúgubres e místicas, em *lá menor*, que se arrastam indefinidamente pelo teclado.

– Muito bem! muito bem!... – gritaram Renato e o Damásio batendo palmas.

– À primeira vista um bom rapaz – prosseguiu o Ferreira. – Boa prosa, talento artístico, espírito cultivado...

“A gente se regala de conversar com ele... Tem um modo adorável de arrastar as sílabas...”

“Pois, meus amigos, não lhes conto nada: aquilo é um cínico dos mais completos...”

– Ora adeus, você está doido, Ferreira! – interrompeu brusca-mente Adolfo. – O Mário Louzada um cínico! Onde se viu isto?! Ele pode ser um sentimental da raça dos Lamartine,² um tanto piegas,

² Referência a Alphonse de Lamartine (1790-1869), escritor, poeta e político francês, cujos poemas eram caracterizados por profunda melancolia.

amando o lusco-fusco, a lágrima, o dobre de finados... Mas cínico? Ora qual!...

Mas o outro tinha se erguido e insistia, já vermelho. Ele não seria capaz de inventar:

– O Louzada era um patife!

Essa tal nota de requebrado romantismo é que justamente servia de reles capa à sua verdadeira natureza de homem depravado. Tinha prova. Podia citar fatos... Mas não o deixavam falar.

E gesticulava, brandia o charuto, apoiado pelo Damásio e o Renato, que lhe davam razão. O Louzada era isso mesmo... O Adolfo devia deixá-lo falar.

– Pois que fale! – acabou por dizer Adolfo, secado, encolhendo os ombros.

E o Ferreira preparou-se para continuar. A Eusébia chegara com o café e o *cognac*;³ ele, a chuchurrear golinhos de um e outro, foi falando. O Louzada tinha encontrado em Caxambu⁴ uma Mme Moss, viúva daquele corretor inglês que andava sempre pela rua da Alfândega com um grande cão dinamarquês... Lembravam-se? Essa Mme Moss é mulher ainda bonita, frescalhona e robusta, com uns belos olhos pretos pestanudos cheios de ardor; e o Louzada entrou logo a lhe fazer rasgada corte. Já se sabe: veio à cena toda a reserva das grandes ocasiões – olhares melancólicos, baladas ao piano em tom menor, frases sentidas com voz quebrada sobre as tristezas do isolamento, quando a alma de um artista procura em vão uma outra alma que a compreenda...

Enfim, todo o repertório.

Logo, porém, que Mme Moss se afastava, trêmula e abalada, ele piscava o olho para a rapaziada e dizia: “Que fazendão, hein? Está ali, está caidinha...”.

E estava mesmo caída, a pobre da viúva do corretor.

Aquele homem lânguido e de voz tão doce revolucionara o seu sangue rico de mulher casta e bem equilibrada.

³ Em francês no original: conhaque.

⁴ Município localizado no sul do estado de Minas Gerais.

Sentia-se perdida de paixão. E não tardou que o romance chegasse ao desenlace previsto.

Ora, o Louzada não conhecia absolutamente a família de Mme Moss, que encontrara sozinha com uma criada nas águas de Caxambu. Tornando-se amante dela, acabou naturalmente por saber que a viúva tinha filhos no Rio de Janeiro; mas que idade tinham esses filhos, que faziam, por onde andavam – eis o que nunca o seu egoísmo indiferente cuidou de indagar.

E mesmo, como sucedia sempre após os seus triunfos amorosos, foi pouco a pouco sentindo amortecer o entusiasmo dos primeiros encontros, de modo que às vezes nem prestava atenção às confidências que a sua amiga ensaiava nas horas de intimidade.

Ela é que ia ficando, ao contrário, mais e mais apaixonada e tentava tudo para o prender e lhe agradar.

Nunca parecera mais bonita.

Andava vestida à última moda, a cinta bem fina, o seio admiravelmente modelado, uma expressão estática nos olhos negros – enfim uma deusa pisando a terra.

– Oh! – Ferreira interrompeu aos berros o Damásio.⁵ – Dize-me cá, dize-me cá, amor, onde anda essa incomparável mulher? onde poderei encontrá-la?

“Mas responde! fala depressa ou eu morro...”

– Tu estás bêbedo – respondeu furioso o Ferreira. – Tu só dizes asneiras! Tu serves só para cortar o fio de minha história...

– E tem o Ferreira razão – bradaram a um tempo os outros.

“São proibidos os apartes! O orador está com a palavra, mas não abuse do tempo. Adiante!...”

O orador não se fez de rogado: molhou os lábios em novo cálice de *cognac* e prosseguiu. A verdade é que a ligação do Louzada com a viúva Moss não fındou quando regressaram ambos ao Rio. Ela, entretanto, recusou recebê-lo em sua casa; e pela primeira vez confes-

⁵ Conforme o original. O trecho ficou confuso, pois, se é Ferreira que está contando a história, deveria ser Damásio a interrompê-lo.

sou menos vagamente que tinha filhas, e filhas solteiras, que não lhe permitiam aproveitar completamente a liberdade da sua viuvez.

Tinha, porém, uma conhecida mui discreta na rua dos Arcos e em casa dela se poderiam encontrar. Assim aconteceu, e o Louzada ia de quando em quando reunir-se na alcova enfumaçada da velha D. Rosa com a Mme Moss, que começava a parecer-lhe terrivelmente maçante. Foi ao sair de um desses *rendez-vous*⁶ que ele notou uma rapariga nova e elegante que esperava o *bond*⁷ elétrico na volta do Passeio Público; e de repente, empolgado por um dos seus violentos caprichos, deu-lhe caça, tomou o mesmo *bond*, apeou-se ao mesmo tempo que ela na rua do Catete⁸ e viu-a entrar num prédio de sobrado, em cuja loja funciona um sapateiro.

Interrogando este homem, soube que morava em cima um Dr. Paulo Mendes, advogado, casado com a moça que há pouco entrara; e deu pulos de contente. A rapariga era de boa sociedade, era casada!... Que fina e rica presa! Desde então não pôde mais a senhora do Mendes aparecer em qualquer parte que não encontrasse os enormes olhos do Louzada pousados nela com a infável expressão de um *timbó* apaixonado.⁹

No sarau das Feitosas, finalmente, conseguiu o Louzada uma apresentação e pôde pôr em prática os seus outros meios de sedução, consistindo na voz quebrada e dolente, nas queixas plangentes contra o isolamento cruel da sua pobre alma de artista e nas melodias ao piano, arrastadas e lentas como um carpir de fantasmas.

⁶ Em francês no original: encontros marcados com antecedência.

⁷ Em inglês no original: bonde. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferrocarris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad, após assumir a concessão, confeccionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferrocarril. A população deu ao veículo o nome de bonde, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica.

⁸ Localiza-se nos bairros da Glória e do Catete, na cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Timbó é um conjunto de plantas tóxicas, que causa o entorpecimento, sendo, por isso, utilizadas tradicionalmente na pesca, em algumas regiões do país. No sentido figurado, significa moleza, lassidão e entorpecimento dos membros. E, no caso, a expressão daquele que sente uma paixão entorpecedora.

A mulher do Mendes, porém – uma morena espigada e cheia de vivacidade –, parece que não recebeu lá muito boa impressão de toda essa exibição de sentimentalismo piegas.

Vivia muito caída pelos bigodões enérgicos do marido e achou o Louzada simplesmente ridículo.

A cega fatuidade dele não o deixou perceber isto. Julgou-se até atendido e, no dia seguinte, à hora de estar o Mendes pelo escritório, enviou audaciosamente à rapariga uma carta de amor, em que lhe suplicava um *rendez-vous*...

– Homem! que tal! – balbuciou com espanto o Damásio.

– É como lhes conto! – afirmou o Ferreira. – Mandou a carta...

“E fez mais: declarou que no outro dia à 1 hora da tarde subiria a implorar a resposta...”

– Mas isto não é possível! – protestou o Adolfo. – Conheço o Louzada...

– Eu garanto!... eu afirmo!... – pôs-se a berrar o Ferreira, dando murros sobre a mesa. – Esta história é verídica. Passou-se há três meses. Pergunta ao Regadas; pergunta ao Hildebrando Chagas... Todos sabem...

– Está bem, não grites tanto – atalhou Adolfo; e, abrindo os braços, sucumbido, ajuntou:

– Estou pronto a crer.

– Neste caso eu prossigo – continuou Ferreira com animação crescente. – Ele mandou a carta, e a senhora do Mendes, indignada, saiu com o papel e foi mostrá-lo à mãe, que morava à rua do Riachuelo. Ora, quem havia de ser essa mãe?...

E o historiador fez uma pausa de efeito, ergueu a sobrancelha em forma de acento circunflexo e ficou de olho cravado nos amigos, interrogativo e enigmático.

– Era... era uma velha *cocotte*¹⁰ que sustentara em tempo o Louzada?... – sugeriu Renato.

¹⁰ Em francês no original: cocote. Meretriz elegante, cortesã.

– Não – cortou o Damásio. – Era uma antiga amante do pai do Louzada, de maneira que a mulher do Mendes achou-se ser irmã...

– Qual irmã! vocês são uns bestas! – rompeu Adolfo. – A tal mãe era a Mme Moss...

– Isso, amiguinho Adolfo – estrepitou Ferreira... – Isso! É uma águia! Venha um abraço!

Era com efeito a Mme Moss, que, ouvindo a filha e ao ler a carta de Louzada, fez-se de mil cores e pensou estourar de cólera. Que patife!...

Imediatamente entrou em acordo com a filhinha e no dia seguinte, quando Louzada penetrou no sobrado da rua do Catete, pálido malgrado a sua audácia, viu-se recebido na sala de visitas pela viúva Moss, que de pé lhe sorria ironicamente... Foi *un coup de théâtre!*¹¹

Ele embatucou, olhou para o lado da porta, como assustado, mas afinal, não compreendendo ainda a significação dessa presença, tomou o partido de ser impudente.

– Quererá V. Exa. explicar-me o que faz nesta casa? – perguntou, afetando exagerada cortesia.

– Pois não! – respondeu ela, imitando sarcasticamente esse tom de requintada polidez, mas a voz vibrando de raiva sofreada. – Esta casa é de minha filha, casada com o Dr. Paulo Mendes, e eu vim defendê-la contra as tentativas audazes de um miserável...

Dizendo isto, caminhara para o Louzada, e às últimas palavras, antes que ele tivesse o tempo material de retrair-se, assentou-lhe em plena face a mais imprevista, a mais alentada e vigorosa das bofetadas...

– O quê? o quê? – exclamaram em coro os três rapazes, atônitos. – Pois então o Louzada levou?... mas levou mesmo a bolacha?...

E romperam na gargalhada.

– Ora, se levou! – prosseguiu o Ferreira, com sorrisos de orador satisfeito. – E boa! e bem aplicada! Também não esperou mais nada: foi virando de bordo e descendo as escadas à pressa e de lenço ao ros-

¹¹ Em francês no original: reviravolta. Evento repentino e inesperado, especialmente numa peça de teatro.

to. E agora – concluiu Ferreira, pondo-se de pé e esticando as calças –, contesta ainda o Adolfo que o Louzada seja de fato um cínico?...

– Homem! – objetou aquele, também se erguendo para ir deitar fora o charuto apagado. – A questão não se decide assim... O Louzada ignorava os laços de sangue existentes entre a amante e a outra que cobiou. Quantos por aí não cometem igual delito, agravado pela perfeita ciência do incesto moral? Oh! nem se contam! Vão primeiro à mãe, depois à filha, quando não fazem a corte a ambas simultaneamente. É que nós, homens, somos uns refinados canalhas, e falsos, hipócritas, perversos, indignos...

– Oh!... oh!... – protestaram violentamente os mais. – Isto ultrapassa os limites... É mentira!...

– É verdade, vocês o sabem também como eu... Basta, porém, de discussão, vamos ao passeiozinho pelos campos, a fim da¹² besta digerir o vatapá da tia Eusébia...

Tomaram os chapéus, desceram ruidosamente as escadas, rindo, discursando sobre literatura, arte, progresso... E o caso do Louzada foi esquecido.

¹² Conforme o original.



A MENTIRA

Defronte do espelho, à claridade de duas janelas abrindo largamente para o jardim, Laura Mendes – a Laurita, como era chamada – atava com apuro e *coquetterie*¹ uma gravata vermelha em laço à *Príncipe de Gales* sobre o peitilho da camiseta branca, apertada na cintura por um cinto de couro.

Apanhando depois uma *jaquette*² de gola de veludo estendida sobre o vasto leito conjugal, enfiou rapidamente as mangas, repuxou as abas e voltou a mirar-se ao toucador, de frente, de lado, alisando o busto, andando a passos miúdos, como quem caminha na rua, para observar o efeito geral. E de repente rompeu a cantar, ensaiou mesmo um giro de valsa pelo quarto. Mas parou logo, como absorta, olhos fitos.

Agora abria e fechava gavetas, revolvia véus, luvas, pingava extratos fortes no lenço, compunha os altos laçarotes do chapéu que ia ajeitando com arte sobre os cabelos negros e crespos.

E começava a calçar uma luva, tinha já sobraçado a sombrinha, quando a porta se entreabriu e uma criada passou a cabeça pela fresta, anunciando:

– Está aí a sra. D. Ana, tia da senhora... Diz que tem pressa...

Laurita estacou, fitando sobressaltadamente a mulher com uns olhos que pouco a pouco se acendiam. O quê?... Que estava a dizer?... A tia Aninha?... E subitamente cresceu para a porta, num ímpeto de furor irreprimível que a fazia até gaguejar:

¹ Em francês no original: coqueteria ou coquetismo. Qualidade ou comportamento de coquete; preocupação em agradar ou seduzir através da aparência; elegância em excesso; afetação; faceirice.

² Em francês no original: jaqueta. Veste curta de mulher, ajustada no talho.

– Grande estúpida! você não podia dizer que eu não estava em casa? E agora? e agora, como hei de eu sair? Responda...

E avançava, e a criada recuava, desculpando-se.

– Oh! minha senhora, eu não sabia... peço perdão...

– Vá embora, criatura, suma-se, senão eu nem atino...

Mas como a criada se apressasse em cerrar de novo a porta, feliz por desaparecer, Laura foi atrás dela e avisou, buscando comprimir a estridência raivosa da voz:

– Olhe lá, sua estúpida, não se ponha agora a contar esta cena à tia, hein? Peça para esperar um pouco na sala de costura... Que eu estou a vestir-me e já vou...

Mas, uma vez só, Laurita disparou num passeio vertiginoso pelo quarto, monologando alto, arremessando com as luvas, o guarda-sol, tudo quanto tinha nas mãos sobre o tapete, sobre a cama. E essa! não faltava mais nada!... Como sair agora? Dizer que tinha lutado seis meses contra uma paixão violenta que pouco a pouco lhe invadia toda a alma: e quando, vencida, exausta, louca de amor, resolvera ceder ao homem que adorava – nesse dia do primeiro *rendez-vous*,³ quando ela toda palpitava no antegozo dos beijos sôfregos que a esperavam, nesse dia, nessa hora tão longamente sonhada e custosamente preparada, tudo se desmoronava porque... porque uma velha tia, a sra. D. Ana, se lembrava de vir meter-se em casa!...

E as botinas de Laura rufavam um *tic-tac* exasperado no assoalho, indo e vindo, ora indecisas, ora precipitadas.

Aquela besta da Maria por que não dissera que ela já tinha saído?

E agora o trambolho da titia se instalava com certeza para jantar, era um dia perdido. E o Fernando a esperar, coitado!, no quarto cheio de mistério e de paixão, contando os minutos pelas pulsações inquietas de seu coração aflito e já seguramente a acusando de não ter palavra, de o não amar bastante...

Oh! essa tia, como a odiava!...

Ia despedi-la, sim, ia dizer-lhe secamente que tinha de dar um giro pela cidade. Não era porventura livre, casada, senhora dos seus

³ Em francês no original: encontro marcado com antecedência.

passos? E Laurita já se arrojava à porta, decidida e insolente; mas uma familiar figura de bandós brancos, aureolada de respeito, como que lhe surgiu à frente, e ela recuou, impotente, exasperada.

Era a tia Aninha, que a vira pequenina: era a velha irmã de sua mãe... E um crepúsculo a detinha, fremente embora.

Bruscamente, saltou de alegria.

Ah! tinha uma ideia, e que luminosa ideia!... Toda a face banhada de um súbito riso malicioso, Laurita abalou pelo corredor com as luvas, a sombrinha, o ar muito apressado e cheio de alívio.

E logo da porta foi atirando palavras alegres e precipitadas para o interior da sala, uma volubilidade vibrante, correndo a beijar a mão branca e ossuda que lhe estendia dentro de uma *mitaine*⁴ de retrós preto uma senhora idosa, vestida de rendas negras e sentada pensativamente junto à mesa do centro. Que boa ideia tivera a tia Aninha de vir vê-la! Mas nem de propósito ocorria uma circunstância aborrecida... Que maçada! A mamãe estava doentinha, sabia? mas doentinha, coitada!... e para lá ia um bocado, tratá-la, fazer-lhe companhia... Que pena ter de sair!

A tia, sem se erguer, escutava esse cascalhar de frases gentis com certo ar surpreso e, envolvendo depois num lento olhar severo toda a *toilette*⁵ casquilha de Laurita, disse por fim:

– Pois, se já estás informada do estado de tua mãe, como ainda te acho aqui? E que vestuário foi esse, tão demorado e cheio de tafularias, quando ela talvez não viva a esta hora?

A Laura fez “*Hein?!*” e ficou de olhos espantados, como aturrida, mirando a tia.

Que significava isso?! No baralhar repentino dos seus pensamentos, compreendia apenas que a sua invenção saía verdade e que a mamãe estava mesmo doente, e seriamente doente... E, numa súbita comoção, que a sacudiu toda, sentiu entrar-lhe pela alma dentro um imenso remorso, um susto agudo, e ao mesmo tempo o desespero de não poder interrogar sem traír a sua mentira – cuja intenção ia ferir a

⁴ Em francês no original: mitene. Espécie de luva sem dedos.

⁵ Em francês no original: toilette. No caso, vestuário, modo de vestir.

velha tia. Mas era preciso saber, Santo Deus!, era preciso... Fazendo-se afetadamente infantil, quando a angústia lhe comprimia o peito, veio sentar-se junto da titia, espreitando-lhe a face, enquanto desenrolava frases ansiosas num tom ingênuo. Ora, também não havia de ser tanto, não é verdade? A mamãe é que ficava logo toda apreensiva... Assim, de uma vez que lhe dera a mesma coisa...

Mas a velha interrompeu com aspereza, declarando que não podia entender semelhante otimismo, até desumano.

Já era esquisito que ela não estivesse ao lado de sua mãe; mas ainda por cima duvidar da gravidade do seu estado, quando estava informada de tudo!...

“De quê, de quê?...”, ia perguntando aflitivamente a Laurita; mas engoliu a pergunta, levantou-se, tão aterrada que os olhos se lhe encheram de lágrimas irreprimíveis. Nesse instante acudiu-lhe à ideia que o Fernando a esperava, que a hora do *rendez-vous* fugia; mas essa lembrança a encontrou inerte, fria, como se a imagem do amante se esvaísse, varada por essa outra imagem de sua mãe doente, moribunda talvez, chamando por ela...

A voz da tia fê-la voltar da janela, onde fora dissimular suas lágrimas.

– É verdade, menina, quem veio avisar-te do incidente? A Joana decerto que não, pois eu a proibi de largar um minuto só a doente, quando fui à casa dar ordens para depois chegar aqui... Foi então o Paulo?...

– Sim, sim... o Paulo – respondeu Laurita perturbadíssima; e, sentindo que a situação se lhe tornava inaturável, gritou bruscamente:

– Mas vamos, tia Aninha, vamos já... sim?

E, sob os olhares admirados da velha, que não atinava com o motivo de tamanha precipitação sucedendo a tanta calma, Laurita abalou pelas escadas, pálida, ofegante, puxando pelo mantelete de rendas negras da tia Aninha, que se demorava a dizer:

– Pois eu não sei como o Paulo veio... Que eu tinha proibido, para não te assustarem... Queria eu mesma vir avisar-te, com cau-

telas... Mas arre lá, menina!... Espere... que as minhas pernas são de velha...

É que a Laura a arrastara com mais força para o carro, esperando junto à calçada; e agora, rodando ambas pelas ruas, ao trote lento do animal cansado, o remorso pungia mais agudamente o coração da filha que se servira do nome de sua mãe para correr ao pecado de amor.

Seguramente, Deus ia castigá-la... A mamãe ia morrer... E a doce figura dessa mãe viúva, só, sempre devorada de saudades suas, desenhou-se nítida em sua memória, sem as confusões ingratas desses últimos tempos – frase suprema do seu criminoso amor, em que só o vulto de um homem acampava no seu espírito absorvido pela paixão. Todo o prestígio da afeição materna ressuscitou em sua alma... E essa boa mãe ia morrer!...

Uma sacudidela atirou-a sobre a tia. O carro tinha estacado diante da casa toda fechada, muda, encerrando entre as suas paredes o mistério do sofrimento e talvez da morte. Então, ao passar a soleira desse vestibulo familiar, lajeado e sombrio, tantos anos atravessado pelos seus pés ligeiros de criança e depois de moça, Laurita sentiu um nó apertar-lhe a garganta e parou junto à escada, tremendo... Que havia, afinal?... Que se passava lá em cima? Oh! como lhe pesava na consciência essa abominável mentira a trancar-lhe na boca a interrogação natural, instintiva e ansiosa!

E, não podendo conter-se mais, rompeu num choro perdido, arrimada ao corrimão.

– Laurita, minha filha!... – acudiu a D. Ana, enternecida e aflita.
– Não te abales tanto... Coragem! O ataque cedeu e é provável que se não repita...

“O ataque!”, pensou Laurita espavorida, entre soluços. Houve então um ataque? Que ataque?...

E repentinamente decidida, num assomo brusco, puxou a velha para si e falou-lhe numa efusão febril.

– Ó tia Aninha, escute... Eu morro de inquietação porque não sei nada, nada, nada...

“Menti-lhe há pouco, lá em casa, porque queria sair... Sou uma criminosa.”

– Laurita!...

– Sou, tia Aninha... Eu ia encontrar-me com um homem... Mas era a primeira vez, juro-lhe. Não vou mais. Nunca mais! Mas diga-me: que tem mamãe? Diga, diga, diga...

E sacudia a velha, cujo olhar, a princípio estupefato, umedecia-se agora de uma branda piedade. Sim, compreendia agora tudo, essa *toilette* apurada, esses ares petulantes, e depois a emoção, o remorso, a pressa... Pobre Laurita! O balofo do marido, sempre atarefado com os negócios da Bolsa, não soubera defendê-la contra as tentações... E agora...

– Subamos! – disse por fim, simplesmente, desprendendo as suas rendas negras das mãos trêmulas da sobrinha. – E sossega, filha. Tua mãe esteve realmente à morte esta madrugada com uma síncope cardíaca, mas parece melhor. E com cuidados, sem abalos, sem desgostos...

Parou e, fitando em cheio Laurita, repetiu com mais força:

– Sem desgostos...

– Oh! minha tiazinha, eu lhe juro!...

E o abraço que trocaram naquele vestíbulo sombrio teve o caráter solene de um juramento prestado e aceito.

Depois subiram; e a mãe de Laura Mendes não morreu dessa vez.



SOB AS CINZAS

Ela era velha, muito velhinha, e andava sempre de um lado para outro pela casa, baixa, gordinha, o cabelo branco apanhado num pequeno rolo preso por um pente de tartaruga.

Os que a tinham conhecido moça já haviam desaparecido do mundo; os outros, uns sobrinhos que ela criara desde a infância, hoje casados e com filhos crescidos – esses não se lembravam de tê-la jamais visto senão sob esse aspecto de velha ativa e bondosa, mas um tanto incaracterística, sem valor próprio entre os membros da família.

A tia Filomena era como um traste antigo: fazia parte da mobília da casa; todos os olhos tinham o hábito do achá-la imutavelmente ali, andando da sala para a copa, ou sentadinha no vão da janela, uns enormes óculos no nariz, abismada na leitura dos jornais que todos já haviam lido.

Mas do seu passado, da sua vida, dos sentimentos – ninguém sabia nada. Ela era velha; ela era viúva; ela tivera um filho que lhe morrera já homem.

O resto – se fora bonita, feliz ou infeliz, se tivera um papel brilhante outrora na existência, por que viera encalhar sozinha naquela vida de província, em um ninho alheio –, isto ninguém indagava. Tinha uma pensão do Estado, por ser viúva de militar; e interessava-se ainda pelas coisas de guerra, andava ao fato das promoções, conhecia toda a questão dos fardamentos, dos galões dourados, das barretinas e dos penachos.

O seu silêncio, porém, logo que a interrogavam com mais curiosidade sobre o passado, desnor-teava os indiscretos. O gesto da sua mão gordinha e engelhada recuava para tão longe os acontecimentos de que lhe falavam, que ninguém ousava mais insistir. Só

uma sobrinha de 10 anos, a Julinha, morena e esperta, sua predileta, conseguia tirar dela algumas histórias antigas, contadas um tanto no ar, sem grande coesão. Nessas ocasiões, a tia Filomena ficava imóvel, o olhar fixo, uma pitada de rapé entre os dedos polpudos; e a risca do seu cabelo branco assumia um vivo tom rosado.

Era quase sempre no seu quarto, muito aseado, muito arranjadinho, com as cobertas do leito muito esticadinhas e um grande crucifixo à cabeceira, que a tia Filomena se esquecia a rememorar alguns trechos do seu longo passado com essa sobrinha, única pessoa que deixava penetrar no seu refúgio, obedecendo sem querer à influência dos belos olhos negros curiosos que a interrogavam e farejavam com um instinto precocemente feminino os pobres mistérios da sua velhice.

– Que secretária tão redonda, tia Filomena! – dizia a pequena, apalpando o enorme bojo do antigo traste de jacarandá onde a velha guardava os seus papéis. E pedia-lhe que abrisse, deixasse-a ver pela vigésima vez as coisas bonitas e interessantes que as gavetas continham, sim?

A tia Filomena recusava a princípio; não, não tinha tempo nesse dia; mas a Julinha amuava, fingia retirar-se de testa franzida, e a tia Filomena corria aos passinhos miúdos atrás dela e trazia-a pelo braço, prometendo satisfazer todas as suas vontades.

Puxava uma cadeirinha baixa, sentava-se, punha os óculos, abria a secretária, e a menina, a sorrir maliciosamente, triunfante, os olhos brilhantes, entrava a examinar cada objeto revolvido cuidadosamente pela mão da velha, que tocava em tudo com o religioso carinho de um culto grave, muito solene.

– Que caixinha é esta, tia Filomena?... – perguntava irreverentemente a pequena, buliçosa e irrequieta.

– Espere, minha filha, não pegue assim com tanta ânsia... – protestava a velha.

E os seus dedos trêmulos destampavam docemente a caixa de papelão desbotada, com uma pálida figura de mulher, roída pelas traças, e já sem olhos, pintada em cima num tom quase apagado.

Um grande anel de cabelo seco e preto, amarrado com uma fita sem cor, aparecia sobre um leito amarelecido de pequeninos embrulhos de outros cabelos.

Havia de tudo na tal caixinha; um *pince-nez*¹ enferrujado de homem; algumas *breloques*² de ouro para relógio; uma trombetinha de criança; uma larga fita de cetim esverdeado, toda pontuada de mofo, com o dístico: *medida de Nossa Senhora da Conceição*; e várias carteirinhas caindo aos pedaços com amores-perfeitos quase pulverizados entre as páginas encardidas, onde apareciam versos escritos numa tinta amarelada, já ilegível.

Certo dia, a Julinha empurrara desastradamente outra bocetinha,³ que se abriu e despejou no chão uns pequenos objetos brancos como grãos de arroz.

E a velha se precipitara, aflita, a apanhar aquilo tudo, gritando: “Ai, filha! ai! que me entornas os primeiros dentinhos do meu Geraldo...”

O Geraldo era o filho que lhe morrera com 35 anos, grande, espadaúdo e musculoso, capitão de artilharia e muito dado a ceias e pagodes. Tinha rebentado de uma lesão cardíaca.

Outra vez, porém, como a Julinha tentasse abrir uma gaveta que nunca a tia Filomena havia deixado o seu olhar devassar, a menina conheceu enfim a verdadeira severidade da velha, que dessa feita a repeliu com desusada força.

E a secretária cerrou-se sem apelo por muito tempo, malgrado as súplicas magoadas da Julinha, que tinha a paixão daquelas coisas antigas, misteriosas, ocultas, exalando um vago aroma do passado, de flores murchas, de papéis velhos e de rapé.

Os jornais da capital chegavam sempre à hora do almoço, trazidos pelo jardineiro da estação do caminho de ferro, onde os ia buscar;

¹ Em francês no original: pincenê. Modelo de óculos cuja estrutura é desprovida de hastes. A fixação é feita apenas sobre o nariz.

² Na língua francesa, é grafado *breloque* ou *berloque* e é substantivo feminino. Em português, também existem as duas grafias, mas é substantivo masculino. Significa um enfeite de pouco valor, geralmente pendurado na correia da pulseira ou do relógio.

³ Caixinha redonda ou oval utilizada para guardar objetos pequenos.

e havia então uma pausa, um silêncio na mesa, enquanto o dono da casa ia desdobrando as folhas. Que novidades? Fazia por lá muito calor? Quem morrera? Quem se casara?

As perguntas começavam a partir após os primeiros momentos de expectativa, e o leitor fornecia alimento à curiosidade geral, lendo trechos, comentando fatos, horrores da política, indignidades do governo.

– Olha que o teu chá esfria, Paulino! – observa a mulher ao fim de algum tempo.

A tia Filomena, lá da extremidade da mesa, onde se sentava entre a criançada, era quem seguia com ouvido mais atento as notícias do Rio.

Mas não dizia nada. Continuava calada a barrar de manteiga o pão dos pequenitos com as suas velhas mãos trêmulas.

Uma manhã, durante essa leitura das folhas, o Paulino soltou uma exclamação e ficou de olho pregado nas linhas do jornal, como suspenso, numa atenção grave.

– Que foi? que foi?... – inquiriram a mulher e as filhas, já curiosas.

– Foi... o *coisa* que morreu... – balbuciou ele distraído, sempre lendo, todo absorto.

– Quem é o *coisa*? quem foi que morreu?...

Ele teve um gesto de impaciência. Deixassem-no ler, que diabo! Já ia dizer. Quem morrera fora... o general... aquele...

– Gentes! que general! você parece que não pode falar...

Ele deu um murro na mesa.

Irra! que mulheres curiosas! nem o deixavam acabar de ler para então perguntarem.

Fora o velho general barão da Carvalheira que morrera.

E um enterrão... as ruas...

Um grito rouco interrompeu-o. A tia Filomena caíra sobre a mesa, a cabeça por cima do prato como um rolo de algodão; e a risca aberta entre os cabelos afogueava-se como um traço rubro entre neve. Era talvez uma congestão... Ela tinha 70 anos. E num atropelo, aos encontrões, entre a berraria da pequenada, foram levantá-la, sacudi-la, borrifá-la d'água. Viram então que o seu rosto estava inundado de lágrimas.

– Tia Filomena! que é isto? Vamos, faça um esforço... Venha para o seu quarto...

Ela deixou-se erguer, dirigir, como morta, cambaleante, as mãos inertes, as pernas trôpegas; mas, apenas instalada na sua poltrona, junto à secretária, deitou a gemer, a falar sozinha, numa grande exaltação, com tremuras trágicas de voz, a fisionomia transtornada. E o sobrinho teve de empurrar para fora do quarto as crianças, ouvindo-a exclamar desvairadamente:

– Morreu o general Carvalheira... Oh! meu amor! meu amor! Por que te foste antes de mim, dize?... Por que me deixaste ainda neste mundo, tão velha e tão só?!... Não terás tido um pensamento para mim na hora da tua morte? Lembraste-te do quanto eu fui linda e como nos amamos?... Ah! responde, Aurélio! responde à tua Filomena! manda-me do teu túmulo uma palavra! E eu que não tornei a ver-te mais desde que nos separamos!...

Os olhos de pálpebras gordas e engelhadas da tia Filomena parecia implorarem um ponto misterioso do espaço: e havia qualquer coisa de cômico na atitude apaixonada dessa pobre velha a falar de amor ao fantasma de outro velho, com lágrimas na voz e a correrem pelo rosto murcho, enquanto o corpo jazia prostrado no fundo da poltrona para onde a tinham arremessado.

– Minha tia! – gritava Paulino a sacudi-la, chamando-a à razão e à realidade.

– Uma velha tão boa e tão sensata!... – iam os outros considerando... E havia em todos um pasmo, um terror daquela cena e ao mesmo tempo uma vaga vontade de rir.

Ela, entretanto, falando sempre, abria agora a secretária, como fora de si, e tirava de uma gaveta – a que a Julinha nunca devassara – maços e maços de cartas amarelas, amarradas com fitinhas incolores, que os seus dedos trêmulos rebentavam freneticamente. E um mundo de papéis escritos com tinta apagada saltou daqueles maços apertados tantos anos; páginas rolaram pelo chão, espalharam-se, voaram com a viração que entrava pela janela aberta, enchendo o quarto de um frêmito de asas finas – borboletas tristes de um passado morto. Ela, afogueada, com manchas roxas pelas faces enrugadas, os cabelos

muito brancos agora revoltos por tanta agitação, o rolo a desmanchar-se sob os dentes do pente de tartaruga inclinado para um lado – ela tateava, buscava instintamente os óculos. Deram-lhos, compadecidos do seu delírio. E a tia Filomena entrou a ler, a balbuciar alto trechos das cartas que ia apanhando ao acaso.

“Meu idolatrado amor.

“Como estavas formosa ontem no teatro e como senti, olhando-te, que a minha alma estava eternamente presa à tua! Teu admirável colo parecia feito de cetim branco e desejei loucamente pousar nele os meus lábios insaciáveis da tua beleza. Espera-me logo. Irei às 9 horas da noite...”

– Ah! – soluçou a velha. – E hoje está morto!...

– Minha tia, escute... – ponderou Paulino, tirando-lhe a carta. Mas ela agarrou noutra, pôs-se a ler:

“Tens razão, Filomena, mas o meu coração revolta-se contra tudo isso. O apoio que te ofereço contra os rigores da tua quase pobreza é filho dos meus sentimentos imutáveis. Preferes, porém, refugiar-te em casa dos teus sobrinhos... Paciência! É um triste fim para uma ligação tão bela e tão longa...”

– E nunca mais nos vimos, ó meu Aurélio!... meu Aurélio!... – repetiu a velha entre soluços.

A cabeça pendeu-lhe sobre o peito, os olhos cerraram-se-lhe de cansaço, de prostração nervosa; e, com um longo suspiro, abandonou-se ao sono ali mesmo na poltrona, entre as cartas esparsas, à mão prendendo ainda a última lida, que ficava unida ao seu pobre corpo como o derradeiro adeus daquele amor desatado pela morte.

Então, em bicos de pés, fechando a porta docemente atrás de si, toda a família foi saindo lenta e preocupada. O dono da casa resumiu a impressão geral:

– E esta, hein?... Quem tal diria!... A tia Filomena guardar tão bem guardado anos inteiros um segredo desses!...

– Homem – respondeu a mulher –, é que ninguém pode adivinhar nunca o que existe debaixo de um montão de cinzas...



NIHIL SUMUS¹

Era em Lambari,² à porta de um dos principais hotéis.

O jornalista Lino Alvim, que saía vestido de flanela clara, mais magro e mais chupado nesse corte apelintrado das roupas do Vale, esbarrou no Peixoto, que se recolhia, todo vermelho e suado, de uma excursão a cavalo entre amigos.

O Peixoto tinha a paixão da novidade e, ao apertar a mão do jornalista, perguntou logo, esbaforido:

– Então, grande Lino, que há de novo por aqui? Desde ontem...

O Alvim piscou o olho estrábico, com um risinho prometededor.

Desde a véspera, com efeito, um fato de arromba... Estava no hotel, chegada do Rio, a célebre Lili, do Café-concerto Electra, da Capital...

– A Lili?!...

E o Peixoto abriu a boca, num pasmo alegre.

Mas o outro respondeu-lhe com uma careta desdenhosa e mastigando o charuto:

– Sim, ela mesma... Mas parece que vem doente. Uma lesão do fígado. De resto, há quase oito meses que não canta, sempre de licença. Olha, o quarto dela é aqui ao lado do salão...

Deram alguns passos, a fim de abranger com o olhar toda a fachada do hotel, e já estavam na terceira volta por diante da casa, quando apareceu um ruidoso grupo de aquáticos regressando do passeio imposto pelo tratamento. O Lino sacudiu o braço do Peixoto, indi-

¹ Em latim no original: nada somos.

² Município de Minas Gerais famoso pelo uso medicinal de água mineral no tratamento de várias doenças.

cando-lhe rapidamente uma janela, cuja cortina se erguera ao rumor daquela entrada barulhenta.

E viram ambos surgir atrás dos vidros uma longa figura espectral, envolta num roupão de *cachemire*³ azul.

– Aquilo? – exclamou o Peixoto, espantado, deixando pender um grosso beijo desapontado.

Aquilo era de fato a linda e célebre Lisa Vignon, do *Electra*, do Rio, a loira *divette*⁴ que num pulo galgara a grande popularidade, sucesso eletrizante, aclamada cada noite por uma sala fremente, que lhe atirava aos pés uma chuva de flores, de aplausos, de loucos oferecimentos, de declarações apaixonadas?

Seu nome de guerra era *Lili*: e em cada esquina de rua essas duas sílabas graciosas e menineiras rutilavam sobre enormes cartazes, impondo-se à atenção do público. Quem não conhecia a Lili, com a sua cabeleira fulva, a sua linha serpentina, a sua voz de sereia, tão ágil, tão dúctil, de um timbre tão penetrante? Lili era o ídolo, o sonho ardente de inúmeras imaginações escaldadas. E, quando ela aparecia em cena, com a sua saia curta e *collante*,⁵ repuxada para trás com uma graça petulante, joias fulgindo sobre um colo escultural, grandes luvas negras à imitação de *Yvette Guilbert*⁶ e um largo chapéu *Gainsbourough*⁷ sobre a linda cabeça frisada e como palhetada de ouro vivo, toda a sala explodia em brados de entusiasmo, possuída de uma febre de amor delirante pela sedutora criatura.

Faziam-na repetir seis, oito vezes *couplets*⁸ que a sua voz fresca detalhava admiravelmente, auxiliada por um gesto brejeiro e provocante e pelo sorriso expressivo de uma bonita boca purpurina; e era

³ Em francês no original: caxemira. Tipo de tecido de lã de cabra da região da Caxemira (Índia).

⁴ Em francês no original: cantora de opereta.

⁵ A palavra *collante* existe tanto na língua italiana, significando *adesivo*, quanto na língua francesa, significando *aderente*, *pegajoso*, *roupa apertada*.

⁶ Yvette Guilbert (1867?-1944), cantora francesa, foi um dos símbolos da *Belle Époque*.

⁷ Chapéu muito grande, decorado de maneira elaborada com plumas, flores e bugingangas. O nome é uma alusão ao pintor inglês Thomas Gainsborough (1727-1788), retratista preferido da família real britânica.

⁸ Em francês no original: estrofes.

preciso que a artista explicasse com um aceno suplicante que não podia mais, mais, para aquela gente deixá-la voltar aos bastidores, onde as colegas se ralavam de impaciência e inveja, aguardando a sua vez. Mas os berros continuavam na sala, estrepitosos: *Lili! Lili!*... E a cantora tinha de vir ainda à cena, arquejando, o seio entumescido entre as gazes do decote, para agradecer, os dedos rutilantes de anéis apinhados junto aos lábios e depois mandando beijos a todos os cantos da sala, que a cobria de flores.

Foi o opulento Gomes, capitalista, um belo homem trigueiro e forte, quem deu o último toque a essa brilhante ascensão de Lili.

Ela teve casa própria, carruagem, joias de preço, e só aparecia ao lado do seu apaixonado e cioso proprietário, que a disputava a todos.

Eis, contudo, que a moléstia viera derrubar tão frágil edifício da fortuna, penetrando traiçoeiramente no lindo corpo dessa avezinha chilreadora.

Tinha sido a princípio uma pontada no lado direito do fino busto da cantora, de repente quando ela estava em cena. E, enquanto retumbavam palmas e os *bouquets*⁹ choviam no palco, Lili precisava de comprimir o flanco com a mão enluvada, conservando a custo o sorriso profissional sob a palidez súbita que lhe invadia a face.

Vieram depois os vômitos e uma febre lenta. A pele tornou-se-lhe terrosa, ictérica. E os médicos falaram vagamente numa possível cirrose do fígado.

O Gomes agora aparecia muito pouco, sempre apressado. Os jornais gradualmente foram deixando de interessar-se pela moléstia da artista e de anunciar uma volta à cena, sempre adiada em virtude da agravação do seu estado. E, ao fim de alguns meses, a solidão e o esquecimento haviam acampado em torno da pobre criatura, ferida em plena mocidade.

A única distração de Lili consistia em ler todas as folhas que lhe podiam trazer um eco desse mundo teatral, em que ela tinha haurido o embriagante incenso do triunfo, como artista e como mulher. E a

⁹ Em francês no original: buquês, ramalhetes de flores.

mais áspera saudade lhe enchia o peito emagrecido, à notícia deste ou daquele sucesso que já lhe não dizia mais respeito.

Foi assim que soube um dia ter se levantado em seu lugar um astro de primeira grandeza, nesse mesmo *Electra* em que ela gozara todos os bafejos da glória.

Nessa tarde, perguntou a enferma tristemente ao seu médico:

– Doutor, que tal é essa Mlle¹⁰ Nina, de quem tanto os jornais se ocupam?...

– Mlle Nina? Oh!... – E o médico fez um gesto extático de admiração, pondo os olhos em alvo. – Uma mulher divina! Que rosto! que voz! e que *salero!*...¹¹

Um grito agudo cortou-lhe a enumeração dos dotes da nova estrela: era a sua doente que se debatia com um ataque de nervos. E, quando ela voltou a si, foi para pedir ao doutor, soluçando e banhada em pranto, que a salvasse, que a pusesse em estado de tornar à cena, de cantar, de ser aplaudida e outra vez amada.

Mandaram-na para Lambari, onde ela chegou extenuada da viagem, semimorta e com dores atrozes no fígado. Uma criada a acompanhara, mas a todo momento se escapulia, atraída pelo alegre movimento do hotel; e Lili, sozinha naquele quarto estranho, impessoal, abafado, cheirando a remédios e a moléstia, Lili suspirava de dor e de tristeza, mirando contra a luz as mãos diáfanas onde já se recortavam todos os ossos. Que fim levava a carne branca e macia que dantes as revestia? Onde o peito cheio e alvo, sobre o qual fulgia o esplêndido colar oferecido pelo Gomes?

Onde o próprio Gomes, e os aplausos, as flores, as voltas, após os triunfos da noite, no *coupé*¹² bem fechado e cetinoso, impregnado do aroma forte das rosas atiradas dentro às braçadas. Ai! tudo acabado! Mas por quê? Que fizera ela a Deus? Seus pecados tinham sido veniais – os de uma linda mulher no gozo das liberdades da vida de artista. E Lili torcia os braços, enterrando o rosto molhado de lágrima

¹⁰ Abreviatura de *mademoiselle*, *senhorita* em francês.

¹¹ Em espanhol no original: graça, elegância.

¹² Em francês no original: *cupê*. Carruagem fechada de tração animal de duas portas e geralmente de dois lugares, com um cocheiro num banco à frente.

mas no travesseiro, varada pela dolorosa certeza do fim de todas as suas alegrias.

O hotel, entretanto, regurgitava de hóspedes que à noite se reuniam no salão geral, fazendo música, jogando ou conversando.

Às vezes organizavam danças. E Lili, do seu quarto solitário, tinha por força de ouvir o eco desse viver ativo e mundano, contrastando tão dolorosamente com o seu isolamento de doente.

Uma vez pareceu-lhe que o movimento era ainda mais rumoroso. Esfuziavam gargalhadas, partiam palmas; depois, no meio de súbito silêncio, ergueu-se uma voz de mulher cantando uma cançoneta francesa, acompanhada pelo piano.

Lili levantou a cabeça, atenta. A voz era alta, fresca, bem timbrada; e, mal ela se calou, ao som de entusiásticos aplausos, a criada da doente entrou pelo quarto adentro, muito excitada, falando com grandes gestos. *Mademoiselle* sabia? Ia haver no hotel um brilhante concerto de caridade, organizado por um jornalista vesgo chamado Lino Alvim; e tinham mandado buscar no Rio uma cantora, Mlle Nina, que era mesmo uma beleza! Ela é que cantara... *Mademoiselle* tinha ouvido? Pois era ela...

Lili balbuciou, desfalecida:

– Mlle Nina?

– Sim, uma que está no *Electra*, onde *Mademoiselle* dantes cantava.

A doente cerrou os olhos e meteu uma ponta do lençol na boca para não gritar.

Mas a criada, inconveniente e loquaz, continuou:

– E *Mademoiselle* não sabe o melhor... Aquele Sr. Gomes, que ia lá em casa, é que está com ela... Ele chega também para o concerto, com outro cantor francês que se chama...

Lili desmaiara; e durante uns minutos houve no quarto um atropelo de idas e vindas.

O dono do hotel subiu, inquieto com o estado da doente: não fosse ela morrer durante a estação das águas. Que maçada!

Lili, entretanto, não morreu, como ele temia, e até, dias depois, a mais imprevista nova circulava no hotel. A célebre estrela Lisa

Vignon, melhor dos seus incômodos, pedia para tomar parte no concerto de caridade que ia ter lugar.

Rompeu então um burburinho de exclamações por toda a casa. O Peixoto, esbraseado, bradava a cada instante:

– Bravo! Temos outra vez mulher! A Nina que se agunte, que a Lili é de força. – Quando, porém, o acompanhador dirigiu-se a esta, para conhecer a música que ela ia cantar e rogar-lhe um ensaio, esbarrou na mais inabalável recusa.

Ela não ensaiaria, nem desceria ao salão, senão à hora do concerto. Entregou-lhe apenas a página do acompanhamento de uma cançoneta de Binot, intitulada *Tout s'en va, et moi aussi...*¹³ Só cantaria isto.

O pianista desceu embatucado: a artista parecera-lhe ainda tão doente! A Nina, contudo, andava inquieta: a outra tinha ainda uma reputação que a assustava. Quis visitá-la, mas Lili não abria o quarto a ninguém, ninguém...

E assim chegou a noite do concerto organizado pelo Alvim, que se triplicava numa agitação febril. O salão do hotel apresentava um aspecto garrido, com as suas cadeiras enfileiradas e um largo espaço no fundo, reservado para os artistas e os instrumentos. Flores perfumavam o ambiente. E logo às 8 horas podia-se apreciar o delicioso conjunto das cadeiras ocupadas por senhoras em *toilette*,¹⁴ abanando-se sob o calor das luzes. A Nina, sentada perto do piano, conversando com o Gomes, era o alvo de todos os olhares, vestida de seda branca, muito decotada, uma *aigrette*¹⁵ de brilhantes nos belos cabelos negros.

Homens apinhavam-se às portas...

No quarto de Lili, entretanto, a criada chorava diante de uma larga poltrona onde a cantora jazia, como inanimada. Duas vezes tentara vesti-la e duas vezes a doente recaíra sentada, coberta de suores frios.

¹³ Em francês no original: tudo vai, e eu também. Não foram encontradas informações sobre o compositor.

¹⁴ Em francês no original: toailete. No caso, vestimenta de luxo.

¹⁵ Em francês no original: egrete. Feixe de plumas longas observado em garças. Por extensão, um enfeite de plumas ou pedras preciosas.

– É melhor *Mademoiselle* mandar dizer que não pode cantar... – balbuciou por fim a mulher, assoando-se doridamente.

– Dá-me gelo... – murmurou Lili com esforço.

Mas gelo não havia: só água fresca de Lambari. Pediu então umas gotas do remédio. Enfim, como reanimada, conseguiu acabar a *toilette*, pôs carmin nas faces, acendeu o olhar com um pouco de *kohl*¹⁶ e ensaiou andar...

A Nina acabava de cantar o seu primeiro número, quando a porta da sala se abriu e apareceu Lili, galvanizada por uma vontade de ferro.

Houve um sussurro e o Alvim precipitou-se para lhe dar o braço.

O Gomes murmurou do seu canto:

– Mas esta mulher está morrendo!...

Calou-se, porém, e desviou o rosto, traspassado por um olhar terrível que a cantora lhe desferiu de longe. Devagar ela veio se aproximando do piano e os seus olhos e os de Nina se encontraram num mudo desafio. Ressoaram então os acordes do acompanhamento; Lili pôs-se em atitude de começar e abriu os lábios. Viram-na, contudo, vacilar, balbuciar, estender a mão. O Alvim correu com uma cadeira; mas ela tornou a endireitar-se, enxugando o suor que lhe empastava os frisados loiros do cabelo.

Em toda a sala palpitava uma expectativa ansiada e comovida. A própria Nina agora tinha um brilho de piedade nas pupilas escuras.

De repente, a um sinal do pianista, a voz de Lili partiu, mas como entrecortada e longínqua – um fio de voz já de além-túmulo. No estribilho do *couplet*: “*Tout s’en va, et moi aussi*”, ela voltou-se para o Gomes e viu-o falando baixo a um vizinho. Outro olhar mostrou-lhe a sala também desatenta e agitada, como só discutindo o drama daquele esforço pungente. Então, como ferida, Lili levou a mão à cabeça e caiu desamparada no chão. Calou-se o piano. Atiraram-se

¹⁶ Pó cosmético antigo usado para escurecer a área ao redor dos olhos, muito popular em países do Oriente Médio e do norte da África.

todos àquele pobre corpo caído. Mas, quando quiseram levantá-lo, viram que Lili expirava, golfando uma onda de bÍlis e de sangue.

Assim se extinguiu a estrela do Electra do Rio.



RAZÃO E INSTINTO

*(L'amour est plus fort que la mort)*¹

Sentados à frente da casa, no modesto jardinete em que roseiras cresciam entre couves e alfaces, Eliana e o seu velho amigo Lourenço Taylor olhavam a tarde morrer docemente, conversando sobre assuntos que fariam pasmar um vulgar transeunte, se a curiosidade levasse algum a escutar o diálogo por trás da cerca de espinhos isolando o estreito recinto. Alterosa amendoeira ensombrava o terreno mal capinado. Ao longe, por entre imponentes montanhas cuja base escurecia, enquanto o cimo se dourava de tons fulvos, o horizonte aparecia resplandecente de cores cambiantes, púrpura viva desmaiando em rosa, violeta, cinzento, com barras de prata que, por sua vez, também se dissolviam lentamente, deixando alastrar-se mais e mais as tintas sombrias da noite, já próxima.

E grilos começavam a trilar nos capinzais. Sapos e rãs coaxavam nos brejos. Um aroma penetrante evolava-se das ervas, da terra, das plantas, das rosas abertas, das couves azuladas, como se a natureza exalasse num supremo bocejo todo o perfume contido em seu fecundo seio, antes de ceder ao sono.

Eliana, entretanto, falava, os olhos rebrilhando febris na face pálida e magra, o busto inclinado para a frente, na direção do velho amigo, que a escutava, atento, o queixo apoiado nas duas mãos encruzadas sobre o castão da bengala.

¹ Em francês no original: o amor é mais forte que a morte.

Lourenço trazia um amplo MacFarlane² escuro, cujas dobras dissimulavam a obesidade disforme de seu busto de valetudinário, já marcado pelo selo cruel da implacável ascite; mas a face de grandes linhas clássicas de medalhão romano, sem barba, ainda era tão bela, aureolada por finos cabelos grisalhos, anelados, que o olhar esquecia as imperfeições do corpo para se embeber só no rosto, mergulhando com prazer na serena luz de umas pupilas azuis, muito claras, exprimindo bondade, finura e penetração. Era com essas límpidas pupilas inteligentes cravadas nos olhos negros e inquietos da sua amiga que ele ouvia as palavras dolorosas que ela ia pronunciando.

– Juro-lhe, meu caro Lourenço, que não estou exaltada nem exagero. A morte, o aniquilamento supremo, o *nirvana*, enfim, completo e absoluto, é só o que me apetece e pode unicamente contentar esta minha sede exasperada de repouso; de esquecimento. Oh! não assistir mais às misérias deste triste mundo!... dormir para não mais acordar!... tornar-me uma imortal substância vagueando pelos espaços e que desafiará sob essa forma intangível todos os ódios, todas as afrontas, todas as mágoas que me torturam em vida!

Eliana fez aqui uma pausa, para respirar, e concluiu assim:

– Já vê que, quando uma criatura chega a pensar e a sentir o que eu penso e o que eu sinto, só tem diante de si uma única porta de saída – a do suicídio. Nem isto pode escandalizar senão as almas fracas ou vulgares. E também ninguém pode contestar-me o direito de acabar...

Esta última frase foi dita num tom mais agudo, de combate, interrompida pela voz baixa e grave de Lourenço:

– Não serei eu quem lhe conteste esse direito, minha amiga. Conhece o meu modo de pensar, alheio a todos os convencionalismos estabelecidos pela hipocrisia dos homens. Mas permita que nesta pungente questão eu me coloque sob um ponto de vista diferente, que é a do meu egoísmo. Como posso eu aprovar uma resolução que a roubaria ao meu velho afeto, deixando-me privado da única alegria que possuo nesta vida e é a sua existência?...

² Casaco solto, sem mangas, com aberturas laterais para passar os braços, com uma capa até a cintura.

– Lourenço!... meu amigo!... – balbuciou Eliana. E, cobrindo o rosto com as mãos, entrou a soluçar.

– Olhe – continuou após um silêncio, enxugando os olhos –, não me fale assim, não... Eu já me desabitei da bondade e a sua expressão me faz mal, abalando os alicerces de rancor em que me firmo para resistir à onda perversa dos meus inimigos.

– Quem sabe, Eliana – ponderou Lourenço –, se o sofrimento não a está tornando demasiado pessimista? Será realmente o mundo tão mau como pensa?...

– Oh! – fez ela, sufocada... E, erguendo-se agitadamente, os lábios trêmulos, veio curvar-se sobre o vulto pesado do seu amigo, falando-lhe junto à face, tão perto, que o seu hálito ardente lhe cres-tava o rosto.

Era possível que ele a acusasse de exagerar – ele, que conhecia a sua vida inteira, as suas lutas, as suas torturas, as injustiças que sofrera, a implacabilidade dos que mais ela amava diante das suas angústias?

De resto, que importava ela, Eliana, pobre átomo humano, impalpável grão de areia na sociedade? Era a massa dessa humanidade em seu conjunto que ele devia analisar friamente, insuspeitamente, atirando longe por uns momentos o véu das ilusões benévolas do seu generoso espírito. Olhasse por aí... Que viam seus olhos? A hipocrisia, a falsidade, o egoísmo, a abjeção moral predominando por toda parte e sob as formas mais variadas.

Ah! sim! por toda parte a suprema e descarada indiferença pelo sofrimento alheio, a única onipotência do dinheiro, o único privilégio do poder baseado numa força qualquer, despótico e tirano, que sapateia em cima do dever, da justiça, da bondade, bocejando de tédio quando a vítima estrebucha de dor. Era isto o mundo. Cada um julgando o seu semelhante do alto do mais rigoroso egoísmo e exigindo implacavelmente os sacrifícios de que fora incapaz em idêntica situação. Sofre tu; eu, não! E tudo era assim. Tudo era mentira e falsidade. Amizade, estima, apreço, igualdade, laços de família – mentira, mentira!... De pé, triunfante como colossal e monstruoso ídolo de bronze, a esmagar tudo, a maldade instintiva da criatura humana, que

debalde arvora elegância, finura, sorrisos pérfidos e amáveis, para velar a hediondez do fundo da sua alma...

– Mas, minha amiga, espere, espere... O que faz você em tudo isso do amor? Não é então sincera e profunda a ternura dos pais pelos filhos?

– Creia, Lourenço – respondeu Eliana –, que este sentimento, aliás representando simplesmente o *instinto*, razão por que é sincero, constitui ainda o último laço não despedaçado entre criaturas. E, assim mesmo, pelo lado dos filhos, a reciprocidade completa do amor cessa logo que desaparece a solidariedade do interesse comum. O filho homem prescinde perfeitamente dos pais. A filha casada queixa-se ao marido, no mistério da alcova conjugal, da mãe que a ama extremosamente. Logo – a fusão íntima deixou de existir da parte dela. Para substituir, contudo, essa ternura filial expirante, surgiu porventura com o caráter de eterno e violento o amor conjugal? Absolutamente não. O marido atraiçoa a mulher, sustenta dois *ménages*,³ frequenta orgias, ou escorrega lentamente no hábito de uma afeição pálida e sem calor.

“A mulher por sua vez enfastia-se no lar, engana também frequentemente o marido, fala mal dele com as amigas e vai apegar-se ao único sentimento que já declarei sincero, porque é instinto – o amor pelos filhos.

“Eu, naturalmente, falo em tese, não é assim? Porque há exceções em tudo, e a prova é que existe o meu bom Lourenço Taylor entre os homens!...”

A noite, no entanto, descia, as estrelas apareciam agora em alguns pontos do céu obscuro, brilhando docemente. E a voz grave e quente de Lourenço vibrou na sombra:

– Diga-me uma coisa, Eliana, e o amor entre o homem e a mulher?...

Houve um silêncio. Depois, com alguma hesitação, Eliana disse simplesmente:

– O amor é uma ilusão.

³ Em francês no original: vida em comum de um casal.

– Então não existe?...

– Sim, existe, mas como um anseio inútil, como uma aspiração sempre incontentada, porque aquilo que o amor exige – a fusão íntima e absoluta entre dois seres –, isso ele jamais pode alcançar.

“Já Guy de Maupassant⁴ descreveu toda a pungente realidade da eterna solidão de cada alma, que procura debalde fundir-se noutra alma por meio da paixão.

“Ai de nós! cada beijo representa uma tentativa exasperada para agarrar um outro que nos compreenda, que sinta, vibre e palpite conosco, misturado ao nosso sangue, preso ao nosso coração pelas mesmas fibras da sensibilidade e da identificação. E, contudo, nada alcançamos! Desunidos os lábios, volta a lucidez e com ela a consciência da atroz verdade, que é sempre – *a eterna solidão*.

“E, se não, meu amigo, o que significa entre dois entes que julgaram amar-se largo tempo o rompimento absoluto que não deixa um só vestígio do passado?...”

– Será sempre assim, Eliana? – perguntou lentamente Lourenço.

– Ah! meu amigo – balbuciou Eliana –, já lhe disse que há em tudo exceções...

Então, no silêncio e na obscuridade crescente, sentiu-se o esforço que fazia Lourenço Taylor para erguer o corpulento vulto da cadeira de vime em que ficara sentado. Eliana correu a sustentá-lo pelo braço e ouviu a respiração arquejante que lhe sibilava no peito.

– Meu pobre Lourenço!... – murmurou comovida.

Ele ficou de pé, a vasta fronte levantada para o céu, os olhos contemplando as constelações que cintilavam no espaço.

– Escute, Eliana – disse por fim, abaixando as claras pupilas sobre ela. – Escute... Está sentindo como respira mal este coração? A morte não anda longe de mim. Já quase não posso caminhar... Pois bem, deixe-me falar-lhe com a lucidez daqueles que se acham próximos da verdade eterna.

“O mundo é realmente mau, sobretudo para os fracos e os sensíveis como você. Abusa dos que lhe aparecem desarmados, sem a

⁴ Henry René Albert Guy de Maupassant (1850-1893), escritor francês.

couraça que dá a fortuna ou a impudência. E a própria civilização que entretém a febre das ambições contribui para levar ao seu paroxismo e egoísmo das criaturas, só possuídas da ânsia de gozar, de acumular e de brilhar.

“Os mais doces sentimentos naturais são esquecidos na luta pela vida. Filhas renegam seus pais, se têm de socorrê-los. Irmãos evitam irmãs infelizes, com medo de ter de ampará-las. E fora da família, na esfera social, tudo se reveste igualmente da mesma forma revoltante. A política serve de arma para zombar, o talento de arma para enganar, a polidez de arma para mentir. Num salão, cada grupo de senhoras ou de homens fala mal do outro grupo, que por sua vez os imita com a sua roda. Na própria rua, uma senhorita que passa elegantemente vestida e de luvas de pelica branca fulmina com olhares do mais cruel desprezo a órfã que a cruza, trajando pobremente e de *mitaines*⁵ de renda. O *rastaquouère*,⁶ então, ou a *parvenue*⁷ são implacáveis nessa forma baixa do desdém.

“E o convencionalismo serve de máscara universal para velar todas as torpezas que não devem ser afixadas, pela solidariedade do pudor humano.

“Pois bem, mesmo assim malfeito como é o mundo, ainda há uma coisa mais horrível do que ele; é deixá-lo para sempre; é morrer...

“Ah! minha amiga, creia-me... Não proteste. Eu tenho 50 anos e desaparecerei breve... Sou um resignado. No entanto, quando vejo uma noite assim tão bela, olho para este céu crivado de pontos luminosos e penso na manhã que vai despontar, serena, azul, impregnada do perfume das flores – vem-me uma revolta, um tal apego à vida, que quase choro por me sentir morrer.

“Ah! Eliana, deixe... É bom viver, admirar a natureza, sentir o encanto das coisas, aspirar a fragrância das rosas. A existência por si só é um bem inefável, e o amor...”

⁵ Em francês no original: mitenes. Luvas sem dedos.

⁶ Em francês no original: rastaquera. Significa aquele que vive com grande luxo à custa de rendimentos suspeitos.

⁷ Em francês no original: mulher que ascendeu socialmente.

– O amor? – repetiu ela baixinho, a tremer.

– O amor – tornou ele em voz alta, como solene, endireitando o busto –, o amor, embora ilusão, é a suprema felicidade na terra.

“É onipotente, é a última razão da vida, é a consolação, a esperança, o prazer absoluto, que prende o corpo pelo que há de mais ardente, e a alma pelo que há de mais elevado. É...”

Mas Lourenço estacou, mudou de tom e, sorrindo finamente para Eliana, concluiu:

– É o *soberano instinto*, a que mesmo um infeliz moribundo como o Lourenço Taylor não sabe fugir, quando recebe a mágica influência de uma linda noite estrelada ao lado de uma doce mulher romanesca, como é a minha amiga Eliana. Oh! que grande doido é o velho Lourenço, não acha?

Inclinou-se, beijou-lhe a mão, e foi caminhando vagarosamente para a cancela aberta do jardinete, apoiado na sua grossa bengala de castão de prata. Sumiu-se enfim na sombra.

Eliana, pensativa, encostada ao tronco da alterosa amondoeira, ficou repetindo mentalmente as palavras do seu velho amigo:

– Não morrer!... Amar!... Soberano instinto...

Teria ele razão?...



CREPÚSCULO

Depois de muitos dias de calma, a manhã raiara límpida, quente, azul, de uma bela transparência luminosa, e o Dr. Fábio de Brito apressou-se em dar o seu costumeiro giro pelos campos, interrompido pelo prolongado mau tempo, que pusera em prova os seus nervos de celibatário pouco paciente.

O passeio era sempre o mesmo, imposto pela monotonia do sítio. De mãos atrás das costas, o chapéu levemente derrubado e descobrindo a testa, o médico saía da vila por um atalho aberto no pomar, aos fundos da sua vivenda, e abalava pela estrada fora, paralela à linha férrea, assobiando um invariável trecho da *Mascotte*¹ e pensando na sua vida, em casos da sua clínica, às vezes em fatos passados, mas raramente nas ações do seu próximo, indiferentes à sua filosofia.

Assim andava ele, até dar num cotovelo da estrada, embargada no seu traçado reto por um pequeno morro onde verdejavam bananeiras e limoeiros, denunciando modestas plantações; e aí, nesse ponto, uma casinha aparecia no caminho a lhe servir de marco, baixa, apenas caiada, com uma pedra bruta à porta, formando degrau.

À janela dessa casita havia sempre uma cabeça de velha, muito branca, inclinada sobre uma costura ou sobre um livro; e o Dr. Brito habituara-se a vê-la sempre naquele lugar, enquanto no estreito quintal ao lado uma preta estendia roupas sobre a cerca de espinhos.

O aparecimento dessa triste habitação significava que poucos passos faltavam para o excursionista encontrar o bambual debruando um córrego encachoeirado, onde ele se refugiava um bom pedaço de tempo, gozando sombra e frescura, bem necessárias após a soalheira

¹ *La Mascotte* ("O talismã"), ópera com música de Edmond Audran (1840-1901), compositor francês.

da estrada; e, findo esse momento de repouso, retrocedia o Dr. Fábio, passando novamente pela mesma casinha da beira do caminho, de cuja janela a velhinha erguia o seu doce olhar melancólico, examinando-o um segundo através de uns óculos de fino aro de ouro.

Afinal, à força de seguir por ali cada manhã, o Dr. Brito acabou por levar dois dedos ao chapéu diante dessa casinha; e a preta, lá da cerca, murmurava, humilde:

– A benção!

Eis, porém, que, nessa luminosa manhã, após as chuvas da semana, teve o médico a surpresa de ver fechada a janelinha onde sempre alvejava a cabeça inclinada da velha. Deserto também o pequeno quintal, rodeado de cercas de espinhos, onde a preta lavava roupa. E, pela primeira vez, uma indagação curiosa se levantou no espírito distraído do excursionista. Quem era finalmente essa senhora idosa e tristonha, sempre muito asseada, os cabelos de prata bem-apanhados num rolo ainda espesso, que vivia naquele caminho afastado, tão só, tão alheia a tudo? Era esquisito. E o Dr. Brito fez algumas perguntas na vila a esse respeito, mas ninguém lhe soube responder.

De resto, a chuva tornara a vir alagar os campos e muitos dias se passaram sem que o médico pudesse escapular-se do seu gabinete de trabalho para os giros matutinos e higiênicos. Quando o sol reapareceu e ele os reatou, uma surpresa o aguardava na casinha da velha: aos seus primeiros passos na estrada, a porta da pequenina vivenda se abriu impetuosamente e a preta saiu correndo ao seu encontro. Admirado, ele parou e recebeu ali mesmo um chamado angustioso da criatura, para ir ver a senhora que estava doente.

– Mas...

– Oh! meu senhor, por caridade! Sei que vosmincê² é doutor e eu *lhe* conheço de ver passar... Sinhá velha está tão mal! E não quer ninguém, virada para a parede, pedindo a morte. Mas eu não deixo... É crime contra a vontade de Nosso Senhor...

² *Vósmincê, vosmicê, vosmecê* (e várias outras como *vomecê, vossancê, vossuncê, voncê, vossecê*) são derivativos de *vossemecê*, que, por sua vez, é a contração da locução substantiva *Vóssa Mercê*, forma de tratamento cerimonioso que se modificou para familiar e/ou informal. Tais variações resultaram no atual *voçê*.

E a preta chorava, repetindo:

– Coitada de Sinhá velha!...

O médico então quis saber quem era essa senhora, como se chamava, o que tinha e onde estava a família.

Mas a negra sacudia com a cabeça, de repente trombuda.

Nada sabia. Sinhá velha era uma senhora de bem e estava muito doente, sozinha com Deus e sua preta Bernarda – mais ninguém. E pôs-se a puxar pelo paletó do Dr. Fábio, que não resistiu mais e a foi seguindo até dentro da casa, a cuja janela brilhavam sempre os cabelos de neve da pobre velha, agora estendida numa cama.

Lá estava a cadeirinha de vime que ela ocupava no vão do peitoril: e perto ainda se erguia a mesa ao alcance da mão, com livros e costuras.

Mas que nudez nessas tristes paredes brancas, sem um quadro, um retrato, nada que indicasse uma lembrança de família ou uma saudade!

Assim observando, o médico achou-se dirigido pela preta para o interior de uma alcova, onde arquejava um vulto estendido sobre mesquinho leito de vinhático, ao fundo do aposento parcamente mobiliado.

E, como ele se curvasse junto à cama, a Bernarda segredou-lhe:

– Chame-a D. Laurinda...

Tão baixo, porém, não foi murmurado este nome que a doente o não ouviu; e, voltando um pouco a cabeça, ela encarou o médico, depois a negra, e enfim balbuciou surdamente e com dificuldade:

– Deixem-me em paz!

Tão doloroso vibrou o tom desalentado destas palavras, entre o arquejo da dispneia, que o Dr. Brito sentiu imprevista comoção, ele, um forte! e foi com o mais piedoso interesse que insistiu em tomar o pulso à enferma e obteve que ela lhe deixasse auscultar aquele velho peito cansado e oprimido pelas ânsias.

Era uma congestão pulmonar agravada pelo mau estado de um coração de 64 anos, entumescido e fraco. Mas os cuidados, um cáustico aplicado a tempo, um bom reconstituente – tudo acabou por triunfar do mal. E o Dr. Fábio, que não podia mais dissimular a si

próprio o vivo interesse que lhe inspirava essa velhinha tão abandonada, e ao mesmo tempo tão fina, de uma distinção tão aristocrática nos seus menores gestos, nas suas mais singelas palavras – o Dr. Fábio teve o prazer de vê-la novamente de pé e já instalada no vão solitário da sua janela sobre a estrada árida e melancólica.

Na manhã em que veio despedir-se como médico, encontrou-a a ler; e, apossando-se do livro que ela largara à sua entrada, viu, surpreso, que era a *Résurrection*, de Tolstói.³

Lançando os olhos para outros que em maior número cobriam a mesa ao lado, verificou serem diversas obras do mesmo autor, revolvendo todos os dolorosos e elevados problemas da teoria humanitária, que debalde prega aos homens a fraternidade e o amor.

E a sua fisionomia traiu tanto espanto, que a velhinha não conteve um sorriso e pôs-se a encará-lo maliciosamente por cima dos seus óculos.

Mas logo suspirou dizendo:

– Ah! doutor! se soubesse...

Como o médico esboçasse um gesto de altiva reserva, ela segurou-lhe familiarmente na mão, retendo-o ao seu lado, e continuou:

– Sei que me quer mal pelo mistério em que me envolvo e nunca lhe desvendei... Acha-me ingrata e... dissimulada. Uma pobre velha obscura, afinal, sem família nem amigos, perdida neste antro, e que lê Tolstói!... E todos os meus modos e minhas palavras em flagrante desacordo com o meio onde espero a morte, não é assim?... Quem pensará o doutor que eu seja?...

– D. Laurinda, eu nunca me permitiria julgá-la, creia...

Mas ela parecia desde alguns segundos refletir, como longe dali, e depois, com súbita decisão, voltou-se para o médico e tirou os óculos, como sempre fazia quando ia encetar conversação mais longa.

Uma hora depois, ainda o Dr. Fábio a ouvia, num pasmo crescente; e quando por fim a voz dela cansou, esmoreceu, extinguiu-se num lento suspiro, ele curvou-se, beijou-lhe respeitosamente a mão, dizendo:

³ *A Ressureição*, de 1899, foi o último romance de Liev Tolstói (1828-1910), escritor russo.

– Vá agora descansar, não fale mais... Amanhã eu volto...

E abalou a grandes passadas pela estrada deserta, onde uma larga *facha*⁴ de sombra se estendia de um lado, cortando a esteira luminosa do caminho.

Ia atônito. Aquela velhinha solitária era viúva de um antigo e importante diplomata; era mãe de dois homens notáveis, um diplomata, como o pai, outro deputado e ministro; era enfim sogra do grande capitalista Nogueira Reis, e tinha mais uma filha solteirona, e netos, netas, uma família numerosíssima, na capital.

Vivia, entretanto, naquela penúria de aldeia!

Mas ela tudo lhe contara. Tinha empobrecido gradualmente, ignorante do lado prático da existência, e aliás sem vivas preocupações, confiando cegamente nos dois filhos estabelecidos e no genro, tão seu amigo, que decerto jamais a deixariam ao desamparo com uma filha ainda solteira, caso se consumasse a sua ruína completa.

Estava então dependente de um processo importante que absorvia os seus últimos recursos, mas que a devia indenizar largamente de tudo mais tarde. Esse processo – ela o perdeu. Aquilo foi um raio; mas, tranquila e confiante, deu o braço à filha, sua companheira querida, e entrou placidamente pela casa do filho diplomata, então em licença.

– Aqui me tens, filho, com tua irmã... Estamos pobres.

Com surpresa sua, o acolhimento foi diverso do que ela esperava. O diplomata torcia o bigode e lembrou à mãe que a sua carreira realmente não era a mais própria para ele ter consigo duas senhoras.

Era solteiro, mas tinha sempre de andar de um lado para outro, em viagens... O irmão, sim, podia melhor...

A velha não o deixou acabar. Enxugando duas lágrimas ardentes, desceu as escadas com a filha e dirigiu-se à casa do deputado, onde encontrou o genro capitalista em viva conversação confidencial com o cunhado. E, por uma espécie de embaraço que percebeu à sua entrada, pareceu-lhe que eles estavam conferenciando sobre o seu caso.

⁴ *Facha* pode ser sinônimo de *facho* (objeto que emite luz). Nesse caso, poderíamos entender a expressão *facha de sombra* como um jogo de palavras, afinal temos significações opostas. Também é possível que a autora tenha pretendido usar o termo *faixa*. Mantivemos conforme o original.

Então, já menos confiante, com uma timidez nervosa a confranger-lhe o peito, D. Laurinda explicou ao que vinha. A filha, como descontente, assumira um ar desinteressado da questão. E, no meio de um grande silêncio, que fazia bater dolorosamente o coração angustiado da velha, o filho ergueu uma voz grave e refletida, perorando como se agitasse um assunto de simples importância política.

A mãe devia saber que ele não era rico... Tinha, é certo, o subsídio de deputado, mas isso não constituía fortuna. E sobrecarregar-se com mais duas pessoas, isso era demasiado penoso para ele.

Ainda se fosse a mãe somente, ou a irmã sozinha...

– Quererias então separar-me de tua irmã, a companheira da minha velhice, Alfredo?... – gritou a velha, com súbita revolta indignada. Mas o deputado teve um sorriso desdenhoso para esse assomo materno, e continuou:

– Ora, mamãe, não faça sentimentalismos... A vida é séria!...

– Mas para onde iria tua irmã, se eu ficasse, ou para onde iria eu, se ela ficasse?...

Aqui o genro aproximou-se, intervindo nos debates sobre o destino da velha sogra. Ele, em suma, podia tomar para a sua casa a cunhada, mas...

– Alcina, terias a coragem de separar-te de mim, filha?... – bradou D. Laurinda, desfazendo-se em pranto angustioso e súplice.

Mas a Alcina achava também isso razoável: a casa do Nogueira Reis era confortável e a mamãe se daria tão bem com o Alfredo!

Para que exageros, meu Deus?!...

Então, com uma imprecação de horror, a velha proibiu os filhos de discutirem mais a sua triste sorte. E fugiu de todos eles, recusou todas as intervenções, desapareceu do cenário da sua vida antiga, enterrando-se naquela povoação longínqua, só com a sua fiel Bernarda, que a não quis deixar.

Ali vegeta a pobre doente do Dr. Fábio, recebendo apenas o pequeno montepio legado pelo marido. Não admite cartas nem notícias. Espera apenas a morte libertadora, como as trevas da noite sucedendo a um infundável e martirizante crepúsculo.



ÚLTIMO CLARÃO

Amália de Aguiar e Cláudio Monteiro tinham rompido relações amorosas havia dois anos, depois de percorrida toda a escala habitual, nesses casos, de palavras ferinas e amargas, cenas recriminatórias de lágrimas, devolução de cartas e retratos, queixas e rancores, que formam o cortejo das agonias da paixão. Consumada a ruptura, Amália, que mais sofrera, tinha aproveitado a sua liberdade de viúva para viajar, e o seu vulto elegante e inconsolado fora entrevisto a errar por muitos lugares, numa atividade febril de quem busca distrair-se a todo custo. Cláudio ficara no Rio, mais frio, mais indiferente, pungido apenas pelo egoístico receio de alguma vingança da amante. Ele, finalmente, é que provocara o rompimento e tinha certo medo de Amália, cujo caráter conhecia bem, cheio de arrebatamentos e impetuosidades. Como, porém, nunca mais a visse nem quase ouvisse falar a seu respeito, acabou por esquecer estes temores, recordando apenas uma ou outra vez aqueles tempos em que se tinham amado e possuído. Um belo dia decidiu-se a casar, menos por amor do que por interesse.

A menina era galante, rica: ele andava perto dos 35 anos e precisava de cuidar do lado sério e positivo da existência. Casou. E, junto da nova esposa, flor em botão, pudica e ingênua, surpreendeu-se em certas horas a pensar na Amália que desaparecera dos seus horizontes. Que fim levava ela? Um amigo a tinha encontrado em Lambari,¹ toda de preto, muito pálida e sofrendo do fígado. À primeira alusão maliciosa feita ao Cláudio, seus olhos se haviam arrasado d'água.

¹ Município de Minas Gerais famoso pelo uso medicinal de água mineral no tratamento de várias doenças.

Mas outro conhecido contestava essa versão² de uma saudade fiel e inextinguível. Amália de Aguiar fora vista em Nova Friburgo³ pelo carnaval, nos grandes bailes de fantasia do Hotel Salusse,⁴ vestida de *Carmen*⁵ e irresistível de graça e vivacidade. Um deputado por Minas arrastava-lhe terrivelmente a asa...

– Tu sabes o que são mulheres...

– Oh! sim... as mulheres...

Um encolher de ombros e duas baforadas de fumo serviram de conclusão ao juízo lavrado por Cláudio e o noticiador.

Amália, contudo, sofrera atrozmente. Natureza apaixonada e agarrativa, prendera-se ao Cláudio, quando o vira farto dos seus beijos, com a tenacidade de quem se afoga e recusa ir para o fundo d'água, bracejando, lutando, pedindo socorro e salvação.

Aquele amante de tipo sombrio de árabe, feições afiladas e olhos profundos, cujo ar frio e autoritário a trazia cativa como uma mulher do Oriente aos pés do seu sultão – aquele amante havia se apossado do seu pobre ser inteiro com a misteriosa ciência de um hábil suggestionador da alma humana, que conhece todo o poder superior dos contrastes em jogo.

Ela era ardente, toda do primeiro ímpeto. Ele fez-se calculado e calmo, como se corresse sangue britânico nas veias do seu corpo moreno e bem tropical.

Amália enfim o tinha adorado, adorado, adorado, e, quando o viu partir para todo o sempre, julgou que morreria de dor. As primeiras semanas foram na verdade horríveis. Sozinha na casa que ela organizara no Palatinado, em Petrópolis,⁶ para o receber; sentindo o

² No original estava *aversão*, o que entendemos como erro tipográfico.

³ Cidade serrana do estado do Rio de Janeiro.

⁴ O Hotel Salusse foi fundado pelo casal de imigrantes suíços Guillaume e Marianne Salusse em 1839. Ficou conhecido por ser frequentado pela elite da capital.

⁵ Personagem principal e título da mais famosa novela do escritor francês Prosper Mérimée (1803-1870), publicada em 1845, em que é narrada a história de uma jovem cigana. *Carmen* foi transformada em ópera em 1875 pelo compositor francês Georges Bizet (1838-1875).

⁶ Município situado ao norte da cidade do Rio de Janeiro, famoso por suas serras e clima ameno. Foi fundado por D. Pedro II.

perfume de *lilas*⁷ branco, predileto dele, a errar ainda pelas salas com mil lembranças esquecidas, um lenço, alguns livros, um sinete – mil nadas preciosos do passado –, Amália quase enlouqueceu.

Às horas em que o Cláudio costumava chegar, e despia o sobretudo, pousava o chapéu, estendia-lhe os braços – essas horas, que outrora lhe abriam o céu –, ela as passava agora de bruços no canapé, o rosto abismado nas almofadas, toda encolhida, mergulhada em cheio nas trevas de insondável agonia. Que lhe tinha ela feito, para que ele a deixasse?... Por que esse horror?

Depois... a sua vitalidade fora reagindo. Fechara essa casa e tentara distrair-se, viajando.

Desolada ainda em Lambari, sentiu-se já menos aflita em Friburgo. O seu sofrimento passou do estado agudo para o crônico: e podia já evocar agora o vulto querido do seu perdido Cláudio sem as pontadas angustiosas de meses atrás.

Longa estada em Juiz de Fora,⁸ enfim, entre parentes e amigos solícitos e carinhosos, firmou a convalescença moral de Amália, restando-lhe apenas uma melancolia que nunca mais devia abandoná-la. Essas rupturas violentas constituem afinal golpes que deixam para sempre uma funda cicatriz, feita de saudade e ao mesmo tempo de rancor.

Esquece-se, mas não se perdoa.

E, nesse estado d'alma, recebeu Amália a notícia do casamento de Cláudio no Rio. Teve um sorriso irônico; disse: “Estava isso na sua natureza – vendeu-se a um dote...”; mas à noite chorou copiosamente no silêncio do seu quarto.

O tempo, contudo, foi correndo; Cláudio engordou nas farturas do novo luxo, Amália emagreceu nas lutas íntimas para olvidar o passado.

Dois invernos passaram, um outro verão começou, escaldante, prenhe de epidemias, e Amália de Aguiar resolveu-se a pôr de lado

⁷ Em francês no original: lilás. Planta da família das oleáceas, de folhas ovadas e flores odoríferas.

⁸ Município do estado de Minas Gerais.

todos os sentimentalismos e refugiar-se como dantes contra os rigores estivais na sua linda casa do Palatinado, em Petrópolis, onde o encanto das serenas verduras e das águas cantantes acabaria a obra do seu apaziguamento.

Justamente, voltava agora de uma viagem a Montevidéu⁹ com o sistema nervoso mais refeito, maior *aplomb*;¹⁰ e, ao tomar a barca das 4 horas da tarde para subir a Petrópolis, pela primeira vez depois do seu rompimento com Cláudio, achou-se em estado de afrontar sem medo as emoções inevitáveis da volta àquele meio.

Olhavam-na muito. A sua *toilette*¹¹ escura de linha montevideana era comentada. E de repente todo o sangue como que lhe parou nas veias, avistando Cláudio Monteiro, que passeava num grupo pelo tombadilho da barca e levava a mão ao chapéu, com um olhar rápido para o seu lado. Onde estava mais a calma que ela tão custosamente preparara durante esses meses todos, para o caso possível de um encontro? Tudo lhe fugira, até a vista... Sentia-se desarmada, palpitante, varada por um desses abalos fulminantes que num relance destróem sangue frio, raciocínio, equilíbrio, tudo... Não fora o seu grande hábito de correção mundana, ter-se-ia traído como uma *grisette*¹² apaixonada. O Cláudio ali!... Seus olhos haviam outra vez pousado nela!... Teve de erguer-se, com as pernas bambas, um zumbido nos ouvidos, e caminhar até à extremidade do convés, onde se deixou cair quase desfalecida num banco, sorvendo avidamente o ar do mar que a ali-viava.

Ao fim de uns minutos, recobrou mais força, pôde refletir.

O Cláudio naquela barca é que também estava passando o verão em Petrópolis.

Ia, pois, ficar sujeita a encontrá-lo por lá talvez um dia com a mulher.

E quem sabe se ela não estava agora ali mesmo?

⁹ Capital do Uruguai.

¹⁰ Em francês no original: grande autoconfiança.

¹¹ Em francês no original: toailete. No caso, significa modo de vestir-se, trajes, vestuário.

¹² Em francês no original: mulher da classe trabalhadora.

Esta ideia fustigou tão rudemente o seu despeito, que se sentiu de repente boa e equilibrada.

Cumpria não lhes dar o gosto de perceberem e gozarem a sua triste comoção.

Endireitou o busto, corrigiu as pregas do véu, *coquette*,¹³ decidida a ser heroica.

E, como erguesse os olhos, viu outra vez Cláudio aparecer e como procurá-la com a vista no seu antigo lugar.

Descobrindo-a na ponta da barca, afetou dar uma volta para passar pela sua frente. Vinha só. Desta feita o abalo de Amália foi já menor.

Aquele manejo, de resto, que não lhe havia escapado, deitara um bálsamo nas feridas do seu orgulho.

Ele, ao roçar pelo seu vestido, tocou de novo no chapéu, com um sorriso ambíguo nos lábios, enquanto Amália agora o analisava com certa calma que a si própria surpreendia.

De onde lhe vinha este novo sentimento de lucidez, tão estranho e desagradável?

Seguiu-o com o olhar... Cláudio parecia-lhe maior, mais gordo, menos elegante, embora trajado com apuro até exagerado, um cravo vermelho na botoeira do fraque à última moda.

Suas calças caíam irrepreensíveis; seu chapéu era perfeito; todo ele luzia, brilhava, faiscava de novidade e frescura. E talvez por isso mesmo... Nem ela sabia... Achava-lhe apenas qualquer coisa de *raide*,¹⁴ cheirando a *parvenu*...¹⁵ As belas linhas do seu tipo de árabe desapareciam um tanto sob uma entumescência do tecido adiposo. Era, contudo, o Cláudio! Oh! como o tinha amado, exclamava dentro de si com fogo; como o amava ainda, repetia mais moderadamente.

¹³ Em francês no original: coquete. Mulher que procura despertar admiração apenas pelo prazer de seduzir.

¹⁴ Em francês no original: rígido, teso, duro.

¹⁵ Em francês no original: homem que ascendeu socialmente de forma súbita.

Enorme foi a sua surpresa, vendo-o manejar à passagem para o trem, a fim de se colocar a seu lado, no *wagon*.¹⁶

E ele o conseguiu, e ela, então, ao contato imediato do seu corpo no estreito banco, sacudidos um sobre o outro pelos movimentos do carro – ela sentiu voltar-lhe todo o abalo do primeiro instante, alucinada, como se o seu coração suprimisse o longo intervalo de dois anos para reatar o passado. Quando Cláudio lhe murmurou algumas palavras em voz trêmula e hesitante, Amália nem mais estranhou semelhante singularidade tão ilógica... Viajava no país do sonho. Respondeu-lhe até, fitou-o longamente... E saudaram-se ao desembarque como dois conhecidos que esperam tornar a ver-se.

Não tardou muito, com efeito, que o Cláudio aparecesse pelos arredores da casa de Amália; e ele próprio não saberia explicar bem a que sentimento obedecia, assim procedendo.

O passado estava bem morto, tinha certeza disto; mas um esquisito capricho o mordida desde que a vira na barca, bonita, bem-vestida e muito olhada pelos outros homens. Agitava-se no fundo da sua alma uma raiva inconsciente de a sentir feliz e despreendida dele. Começou, pois, a passar; e cumprimentava, seguia, direito, pisando forte.

Depois, andou mais devagar, voltando a cabeça para lhe sorrir; uma noite enfim de luar, Amália ao portão do seu jardim perfumado e luminoso, Cláudio chegou-se resolutamente e falou-lhe, pondo na voz misteriosa entonações implorativas de um profundo arrependimento. Queria ela perdoar-lhe? Não era feliz, não; desde que a encontrara naquela viagem, vivia dominado pela saudade de outrora, sem poder mais sossegar.

– Amália! – exclamou, pegando-lhe na mão.

Ela o contemplava num silêncio frio; de repente perguntou-lhe, toda brusca:

– Diga, por que me deixou?

Cláudio correu os dedos pela testa com embaraço.

¹⁶ Em inglês no original: *wagon*. Palavra utilizada também no idioma francês, com a mesma grafia.

Palavra de honra que nem sabia... Loucuras, dificuldades da vida! Mas sempre a amara muito e nunca a esquecera. Mudando aí de tom, entrou a pedir-lhe apaixonadamente que o deixasse entrar ainda uma vez, uma vez só que fosse, nessa sala, impregnada de todo o antigo amor, onde palpitavam todas as carícias que haviam trocado. Consentisse... Deixasse... Sim...?

– Amanhã! – acabou Amália por balbuciar.

– Não... Hoje mesmo... Queres?...

– Impossível! Só amanhã... – repetiu Amália, agora mais firme...

Ele puxou-a para si, quis dar-lhe um beijo, porém ela o repeliu, fê-lo partir e recolheu-se pensativa ao jardim banhado de luz e solitário como um paraíso inútil.

Sapos coaxavam no rio, o ar estava cheio de aroma e a estrada aparecia para lá do gradil de ferro como uma longa fita serpeante e clara.

Era singular, murmurava dentro de si Amália, passeando lentamente pelas aleias brancas de luar; dantes a esperança de um *rendez-vous*¹⁷ a teria feito vibrar loucamente de alegria; hoje experimentava, ao contrário, surdo descontentamento, quase irritação... Quantas vezes, no entanto, suplicara a Deus que a não matasse sem primeiro ela tornar a beijar Cláudio!... Eis aí: ele voltava e ela se sentia fria.

Estranha contradição! É que talvez seu orgulho não perdoasse o abandono e sobretudo o casamento.

Existia finalmente por aí uma mulher que ela não conhecia, jamais vira nem queria ver, mas que em suma era a esposa de Cláudio, aquela que tinha sobre ele os direitos legítimos e completos que à amante faltavam. Antigamente Cláudio era só seu; agora entre ambos se levantaria sempre essa pequenina coisa tão grande – o casamento dele com outra. Sim, devia ser a ideia disso que lhe punha n'alma tão confusa tristeza...

Entretanto, na seguinte noite, Amália se empenhou em ressuscitar o passado, dando à sala a exata fisionomia de dois anos atrás. Flores sorriam nas mesmas jarras; a cadeira de Cláudio esperava-o na

¹⁷ Em francês no original: encontro marcado com antecedência.

antiga posição, e apareciam sobre a mesa o lenço, o livro e o sinete dantes esquecidos. Amália borrifara os tapetes com *lilas* branco. E um *tilbury*¹⁸ rodou pela estrada, parou à porta; Cláudio entrou, despiu o sobretudo, pousou o chapéu e estendeu os braços à amante, que caiu sobre o peito dele sem pensar mais em analisar seu sentimento, só feliz, olhos cerrados... Um minuto ficaram assim enlaçados; depois ela se desprende docemente e, ao erguer as pálpebras, pareceu-lhe que aquele rosto unido ao seu não era mais o mesmo que seu coração tanto amara. As linhas fisionômicas eram outras, diversas, com um novo cunho...

Sentou-se em frente dele, silenciosa e triste. Cláudio, esse, olhava para toda a sala, sorria para cada objeto e rememorava fatos antigos. “Tu te lembras disto, Amália? e daquilo?...”

Procurava ser alegre, animado. Mas entre ambos pairava, lívido, o espectro do amor passado, separando-os com umas asas negras que gotejavam frieza e constrangimento. Ela, entretanto, não se recusou, quando ele a atraiu meigamente para a alcova azul dos velhos tempos. Deixou-se levar; deixou-se beijar; mas ainda não se extinguiu a vibração da última carícia e já ela puxava sobre si as roupas, vexada, velando-se toda como se um estranho a estivesse profanando. Ergueu-se a suspirar; ele também apressou os preparativos da partida; e ficaram de pé, encostados à vidraça da janela, contemplando melancolicamente o luar admirável que lá fora banhava o jardim e a estrada solitária.

O antigo amor morrera mesmo para sempre, para sempre. A ilusão era impossível. E o beijo frouxo de despedida que trocaram à porta teve o caráter decisivo de um supremo adeus.

Cláudio Monteiro voltou para o seu novo luxo, para a esposa, para os confortos práticos da vida; Amália de Aguiar ficou a indagar, entre as magnólias cheirosas do seu jardim, se um coração de mulher que já conheceu as mais deliciosas impressões de amor pode conservar-se muito tempo vazio e indiferente...

A resposta parece ter sido negativa.

¹⁸ Em inglês no original: *tilburi*. Carruagem pequena, de dois lugares, puxada por um cavalo.



DUELO

– Mas, enfim, que tens? Que te fiz eu? Por que me tratas deste modo?

E Luísa prostrava-se aos pés de seu amante, humilde e implorativa, esmagando a curva do seu busto delicado nesse corpo que a evitava, rígido, numa atitude hostil e irreconciliável.

– Armando!... Armando!... – insistia ela, a princípio doce e chorosa, mas depois um pouco impaciente... E começou a sacudi-lo com certa irritação, tentando ler-lhe o pensamento no olhar duro que se desviava, impenetrável.

Então Luísa ergueu-se com uma sacudidela brusca de ombros e arremessou consigo para cima de uma poltrona, onde ficou a dardejar raios de cólera concentrada sobre o ente enigmático que a desafiava, sempre mudo e enterrado no seu divã, batendo impertinamente com a ponta da bengala no tapete.

E um silêncio de ódio passou entre os dois amantes nesse delicioso *boudoir*,¹ destinado aos ternos conchegos da intimidade feliz, em que tudo falava baixinho de beijos e carícias na desordem artística dos trastes e na moleza das almofadas atiradas aqui e acolá, ao alcance do joelho, que se quisesse dobrar numa postura de adoração.

Eis, porém, que Luísa se levanta com impetuosidade, e a cauda serpentina do seu longo roupão de seda acompanha-lhe os passos febris pelo aposento, saltando, parando, enroscando-se pelos móveis, como alguma coisa de vivo e palpitante, que partilhasse os estremecimentos e as indecisões da forma feminina de que faz parte. Armando

¹ Em francês no original: budoar. Sala de estar ou salão de beleza privado para mulheres num alojamento mobilado, geralmente entre a sala de jantar e o quarto.

agora segue, com um meio sorriso que lhe encrespa o lábio, toda essa tortura de que se sente causa.

– Luísa!... – grita ele enfim... Ela para, mas de longe, com as mãos cruzadas atrás das costas, numa posição zombeteira e provocante; e por entre os cílios descidos, num ar interrogativo, deixa cair sobre o amante todo o peso do mais irônico e implacável ressentimento. É ele então que se ergue e lentamente se aproxima, curvando-se para examinar de perto o belo rosto que há pouco chorou sobre o seu peito e agora o encara com impassibilidade tão altiva.

Os olhos de ambos encontram-se, medem-se, penetram-se, mergulham na alma um do outro e dessa análise se desviam, tristes e desiludidos. O que leram, santo Deus?... A verdade humana, que é a eterna solidão de cada criatura, e a inanidade de todos os esforços que se empregam durante a vida, em busca da fusão absoluta que jamais, jamais se produz.

Dentro de si, Luísa pensava: “Tudo isto que aqui está foi para ele... Não há neste ninho de amor um objeto só que não ateste o meu carinhoso empenho de acariciar-lhe a vista por todos os meios. Estas flores, eu as colhi para sorrirem ao seu gosto artístico.

“Estes quadros, pendurei-os para satisfazer a sua adoração do belo... Tive-o presente ao dispor os *bibelots*² desta mesa, ao preparar a meia-luz desta lâmpada, ao conchegar estes coxins do sofá onde se deviam trocar os nossos protestos de amor. E foi para gozar o resultado querido de todos estes preparativos tão doces, que me perdi por ele e me fechei no apertado círculo de um único objetivo – a sua paixão, confiante nas juras e promessas que soube murmurar-me a sua bela voz de ouro, quando ainda me apetecia o seu desejo de homem.

“Hoje, porém, que me sente toda sua, presa na mão, escrava da sua vontade, ei-lo que busca pretextos para me dar o menos que possa da sua existência, contrariado no seu egoísmo; apenas reclamo o que me foi prometido. Simula então motivos de irritação e entra-me por aqui amuado e taciturno. É um mau pagador! É um ingrato! Mas

² Em francês no original: *bibelôts*.

não posso ainda fugir-lhe porque o amo assim mesmo e não saciei a sede da sua posse...”

E toda a ilusão do sentimento se quebrava nesta reticência de Luísa, que parecia aceitar a possibilidade de um fim.

Do seu lado, eis o que dizia Armando consigo:

“Preciso decididamente defender-me, senão esta Luísa invade-me a vida, os hábitos, e não me consente mais liberdade alguma de movimentos. Tudo isto aqui é na realidade encantador, mas sempre, todos os dias, ah! não. Já ela se julga com o direito de chamar-me, quando eu não venho, e estas coisas não me agradam. Entretanto, não posso também afastar-me...”

“Pobre querida! ela gosta tanto de mim! É uma cegueira. E demais, demais...”

Armando parou aqui o seu raciocínio, porque dessa contemplação muda ia nascendo em ambos um enternecimento suave, uma tristeza, um como desejo de afogarem num simulacro de felicidade e ternura toda essa maldita lucidez, que envenenava as suas melhores ilusões.

Luísa deixou enfim pender a fronte sobre o ombro do amante, que a estreitou contra si; e, de repente, num amplexo violento, nervoso, quase brutal, buscaram eles esmagar nos lábios um do outro as terríveis verdades que pareciam escapar-se dos próprios beijos.

– Enfim! – balbuciava Luísa. – Voltaste a ser para mim o que eras...

– Oh! meu grande amor! – repetia Armando.

Os olhos inquietos de ambos continuavam, porém, a traspassar-se, desconfiados; e quando o bem-amado saiu e Luísa ficou meditando à sua janela, engrinaldada de jasmims, como que ouviu, na escuridão da noite, levantar-se uma voz do silêncio das coisas – voz cruel, voz desanimadora, que lhe segredava a confirmação de todas as suas pungentes dúvidas. Dizia-lhe esse eco do íntimo pensamento que o amor é na sua realidade um duelo entre o homem e a mulher, os quais ocultam sob a recíproca adoração as armas do orgulho, do egoísmo, do insaciável domínio. Cada amante quer vencer o outro,

na inútil aspiração de possuir um ente que seja todo e exclusivamente seu; mas, como esse outro contém em si iguais ambições, cruzam-se eternamente os floretes, num torneio que só termina quando um dos combatentes aceita a morna passividade de vencido. Neste caso, entretanto, o vencedor se aborrece de firmar o cunho da sua força numa alma inerte e a paixão se extingue por falta de luta e de alimento.

Cumpra então aprovar esse duelo que forma o fundo de todo o amor, sobretudo quando ele une dois seres modernos, complicados e possuídos do espírito analítico deste século, que estraga as melhores impressões do sentimento? Que fazer, porém, da sinceridade que afinal também muitas vezes existe na alma humana e principalmente feminina? Como conciliar a necessidade da luta com o desejo de abandono, de avassalamento e confiança, a que fora tão grato entregar-se a criatura na paixão? Pois não é cem vezes preferível amar com simplicidade, com grandeza, com fé, a ter sempre em mente uma tática de artifício e defesa contra um inimigo adorado?

Aí viu Luísa pintar-se-lhe na memória o olhar duro com que o amante crivara há pouco a doçura tão sincera da sua humildade afetuososa, e com um suspiro melancólico aceitou a penosa imposição desse duelo talvez necessário à conservação do seu amor.



MÃE

Na velha e tosca marquesa de pau,¹ a Leocádia, mulher do José Pindoba, ferreiro no arraial próximo de Carangolas,² se estorcia em dores de parto, agoniada, aflita, com o enorme ventre formando monstruosa bossa debaixo da leve coberta de retalhos de chita desbotada.

Quadros de santos e poeirentas gravuras cortadas em jornais antigos e sarapintadas pelas moscas forravam as paredes enegrecidas do quarto apenas alumiado pela claridade mortiça de um candeeiro de azeite, ardendo em frente à imagem de Nossa Senhora das Dores; e uma morrinha de roupas sujas, um cheiro acre e nauseabundo de ranço erravam pela atmosfera morna e abafada do aposento, enquanto lá fora, nos campos, o vento zunia forte entre o arvoredo, insinuando-se com lúgubres gemidos pelas frestas das portas e janelas.

– Ai, meu Deus! ai, minha nossa Senhora!... – balbuciava a Leocádia. – E esta gente que não chega!... A criança vai nascer sozinha... Eu não posso mais. Teresa!... Teresa!...

Arrastou-se penosamente até à beira da cama e, toda curvada para o chão, tentou acordar uma negrinha que dormia a sono solto sobre uma esteira, embrulhada em grosseiro lençol de algodão.

– Teresa!... Acorda, demônio! Dá-me um pouco d’água a beber...

A negrinha, sobressaltada, sentou-se bruscamente, fitou na ama uns olhos esbugalhados de espanto que logo se foram outra vez cerrando, e deixou-se cair de novo em cima da esteira, ferrando no sono

¹ Espécie de cama ou banco largo, com extremidades altas e geralmente onduladas, em madeira.

² Carangola (grafia oficial) é um pequeno município do estado de Minas Gerais, na Zona da Mata mineira.

interrompido. Leocádia, então, como acabrunhada pela sensação do seu desamparo, vencida pelo medo de se ver sozinha em tal momento, desatou a chorar muito alto, com longos gemidos e lastimosas queixas que degeneraram de repente em verdadeiros gritos de terror nervoso, quando a trovoada rebentou no silêncio da noite, estrepitando sobre o telhado do casebre entre sinistros relâmpagos, que iluminavam de minuto em minuto todo o interior pobre do triste quartinho.

A Teresa, desta feita, acordou deveras, pôs-se a pé num pulo, coçando desesperadamente a gaforinha; e, toda espantada, ia dizendo;

– Ué, nhan³ Leocádia, que é isso?... Minha Nossa Senhora do Bonfim, me acode!... Não chora, nhan Leocádia... *Seu* José não tarda aí com sinhá⁴ velha e sá⁵ Luzia... Olha, cachorro está ladrando lá longe... Escuta...

Latidos longínquos faziam-se de fato ouvir muito em distância, através dos rumores do temporal, e foram-se aproximando ao mesmo tempo que soava um tropel surdo de animais.

– Estão aí, nhan Leocádia... São eles...

– Ah! minha Virgem Maria, que alívio!... Abre a porta, Teresa...

– Espera, nhan Leocádia... Deixa chegar...

O ruído das patas dos cavalos chapinhando a lama cessou junto à casa, substituído por vozes, pragas, o rangido dos arreios esticados pelo peso de corpos que se apeiam, e o José Pindoba fez a sua entrada ao som de uma pancada d'água desabrida, acompanhado de duas mulheres com xales pela cabeça que maldiziam numa choradeira esse inferno do mau tempo.

Felizmente havia o parati⁶ para aquecer; e depressa confortadas, postas de lado as saias encharcadas, caminharam rápidas para Leocádia, que gemia forte.

³ Conforme o original. Possivelmente *nhan* é um derivativo de *nhanhan*, *nhanhã* ou *nhanhá*, que eram tratamentos carinhosos dados às moças e meninas. De *nhanhá*, palavra africana, derivou *iaiá*. Existe aqui uma controvérsia, havendo dicionários que registram *iaiá* como palavra derivada de *aia*, esta de origem indiana.

⁴ Forma popular de *senhora*.

⁵ O mesmo que *sinhá*.

⁶ Cachaça.

– Ah! minha mãe, eu vou morrer... Acuda-me, comadre Luzia...

– Qual morrer, criatura! está doida? fique quieta, que há de ter uma boa hora, com a proteção de Nossa Senhora do Parto. Dê cá os bentinhos, comadre... – E a aparadeira foi passá-los em roda do pescoço da parturiente, a rezar baixinho, benzendo o ventre que ia apalmando.

Gorda, baixa, com um carão grosseiro de mulata picado de be-xigas, assumiu ares graves e autoritários, dando ordens, mandando buscar água benta, panos, vinagre; e todos lhe obedeciam com submissa humildade, até o marido da paciente, o José Pindoba, português alto e mal-encarado, que não parecia encantado por lhe vir mais uma boca a sustentar.

A Leocádia, essa mostrava-se sucumbida, apesar da⁷ mãe, uma velha cabocla de Carangolas, estar a reanimá-la com palavras carinhosas e ingênuas.

Era primípara,⁸ um pouco débil para os seus 22 anos, anemiada pela má alimentação usada no lugarejo em que habitava com o marido; e a sua força estava exausta pelo demorado trabalho do parto. Prestou, entretanto, uma vaga atenção a qualquer coisa que a comadre Luzia murmurou de repente ao ouvido da velha Fortunata, a qual se ergueu depressa do banquinho em que estava sentada e correu, a benzer-se toda com ares do espanto, para falar baixinho ao genro. Este soltou uma praga de cólera...

Não faltava mais nada... Em lugar de uma boca, iam logo vir duas... Ora, com a breca!...

A Leocádia compreendeu então: seu ventre era de gêmeos... E uma surda angústia moral juntou-se ao seu padecimento físico.

Que ia ser deles?!... Eram tão pobres e ela sentia-se tão fraca para criar dois filhos ao mesmo tempo!... Demais, o José parecia já tão furioso!

As lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces, duas a duas, muito lentas, percebidas pela comadre que lhe arranjava as cobertas, e foi mostrá-las ao marido, ainda em colóquio com a sogra. Mas o

⁷ Conforme o original.

⁸ Aquela que teve ou terá o seu primeiro parto.

homem enfureceu-se ainda mais e entrou numa lamentação interminável, enumerando todo o trabalho a que o obrigaria essa coisa do começar a vida por ter filhos aos pares.

Era mesmo o diabo! E deu tal murro na mesa, que a imagem de Nossa Senhora do Parto foi quase ao chão.

– Credo, homem! – gritou-lhe a comadre. – Você não tem vergonha de fazer isso? Olhe que eu não quero barulhos neste quarto, hein? Deixe a moça ter seu filho em paz, senão temos história, que eu não sou de brincadeira...

– Escute, *seu* José – atalhou conciliatoriamente a velha cabocla Fortunata, bondosa e simples –, não precisa de se zangar.

“Vamos fazer isto: eu fico com um dos gêmeos e vou criar ele como meu filho. Quer vosmincê?”

– Eu quero, boa dúvida que sim. Mas isso é também lá com a mãe. Ela é toda cheia de maçadas... Parece até moça rica...

– Deixa: eu falo com ela. – E, acercando-se do leito, meigamente, propôs o negócio a Leocádia, que já chegara às dores de expulsão e, no meio de dois gritos, assentiu com imenso alívio.

– Mas minha mãe há de ser... muito boa... para o... coitadinho... não é? – arquejou a pobre, coberta de suor frio. Fez-se um silêncio angustiado, ofegante, cortado repentinamente por um vagido de criança, por novos gritos, por outro vagido infantil, e a comadre Luzia, toda atarefada, berrou pela tesoura, pelos panos, inclinada sobre as pernas da parturiente exausta, entre as quais palpitava um grupo de carnes tenras e avermelhadas.

– Cá estão os dois! – bradou ela triunfante; mas, logo em seguida, com um grande “Misericórdia!...” que espalhou o susto entre os assistentes, abaixou-se depressa, cobriu os gêmeos com a colcha e ficou imóvel, calada, abanando enigmaticamente com a cabeça.

– Que é, comadre?... Que é, *sá* Luzia?... – exclamaram a um tempo Fortunata e o José Pindoba.

A própria negrinha Teresa, mandada para fora do quarto nos últimos momentos do parto, enfiou a cabeça pela porta, curiosa, farejando novidade.

E a comadre, enfim, aos suspiros, chamou pela velha cabocla, pelo português, entreabriu as roupas e mostrou-lhes as duas crianças recém-nascidas.

Foi um espanto! A Fortunata perdeu até a calma indolente e disparou num choro agudo. Eram dois meninos: um perfeito, alvo, gordinho, de aspecto inteiramente normal; outro contorcido, com duas mãozinhas saindo de cada pulso, todo peludo e apresentando no rosto a forma de um focinho de cão. Verdadeiro monstro, a que nem faltavam duas orelhas penduradas e cabeludas, como as de um animal.

– Com a breca! – bramiu o José Pindoba, exasperado. – Isto é obra do diabo! Pois já se viu coisa igual?!...

– Cale a boca, homem, tenha paciência. Deixe a moça descansar... Não grite assim...

O José, porém, não atendeu ao pedido; pôs-se pelo contrário a arrepiar os cabelos gritando tão forte, que a Leocádia foi tirada do seu meio desmaio, abriu os olhos e perguntou que era aquilo. Houve então um minuto de embaraçoso silêncio que ela interpretou no sentido dos seus receios, de modo que, por sua vez, entrou a soltar lastimosos gemidos dizendo que já adivinhara, que os filhos tinham morrido ao nascer e que ela também queria morrer... E ninguém se entendia na balbúrdia.

A comadre Luzia, por fim, tomou o partido da franqueza. Ora adeus, pois se ela tinha mesmo de saber! E resoluta, corajosa, falou-lhe com o seu bom senso de matuta e apresentou-lhe de longe as duas crianças, para lhe ir acostumando a vista, enquanto o José passava descalço pelo quarto, a gritar que agora ele queria ver como se arranjava essa história da divisão dos dois gêmeos. E olhava de soslaio para a sogra, que se encolhia timidamente atrás da cabeceira da cama, lacrimosa e perplexa, partilhada entre as instigações do seu bom coração e as repulsas de um horror indizível por aquele neto de cara de cachorro, tão feio e todo peludo, que era até uma vergonha... Como, porém, dizer que só queria o outro gêmeo – o pequenino, o bonito, que ela já estremecia deveras, como filho quase das suas

entranhas?... Seu dever era aceitar qualquer... Mas também levar para a casa o monstro?

Oh! isso nunca! E as vacilações da pobre mulher se estampavam tão fielmente no seu rosto simples e bonacheirão, que Leocádia, a chorar, leu tudo quanto lhe ia no íntimo d'alma, como num livro aberto.

– Ó José – balbuciou enfim a parturiente, virando-se para o marido e atraindo-o para junto de si. – Tu me perdoas ter te dado um filho tão horrendo? – E pegou-lhe na mão calosa e beijou-a, diante do que o português, que no fundo era bom homem, apesar das suas brutalidades, sentiu de repente turvar-se-lhe a vista como se lhe subissem lágrimas aos olhos; e todo abalado, já trêmulo, respondeu: “Coitada de ti! coitada de ti, que o pariste com tantas dores, Leocádia...”

– Pois, então, escuta – tornou a mulher com voz sentida. – Em nome dessas dores horríveis que me levaram quase para o outro mundo, deixa-me decidir como eu entender essa questão de darmos uma das duas crianças a minha mãe... Sim, José?...

– Faze o que quiseres, Leocádia, faze o que quiseres... Ai, Deus...

E o português foi sentar-se, abatido, a um canto do quarto. Leocádia, então, chamou a comadre Luzia, que esperava de pé com os dois recém-nascidos ao colo, e firme, resoluta, estendeu-lhe os braços:

– Dê-me o aleijadinho, comadre. Eu fico com ele. Entregue o outro a minha mãe, que o leve...

E tomando o pequenino ser disforme, que abria e fechava as suas quatro mãozinhas moles, estreitou-o longamente contra o seio e beijou-lhe com ternura o focinho enrugado, murmurando baixo, num sublime arroubo:

– Meu filhinho!...



HOTEL PARA FAMÍLIAS¹

Foi em Paris que Heitor de Magalhães, candidato à diplomacia, a conheceu – numa dessas *pensions de famille*² que pululam pelos arredores dos Campos Elísios,³ entre pátio e jardim, com persianas verdes e um certo ar de convidativa tranquilidade.

A proprietária, que se chamava Mme Brun, era vienense e tinha o aspecto sentimental de uma gata lânguida, olhos sempre úmidos e semicerrados, gestos untuosos, toda uma maneira lenta e adocicada de mover-se, de falar, de mostrar interesse aos seus hóspedes. O seu imutável vestido de seda cor de pérola aparecia implacavelmente à cabeceira da mesa, na hora das refeições; e desse posto dirigia ela o serviço com ares estudados de *grande dame*,⁴ os cabelos louros muito bem penteados, enquadrando uma face felina e vermelha de quarentona ainda faceira, um brilhante luzindo numa das mãos brancas e polpudas que ofereciam os pratos.

O marido, auvernês,⁵ de olhos bugalhudos e injetados de sangue, arrastando uma perna meio paralisada em consequência de antigo insulto apoplético, trincava os assados sobre o bufete próximo e servia os vinhos.

Havia mais uma sobrinha, solteira, que se ocupava da escrituração da casa dentro de uma espécie de gaiola envidraçada a um canto do vestíbulo. E dia e noite aparecia lá dentro a sua face bochechuda

¹ Os diálogos em francês deste conto foram traduzidos por Jean François Cleaver, tradutor do Senado Federal, e seguem em notas, entre aspas.

² Em francês no original: pensões de família.

³ Refere-se à avenida Champs-Élysées, a mais famosa de Paris.

⁴ Em francês no original: dama da alta sociedade.

⁵ Proveniente da Auvérnia, região administrativa da França.

e fresca de boneca muito corada, curvada sobre os livros e as contas, numa aplicação severa.

Tudo pois respirava a mais absoluta respeitabilidade nessa casa de pensão, e Heitor de Magalhães tinha o cuidado de não fitar demasiado certas vizinhas bonitas que apareciam à mesa – único lugar em que as via. Assim foi que um dia conheceu essa que surgiu de repente entre os hóspedes *habitués*⁶ como a mais rara aparição de beleza.

Vinha só, vestida de flanela branca, o busto fino apertado por um cinto dourado; e o criado precipitou-se para lhe indicar o lugar justamente ao lado de Heitor, que já levava à boca uma colherada de sopa.

Houve como uma suspensão geral; e cresceu o movimento de atenção, quando a felina Madame Brun, toda sorrisos, perguntou adocicadamente à recém-chegada:

– *Etes-vous bien reposée, Mme la Marquise?...*⁷

Uma marquesa! Todos os olhares convergiram para a nobre dama, que placidamente desdobrava o seu guardanapo e dispunha-se a comer.

E a linda Mme Deschamps, até aí classificada como a flor da mesa, teve de abdicar o cetro da realeza, despeitada e roída de inveja.

Pouco a pouco, vendo diariamente essa esplêndida mulher junto a si, Heitor foi sentindo que ela lhe abalava os nervos de brasileiro vibrátil e imaginoso.

Essa linha escultural, mãos tão brancas, boca tão rubra, cabeça tão bonita, e um contato tão estreito em cada almoço e cada jantar... Era de lhe virar o juízo, positivamente. Mas, por outro lado, a reserva altiva da desconhecida não lhe permitia adiantar um único passo. Não se conteve, então: foi indagar da proprietária quem ela era, que o sabê-la marquesa não lhe bastava já.

A boa Mme Brun teve um sorriso inteligente e bateu-lhe afetuosamente com o leque nas mãos:

⁶ Em francês no original: frequentador assíduo.

⁷ “Descansou bem, Senhora Marquesa?...”

– *Mauvais sujet! Eh bien, non! ne vous y frottez pas... C'est tout à fait une grande dame...*⁸

E contou-lhe que a bela mulher era austríaca, sua compatriota, casada com o marquês Galliera, fidalgo italiano que viajava.

Heitor de Magalhães andou uns dias desanimado e triste, mas depois decidiu não obedecer tanto ao respeito e sim mais ao sentimento que se lhe exaltara, sentindo a sua deusa inacessível, casada, nobre, fora dos limites de uma aventura. Era absurdo! Tanto pior. O desejo tornou-se quase paixão. E pôs-se a ensaiar uma corte tímida, delicada, que o trazia preso aos menores gestos da bela austríaca.

Se ela sorria-lhe dizendo *merci*⁹ ao menor oferecimento na mesa – ele exultava; se ela conversava com o vizinho da frente – ele tremia de raiva. Uma noite, sozinho, no salão de leitura, viu-a de repente sair só... Galgou a escada aos pulos para ir buscar o chapéu e seguiu-la; mas, quando desceu, não a achou mais e teve um verdadeiro acesso de furor. No dia seguinte, andou sempre com uma carta para lhe passar, mas nunca ousou fazê-lo. Esteve por um triz a cair-lhe aos pés na escada, onde a encontrou, mas ela o saudou com serenidade tão altiva, que ele empalideceu e deixou-a passar. Que mulher fria! que mulher terrível!

O pobre Heitor andava tonto; e, quanto mais lhe crescia o respeito, mais se lhe inflamava o amor.

Enfim, após um mês inteiro de vãs tentativas, pôde ele insinuar num jornal, que ela levou para ler no quarto, este bilhete meditado longamente, cem vezes escrito e outras cem rasgado:

*“Madame la Marquise – Pardon! C'est à vos pieds, soumis, timide, honteux, que j'ose laisser échapper l'aveu de mon amour. Ne m'en punissez pas... Je suis le ver de terre qui ose regarder une étoile...”*¹⁰

⁸ “Seu mau sujeito! Pois não se atreva... Ela é realmente uma grandíssima dama...”

⁹ Em francês no original: obrigada.

¹⁰ “Senhora Marquesa – Perdão! Prostrado a seus pés, submisso, tímido e envergonhado, atrevo-me a deixar escapar a confissão do meu amor. Não me castigue... Sou a minhoca que ousa olhar uma estrela...”

E por aí foi o brasileiro, amontoando protestos de uma paixão tão respeitosa, que não podia ofendê-la. Assinara: “à vous pour la vie”¹¹ e o seu nome inteiro.

Apenas a marquesa desapareceu na volta da escada com o fatal jornal contendo misteriosamente em seu inocente seio o ardente *poulet*,¹² Heitor agarrou no chapéu e saiu para a rua. O coração batia-lhe. Enfim, enfim! À essa hora ela estava lendo, já conhecia o seu amor veemente, mas respeitoso, como um culto... Pensava nele... Que faria depois? Como o acolheria? Do resto, ele notara ao almoço que ela estava perturbada, e também que a Mme Brun parecia diferente, zangada. Percebera certos olhares pouco amáveis trocados entre ambas.

Ora adeus! a velha adivinhara, com certeza, qualquer coisa e já se punha a querer zelar a respeitabilidade da sua casa. Mas que Mme de Galliera o amasse e saíam logo dali...

E o marido?... Ora, o marido! Tinha tempo para pensar nele.

E nesta vertigem de pensamentos andou Heitor o dia inteiro, até que às 6 horas se dirigiu para a pensão. As pernas tremiam-lhe, tanto mais que, logo da porta, ouviu o rumor de uma discussão nessa casa até aí tão calma e respeitável. Ia atravessar, indeciso, a saleta de leitura, quando estacou, aturdido e pasmado, diante da mais insólita cena que podia ferir os seus olhos. Sozinhas na sala, a austríaca e Madame Brun altercavam como duas peixeiras, em pé, defronte uma da outra, furiosas e de punhos cerrados, ameaçando-se. Nem a presença dele as interrompeu; antes Madame Brun correu para ele, agarrou-o pelo paletó e trouxe-o até o centro da sala, invocando o seu testemunho.

Estava o Sr. Magalhães vendo aquela desavergonhada? E apontava para a outra, a quem ele de manhã tratara de idolatrada estrela... Pois não era marquesa, nem casada, nem mulher honesta, nem nada... Era a amiga de um bandido italiano, o Galliera, que vivia do jogo. Quando este não lhe mandava dinheiro da batota, ela fazia *le trottoir*¹³ em Paris e arranjava-se com outros...

¹¹ “Seu por toda a vida.”

¹² Em francês no original: bilhete amoroso.

¹³ Em francês, a expressão *faire le trottoir* significa prostituir-se.

Aqui, soltando uma gargalhada estridente, sacudiu Heitor nervosamente:

– *Vous, vous avez avalé le marquisat et tout, hein?*¹⁴

– *Taisez-vous, chienne!*...¹⁵ – gritou a marquesa, avançando. Mas a proprietária gritou ainda mais alto que se calasse ela. Se tinha encapado a maroteira, era por ter um coração de anjo.

A mulher que se diz casada sempre vale mais, arranja melhor auxílio, é considerada. Por isto, sendo boa, ajudara a mentira.

– *Eh bien, Monsieur, savez-vous comment elle m’a remercié? En me prenant mon amant, Monsieur, un homme qui m’a coûté tant d’argent...*¹⁶ – Aqui a velha desatou em soluços, caindo aniquilada sobre uma cadeira, enquanto a outra mastigava com desprezo:

– *Vieille guénon, va!*...¹⁷

O estupor do jovem candidato à diplomacia era indescritível... Corava e empalidecia assistindo à metamorfose da mulher que tanto o seduzira, vendo o jogo cínico dessa fisionomia que admirara numa serenidade de estátua formosa, descobrindo, enfim, as infâmias agitas nessa casa de aparência respeitável. Um terror, porém, o assaltou bruscamente... A sua carta dessa manhã, assinada com o seu nome inteiro!... Não fossem essas duas mulheres usarem de uma *chantage*...¹⁸ E, num assomo de medo, dirigindo-se à austríaca, ordenou-lhe:

– *Rendez-moi ma lettre.*¹⁹

Ela fitou-o com surpresa:

– *Quelle lettre?*²⁰

– *Celle que j’ai glissé ce matin dans votre journal...*²¹

¹⁴ “E você engoliu que era marquesa e o resto, né?”

¹⁵ “Cale-se, cadela!...”

¹⁶ “Então, Senhor, sabe como ela me agradeceu? Roubando meu amante, Senhor, um homem que tanto dinheiro me custou...”

¹⁷ “Macaca velha!”

¹⁸ Em francês no original: chantagem.

¹⁹ “Devolva minha carta!”

²⁰ “Que carta?”

²¹ “A que escondi no seu jornal hoje de manhã...”

Ela fez *Tiens!*²² e repentinamente disparou a rir, como louca.

Então, furioso, Heitor agarrou-a pelos pulsos e exigiu outra vez a carta, ali, ali mesmo...

Mas ela desenvencilhou-se dele com um puxão, e grosseira, cí-nica:

– *Eh! voyons! est-ce que j’ai seulement lu votre lettre? Prenez-la dans le journal, là... Et fichez-moi la paix...*²³

Num rápido volver de olhos, Heitor avistou o dito jornal dobrado sobre a mesa. Precipitou-se, sacudiu-o, e um bilhete em forma triangular caiu sobre o tapete. Era, era enfim a sua carta! Mas, ao apanhá-la avidamente, um súbito pensamento turvou a sua sensação de alívio. Teria aquela mulher desbragada lido essas frases tímidas e respeitosas que agora a ele próprio pareciam tão ridículas? Foi saindo da sala, num vexame profundo, abotoando o sobretudo; e já na porta, de costas, ouviu a Galliera dizer com o mais insolente desdém:

– *Espèce d’idiot!*...²⁴

Decididamente, a criatura tinha lido a baboseira toda.

²² “Não me diga!...”

²³ “O que é isso! Acha que cheguei a ler sua carta? Pegue-a no jornal, ali... E me deixe em paz...”

²⁴ “Seu idiota!...”



NEM TUDO QUE LUZ É OURO

Foi em Teresópolis,¹ nas promiscuidades do velho hotel Higino,² que o riquíssimo banqueiro Silva Rezende e suas três filhas travaram conhecimento com o húngaro Wencesláo Czolski, cuja face de Nazareno, branca e loira, alongada por uma fina barba em ponta, revolucionava o elemento feminino daquele verão.

O húngaro dizia-se pianista, tocava bonitas valsas, *czardas*³ do seu país, trechos originais, brilhantes, e o seu piano tornou-se o centro de atração dos serões do hotel.

Ora, uma noite em que o Silva Rezende se levantara mais cedo da sua costumada partida de *poker*,⁴ deparou ao entrar no salão com um quadro que o fez rispidamente franzir os espessos sobrolhos grisalhos. A Regina, sua filha mais velha, uma viuvinha de 24 anos, morena e bem feita, executava com o Wencesláo uma peça a 4 mãos, e pareciam ambos bem íntimos, agarradinhos, o pianista inclinado, a murmurar palavras misteriosas ao ouvido da sua vizinha.

O banqueiro pasmou, mordendo o havana⁵ que tinha entre os dentes, e ficou observando da porta todos os movimentos dos dois. Descobriu ainda que as outras suas filhas, mais novas e solteiras, Alda e Hilda, pareciam também enlevadas na contemplação do tal maes-

¹ Cidade da região serrana do estado do Rio de Janeiro, assim nomeada em homenagem a Teresa Cristina Maria, esposa de D. Pedro II.

² Famoso hotel da cidade, hoje desativado. Foi assim batizado em referência ao proprietário, Higino Tomás da Silveira (1876-1925).

³ Também grafada como *xarda*, é uma dança popular húngara, com abertura lenta e ápice vigoroso na parte principal. A palavra é igualmente usada para designar a música que acompanha a dança.

⁴ Em inglês no original: pôquer.

⁵ Charuto fabricado em Havana, capital de Cuba.

tro, luzindo-lhes até uma pontinha de inveja nos olhares que deitavam à irmã viúva. E o resultado de toda essa observação foi que, na mesma noite, houve uma conferência entre o pai e as filhas, a volta para o Rio foi apressada, e uma semana mais tarde toda a família já estava reintegrada no palacete da rua Barão de Mesquita, no Andaraí Grande⁶ – vasto casarão recuado da rua, como adormecido entre as sombras espessas de velho e frondoso arvoredos.

Regina ocupava aí os mesmos aposentos em que residira durante o seu curto casamento com o Lúcio Farinha, um advogado metido a literato, magro e ardente. Esses aposentos formavam ângulo à esquerda, na grande habitação, e abriam para a sala de jantar, que por sua vez deitava porta para o lado esquerdo da chácara imensa.

Descia-se por uma escadinha de pedra em feitiço de V, encimada por um alpendre encarapuçado de trepadeiras, que se recortavam quais sanefas por sobre dois varões de ferro e vinham enroscar-se pelas grades abaixo: e no vão havia uma estátua de louça.

Regina gostava de sentar-se no primeiro degrau dessa escada, sob o sombrio dossel de verdura, e aí ficava largas horas, triste, meditativa, pensando na sua mocidade, que se estiolava agora inutilmente, e nesse marido que tanto a tinha amado e se finara após dois anos de feliz intimidade.

Desse lugar ela avistava as janelas dos seus quartos, que ainda falavam, no seu luxo solitário, do idílio apaixonado de que haviam sido teatro – o Lúcio Farinha loucamente enamorado e consumindo as forças de rapaz débil num ardor insaciável. Morrera, por fim, tísico, chupado, e Regina para ali ficara com a sua apetitosa graça de morena espedaçada, remoendo saudades na velha casa paterna.

Ultimamente, sobretudo, Regina andava mais preocupada, como se as impressões trazidas de Teresópolis aumentassem a sua melancolia. Tinha insônias que orlavam de negro os seus grandes olhos pestanudos. Evitava a companhia do pai e das irmãs.

Um dia, enfim, quando passeava a sua tristeza pela chácara, à hora em que Alda e Hilda estudavam piano com a professora, a viu-

⁶ Antigo bairro da cidade do Rio de Janeiro, hoje englobando quatro bairros: Andaraí, Vila Isabel, Grajaú e Aldeia Campista.

vinha estremeceu e fez-se cor de lacre, avistando pelo gradil do jardim o húngaro Wencesláo Czolski,⁷ que a cumprimentava da rua, olhando-a demoradamente.

Nessa tarde o Silva Rezende estranhou a animação da filha mais velha, que palrou durante o jantar como nos bons tempos em que ainda vivia o ardente Lúcio Farinha. E foi considerando lá no seu íntimo que isso de viúvas – são verdadeiras máquinas de nervos... Ninguém as entende.

Agora, sempre por volta das duas ou três horas, Regina descia ao jardim, o busto bem feito apertado numa blusa branca ou *lilas*,⁸ a saia preta dissimulando o desenvolvimento um tanto exagerado dos quadris redondos, salientes, e um *crochet*⁹ qualquer na mão.

Sentava-se num banco encoberto por dois grandes pés de manacá e espreitava ansiosamente a rua, onde os trilhos dos *bonds*¹⁰ brilhavam solitários ao sol.

Da casa vinha o som martelado do piano em que Hilda e Alda corriam escalas. Uma calma profunda pairava no ar luminoso, interrompida só pelo frêmito da viração fugindo entre as árvores, ou pelo trinado de algum passarinho empoleirado entre as folhagens.

E Regina prestava ouvido atento ao tilintar da campainha do *bond* vindo da cidade e cuja passagem seguia com impaciência, certa de que logo atrás, apoiado antes, Wencesláo Czolski aparecia, loiro, fino, elegante, com o seu perfil muito puro em que só os olhos destoavam, demasiado móveis, quase inquietos, não condizendo com esse doce tipo de Nazareno. Mas a mão que ele estendia pela grade era bem alva, bem macia, e a viúva esquecia a sua, unida a essa palma amorosa, num embevecimento profundo.

⁷ No original está *Czolsky*, diferente da primeira ocorrência, *Czolski*. Optou-se pela uniformização.

⁸ Em francês no original: lilás.

⁹ Em francês no original: crochê.

¹⁰ Em inglês no original: bondes. Na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, entraram em funcionamento ferrocarris de tração animal. A empresa Botanical Garden Railroad, após assumir a concessão, confeccionou cupons de passagens, nos quais vinham estampadas a palavra inglesa *bond* e a figura do ferrocarril. A população deu ao veículo o nome de bonde, estendendo-o, mais tarde, aos veículos de tração elétrica.

O húngaro, entretanto, não se mostrava satisfeito com essas rápidas entrevistas, tendo um gradil de ferro de perneio e sempre sob a ameaça de qualquer surpresa.

Instava apaixonadamente, nas cartas que trocava com Regina, para que ela se apiedasse do seu martírio e o deixasse entrar uma noite no jardim, depois da família adormecida. Ele a respeitaria como uma santa... Queria apenas beijar a fímbria do seu vestido, sentar-se ao seu lado, respirar seu hálito... Mas a viuvinha resistia, aterrada com as responsabilidades desse ato clandestino em casa de seu pai. Abrir o portão de ferro e dar entrada a um homem, ela, sob essas espessas sombras perigosas da chácara?

E se ladrasse o *Vigilante*, cão de guarda que vigiava à noite a habitação, e seu pai ou o feitor acordassem, acudissem, disparassem até algum tiro de revólver para fora? Não, era impossível.

Tal foi, entretanto, o poder progressivo da tentação, que Regina se achou uma noite escura descendo cautelosamente a escadinha da sala de jantar, um xale de renda negra sobre a cabeça, as pernas trêmulas e o coração aos saltos. O *Vigilante* veio rosnando lambendo-lhe as saias e ficou atento, como admirado, mirando-lhe as passadas leves até o portão.

Mal, porém, ela entreabriu a pesada porta gradeada e o vulto de Wencesláo insinuou-se pronto pela fresta, o cão arremessou-se, latindo, contra ele e tentou enterrar as formidáveis presas nas suas pernas. O húngaro só teve tempo de pular para cima do banco, e Regina o de agarrar o bicho pela coleira, bradando baixo: *Vigilante!... Vigilante!...*

Era impossível conversar nessas condições e a viuvinha teve um movimento de desespero. A presença de Wencesláo ali perto dela, ao perfumado sopro da noite, na misteriosa treva do jardim solitário, aquecera-lhe o sangue. Tinha sede do seu contato e da sua ternura... Não jurara ele ser respeitoso? E, subitamente decidida, arrastada, febril, chamou o húngaro: *Vem!* e, sempre contendo o cão, foi conduzindo Wencesláo para a entrada da sala de jantar. *Sobe!*... tornou a dizer, apontando-lhe a escada: e só quando o viu em cima é que largou o cão, apaziguando-o com uma festa, e por sua vez também subiu.

A porta fechou-se mansamente. E, na quente escuridão do interior da sala, Regina escutou a respiração arquejante e ruidosa do amante.

Agora, vencidas tantas dificuldades, só restava à viuvinha esperar os agradecimentos do húngaro pelas audácias da sua paixão.

E, acendendo a vela que pouco antes lhe alumiará a saída, e cuja chama trêmula fez rebrilhar pratas através das portas envidraçadas de dois grandes armários, ela voltou-se para ele, deliciosa em sua perturbação, reclamando com um sorriso a recompensa.

O moço, porém, não respondeu a essa ternura: distraído, como assustado, examinava a sala – os móveis de carvalho lavrado, as portas cerradas... Foi preciso que Regina o puxasse pela manga, brandamente queixosa. Que tinha? Estava com medo? Não, sossegasse... Ela se responsabilizava por tudo. E meigamente o atraiu para a sua saleta particular, junto ao quarto de dormir, de onde fugia a claridade rósea de uma lamparina.

O luxo dos aposentos aparecia mais sugestivo a essa hora misteriosa; e Wencesláo, como oprimido, resvalou sobre um divã de cetim azul, pensativo, mudo, o olhar perscrutador.

– Ora! um nobre húngaro com medo!... – disse faceiramente Regina, de pé, a contemplá-lo, rindo toda para essa esquisita turbacção. E deixou-se cair, num amoroso ímpeto, bem junto dele, no mesmo divã; mas recuou com um leve grito... Objeto duro e estranho lhe magoara a face, quando se encostara ao seu peito.

– Ai! que é isto, Wencesláo? Trouxeste arma?...

– *Psiu!* – fez ele severamente, relanceando em torno um olhar duro; e acrescentou:

– Este quarto para onde dá?...

– Este quarto?!... – repetiu ela, sem compreender; mas ele insistiu e ela teve de explicar, admirada, que os seus aposentos comunicavam à direita com uma sala, para onde abriam os quartos do pai.

Que significava, porém, esse interrogatório? Se estava arrependido... E Regina parou, como ofendida.

– Não! – respondeu ele, mudando de tom. – Perdoe-me, sim? O que estou é humilhado aqui. Sinto-me pequeno. Por que és tão

rica, Regina? Aposto que essas gavetas estão cheias de joias e dinheiro, não é assim?

Enlaçou-a fortemente pela cintura. Tinha a fisionomia febril. Ela, surpresa, mas ao mesmo tempo encantada com tanta delicadeza de sentimentos, pediu-lhe que enxotasse essas ideias... Nem ela tinha ali joias, nem dinheiro: estava tudo no cofre do papai. Que importava de resto a sua fortuna, uma vez que o amava, que o amava e que o amava?...

– E não tens medo de ladrões, meu amor? – observou Wencesláo, com um sorriso.

Ela, após uma pausa, admirada:

– Medo, eu? Não, absolutamente. Ao menor grito que eu solte, papai acode logo com um revólver excelente que tem junto da cama... Mas por que perguntas isto?...

O húngaro não respondeu; e, afrouxando o abraço em que a tinha presa, curvou-se para a olhar de frente, como indeciso, perplexo; de repente, a face mudada, ardente, fechou-lhe a boca com um beijo.

E já a madrugada rompia, quando Regina atravessou de novo a chácara, arrepiada sob o orvalho frio que pingava das árvores, conduzindo Wencesláo, que saía.

Desde essa data, o Silva Rezende e as filhas solteiras estranharam a agitação da viuvinha.

Ora alegre, ora triste, ora animada, parecia estar sempre no ar, longe dos que a cercavam.

Acontecia que lhe falavam e ela nem respondia, perdida num êxtase, olhos parados. À noite pouco dormia. E, sob a cúpula azul do seu largo leito de *érable*,¹¹ permanecia de olhos abertos na sombra, evocando o fino perfil de Cristo que tinha o seu amado, o seu loiro Wencesláo, de quem esperava o aviso de novo encontro. E com que sofreguidão!

Desde o dia em que pela primeira vez o apertara nos braços dentro daquele quarto, havia já uma semana, não o tinha tornado a ver. E suspirava por ele... Revolvia-se, nervosa, sob a obsessão dele...

¹¹ Em francês no original: bordo ou ácer. Tipo de árvore.

Eis que, certa noite, quando assim lutava com o seu desejo, pareceu-lhe de repente que alguém andava cautelosamente na sala de jantar. Soergueu-se de leve, com o coração batendo. Afirmou o ouvido. Sim, como que mexiam no armário das pratas... Não seriam ratos?...

Mas esse rangido costumeiro da porta envidraçada, quando a abriam?... Ela escutara perfeitamente... E, num sobressalto, Regina tentou gritar por socorro, mas a voz se lhe sumiu na garganta contraída. De resto, agora nenhum rumor... O silêncio era absoluto, opriamente! E, suspensa, os pés descalços no tapete, arrepiada, Regina não ouvia mais senão o tumulto do sangue em suas artérias. Então, não podendo suportar a angústia dessa incerteza, na esperança de se haver iludido, a viuvinha acendeu rapidamente a vela e, em camisa, levantando alto a luz, foi resoluta abrir a porta do quarto comunicando com a sala de jantar.

Um grito rompeu-lhe dos lábios, abafado logo pelo terror agudo. Diante do armário escancarado, um homem roubava pratas, atirando-as dentro de um saco a tiracolo; e esse homem alumiado por uma lanterna surda pousada sobre a mesa, esse ladrão era... era o Wencesláo Czolski, seu amante. Regina ficou parada, espavorida, hirta. O castiçal tremia-lhe violentamente na mão.

Ao grito, porém, que lhe escapara, o ladrão voltou-se rapidamente, viu-a assim de pé, quase a desfalecer no limiar do gabinete, e, sacando da cinta uma faca de ponta, avançou, manso e feroz, com uns olhos chamejantes que a traspassavam – toda a sua linda face de Cristo transformada em sinistra máscara.

No mesmo instante, uma voz rouca partiu do lado da saída para o jardim:

– Se ela gritar, mata-a...

E a viuvinha, desviando a vista com esforço, lobrigou o vulto negro de outro bandido a espreitar da porta.

Num relance compreendeu tudo: o assalto premeditado, essas relações de amor servindo para facilitarem o estudo da casa; e a imagem de seu pai apareceu-lhe, roubado, saqueado e talvez até assassinado por sua culpa. Por sua única culpa! Santo Deus!... Num imenso

desespero, Regina olhava para esse homem que se aproximava, que já chegava, rasteiro, felino, hediondo, ameaçando-a com a sua faca erguida.

A lâmina brilhou e ela ouviu que ele lhe dizia surdamente, entre dentes:

– Ao menor grito, eu te mato, percebes?... Nem uma palavra...

Mas que lhe importava a ela morrer, agora que sabia ter sido amante de um bandido? Quem jamais a lavaria dessa mancha? E seu pai?! e suas inocentes irmãs?! Louca de horror, Regina inteiriçou-se, abriu a boca e soltou um estrondoso brado:

– Acuda, meu pai! Ladrões!

A faca reluziu, enterrou-se uma, duas vezes no seio heroico da viuvinha, que tombou sobre os joelhos e rolou para o lado, exalando um gemido, ao qual respondeu de fora o uivo fraquíssimo do *Vigilante*, caído na relva sobre o flanco, traspassado por outra facada.

E, enquanto a casa toda despertava em sobressalto e portas se abriam com trágico fragor, Wencesláo Czolski e seu cúmplice abalavam em vertiginosa carreira pela chácara, saltavam as grades do jardim e sumiam-se nas trevas da rua solitária, carregando aos trambolhões o saco de lona em que tilintavam as ricas pratas do pai de Regina – o Comendador Silva Rezende.

FIM

BIBLIOGRAFIA DE CARMEN DOLORES

Obras publicadas

1897 – *Gradações*: páginas soltas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Typografia Leuzinger. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989 (com introdução, atualização e notas de Maria Angélica Guimarães Lopes).

1907 – *Um drama na roça*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert & C. (prefácio de Coelho Neto).

1908 – *Lendas brasileiras*: coleção de 27 contos para crianças. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Gomes Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Sá, 2006 (cronologia de Eliane Vasconcellos; texto crítico de Rosa Maria de Carvalho Gens).

1910 – *Ao esvoaçar da ideia* (crônicas). 1ª ed. Porto: Livraria Chadron.

1911 – *A luta* (romance). 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Garnier. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Mulheres, 2001 (introdução e notas de Maria Angélica Guimarães Lopes).

1933 – *Almas complexas* (contos). 1ª ed. (organizada e prefaciada por Chrysantème). Rio de Janeiro: Editora Calvino. 2ª ed. (organização, estabelecimento de texto, ensaio introdutório, bibliografia, cronologia e notas de Risolete Maria Hellmann). Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014.

1998 – *Carmen Dolores*: crônicas de 1905-1910. 1ª ed. (prefácio e organização de Eliane Vasconcellos). Rio de Janeiro: Editora do Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro.

Conferências

1907 – *A sociedade*. Instituto de Música – Rio de Janeiro.

1908 – *Que é melhor?* Teatro João Caetano – Rio de Janeiro.

Teatro

1908 – *Desencontro*. Peça encenada em vários teatros: Carlos Gomes (1908), Teatro da Exposição (1908) e Teatro de Petrópolis (1909).

Colaboração em periódicos

O Paiz – Rio de Janeiro

De janeiro de 1905 a agosto de 1910: coluna A Semana (282 crônicas)

Correio da Manhã – Rio de Janeiro (Crônicas)

1907 – *Frutos sociais; Impressões de viagem; De repente; Oh, meu amor; O ator Coquelin; Miscelânea.*

1908 – *O dia moderno; Os humildes; O baile; Comparemos; Conversando; O único triunfo; Coisas que sucedem; Pôr do sol; Os três encontros.*

1909 – *O domingo de verão; Por empréstimo; A tragédia das horas; Ideias leves.*

1910 – *Santidades.*

1918 – *A tragédia das horas* (Página Literária).

Jornal das Senhoras. Vida Elegante – Rio de Janeiro

1909 – *Croniqueta.*

Diário do Maranhão – São Luís/MA

1910 – *O maior bem* (conto); *A vida é isto* (conto).

Diário da Manhã – Vitória/ES

1910 – *Fins de ano* (crônica); *O maior bem* (conto).

Colaboração em periódicos com outros pseudônimos

JÚLIO DE CASTRO

1898 – *Sua majestade o dinheiro* (conto), *O Paiz* (recuperado em *Um drama na roça* como Carmen Dolores); *Abdicação* (conto), *O Paiz* (recuperado em *Um drama na roça* como Carmen Dolores); *Cinco perfis femininos* (crônica), *O Paiz*.

1902 – *Poesias escolhidas* (texto de crítica ao livro de Afonso Celso), *Gazeta de Petrópolis*; *Bucólica* (texto de crítica ao livro de Major Fernando Pinto de Almeida Junior), *Gazeta de Petrópolis*.

1903 – *As primeiras calcinhas* (conto), *Gazeta de Petrópolis*.

MARIO VILLAR

1902 – *Impressões* (conto), *Gazeta de Petrópolis* (recuperado em *Ao esvoaçar da ideia* como Carmen Dolores).

1906 – *Notas de um errante* (conto), *O Paiz*. Rio de Janeiro.

CÉLIA MARCIA

1904 a 1905 – Coluna: *Lettres d'une Brésilienne* (29 textos escritos em francês) do jornal *L'Etoile du Sud*. Rio de Janeiro.

LEONEL SAMPAIO

1904 – *O travesseiro* (conto), *A Província* – PE; *O travesseiro* (conto), *Pacotilha Jornal da Tarde* – MA; *O par de meias* (conto), *A Notícia* – RJ; *O imprevisto* (conto), *A Notícia* – RJ; *A família Guedes* (conto), *A Notícia* – RJ; *D. Theresa Diabo* (conto), *Tagarela* – RJ; *Natal* (conto), *O Paiz* (recuperado em *Ao esvoaçar da ideia* como Carmen Dolores).

1905 – *Fantasia do crepúsculo* (conto), *Correio do Brasil* – BA.

1906 – *Liquidações* (conto), *Pacotilha Jornal da Tarde* – MA; *Os párias* (conto), *O Paiz*; *Os párias* (conto), *Pacotilha Jornal da Tarde* – MA; *A intermediária* (conto), *O Paiz*; *Uma experiência em Petrópolis* (conto), *O Paiz*; *A intermediária* (conto), *Pacotilha Jornal da Tarde* – MA; *Uma página triste* (conto), *O Paiz*; *Um concurso* (conto), *O Paiz*; *Traição* (conto), *Tagarela* – RJ.

BIBLIOGRAFIA SOBRE CARMEN DOLORES

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9453, p. 1, 23 ago. 1910.

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BILAC, Olavo [pseudônimo B.]. Registro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 13 jul. 1907.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*, 1900. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ERSE, Armando. *Elogios*. Porto: Renascença Portuguesa, 1916.

FELIX, Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher: entre a república das letras e a Belle Époque (1884-1911)*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

JIE. Carmen Dolores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 jan. 1908.

JOE [Pseudônimo de Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 fev. 1908.

LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

LOPES, Maria Angélica Guimarães. *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*. São Paulo: Ateliê, 2001.

LOPES, Maria Angélica Guimarães. Desafio materno: a luta de Carmen Dolores. In: DOLORES, Carmen. *A luta*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

LOPES, Maria Angélica Guimarães. Introdução. In: DOLORES, Carmen. *Gradações: páginas soltas*. Rio de Janeiro: Presença, 1989. (Coleção Resgate-INL, v. 17).

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Carmem Dolores. In: _____. *O conto feminino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: São Paulo Editora, 1959. p. 33-48.

MONCORVO, Sylvia. Almas complexas: um livro póstumo de Carmen Dolores. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 5, 31 dez. 1933.

NELSON, Isabella [pseudônimo de Abner Mourão]. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 10236, 15 out. 1912. Coluna Vitórias Femininas.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). V. XII. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950. (Coleção Documentos Brasileiros, n. 63).

REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia da crítica literária em 1907 através dos jornais cariocas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1968.

RIBEIRO FILHO, João de Souza. *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1965)*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SOIHET, Raquel. Comparando escritos: Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 9, n. 10/11, 2001/2002.

SOIHET, Raquel; ESTEVES, Flavia Cópio. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. In: LOBO, Yolanda;

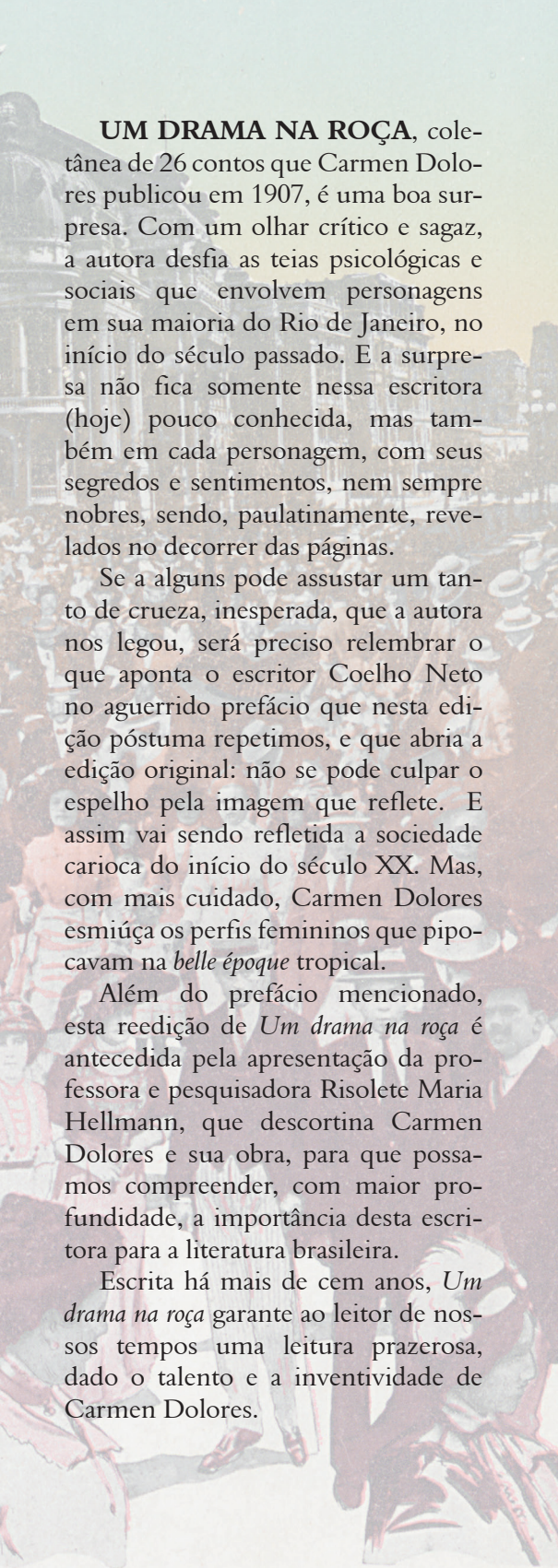
FARIA, Lia. *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Editora Quartet; FAPERJ, 2008.

VASCONCELLOS, Eliane. Carmen Dolores. In: MUZART, Zahi-dé L. (org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

Secretaria de Editoração
e Publicações

SENADO
FEDERAL





UM DRAMA NA ROÇA, coletânea de 26 contos que Carmen Dolores publicou em 1907, é uma boa surpresa. Com um olhar crítico e sagaz, a autora desfia as teias psicológicas e sociais que envolvem personagens em sua maioria do Rio de Janeiro, no início do século passado. E a surpresa não fica somente nessa escritora (hoje) pouco conhecida, mas também em cada personagem, com seus segredos e sentimentos, nem sempre nobres, sendo, paulatinamente, revelados no decorrer das páginas.

Se a alguns pode assustar um tanto de crueza, inesperada, que a autora nos legou, será preciso lembrar o que aponta o escritor Coelho Neto no aguerrido prefácio que nesta edição póstuma repetimos, e que abria a edição original: não se pode culpar o espelho pela imagem que reflete. E assim vai sendo refletida a sociedade carioca do início do século XX. Mas, com mais cuidado, Carmen Dolores esmiúça os perfis femininos que pipocavam na *belle époque* tropical.

Além do prefácio mencionado, esta reedição de *Um drama na roça* é antecedida pela apresentação da professora e pesquisadora Risolete Maria Hellmann, que descortina Carmen Dolores e sua obra, para que possamos compreender, com maior profundidade, a importância desta escritora para a literatura brasileira.

Escrita há mais de cem anos, *Um drama na roça* garante ao leitor de nossos tempos uma leitura prazerosa, dado o talento e a inventividade de Carmen Dolores.

A **Coleção Escritoras do Brasil** busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As versões digitais das obras da **Coleção Escritoras do Brasil** estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e na página da Livraria do Senado.



Disponível online





Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910), foi escritora, jornalista, dramaturga, conferencista e crítica literária de grande prestígio na virada do século XIX para o XX. A autora de *Um drama na roça* utilizou vários pseudônimos literários além de Carmen Dolores, mas foi com esse que obteve popularidade, principalmente pelas crônicas publicadas no jornal *O Paiz*, em que manteve a coluna *A semana* por cinco anos, e no *Correio da Manhã*, no qual veiculava contos e textos diversos.

Sua estreia deu-se com o livro de contos *Gradações: páginas soltas*, editado em 1897. Daí em diante, nos seguintes treze anos, a autora estabeleceu-se como uma escritora e jornalista de grande êxito, publicando três livros, uma peça teatral e, em periódicos variados, mais de trezentos textos entre contos, crônicas e cartas. Dois livros ainda seriam lançados pouco depois de sua morte.

Carmen Dolores vinha da alta burguesia carioca. Casou-se bastante jovem e teve seis filhos. Após enviuvar aos 34 anos, perder um dos filhos e sofrer alguns prejuízos financeiros, sua atividade de escrita passou de diletantismo a forma de sustento. Sua pena enérgica, vibrante e perspicaz garantiu-lhe os leitores e o trabalho, fazendo-a tornar-se a colunista mais bem paga do jornal *O Paiz*. Polêmica, independente e corajosa, defendeu fortemente o direito da mulher à educação, ao trabalho remunerado e ao divórcio. Sua última crônica, escrita na cama do hospital, foi publicada dois dias antes de seu falecimento.